



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS – RIO CLARO



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO E
TECNOLOGIAS

IMPACTOS DOS JOGOS OLÍMPICOS RIO 2016 NO CICLISMO BRASILEIRO:
AS NOVAS TECNOLOGIAS NA PRÁTICA E NA GESTÃO NO OLHAR DE
TREINADORES OLÍMPICOS

NATÁLIA VARELA GONZÁLEZ

Rio Claro – SP

2021

A large, abstract geometric pattern in the bottom right corner of the page, consisting of overlapping light blue and white shapes that resemble a stylized globe or a network of lines.

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO E
TECNOLOGIAS**

**IMPACTOS DOS JOGOS OLÍMPICOS RIO 2016 NO CICLISMO BRASILEIRO:
AS NOVAS TECNOLOGIAS NA PRÁTICA E NA GESTÃO NO OLHAR DE
TREINADORES OLÍMPICOS**

NATÁLIA VARELA GONZÁLEZ

Orientador: Prof. Dr. Cassiano Merussi Neiva

Co-orientador: Prof. Dr. José Roberto Gnecco

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências do Câmpus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Humano e Tecnologias.

Rio Claro – SP

2021

G643i González, Natália Varela
Impactos dos Jogos Olímpicos Rio 2016 no ciclismo brasileiro : As novas tecnologias na prática e na gestão no olhar de treinadores olímpicos / Natália Varela González. -- Rio Claro, 2021
209 f. : il., tabs., fotos

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências, Rio Claro
Orientador: Cassiano Merussi Neiva
Coorientador: José Roberto Gnecco

1. Olimpíadas. 2. Legado Olímpico. 3. Ciclismo. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Biociências, Rio Claro. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Rio Claro



CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: **IMPACTOS DOS JOGOS OLÍMPICOS RIO 2016 NO CICLISMO BRASILEIRO: AS NOVAS TECNOLOGIAS NA PRÁTICA E NA GESTÃO NO OLHAR DE TREINADORES**

AUTORA: NATÁLIA VARELA GONZALEZ

ORIENTADOR: CASSIANO MERUSSI NEIVA

COORIENTADOR: JOSE ROBERTO GNECCO

Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Mestra em **DESENVOLVIMENTO HUMANO E TECNOLOGIAS**, área: **Tecnologias nas Dinâmicas Corporais** pela Comissão Examinadora:

Prof. Dr. JOSE ROBERTO GNECCO (Participação Virtual)
Departamento de Educação Física / UNESP - Instituto de Biociências de Rio Claro - SP

Prof. Dr. AFONSO ANTONIO MACHADO (Participação Virtual)
Departamento de Educação Física / UNESP - Instituto de Biociências de Rio Claro / SP

Prof. Dr. GUILHERME DE AZAMBUJA PUSSIELDI (Participação Virtual)
Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde / Universidade Federal de Viçosa - Campus Florestal - MG

Rio Claro, 09 de agosto de 2021

Dedico este trabalho a minha família e a toda comunidade do Ciclismo, pois sem vocês nada disso seria possível.

AGRADECIMENTOS

À minha família, em especial meu marido, meus pais e meu irmão, por terem me apoiado durante esses anos.

Ao Professor Dr. José Roberto Gnecco, por ter me orientado, me guiado e acreditado que eu era capaz de concluir este trabalho.

Ao Professor Dr. Cassiano Merussi Neiva, por ter me acolhido e confiado em meu potencial para a pesquisa.

Aos meus colegas de profissão e todos os meus amigos que direta ou indiretamente me ajudaram na conclusão desse trabalho com conselhos e dicas.

A toda comunidade do ciclismo, que contribui com a minha formação e aprofundamento nos estudos e na carreira profissional.

A todos os integrantes do Grupo de Estudos e Pesquisas em Gestão (GEPEGE), pelo aprendizado e troca de experiências que tivemos.

A Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Instituto de Biociências do Câmpus de Rio Claro.

“A menos que modifiquemos a nossa maneira de pensar, não seremos capazes de resolver os problemas causados pela forma como nos acostumamos a ver o mundo” (Albert Einstein).

RESUMO

O Ciclismo é um dos esportes disputados nos Jogos Olímpicos desde a sua primeira edição, em Atenas 1896. Na edição dos Jogos Olímpicos Rio 2016 (JJOO Rio 2016), houve disputa de 18 provas de ciclismo divididas em 4 disciplinas: Estrada, *Mountain Bike*, *BMX* e Pista. O Ciclismo esteve em evidência na preparação dos JJOO Rio 2016 pois foi necessária a construção de três instalações esportivas: as pistas de *Mountain Bike* e *BMX*, e o Velódromo. Além disso, foi necessário grande esforço e investimento para que os atletas conquistassem a vaga olímpica, pois mesmo sendo País sede, o Brasil não possuía todas as vagas garantidas. Em função do esforço e do investimento dispensados, o Brasil disputou o Ciclismo nos JJOO Rio 2016 e Jogos Paralímpicos Rio 2016 com a maior delegação na história, com treze atletas. O objetivo desse estudo foi identificar e descrever as tecnologias empregadas na prática e na gestão do Ciclismo nos períodos pré e pós JJOO Rio 2016, no olhar de treinadores envolvidos diretamente com o ciclismo nos JJOO Rio 2016. A seleção dos participantes levou em consideração o vínculo com o ciclismo brasileiro e os JJOO Rio 2016. A pesquisa tem abordagem qualitativa e descritiva e a coleta de dados foi feita através de entrevista semiestruturada. A amostra foi composta por quatro treinadores, do gênero masculino. Após assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o participante foi entrevistado através do *Google Meet*. Posteriormente foi realizada a transcrição e a análise qualitativa dos dados utilizando o método de análise de conteúdo. Como resultados, com relação às tecnologias empregadas, foram construídas duas categorias: 1) tecnologia de equipamentos, com a utilização de bicicletas em fibra de carbono, plataformas de treinamento e medidores de potência; e 2) tecnologia de gestão, com planejamento a longo prazo, cursos de formação para treinadores e intercâmbio de atletas no Centro Mundial de Ciclismo. Com relação aos legados, foram construídas três categorias: 1) legado de infraestrutura, com a construção do velódromo, da pista de *BMX*, da pista de *Mountain Bike* e do laboratório olímpico; 2) legado esportivo, com a classificação do *BMX* e do *Mountain Bike* nos Jogos Olímpicos de Tóquio 2020 e o crescimento da modalidade *Mountain Bike* no país, com a realização de competições internacionais e aumento do número de praticantes; e 3) legado social, com a implantação de projetos de ciclismo e um maior conhecimento da modalidade pela comunidade. Com relação às dificuldades enfrentadas pelo ciclismo, foram construídas três categorias: 1) gestão do ciclismo, que envolve a gerência da modalidade com 5 disciplinas distintas, a falta de um calendário consistente de competições e a falta de sequência nas ações iniciadas; 2) casos de *doping*, que causou o rompimento de patrocínios e uma imagem negativa do ciclismo brasileiro no meio esportivo mundial; e 3) recursos financeiros, que inviabilizaram a implantação de projetos e Centros de Treinamento, assim como um direcionamento dos recursos a poucos atletas. Por meio deste estudo, foi possível identificar como a realização dos JJOO Rio 2016 impactou no ciclismo brasileiro. A utilização de tecnologias pode auxiliar no planejamento a longo prazo para uma melhor gestão do ciclismo, direcionando os investimentos para o desenvolvimento da modalidade. Uma pesquisa abrangendo dirigentes esportivos se torna interessante para identificar os impactos por outros olhares e fundamentar algumas especulações encontradas por esta pesquisa.

Palavras-chave: Ciclismo; Jogos Olímpicos Rio 2016; Gestão Esportiva; Legado Olímpico.

ABSTRACT

Cycling has been part of the Summer Olympic Games since its first edition, in Athens 1896. In the edition of the Rio 2016 Olympic Games (JJOO Rio 2016), 18 cycling events divided into 4 disciplines took place: Road, *Mountain Bike*, *BMX* and Track. Cycling was in evidence in the preparation of the JJOO Rio 2016 as it was necessary to build three sports facilities: the *Mountain Bike* and *BMX* tracks, and the Velodrome. In addition, it took a lot of effort and investment for the athletes to win their Olympic spots, because even though it was the host country, Brazil did not have all the spots guaranteed. Due to the effort and investment made, Brazil competed in Cycling at JJOO Rio 2016 and Rio 2016 Paralympic Games with the largest delegation in history, with thirteen athletes. The objective of this study was to identify and describe the technologies used in the practice and management of cycling in the periods before and after JJOO Rio 2016, in the view of coaches directly involved with cycling in JJOO Rio 2016. The selection of participants took into account the link with Brazilian cycling and JJOO Rio 2016. The research has a qualitative and descriptive approach and data collection was done through semi-structured interviews. The sample consisted of four male coaches. After the participant signed the Free and Informed Consent Form, there was an interview through Google Meet. Subsequently, the transcription and qualitative analysis of the data was performed using the content analysis method. As a result, in relation to the technologies employed, two categories were built: 1) equipment technology, with the use of carbon fiber bicycles, training platforms and power meters; and 2) management technology, with long-term planning, training courses for coaches and exchange of athletes at the World Cycling Center. Regarding the legacies, three categories were built: 1) infrastructure legacy, with the construction of the velodrome, the *BMX* track, the *Mountain Bike* track and the Olympic Laboratory; 2) sports legacy, with the classification of *BMX* and *Mountain Bike* at the Tokyo 2020 Olympic Games and the growth of *Mountain Bike* in the country, with the holding of international competitions and an increase in the number of practitioners; and 3) social legacy, with the implementation of cycling projects and greater knowledge of the sport by the community. Regarding the difficulties faced by cycling, three categories were built: 1) cycling management, which involves the management of the sport with 5 different disciplines, the lack of a consistent calendar of competitions and the lack of sequence in the actions initiated; 2) cases of doping, which caused the loss of sponsorships and a negative image of Brazilian cycling in the world sports environment; and 3) financial resources, which prevented the implementation of projects and Training Centers, as well as the allocation of resources to few athletes. Through this study, it was possible to identify how the performance of the JJOO Rio 2016 affected Brazilian cycling. The use of technologies can assist in long-term planning for better cycling management, directing investments towards the development of the sport. A survey covering sports managers is interesting in order to identify the impacts from other points of view and to substantiate some speculations found by this research.

Keywords: Cycling; Rio 2016 Olympic Games; Sports Management; Olympic Legacy.

LISTA DE FOTOS

| | |
|--|----|
| Foto 1 - Preparação para a prova de ciclismo dos Jogos Olímpicos de 1896..... | 25 |
| Foto 2 - Emile De Beukelaer, primeiro Presidente da UCI | 26 |
| Foto 3 - Velódromo Paulistano, 1892 | 28 |
| Foto 4 - Inauguração da Pista de Ciclismo do Velo Clube em 1910 | 30 |
| Foto 5 - Velódromo Paulistano | 33 |
| Foto 6 - Equipe de Ciclismo Velo Clube Século XX | 34 |
| Foto 7 - Equipe de Ciclismo Velo Clube 2010 | 34 |
| Foto 8 - Atletas Anesio Argenton e Claudio Teixeira Alves no Velódromo Ibirapuera | 35 |
| Foto 9 - Velódromo do Ibirapuera pós reforma em 1974..... | 36 |
| Foto 10 - Velódromo da USP | 37 |
| Foto 11 - A bicicleta fabricada por MacMillan em 1839. Modelo de 1860. | 38 |
| Foto 12 - Tornado Smith com a bicicleta de roda alta | 39 |
| Foto 13 - J. K . Starkley, criador da Rover, a primeira bicicleta de segurança | 40 |
| Foto 14 - Jornada de 3 mil quilômetros percorridos por militares liderados pelo tenente James A. Boss em 1896..... | 41 |
| Foto 15 - Primeira fábrica da Caloi no bairro Brooklin | 43 |
| Foto 16 - Velódromo da USP - SP | 52 |
| Foto 17 - Velódromo Municipal de Curitiba - PR | 53 |
| Foto 18 - Velódromo de Contagem - MG | 54 |
| Foto 19 - Velódromo Municipal de Americana - SP..... | 55 |
| Foto 20 - Velódromo Municipal de Caieiras - SP..... | 56 |
| Foto 21 - Velódromo Municipal de Maringá - PR..... | 57 |
| Foto 22 - Velódromo Municipal de Indaiatuba - SP..... | 58 |
| Foto 23 - Velódromo Olímpico do Rio de Janeiro - RJ..... | 59 |
| Foto 24 - Velódromo do Pan 2007 - RJ..... | 60 |
| Foto 25 - Ciclismo de Estrada nos Jogos Olímpicos Rio 2016..... | 84 |
| Foto 26 - Ciclismo de Estrada nos Jogos Olímpicos Rio 2016..... | 84 |
| Foto 27 - Mountain Bike nos Jogos Olímpicos Rio 2016..... | 85 |
| Foto 28 - BMX nos Jogos Olímpicos Rio 2016..... | 86 |
| Foto 29 - Velódromo Jogos Olímpicos Rio 2016 | 88 |

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|-----|
| Figura 1 – Mapa da área aproximada da chácara de Veridiana Prado na época da construção do Velódromo Paulistano, em 1895 | 29 |
| Figura 2 - Histórico anual de produção de bicicletas PIM | 49 |
| Figura 3 – Gráfico de receitas da CBC no período de 2012 a 2018..... | 63 |
| Figura 4 – Gráfico da aplicação dos recursos de convênios com o COB em 2012 | 65 |
| Figura 5 – Gráfico da aplicação dos recursos de convênios com o CPB em 2012 | 65 |
| Figura 6 – Gráfico das receitas totais da CBC em 2012 | 66 |
| Figura 7 – Gráfico das receitas totais da CBC em 2013 | 68 |
| Figura 8 – Gráfico das receitas totais da CBC em 2014 | 68 |
| Figura 9 – Gráfico das receitas totais da CBC em 2015 | 69 |
| Figura 10 – Gráfico das receitas totais da CBC em 2016 | 69 |
| Figura 11 – Gráfico das receitas totais da CBC em 2017 | 70 |
| Figura 12 – Gráfico das receitas totais da CBC em 2018 | 70 |
| Figura 13 – Gráfico das aplicação dos Recursos dos convênios com o COB em 2018 | 71 |
| Figura 14 – Gráfico da aplicação dos Recursos dos convênios com o CPB em 2018 | 71 |
| Figura 15 – Gráfico do número total de atletas ranqueados no Ciclismo de Estrada de 2008 a 2019, masculino e feminino..... | 72 |
| Figura 16 - Gráfico do número de atletas ranqueados no Ciclismo de Estrada Masculino - Categorias Elite e Sub 23 - de 2008 a 2019 | 73 |
| Figura 17 - Gráfico do número de atletas ranqueados no Ciclismo de Estrada Feminino - Categorias Elite e Sub 23 - de 2008 a 2019..... | 73 |
| Figura 18 - Gráfico do número de atletas ranqueados no Ciclismo de Estrada Masculino - Categoria Júnior - de 2010 a 2019..... | 74 |
| Figura 19 - Gráfico do número de atletas ranqueados no Ciclismo de Estrada Feminino - Categoria Júnior - de 2010 a 2019 | 74 |
| Figura 20 – Tabela da quantidade de atletas de ciclismo do Brasil participantes das edições dos Jogos Olímpicos de 1996 a 2016, por disciplina e gênero | 77 |
| Figura 21 – Gráfico do total de atletas por edição dos Jogos Olímpicos, de 1996 a 2016 | 78 |
| Figura 22 – Gráfico do total de atletas de Ciclismo de Estrada – Resistência - por edição dos Jogos Olímpicos, de 1996 a 2016..... | 78 |
| Figura 23 – Gráfico do total de atletas de Ciclismo de Estrada – Contra Relógio Individual (CRI) - por edição dos Jogos Olímpicos, de 1996 a 2016..... | 79 |
| Figura 24 – Gráfico do total de atletas de Mountain Bike por edição dos Jogos Olímpicos, de 1996 a 2016 | 79 |
| Figura 25 – Gráfico do total de atletas de Ciclismo de Pista por edição dos Jogos Olímpicos, de 1996 a 2016 | 80 |
| Figura 26 – Gráfico do total de atletas de BMX Racing por edição dos Jogos Olímpicos, de 1996 a 2016 | 80 |
| Figura 27 - Tabela das Tecnologias de Equipamentos no olhar de Treinadores | 101 |
| Figura 28 - Tabela de Tecnologias de Gestão no olhar de Treinadores | 104 |
| Figura 29 - Tabela de Legados de Infraestrutura dos JJOO Rio 2016 | 106 |

| | |
|---|-----|
| Figura 30 - Tabela de Legados Esportivos dos JJOO Rio 2016..... | 107 |
| Figura 31 - Tabela de Legados Sociais dos JJOO Rio 2016..... | 107 |
| Figura 32 - Quantidade de Atletas Filiados por disciplina | 111 |
| Figura 33 - Tabela de dificuldades na gestão do ciclismo | 113 |
| Figura 34 - Gráfico do número de competições de Ciclismo de Estrada de 2013 a 2020 | 114 |
| Figura 35 - Gráfico do número de competições de Ciclismo de Pista de 2013 a 2020 | 114 |
| Figura 36 - Gráfico do número de competições de Ciclismo BMX de 2013 a 2020 | 115 |
| Figura 37 - Gráfico do número de competições de Ciclismo Mountain Bike de 2013 a 2020 | 115 |
| Figura 38 - Tabela com dificuldades aos casos de doping..... | 116 |
| Figura 39 - Tabela com dificuldades de recursos financeiros..... | 117 |
| Figura 40 - Tabela síntese dos impactos positivos identificados pelo estudo | 120 |
| Figura 41 - Tabela síntese dos impactos negativos identificados pelo estudo ... | 120 |

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1. INTRODUÇÃO..... | 14 |
| 1.1. O Problema do Estudo | 15 |
| 1.2. Justificativa..... | 20 |
| 2. REVISÃO DE LITERATURA..... | 20 |
| 2.1. AS MANIFESTAÇÕES DO ESPORTE..... | 20 |
| 2.2. O CICLISMO NOS SÉCULOS XIX e XX | 22 |
| 2.2.1. O Ciclismo no Mundo..... | 22 |
| 2.2.2. Os Jogos Olímpicos da Era Moderna..... | 22 |
| 2.2.3. O Ciclismo nos Jogos Olímpicos da Era Moderna | 24 |
| 2.2.4. A União Ciclística Internacional (UCI) | 25 |
| 2.2.5. Chegada do Ciclismo ao Brasil | 27 |
| 2.2.6. Os Velódromos no Brasil..... | 32 |
| 2.2.7. Ciclismo como Transporte..... | 37 |
| 2.2.7.1. Invenção da Bicicleta | 37 |
| 2.2.7.2. A Caloi | 42 |
| 2.2.7.3. A Monark..... | 44 |
| 2.2.7.4. Mobilidade Urbana..... | 46 |
| 2.1.7. A Confederação Brasileira de Ciclismo | 50 |
| 2.2. O CICLISMO NO SÉCULO XXI..... | 52 |
| 2.2.1. Os Velódromos no Brasil..... | 52 |
| 2.2.1.1. Velódromo da USP – SP..... | 52 |
| 2.2.1.2. Velódromo Municipal de Curitiba – PR | 53 |
| 2.2.1.3. Velódromo de Contagem – MG | 54 |
| 2.2.1.4. Velódromo Municipal de Americana – SP..... | 55 |
| 2.2.1.5. Velódromo Municipal de Caieiras – SP..... | 56 |
| 2.2.1.6. Velódromo Municipal de Maringá – PR..... | 57 |
| 2.2.1.7. Velódromo Municipal de Indaiatuba – SP | 58 |
| 2.2.1.8. Velódromo Olímpico do Rio de Janeiro – RJ..... | 59 |
| 2.2.1.9. Velódromo do Pan 2007 | 60 |
| 2.2.2. A Confederação Brasileira de Ciclismo | 61 |
| 2.2.2.1. Relatório de Atividades | 61 |
| 2.2.2.2. Fontes de Recursos Financeiros | 63 |
| 2.2.2.3. <i>Ranking</i> Nacional de Atletas..... | 72 |
| 2.2.3. A Delegação de Ciclismo do Brasil em edições dos Jogos Olímpicos do Século XXI..... | 75 |

| | |
|---|-----|
| 2.3. OS JOGOS OLÍMPICOS RIO 2016..... | 81 |
| 2.3.1. O ciclismo nos Jogos Olímpicos Rio 2016 | 82 |
| 2.3.2. Caracterização das provas de Ciclismo nos JJOO Rio 2016 | 83 |
| 2.3.3. Delegação de Ciclismo do Brasil nos JJOO Rio 2016..... | 88 |
| 3. OBJETIVOS..... | 89 |
| 3.3. Objetivo geral | 89 |
| 3.4. Objetivo Específico..... | 89 |
| 4. MATERIAIS E MÉTODOS | 89 |
| 4.3. Tipo de Pesquisa..... | 90 |
| 4.4. Seleção dos participantes | 91 |
| 4.5. Instrumentos da pesquisa | 92 |
| 4.5.1. Pesquisa Bibliográfica | 92 |
| 4.5.2. Pesquisa documental | 93 |
| 4.5.3. Entrevista | 94 |
| 4.6. Procedimentos de Coleta de Dados | 95 |
| 4.7. Estudo Piloto | 97 |
| 4.8. Interpretação e análise dos dados..... | 98 |
| 5. RESULTADOS E DISCUSSÃO | 99 |
| 5.1. Tecnologias Empregadas..... | 100 |
| 5.2. Legados..... | 104 |
| 5.3. Dificuldades enfrentadas no ciclismo | 112 |
| 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 117 |
| 7. REFERÊNCIAS | 124 |
| APÊNDICES..... | 134 |
| Apêndice 1 – Parecer de Aprovação Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) | 134 |
| Apêndice 2 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido | 140 |
| Apêndice 3 – Carta Convite..... | 146 |
| Apêndice 4 – Roteiro da Entrevista – Estudo Piloto | 148 |
| Apêndice 5 – Roteiro da Entrevista | 150 |
| Apêndice 6 – Cronologia Auxiliar | 151 |
| Apêndice 7 – Entrevistas..... | 153 |
| Apêndice 8 – Cessão de direitos sobre depoimento oral e autorização para publicação..... | 206 |

1. INTRODUÇÃO

Ao sediar um dos maiores eventos esportivos do mundo – os Jogos Olímpicos, grande mobilização de investimentos foi realizada desde a organização até a realização do mesmo, levando a uma grande preocupação com o legado olímpico a ser gerado (SOUZA *et al.*, 2014).

A construção de novas estruturas e de programas esportivos, além da ampliação de estruturas e de programas esportivos já existentes foram apresentadas por meio do Dossiê de Candidatura dos Jogos Olímpicos Rio 2016 (JJOO Rio 2016). O Centro Olímpico de Treinamento (COT) de Deodoro e da Barra foram considerados pelo documento o “projeto de legado olímpico mais significativo da candidatura do Rio 2016” (CASTRO; SOUZA, 2015, p. 514) e neles foram construídas as instalações esportivas de *BMX*, de *Mountain Bike* e do Velódromo, com a adaptação das vias urbanas para o Ciclismo de Estrada.

O Ciclismo é um dos esportes disputados nos Jogos Olímpicos desde a sua primeira edição, em Atenas 1896. No Brasil, os últimos megaeventos multiesportivos que contiveram o Ciclismo foram os Jogos Sul-Americanos 2002, os Jogos Pan-Americanos 2007, os Jogos Mundiais Militares 2001, além da realização da Copa do Mundo de Futebol de 2014. Na edição dos JJOO Rio 2016, houve disputa de 18 provas de ciclismo sendo que as competições aconteceram em 4 modalidades: Estrada, *Mountain Bike*, *BMX* e Ciclismo de Pista. A partir dos Jogos Olímpicos Tóquio 2020 (JJOO Tóquio 2020), com a inclusão de 2 novas provas, *Madison* no Ciclismo de Pista e *BMX Freestyle Park*, o Ciclismo passará a ter em disputa 22 medalhas de ouro, tornando-se o terceiro maior esporte em número de medalhas olímpicas (após o Atletismo e a Natação), o que pode valorizar o esporte como objetivo dos investimentos das empresas e do País.

Conforme o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD, 2015), o esporte é ferramenta para o Desenvolvimento Humano sendo que os JJOO Rio 2016, assim como os outros eventos sediados pelo Brasil na última década, foram uma oportunidade única para promover o esporte de forma segura e inclusiva no País. A tecnologia, por sua vez, é fundamental no Ciclismo porque é um esporte em constante atualização tecnológica, seja nas bicicletas com seus quadros em fibra de carbono e marchas eletrônicas, seja nas roupas com

tecnologias esportivas e aerodinâmicas ou ainda nos acessórios como medidores de potência, ciclo computadores e simuladores de treinamento.

Conforme Kenski (2004) propõe, os profissionais devem ser “formados para uma sociedade com alterações velozes e significativas decorrentes, em sua maioria, pelo uso das mais diferenciadas e inovadoras tecnologias digitais” (p. 103). Sendo assim, os profissionais que atuam no Ciclismo utilizam ainda mais de tecnologias na prática e na gestão, uma vez que há uma constante necessidade de fazerem uso de aparatos tecnológicos presentes no dia-a-dia dos treinamentos e competições, lançados no mercado frequentemente.

Segundo Impolcetto (2018), os temas de Desenvolvimento Humano e da Tecnologia devem compor a pesquisa desenvolvida como produto da pesquisa ou como processo pelo qual se desenvolve a pesquisa (informação verbal)¹. Neste projeto de pesquisa, o Ciclismo como fenômeno esportivo é estudado como elemento do desenvolvimento humano conforme preconizado pelo PNUD (2015, pela ONUBR (2016) e por GALATTI (2017). Por sua vez, a tecnologia no Ciclismo será investigada no decorrer da pesquisa considerando os aspectos do desenvolvimento do ciclismo como resultado da realização dos Jogos Olímpicos.

1.1. O Problema do Estudo

Para que o Brasil concorresse à vaga de País sede aos JJOO Rio 2016 foram necessários outros eventos bem-sucedidos, como por exemplo os Jogos Sul-Americanos em 2002, Jogos Pan Americanos em 2007, os Jogos Mundiais Militares em 2011 e a Copa do Mundo de Futebol em 2014. A realização de todos esses eventos, segundo Mazzei e Rocco Jr (2017) criou uma “grande expectativa em relação as melhorias que poderiam acontecer para o esporte brasileiro”, principalmente os olímpicos. E de uma maneira geral, passados todos esses eventos, os mesmos autores afirmam que não foi aproveitada a oportunidade, quanto à estrutura organizacional, às instalações esportivas, ao acesso ao esporte pela população e ao apoio a carreira esportiva de alto rendimento, o que pode

¹ Comunicação feita pela Prof^a Dr^a Fernanda M. Impolcetto, vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologia (PPGDHT), no Departamento de Educação Física do Instituto de Biociências de Rio Claro da Universidade Estadual Paulista (IBRC/UNESP) em 25 de setembro de 2018.

gerar uma perspectiva de descontinuidade de todos os programas implementados (p. 97).

Em sua contribuição para o tema, Gnecco (2008) aborda o legado do megaevento Jogos Pan Americanos Rio 2007 e o apresenta nas mais diversas formas, a saber, legado esportivo, legado de transporte, legado do tráfego, legado de telecomunicações, legado social, legado de segurança, legado de habitação, legado de conhecimentos, legado de imagem, legado de emoções e legado de cultura (p. 267-9). Daí, o impacto e/ou legado esportivo aqui serão analisados com foco no Ciclismo Brasileiro, à partir dos JJOO Rio 2016, do período prévio ao período após os JJOO Rio 2016.

As teorias mais recentes da administração propõem que impacto é um indicador da efetividade dos resultados da execução das ações no ambiente alvo da política e da gestão, enquanto eficiência é um critério que considera a relação entre os resultados produzidos e os insumos consumidos, sendo que o conceito de impacto relaciona-se ao critério de efetividade de uma gestão (MALMEGRIN, 2014, p. 143-4).

Mazo, Rolim e Da Costa (2008) definem legado como “algo que se recebeu”, ou melhor, que “deixou a outrem ou a posteridade”. Por isso, o que um megaevento esportivo “deixou à cidade que a recebeu”, constitui no ‘legado na perspectiva de megaeventos esportivos’. Os legados dos megaeventos esportivos podem ser apresentados na forma de construções, monumentos, obras de arte, galerias e museus, e arquivos, selos, souvenirs, recordações, placas e até nomes de ruas (p. 117-8).

Ribeiro (2008) afirma que o impacto e legado das instalações esportivas geralmente são positivos, podendo, no entanto, serem negativos “quando têm seu planejamento negligenciado por insuficiente dedicação de tempo ou de esforço na direção de proporcionar condições favoráveis ao seu pós uso”, gerando um grande risco de surgirem os “elefantes brancos” (p.109).

Ao analisar o Dossiê de Candidatura na perspectiva do esporte de alto rendimento, Souza *et al.* (2014) afirmam que o seu desenvolvimento se daria através da criação de centros de treinamentos, ampliação de bolsas para atletas, investimentos em equipes olímpicas e paralímpicas e ampliação dos jogos escolares e universitários. Pode-se perceber que o que Souza (2014) propõe foi

parcialmente viabilizado através do Plano Brasil Medalhas do Ministério do Esporte e o Programa Atletas de Alto Rendimento do Ministério da Defesa.

Ao fazer uma análise qualitativa do legado no Dossiê de Candidatura, o estudo de Castro e Souza (2015, p. 658), cita a construção do Centro Olímpico de Treinamento (COT) de Deodoro e da Barra como o “projeto de legado olímpico mais significativo da candidatura do Rio 2016” contido no Dossiê, sendo que algumas de suas instalações foram agrupadas para serem utilizadas posteriormente como local de treinamento para as equipes olímpicas. Além disso, o COT daria apoio aos programas esportivos desenvolvidos nas comunidades próximas a eles, com foco no esporte de participação e no esporte educacional.

Na última edição dos Jogos Olímpicos, no Brasil em 2016, houve a disputa de 18 provas de ciclismo, sendo 9 provas para homens e 9 provas para mulheres. As competições utilizaram 4 espaços físicos diferentes, sendo que as provas foram divididas em 4 modalidades: Estrada, dividida em prova de Contra o Relógio (circuito no Pontal, no bairro de Recreio dos Bandeirantes no extremo sul do Rio de Janeiro) e em prova de Resistência (largada e chegada no Forte de Copacabana, com um circuito passando pelas praias de Ipanema, Barra, Reserva de Marapendi, seguindo pela estrada costeira sentido Pontal e Grumari, com direção à Vista Chinesa e Gávea); Mountain Bike (pista construída no Parque Radical de Deodoro); BMX (pista construída no Parque Radical de Deodoro); e Ciclismo de Pista, dividida em 5 provas, as quais são, a saber, Velocidade por Equipes, Velocidade Individual, *Keirin*, Perseguição por Equipe e *Omnium* (Velódromo do Parque Olímpico da Barra), seguindo o regulamento dos Jogos Olímpicos.

A partir dos JJOO Tóquio 2020, com a inclusão de 2 novas provas, *Madison* no Ciclismo de Pista e *BMX Freestyle Park*, o Ciclismo passará a ter em disputa 22 medalhas de ouro, tornando-se o terceiro maior esporte em número de medalhas olímpicas (após o Atletismo e a Natação), o que valoriza o esporte como objetivo dos investimentos das empresas e do País.

Em função do esforço e do investimento dispensados, o Brasil disputou o Ciclismo nos JJOO Rio 2016 e Jogos Paralímpicos Rio 2016 com a maior delegação na história com treze atletas representando a Nação. Apesar de ser País sede, o Brasil não tinha as vagas garantidas no Ciclismo, sendo necessário

pontuar e estar bem classificado no Ranking Olímpico de cada modalidade, através da participação em provas internacionais, Campeonato Continental, Copas do Mundo e Campeonato Mundial. Desde o início desse processo, houve a necessidade de empregar novas tecnologias na prática e na gestão do Ciclismo Brasileiro.

As estratégias do PNUD para promover o desenvolvimento humano através do esporte incluem a realização vários programas e projetos, como por exemplo, “Desenhado para o Movimento”, “Rede Esporte pela Mudança Social”, “Jogos contra a Pobreza”, “Esporte nas Escolas Brasileiras”, “Lei de Incentivo ao Esporte”. Sendo assim, o Ciclismo é realizado com o objetivo de contribuir para o desenvolvimento humano dentro desses programas e projetos.

O esporte pode contribuir para a saúde, construção de bem-estar psicológico e capacidade de liderança e empoderamento dos indivíduos enquanto cidadãos, estimulando a participação civil e fomentando o diálogo [...também] é uma ferramenta de alto impacto, baixo custo e de apelo universal para a promoção do desenvolvimento humano (PNUD, 2015, p. 6).

Dessa forma, verifica-se que esta pesquisa se compromete com o sentido do Esporte como Desenvolvimento Humano porque assim como “as pessoas são a verdadeira riqueza da nação”, como afirmado pela ONU (s.d., *apud GALATTI, 2017, p. 4*), o atleta é a verdadeira riqueza do esporte, de acordo com Galatti (2017, p. 5).

Se Jacinski, Susin e Bazzo (2008) propõem a existência de uma dicotomia entre Tecnologia e Sociedade, devido seus benefícios e malefícios presentes na sociedade tecnológica (p. 15ss), Dantas (s.d.) afirma que o mesmo está presente no esporte, pela dicotomia entre a promoção da inclusão social pelo mesmo ou a exclusão pela meritocracia esportiva.

Dantas (s.d.) afirma ainda que não se pode negar que o esporte é capaz de promover a formação de laços afetivos e novos ciclos sociais, além de trazer benefícios à saúde, prevenindo doenças e reduzindo a obesidade. Pode, ainda, ser considerado como um precursor da ascensão social e financeira de muitos jovens, como por exemplo diversos jogadores de futebol que tiveram origem carente. Entretanto, há os que afirmam que o esporte contribui para a disparidade entre os indivíduos, uma vez que somente os melhores se sobressaem, causando a exclusão daqueles que não apresentam bom condicionamento físico, além de

fazer com que atletas tenham o sentimento de vencer a qualquer custo, seguindo caminhos desleais, como por exemplo fazendo o uso de substância dopantes ou praticando atitudes antidesportivas.

Até certo ponto, estudar o esporte é como estudar a tecnologia, pois o próprio Ciclismo só se desenvolveu com o desenvolvimento da tecnologia. Não muito tempo atrás, as bicicletas eram de ferro, com pedivelas com sistema de chaveta, possuíam apenas 10 marchas manuais e pesavam mais de 15 quilos, o dobro do peso de uma bicicleta *speed* atual. As sapatilhas tinham sola de madeira e os capacetes possuíam apenas tiras de couro que não ajudavam muito na proteção. As bermudas possuíam forro de couro, que endureciam após poucas lavadas, bem diferente dos forros em gel ou espuma que encontramos hoje. Hoje, o mercado disponibiliza bicicletas muito leves de fibra de carbono, câmbios com mais de 20 marchas, com trocas precisas e eletrônicas, capacetes e rodas aerodinâmicas, sapatilhas com solado de carbono, e muitas outras tecnologias. Os acessórios tecnológicos estão sendo cada vez mais utilizados, seja no monitoramento da carga de treinamento, no registro das atividades do atleta e até para simular um percurso a ser percorrido, incluindo as inclinações do terreno, peso do atleta e peso da bicicleta. Os velódromos atuais são cobertos e possuem piso de madeira com tratamento especial, em substituição aos de concreto expostos a condições climáticas. Todas essas mudanças, e muitas outras, aconteceram em menos de 20 anos e elas continuam acontecendo de forma muito rápida, com o objetivo de aumentar o rendimento esportivo dos atletas (MAY, 2010).

Se por um lado, o desenvolvimento tecnológico no mundo do Ciclismo não aconteceu devido aos JJOO Rio 2016, por outro lado, foi devido aos JJOO Rio 2016 que os atletas brasileiros tiveram acesso a novas tecnologias, empregadas tanto em equipamentos como na gestão do Ciclismo. Isso fez com que os atletas brasileiros atingissem melhor nível técnico esportivo, obtendo classificação para os JJOO Rio 2016, mesmo que o resultado alcançado tenha sido insuficiente para a conquista de uma medalha olímpica.

Por isso, identificar as mudanças provocadas pelos JJOO Rio 2016 no Ciclismo Brasileiro, nos momentos que antecederam e sucederam os Jogos Olímpicos, se faz fundamental, como forma de verificar o impacto e o legado

olímpico no Ciclismo e se as novas tecnologias empregadas à partir dos JJOO Rio 2016 trouxeram melhorias na prática e na gestão do Ciclismo no Brasil.

1.2. Justificativa

O Ciclismo esteve em evidência na preparação dos JJOO Rio 2016 pois para que a competição fosse realizada, foi necessária a construção de três instalações esportivas: a pista de *Mountain Bike* e de *BMX*, no Parque Radical em Deodoro e o Velódromo Olímpico, no Parque Olímpico da Barra. Além disso, foi necessário grande esforço e investimento para que os atletas conquistassem a vaga olímpica e garantissem a participação brasileira nos JJOO Rio 2016, pois mesmo sendo País sede, o Brasil não possuía todas as vagas garantidas no Ciclismo, sendo necessário um planejamento para pontuar no Ranking Olímpico em cada modalidade por meio da participação em provas oficiais. Foi um esforço maior que o anterior para os atletas, os treinadores e os representantes da modalidade, que desde o início empregaram novas tecnologias na prática e na gestão do Ciclismo Brasileiro. Por isso, identificar os aspectos que foram positivos e negativos no emprego das novas tecnologias na prática e na gestão do Ciclismo é fundamental para os planejamentos futuros.

Além disto, do ponto de vista social, o Ciclismo é um dos esportes que mais podem contribuir para a melhoria da qualidade de vida dos brasileiros e de seu desenvolvimento humano, pois se número maior de crianças e adolescentes admiram e praticam o esporte, haverá mais adultos utilizando a bicicleta com foco na saúde, no lazer ou no transporte.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1. AS MANIFESTAÇÕES DO ESPORTE

Conhecida popularmente como “Lei Pelé”, a Lei Federal nº 9.615, de 24 de março de 1998, instituiu normas gerais do esporte no Brasil e classificou o desporto em quatro tipos de manifestações: educacional, de participação, de rendimento e de formação. O desporto educacional tem como finalidade alcançar o

desenvolvimento integral do indivíduo e a sua formação para o exercício da cidadania, podendo ser praticado ou não nos sistemas de ensino. O desporto de participação é praticado de modo voluntário, com a finalidade de integração entre os participantes, promoção de saúde, educação e preservação do meio ambiente. O desporto de rendimento é praticado segundo as normas da Lei Pelé e com as regras de prática desportiva nacionais e internacionais, com objetivo de obtenção de resultados. O desporto de formação caracteriza-se pelo fomento e aquisição de conhecimento desportivos de competência técnica, promovendo o aperfeiçoamento da prática desportiva para recreação, competição ou alto rendimento (BRASIL, 1998).

A prática desportiva vem ganhando diversas formas, modalidades e diferentes finalidades. O esporte é considerado como um fenômeno sociocultural, sendo um importante instrumento de transmissão de conhecimento, socialização e formação integral do jovem. Assim, projetos sociais de iniciação esportiva voltados para crianças e adolescentes estão sendo desenvolvidos cada vez mais no país, pelos poderes públicos, privados e pelo terceiro setor. Durante a prática esportiva, as crianças, jovens e adolescentes também aprendem a respeitar regras, respeitar outros jogadores, a conviver em grupo, a resolver conflitos e a ter responsabilidade. Além disto, é uma ferramenta de proteção social de crianças e jovens em risco, pois os mantém ocupados e menos ociosos nas ruas, distanciando-os de práticas ilegais (DINIZ, 2018).

Em contrapartida percebe-se que o esporte possui um cunho social de extrema relevância e que o mesmo faz parte da cultura brasileira. Neste sentido Tubino (1999) nos lembra que o esporte é uma manifestação da cultura física, portanto está intrínseco à Educação Física. Assim, por meio do esporte o indivíduo poderá desenvolver capacidades diversas como: física, motora e cognitiva, além de promover a socialização, o respeito, a cooperação, entre outros aspectos relevantes. Martins et al. (s/d) reforça essa afirmação enfatizando que tais capacidades podem ser apreendidas em uma ou mais instituições sociais, como por exemplo, a família, a escola, o esporte, e ainda através dos meios de comunicação (ZAFFALON JR, MEDEIROS, SILVA, 2012)

Assim como outras modalidades, o ciclismo pode ser utilizado como meio na formação educacional e social de jovens e adolescentes, além de promover o desenvolvimento físico e motor. No estado de São Paulo esta pesquisadora conhece diversos projetos de ciclismo com a finalidade social e educacional, como

por exemplo, o Projeto Pedalar em Rio Claro, a Escola de Ciclismo Facex Giro Livre em Guarulhos, a Escola de Ciclismo Pedalando para o Futuro em Ribeirão Preto, o Projeto Pedal Consciente em São Carlos, entre outros.

2.2. O CICLISMO NOS SÉCULOS XIX e XX

2.2.1. O Ciclismo no Mundo

Com origem europeia, o ciclismo se disseminou pelo mundo desde o início do século XIX, fortemente relacionado a utilização da bicicleta como meio de transporte e lazer. Em 1865 já existiam na Inglaterra entidades esportivas que desenvolviam o ciclismo (MORAES, 2014, p. 10).

A primeira competição internacional foi a Paris-Rouen, em 1869, com um percurso total de 123 quilômetros. Em 1903, foi criada a primeira Volta da França, conhecido como *Tour de France*. Em 1905, aconteceu a primeira edição da Volta da Itália, chamado nos dias atuais de *Giro d'Italia*. E em 1935, foi criada a Volta da Espanha, conhecida por *Vuelta a España*. Essas três competições são consideradas até os dias atuais como as principais do calendário europeu e reúnem as equipes profissionais de ciclismo (MORAES, 2014, p.10).

2.2.2. Os Jogos Olímpicos da Era Moderna

Em Paris, no dia 1º de Janeiro de 1863, nascia Pierre de Frédy de Coubertin, ou como era chamado, Barão de Coubertin. Desde jovem interessado por diversas áreas do conhecimento como História, Pedagogia e Sociologia, o Barão de Coubertin abandonou a formação militar para se dedicar à reforma educacional e ao sonho de reviver os Jogos Olímpicos (FRAZÃO, D., 2018).

Os Jogos Olímpicos da Antiguidade começaram por volta de 776 a.C, em Olímpia, na Grécia, sendo inicialmente ligados a rituais religiosos de culto a Zeus. Muito tempo depois, a principal filosofia idealizada por Pierre de Coubertin para os Jogos era a de colocar o esporte a serviço da humanidade (FRAZÃO, 2018).

A inspiração surgiu quando Coubertin se aprofundou nos estudos dos costumes esportivos da Inglaterra, e a história de W.P. Brookes, que organizava uma competição nos moldes de uma Olimpíada. O seu maior desejo era fazer a diferença em seu país, a França, através do esporte. A partir daí, realizou diversas

ações para tornar o seu desejo uma realidade: promoveu palestras sobre a importância do esporte na educação; criou um comitê para discutir e uniformizar a prática do esporte, o *Union des Sociétés Françaises des Sports Athlétiques*; realizou o Congresso Internacional de Amadores, na Sobornne, com o objetivo de discutir a volta dos Jogos Olímpicos e que resultou posteriormente na criação do Comitê Olímpico Internacional (COI) em 1894 para a realização da primeira edição dos Jogos Olímpicos da Era Moderna, em 1896, na Grécia (FRAZÃO, 2018).

Em 1914, o Barão de Coubertin criou a maior representação dos Jogos Olímpicos: os cinco anéis nas cores azul, amarela, preta, verde e vermelha, unidos com um fundo branco que representam a união dos continentes.

Outros símbolos também foram criados para refletir os ideais olímpicos: 1) o lema "*Citius, Altius, Fortius*", quem em latim é "mais rápido, mais alto, mais forte" e traz o significado de superação dos próprios limites; 2) a tocha olímpica, considerada o elo entre os Jogos Olímpicos da Antiguidade e os Jogos Olímpicos da Era Moderna, traz o fogo sagrado como um elemento purificador. Depois de acesa em Olímpia, o revezamento da chama anuncia os Jogos Olímpicos e transmite uma mensagem de paz e amizade (JOGOS OLÍMPICOS, 2020); 3) o Juramento Olímpico É feito por um atleta prometendo respeito às normas e às regras dos Jogos, espírito esportivo, combate ao uso de Doping, glória ao esporte. Também é feito por um árbitro prometendo imparcialidade, espírito esportivo e respeito. O texto inicial de juramento foi escrito por Coubertin e anunciado pela primeira vez pelo atleta Victor Boin em 1920 e pelo árbitro Fumio Asaki em 1972. O texto lido por Victor Boin dizia: "Juramos que tomaremos parte nos Jogos Olímpicos num espírito de desportivismo, para honra das nossas nações e para glória do desporto". Após sofrer algumas alterações, o texto que é lido nas edições atuais diz:

"Em nome de todos os competidores, prometo que participaremos nestes Jogos Olímpicos, respeitando e seguindo as regras que os regem, comprometendo-nos a um desporto sem dopagem e sem drogas, com o espírito verdadeiro do desportivismo, para glória do desporto e honra das nossas equipes"

(JURAMENTO OLÍMPICO, 2020).

4) a Carta Olímpica, que reúne um conjunto de regras e guias para a organização dos Jogos Olímpicos. O principal propósito da Carta Olímpica é estabelecer princípios e valores do Olimpismo, servir como código do Comitê Olímpico

Internacional (COI), definir direitos e obrigações dos constituintes do Movimento Olímpico: o COI, as Federações Internacionais (FI), os Comitês Olímpicos Nacionais (CON) e o Comitê Organizador de cada edição.

A partir de 1896, os Jogos Olímpicos foram realizados a cada 4 anos e até o presente momento somente três edições deixaram de acontecer. A edição de Berlim 1916 não foi realizada em decorrência da Primeira Guerra Mundial e as edições Tóquio 1940 e Londres 1944 não foram realizadas em decorrência da Segunda Guerra Mundial (LISTA DOS JOGOS OLÍMPICOS DA ERA MODERNA, 2020).

Após um período de 12 anos sem a realização dos Jogos Olímpicos, eles voltaram a acontecer em Londres, 1948. Pela primeira vez os jogos foram transmitidos pela televisão e vistos por cerca de 500 mil espectadores no Reino Unido e pela primeira vez a delegação brasileira viajou a bordo de um avião. Por causa do seu posicionamento durante a Segunda Guerra Mundial, Japão e Alemanha foram impedidos de participar e a União Soviética optou por não participar.

A primeira participação do Brasil ocorreu nos Jogos Olímpicos Antuérpia, em 1920. Desde então, a delegação brasileira participou de todas as edições, com exceção dos Jogos Olímpicos de Amsterdã em 1928, período em que o país enfrentou estagnação financeira e um corte de gastos do governo, fazendo com que os atletas deixassem de ser incentivados (ESPECIAL OLIMPÍADAS: O Brasil nos Jogos Olímpicos, [s.d.]).

2.2.3. O Ciclismo nos Jogos Olímpicos da Era Moderna

A modalidade ciclismo está presente nos Jogos Olímpicos de Verão desde a sua primeira edição, Atenas 1896 (Foto 1). Porém, a participação de ciclistas brasileiros nem sempre ocorreu em todas as modalidades e provas disputadas. A primeira participação do Brasil no Ciclismo dos Jogos Olímpicos ocorreu em Berlim 1936, com o ciclista Dertônio Ferrer e Ricardo Magnani Netto.

Foto 1 - Preparação para a prova de ciclismo dos Jogos Olímpicos de 1896



Fonte: O GLOBO (2016)

Em decorrência da Segunda Guerra Mundial, as Edições Tóquio 1940 e Londres 1944 não foram realizadas e mesmo os Jogos Olímpicos voltarem a acontecer a partir de 1948, o Brasil somente voltou a competir no ciclismo na edição Melbourne 1956, ao classificar-se no Ciclismo de Pista, com a participação do ciclista Anesio Argenton que obteve a 9ª colocação na prova velocidade. Na edição seguinte, Roma 1960, Argenton voltou a competir no Ciclismo de Pista e conquistou a 5ª colocação na prova de contra o relógio, a melhor colocação na história do ciclismo brasileiro.

A partir de 1960, o Brasil ficou alguns anos sem alcançar a classificação na modalidade ciclismo nos Jogos Olímpicos, voltando a se classificar para a edição Munique 1972, na prova de estrada, com os atletas Luis Carlos Flores e Miguel Duarte. Em Montreal 1976, o ciclismo não se classificou para os Jogos Olímpicos, voltando a se classificar e competir em 1980 nos Jogos de Moscou (HISTÓRICO DO BRASIL, [s.d.]).

2.2.4. A União Ciclística Internacional (UCI)

A União Ciclística Internacional (UCI) foi fundada no dia 14 de Abril de 1900, na França, por representantes das federações Belga, Francesa, Italiana, Suíça e Norte-Americana e teve como primeiro presidente o ciclista Belga Emile De Beukelaer, com mandato até 1922 (Foto 2). A entidade é o órgão máximo do ciclismo, sendo responsável por desenvolver e supervisionar o ciclismo em todo o mundo, em todas as suas modalidades e disciplinas, seja na forma de esporte, lazer, meio de transporte e diversão, além de representar os interesses de 196

Federações Nacionais, 5 Federações Continentais, vários milhões de ciclistas e mais de 2 bilhões de usuários de bicicletas.

A UCI administra 8 modalidades (aqui nominadas de disciplinas) do ciclismo: estrada, pista, *Mountain Bike*, *BMX Racing*, *BMX Freestyle*, *Ciclocross*, *Trial* e *Indoor*. Destas, cinco estão inseridas no programa dos Jogos Olímpicos de Verão. Além disto, promove os campeonatos Mundiais de todas as disciplinas, que reconhecem os campeões mundiais da UCI, e a série de etapas da Copa do Mundo anualmente.

Em 2002 a UCI criou o *World Cycling Center* (WCC – ou Centro Mundial de Ciclismo) com o objetivo de desenvolvimento global do ciclismo. Localizado na cidade de Aigle, na Suíça, o local abriga a sede da entidade e um centro de treinamento de alto rendimento que recebe ciclistas de todo o mundo.

A UCI também é responsável por assegurar que o ciclismo tenha um programa eficaz antidopagem, em colaboração com a Agência Mundial Antidopagem (WADA) e com as Organizações Nacionais Antidopagem (NADO). No Brasil, a Autoridade Brasileira de Controle de Dopagem (ABCD) é a organização responsável pelo programa antidopagem.

Foto 2 - Emile De Beukelaer, primeiro Presidente da UCI



Fonte: EMILE DE BEUKELAER (2020)

A UCI tem como visão: “unir pessoas através do ciclismo e torna-lo a atividade inclusiva e universal do futuro. Por esporte, por lazer, por uma vida

melhor” (tradução da autora); como **missão**: “projetar o futuro do ciclismo inspirando mais pessoas a andar de bicicleta, tornando o esporte mais atrativo ao mesmo tempo que contribui com o bem estar da população mundial e promovendo o desenvolvimento sustentável” (tradução da autora); como **valor**: Paixão - trabalhar com entusiasmo e se orgulhar em contribuir com a promoção e desenvolvimento do ciclismo, com o compromisso de transmitir a paixão pelo esporte ao maior número de pessoas. Unidade – assegurar que todas as partes interessadas estejam integradas no desenvolvimento e implementação das principais decisões, com objetivo de construir o ciclismo do futuro de forma acertada, coletiva e coerente. Excelência – mostramos iniciativas diariamente para ajudar no progresso do ciclismo e expandir a sua influência no mundo. Integridade – Respeitar os princípios da boa governança e trabalhar continuamente para fortalecê-los. Todas as atividades carregam um rigoroso quadro de ética que privilegia a transparência, a confiabilidade e a promoção dos valores da UCI (UCI, c2019).

2.2.5. Chegada do Ciclismo ao Brasil

Não se sabe ao certo quem seria a pessoa responsável por trazer a primeira bicicleta para o Brasil, mas segundo historiadores as primeiras bicicletas foram trazidas de fora do país com a vinda dos imigrantes europeus no fim do século XIX e início do século XX. A partir de 1895, um maior número de pessoas já possuía bicicletas e elas começaram a ser vistas nos estados da região Sul, no Rio de Janeiro e em São Paulo (GROLL, 2010).

A importação de bicicletas contribuiu para a popularização da prática do ciclismo entre pessoas da elite das cidades, sendo a prática do ciclismo institucionalizada em clubes no final do século XIX.

São Paulo

Há relatos de que as primeiras bicicletas chegaram em São Paulo capital em 1894, como uma opção de veículo para transporte mais acessível financeiramente para a grande maioria da população e mais fácil de ser utilizada, o que contribuiu para a sua popularização na cidade.

O Velódromo Paulistano foi o primeiro velódromo construído no Brasil, no ano de 1892, em um terreno na Rua da Consolação entre as ruas Martinho Prado e Olinda, onde hoje encontra-se a Rua Nestor Pestana e o Teatro Cultura Artística, e a Praça Roosevelt (Figura 1).

Oficialmente inaugurado em 1895, o velódromo pertenceu a Antonio da Silva Prado, fã de ciclismo, e foi construído em um terreno de sua mãe Veridiana da Silva Prado. Além da prática do ciclismo que atraía multidões nos eventos e competições, era possível praticar outras modalidades, como corridas, atletismo e futebol (Foto 3). Em 1900, o Velódromo Paulistano sediou o primeiro jogo de futebol, modalidade que estava em crescimento no Brasil e no mundo, fazendo com que o ciclismo perdesse seu lugar de destaque. Em 1910, com a morte de Veridiana Prado, foi anunciada a venda do Velódromo ao Banco Italiano, que tinha a intenção de construir a Rua Nestor Pestana para loteá-la. Em 1916, o Velódromo Paulistano foi demolido (PERAZZINI, 2016).

Foto 3 - Velódromo Paulistano, 1892



Fonte: ADAMI (2015)

Figura 1 – Mapa da área aproximada da chácara de Veridiana Prado na época da construção do Velódromo Paulistano, em 1895



Fonte: GAMBETA (2013)

Em São Paulo, o Esporte Clube Internacional foi o primeiro clube criado para a prática das corridas de bicicleta, em 1858. Posteriormente, ele se tornou o centro de outras modalidades como por exemplo ginástica, lutas e halterofilismo. (MORAES, 2014).

Rio Claro

Em 28 de Agosto de 1910 Venâncio Batista Chaves, Amadeu Rocco, Miguel Ferrari, Cezarino Giorgi e Miguel Ângelo Brandoleze lançaram a ideia de fundação de um clube que promovesse o ciclismo em Rio Claro. Da palavra Velódromo foi criada a denominação Velo Clube, nome este dado ao clube.

Em 1910, a diretoria do Velo Clube construiu uma pista de ciclismo, com 240 metros de extensão, em terreno localizado na Rua 6 entre avenidas 13 e 15, onde hoje encontra-se o Instituto de Educação “Cel Joaquim Ribeiro”. A inauguração oficial do Velódromo aconteceu em 18 de Dezembro de 1910, com a

realização de uma Prova Ciclística que reuniu cerca de 40 atletas, tendo como vencedor o atleta rioclarenses Alberto Lassen Filho, o Nessel (Foto 4).

Foto 4 - Inauguração da Pista de Ciclismo do Velo Clube em 1910



Fonte: FACEBOOK (2015)

Durante 10 anos o Velo Clube dedicou-se exclusivamente ao Ciclismo, transformando a cidade de Rio Claro em um pólo esportivo que atraía esportistas de todo o Estado. Mas a partir de 1920, a nova diretoria do clube liderada por Felício Castellano e Aldino Tebaldi introduziu a modalidade futebol, com uma fusão entre o Velo Clube e o Comercial F.C., passando a se chamar Associação Esportiva Velo Clube Rio-Clarenses. Por alguns anos, o Velo Clube ainda desenvolveu o ciclismo, até passar a ser exclusivamente um clube de futebol (MUSEU VIRTUAL DO FUTEBOL, 2010).

Rio de Janeiro

No Rio de Janeiro, os primeiros clubes foram o Sport Club Villa Izabel (1885), o Clube Athletico Fluminense (1885) e o Veloce-Club (1887) (MORAES, 2014).

As primeiras corridas de bicicletas realizadas no Rio de Janeiro aconteceram no Velódromo Nacional situado na Rua do Lavradio e foram comandadas pelo Velo Club fundado em 1896. Durante o século XX, outros clubes

cariocas também dedicavam as atividades ao ciclismo, como o Clube Atlético da Tijuca, Touring Club e Sport Club (MELO, 2018).

Rio Grande do Sul

Segundo Moraes (2014, p. 11), no Rio Grande do Sul os primeiros registros da prática do ciclismo foram em 1886, na cidade de Pelotas, com a criação de um Clube de Velocipedistas.

Em Porto Alegre, capital do estado, a prática do ciclismo foi institucionalizada ainda no final do século XIX, em clubes, sendo as disputas realizadas na rua ou em hipódromos, já que na época ainda não havia velódromo. Após construídos, no início do século XX, os velódromos atraíam grande público com as competições de ciclismo e também competições de outros esportes. Silva, Carmona e Mazo (2015, p. 40) afirmam que “o crescimento da prática do futebol contribuiu para o enfraquecimento dos clubes ciclísticos na cidade ainda na primeira década do século XX”.

Os primeiros clubes de ciclismo de Porto Alegre foram a União Velocipédica fundada em 1895, e a Radfahrer Verein Blitz (Sociedade Ciclística Relâmpago), fundada em 1896 (MORAES, 2014, p. 20). O primeiro congregava sócios de diferentes grupos sociais, enquanto o segundo somente aceitava associados teuto-brasileiros, pertencentes à etnia alemã (SILVA, CARMONA, MAZO, 2015, p. 40).

No ano de 1897 a cidade de Pelotas fundava o primeiro clube de ciclismo, o Bycyclette Club Pelotense. E no ano seguinte, em 1898, era fundada o segundo clube de ciclismo de Pelotas, o Clu Cyclista de Pelotas.

Após passar um período sem destaque, o ciclismo retomou as competições em 1930, com a fundação de outros clubes de ciclismo, como por exemplo o Club Cyclista Porto Alegrense e a fundação da Liga Gaúcha de Ciclismo em 1935, que posteriormente foi denominada Federação Gaúcha de Ciclismo (FGC) em 17 de outubro de 1937 (MORAES, 2014, p. 33).

O primeiro velódromo de Porto Alegre foi construído pela Radfahrer Verein Blitz (Sociedade Ciclística Relâmpago) e inaugurado em setembro de 1898. O velódromo foi construído em cimento e a pista possuía 400 metros de extensão. Era situado na Rua Voluntários da Pátria, entre as ruas Almirante Barroso e Álvaro Chaves, no bairro Floresta (MORAES, 2014, p. 25).

Em 1898 a União Velocipédica recebeu em cessão um terreno da prefeitura para a construção de um Velódromo, de cimento e com 333,33 metros de extensão. Após um longo período entre o projeto e a construção, o velódromo é inaugurado no dia 19 de novembro de 1899 (MORAES, 2014, p.27).

Em março de 1900, a cidade de Porto Alegre inaugurava mais um velódromo no bairro Cristal (onde é localizado atualmente o Hipódromo Cristal), chamado Recreio Militar, com uso restrito de militares (MORAES, 2014, p. 27).

Segundo Guilharducci (2017, p. 29), até a primeira metade do século XX as aquisições de bicicletas restringiam-se às classes mais altas e às famílias de imigrantes devido ao preço elevado. Contudo, após a Segunda Guerra Mundial (1936), a dificuldade de importação levou ao desenvolvimento de fábricas que produziam bicicletas nacionais, o que contribuiu para a popularização do uso da bicicleta e diminuição no preço. Considerada um veículo de transporte ágil de baixo custo de aquisição e manutenção, possuir uma bicicleta passou a ser sinônimo de pertencer às classes mais baixas, “de maneira discriminatória”.

O golpe militar de 1964 contribuiu para o fechamento de diversas fábricas nacionais de bicicleta, pois o aumento do dólar inviabilizou boa parte das importações, de materiais e maquinários para a fabricação das bicicletas, assim como a suspensão de empréstimos governamentais. As duas empresas que conseguiram se manter no mercado e passaram a ocupar papel de destaque foram a Caloi e a Monark. Juntas, elas dominaram o mercado de bicicletas no Brasil até o início dos anos 1990 (GUILHARDUCCI, 2017, p. 29).

2.2.6. Os Velódromos no Brasil

O primeiro velódromo do Brasil foi construído na cidade de São Paulo em 1892, aberto para uso em setembro de 1895 e inaugurado oficialmente em 21 de junho de 1896 para o ciclismo. Com o nome oficial de Velódromo Paulistano, ficava situado na região central de São Paulo, na Rua da Consolação, entre as ruas Martinho Prado e Olinda, onde atualmente é a Rua Nestor Pestana e o Teatro Cultura Artística (Foto 5). Nele, foi realizada a primeira competição oficial de ciclismo no Brasil, reunindo cerca de 40 atletas. Em 1901, o Velódromo Paulistano foi inaugurado oficialmente para o futebol, encerrando a prática do ciclismo no local (ADAMI, 2015; VELÓDROMO DE SÃO PAULO, 2021).

Foto 5 - Velódromo Paulistano



Fonte: ADAMI (2015).

Além do Velódromo Paulistano, a cidade de São Paulo possuía outros dois velódromos: o Bois de Bologne, localizado na Chácara da Floresta, onde posteriormente foi construído pelo Estádio da Associação Athletica das Palmeiras e que mais tarde seria assumido pelo São Paulo Futebol Clube; e o Coliseo Festa Alegre, na região da Penha que, segundo as fontes consultadas, desapareceu sem deixar vestígios.

Outras cidades do interior paulista passaram por situação semelhante. Em Santos, o velódromo Coliseo Santista passou a funcionar como teatro. Os velódromos de Taubaté (1904) e de Sorocaba (1899) também desapareceram no início dos anos 1900 para dar origem aos estádios de futebol (LUCCHETTI, 2016; ROZENBERG, [s.d.]).

Em Rio Claro, interior de São Paulo, em agosto de 1910 Miguel Ângelo Brandozele, Miguel Ferrari e Amadeu Rocco lançaram a ideia de fundação de um clube que promovesse o ciclismo na cidade. No dia 28 de agosto, na residência de Miguel Angelo, foi realizada a assembleia oficial de fundação do Velo Clube.

Durante dez anos o Velo Clube dedicou-se exclusivamente ao ciclismo, transformando Rio Claro em um polo do esporte no interior paulista e atraindo desportistas de diversas localidades do estado nas competições realizadas no Velódromo construído em terreno doado pela prefeitura localizado na Rua 6 e 7 e Avenidas 13 e 15, onde hoje se encontra o Instituto de Educação “Colégio Joaquim Ribeiro” (Foto 6) (ESPÍRITO-SANTO, 2005).

Foto 6 - Equipe de Ciclismo Velo Clube Século XX



Fonte: ESPÍRITO-SANTO (2005)

Porém, em 1920, uma iniciativa de um grupo liderado por Felício Castellano e Aldino Tebaldi, o futebol começou a fazer parte da história do Velo Clube. Neste ano, ocorreu a fusão entre o Velo Clube e o Comercial Futebol Clube, passando a nova equipe a denominar-se Associação esportiva Velo Clube Rioclarense. A partir daí o ciclismo foi perdendo espaço para o futebol, até que o Velo Clube passou a desenvolver exclusivamente o futebol.

Foto 7 - Equipe de Ciclismo Velo Clube 2010



Fonte: ABEC RIO CLARO (s.d.)

Em 2009, a história de fundação do Velo Clube foi resgatada, com a formação de uma equipe de ciclismo para disputar provas regionais, nacionais e internacionais. Em 2010, o clube comemorou o centenário com importantes títulos conquistados pelo time de futebol e pela equipe de ciclismo (Foto 7).

Em comemoração aos 400 anos da cidade de São Paulo, foi projetado um grande parque urbano, denominado Parque do Ibirapuera, contemplando centros de exposições, praças, teatro, lago artificial, áreas de lazer, além de um complexo esportivo com ginásio, parque aquático, estádio de atletismo e o velódromo.

O velódromo do Ibirapuera sediou o VIII Campeonato Americano de Pista em 1958 e as competições de ciclismo dos Jogos Pan-Americanos de 1963. Na ocasião, o ciclista Anésio Argenton (Foto 8) conquistou a medalha de bronze para o Brasil na prova Contra Relógio Individual de 1.000 metros, disputada no Velódromo (PAPILLON, 2018).

Em 1974, o velódromo foi reformado para receber um equipamento quase inédito em São Paulo: um estádio de futebol. A reforma preservou a pista de ciclismo, mas a falta de manutenção fez com que aos poucos a deterioração da pista tornasse a prática da modalidade impossível de acontecer (Foto 9). Após novas reformas, a pista de ciclismo deu lugar a ampliação da arquibancada, deixando oficialmente de existir no espaço.

Foto 8 - Atletas Anésio Argenton e Claudio Teixeira Alves no Velódromo Ibirapuera



Fonte: PAPILLON (2018)

Foto 9 - Velódromo do Ibirapuera pós reforma em 1974



Fonte: PAPHILLON (2018)

Durante a ditadura militar, a cidade de São Paulo foi novamente indicada para ser sede dos Jogos Pan-Americanos de 1975. Por isso, o Ministério do Esporte decidiu pela construção de um novo Velódromo, no campus da USP. Em 1973, o governo decidiu recusar o megaevento, com a justificativa de que o país enfrentava um surto de meningite. Alguns anos depois, funcionários do governo especularam que o principal motivo foi a falta de dinheiro. Ainda assim, o velódromo da USP foi inaugurado em 1977 e a sua estrutura física permanece até os dias atuais (Foto 10). A pista é de concreto e mede 285,714 metros, na época com as mesmas características do Velódromo de Montreal no Canadá, cidade sede dos Jogos Olímpicos de 1976. Atualmente, essas medidas não são mais utilizadas oficialmente pela União Ciclística Internacional (UCI) (WILKSON, 2014).

Entre 1977 e 1987, um convênio com a Federação Paulista de Ciclismo tornou o local a sede da entidade, além de viabilizar a realização de treinamento e competições oficiais. Na época, o CEPEUSP chegou a oferecer cursos de ciclismo para a comunidade. Porém, documentos apresentam que devido a restrições para o uso da pista impostas pela reitoria da USP, a entidade alterou a sede de local e, desde então, os eventos de ciclismo deixaram de ser realizados (CEPEUSP, s.d.).

Foto 10 - Velódromo da USP



Fonte: WILKSON (2014)

2.2.7. Ciclismo como Transporte

2.2.7.1. Invenção da Bicicleta

Alguns acontecimentos que marcaram o fim do século XVIII, como por exemplo as Revoluções Industriais Norte-Americana e Francesa contribuíram para que o Século XIX fosse marcado pelo avanço tecnológico e científico, e pela influência e o impacto de novas invenções, como a máquina a vapor, o trem, a luz elétrica, a fotografia, entre outros, que contribuíram para o surgimento de novas ideias presentes na esfera do trabalho e também na esfera da diversão (MELO; SCHETINO, 2009, p. 111).

O processo de invenção da bicicleta foi complexo e iniciou no século XIX. Para chegar no modelo que conhecemos hoje, foram necessários diversos desenhos, protótipos e esquemas que ao longo do tempo sofreram transformações.

Estudos históricos apontam que o surgimento da bicicleta se deu através do registro de dois modelos. O primeiro deles, criado por Leonardo da Vinci mas que nunca chegou a ser construído ou testado. O outro, testado 12 de junho de 1817, pelo barão alemão Karl von Drais, com o objetivo de criar um meio de transporte mais barato e mais fácil de manter em comparação aos cavalos. Foi batizada pelo criador como “Draisana” ou “máquina corredora”, mas chamada pela imprensa de “Velocípede”. Era feita com madeira, com selim e duas rodas e não possuía pedais,

necessitando que o impulso fosse pelos pés no chão para a movimentação até atingir uma certa velocidade e equilíbrio (HANCOCK, 2017).

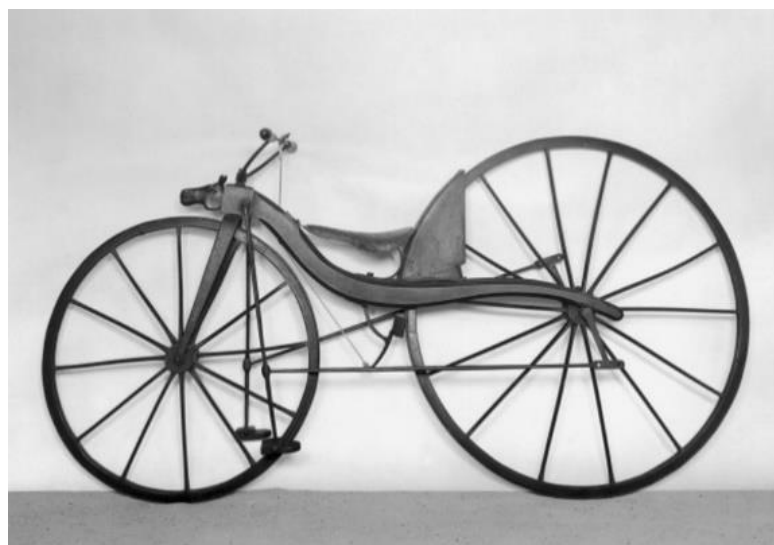
No dia 20 de Abril de 1829 aconteceu em Munique a primeira competição, envolvendo 25 draisianas, em que o competidor deveria percorrer uma distância de 4,5 quilômetros. O vencedor concluiu o trajeto em 31,5 minutos, o que representava uma média de 8,6 km/h. (ESCOLA DA BICICLETA, [s.d.a])

Não há um consenso de quem seria o criador da primeira bicicleta com pedais. Alguns atribuem a invenção ao ferreiro escocês Kirkpatrick MacMillan, em 1839. Porém, trinta anos mais tarde, ela foi fabricada e comercializada pelo inglês Thomas McCall e historiadores questionam que ela tenha sido inventada por McMillan, pela falta de registros e esboços de modelos anteriores ao comercializado por McCall (Foto 11).

Em 1860 o modelo foi vendido com o nome de velocípede, também conhecido por “agita ossos”, pela agitação do corpo ao andar pelas ruas de paralelepípedos. Nesta versão, patenteada pelo fabricante de carrinhos de bebê Pierre Lallement, os pedais ficavam sobre o eixo da roda dianteira.

Em 1870, surgiram as bicicletas de roda alta como por exemplo a “Ariel”, de James Stanley (Foto 12). Ela prometia mais conforto do que as outras, eram totalmente fabricadas em metal e alguns modelos atingiam cerca de 40 quilômetros por hora. Porém, a sua utilização era limitada pelo fato de ser muito alta, não sendo possível alcançar os pés no chão para a segurança do ciclista (GIRA JUNTO, 2017).

Foto 11 - A bicicleta fabricada por MacMillan em 1839. Modelo de 1860.



Fonte: HANCOCK (2017)

Foto 12 - Tornado Smith com a bicicleta de roda alta



Fonte: HANCOCK (2017)

A partir da década de 1870, surgem as bicicletas mais parecidas com os modelos atuais. Há registros das criações dos engenheiros Henry J. Lawson e J.K. Starkley, que criou a Rove, ambas com as duas rodas do mesmo tamanho (Foto 13). Em 1888, John Dunlop acrescentou as rodas com pneus, tornando-as mais confortáveis. Em 1889, o norte-americano Isaac R. Johnson patenteou a primeira bicicleta dobrável. A partir de 1890, as bicicletas começam a ser produzidas em larga escala.

Pouco a pouco, novas invenções foram sendo incorporadas. O material passou de madeira para metal. As rodas passaram do pneu maciço para os modelos com os pneus Michelin, em 1891. O sistema de frenagem também foi inserido, alterando a frenagem dos pés para um sistema mecânico. O sistema de engrenagem por correntes foi inserido e se assemelham com as bicicletas atuais (SCHETINO, 2007, p. 3).

Foto 13 - J. K . Starkley, criador da Rover, a primeira bicicleta de segurança



Fonte: HANCOCK (2017)

As bicicletas passaram a ser utilizadas em guerras desde o final do século XIX, pelos exércitos de países da Europa e pelos Estados Unidos, como sendo uma alternativa viável e econômica para os deslocamentos dos soldados de infantaria. Aos poucos, ela foi ganhando importância nas fileiras dos exércitos e em algumas missões substituiu o cavalo (ADAMI, 2011).

Antes do final do século XIX, o exército da França e dos Estados Unidos já possuíam unidades formadas por soldados ciclistas em caráter experimental. Nesta época, as bicicletas foram amplamente testadas e acabaram por desempenhar parcialmente a função dos cavalos na guerra (LOPES, [s.d.]).

Em 1896, o tenente James A. Boss liderou um grupo de 20 soldados, um médico e um repórter, em uma jornada teste de 3 mil quilômetros e 41 dias do Forte Missoula até Sant Louis por trilhas paralelas à linha férrea, para avaliar a viabilidade do uso militar da bicicleta no exército americano. Os soldados ficaram conhecidos como “Bufalo Soldiers” da 25ª Batalhão de Infantaria Ciclística e foram recepcionados na chegada por um público de mais de 10 mil pessoas (Foto 14). Um ano mais tarde, provaram seu valor como guerreiros e tiveram importantes vitórias da guerra contra os espanhóis (ADAMI, 2011).

Foto 14 - Jornada de 3 mil quilômetros percorridos por militares liderados pelo tenente James A. Boss em 1896



Fonte: ADAMI (2011)

O primeiro uso conhecido da bicicleta em combate ocorreu com os britânicos, que utilizaram a bicicleta dobrável Dursley-Pedersen na Guerra dos Boeres, em 1899 na África do Sul. Este modelo de bicicleta foi criado pelo dinamarquês Mikael Pedersen e era fabricada na cidade de Dursley, Inglaterra.

A utilização das bicicletas por militares apresentava importantes benefícios, como eficiência no deslocamento em curtas e médias distâncias, patrulhamento, reconhecimento e no transporte de mensageiros sem sobrecarregar os serviços de logística, já que um soldado ciclista era capaz de cobrir mais de 120 km por dia, três vezes mais que um soldado a pé. Além disto, quando comparada com os cavalos, possuía a vantagem de não precisar se alimentar, beber água e também não ficava doente. Quando comparada com veículos motorizados, a bicicleta não consumia combustível, tinha baixíssima necessidade de manutenção e podia ser facilmente armazenada em pequenos locais, dentro de caminhões ou em helicópteros, podendo ainda ser aerotransportada e lançada diretamente no local de combate (ADAMI, 2011).

Com todos esses benefícios, as bicicletas estiveram presentes em quase todos os conflitos importantes da história.

Na I Guerra Mundial Holanda, Itália, Dinamarca, Polônia e Rússia possuíam destacamentos especiais de infantaria ciclomotada e a Alemanha possuía 80 companhias de infantaria que utilizavam a bicicleta como meio de locomoção.

Em 1937, durante a invasão da China, o Japão empregou 50 mil soldados ciclistas para atuar nos confrontos. Durante a II Guerra Mundial, a Finlândia empregou as bicicletas da 1ª Brigada Jaeger nos confrontos contra a Alemanha nazista e a Rússia; a Suécia possuía 6 regimentos de cicloinfantaria que foram mantidos até 1952 e utilizavam as bicicletas suecas modelo m/42, conhecidas como militärcykel (ADAMI, 2011).

No final da década de 60, as bicicletas foram amplamente utilizadas na Guerra do Vietnã, com a importante função de abastecimento das tropas do exército norte-vietnamita pela trilha Ho Chi Minh. Os quadros eram reforçados para suportar os mais de 180 kg de víveres, munições e armas, suprimentos estes transportados entre o Vietnã do Sul e do Norte. Também chamadas de “Armas do Povo”, a bicicleta nestas condições era impossível de ser pedalada e era empurrada do ritmo de pedestre pelos militares (ADAMI, 2011).

No Século XXI, as bicicletas continuaram em uso pelos militares como alternativa para transporte em longas linhas de comunicação. O moderno exército da Suíça manteve o seu Regimento de Ciclistas até 2001. As forças especiais dos Estados Unidos têm usado a bicicleta em suas operações no Afeganistão contra os Taliban. O Exército de Libertação dos Tigres também faz uso da bicicleta para movimentação nos combates no Sri Lanka (TROPAS CICLISTAS, 2020).

Em grandes cidades, muitas forças policiais ainda utilizam a bicicleta nos patrulhamentos. As bicicletas são utilizadas mundialmente em diferentes contextos, com modelos específicos desenvolvidos para lazer, prática esportiva, mobilidade urbana, transporte de cargas ou de passageiros.

2.2.7.2. A Caloi

A empresa Caloi contribuiu diretamente para o desenvolvimento do ciclismo no Brasil. Sua história começou no país desde o final do Século XIX, quando em 1898 desembarcou no Brasil o imigrante Luigi Caloi, um italiano que sonhava produzir a melhor bicicleta, com as tecnologias mais avançadas da época. Ele veio

da Itália junto com o seu cunhado Agenor Poletti, um mecânico muito talentoso e juntos fundaram a Casa Poletti & Caloi, empresa de aluguel, manutenção e reforma de bicicletas. Em 1902, como o Brasil não fabricava bicicletas, Luigi Caloi se tornou o representante exclusivo no país de bicicletas importadas da marca italiana Bianchi. Em 1924, com o falecimento de Luigi Caloi, foi criada uma nova sociedade denominada Casa Irmãos Caloi formada por seus três filhos Henrique, Guido e José Pedro, mas a sociedade durou pouco tempo, permanecendo somente o Sr. Guido na empresa. Em 1942, a Segunda Guerra Mundial trouxe dificuldade às importações da empresa, que decidiu começar a produzir suas próprias peças de reposição. Em 1948, mesmo com a regularização das importações, a empresa agora de nome Indústria e Comércio de Bicicletas Caloi continuou com a fabricação das peças e inaugurou também a primeira fábrica de bicicletas no país (Foto 15).

Foto 15 - Primeira fábrica da Caloi no bairro Brooklin



Fonte: MANCHA, 2014

Em 1955, a 3ª geração comandada pelo Sr. Bruno Antônio Caloi assume a direção da empresa após o falecimento do Sr. Guido Caloi. As bicicletas “Fiorentina”, que trouxe como novidade o aro 26”, e “Berlineta”, dobrável, foram um marco na história da Caloi nos anos 60. Mas foi nos anos 70 que a Caloi se consolidou no país, com o lançamento de três bicicletas: a Caloi 10, que possuía 10 marchas e geometria baseada na Bianchi San Remo, sendo a primeira bicicleta esportiva fabricada no Brasil; a Barraforte, uma bicicleta resistente fabricada em aço carbono, referência no segmento de transporte do país; e a Caloi Ceci, a primeira bicicleta feminina do mercado brasileiro. Na mesma década, a Caloi promoveu o primeiro “Passeio da Primavera” em São Paulo, que chegou a reunir cerca de

80 mil ciclistas em um único dia, e a campanha “Não esqueça a minha Caloi”, que marcou a memória de muitos brasileiros (REVISTA BICICLETA, 2019; CALOI, 2020).

Nos anos 90, a Caloi lançou no país o modelo “*Mountain Bike*” com a Caloi Aluminum, que trouxe uma tecnologia de ponta para a época: o quadro de alumínio.

A expansão internacional da marca se deu pela abertura de uma subsidiária em Jacksonville, nos Estados Unidos e também pela associação da marca ao multi campeão Lance Armstrong, na equipe Motorola/Caloi.

Até 1992 a única concorrente da Caloi era a Monark. Com a abertura do mercado brasileiro, a Caloi passou a enfrentar dificuldades e em 1999 a família Caloi vendeu a maioria acionária para Edson Vaz Musa, ex-presidente da empresa Rhodia do Brasil. A partir dos anos 2000, o objetivo da empresa passou a ser agregar saúde, esporte e lazer à marca. Em 2008, a Caloi comemorou os 110 anos de empresa e as mais de 700 mil bicicletas comercializadas.

Em 2012, a Caloi lançou no mercado a *Mountain Bike Elite Carbon*, uma bicicleta de fibra de carbono, projetada para competições. Em 2013, a Caloi passou a fazer parte da *Cannondale Sports Unlimited*, uma divisão da empresa Canadense Dorel Industries INC. Focada no objetivo de conquistar uma medalha Olímpica para o Brasil, a Caloi registrou na UCI a única equipe nacional de *Mountain Bike*, a Caloi Elite Team (CALOI, 2020).

2.2.7.3. A Monark

A Monark Indústria e Comércio Ltda foi fundada em 1948 em São Paulo e no início atuava na importação e montagem de bicicletas até se tornar fabricante nacional de bicicletas. Em 1951 se instalou definitivamente na Chácara Santo Antonio, em São Paulo, e em 1962 alterou a razão social para Monark S.A. e sua produção estava voltada para as categorias de bicicletas Alumínio, *BMX*, Esportiva Masculina, Esportiva Feminina e Transporte (ESCOLA DA BICICLETA, 2020b).

Nas décadas de 1960, 1970 e 1980 a Monark vendeu cerca de 2 milhões de bicicletas por ano e foi por muito tempo uma grande concorrente da Caloi. Juntas, as duas marcas dominavam cerca de 95% do mercado brasileiro de bicicletas (ESCOLA DA BICICLETA, 2020b).

Na década de 1990, com a abertura do mercado nacional durante o governo Collor, a Monark perdeu forças e hoje ocupa uma parcela menor no mercado de bicicletas. No primeiro trimestre de 2008 transferiu sua fábrica para a cidade de Indaiatuba, no interior de São Paulo e desde então se preocupa com a

modernização dos processos e das instalações, bem como do implemento de novas tecnologias às suas linhas de produção.

Inspirada no famoso ciclomotor de 1950, a bicicleta Monareta Gemini começou a ser fabricada em 1960, porém foi em 1970, já com um novo desenho, que alcançou o sucesso de vendas. Ao longo dos anos, a Monareta teve diversas versões, que diferenciavam nos acabamentos e cores, como por exemplo as versões Centauro, Brasil de Ouro, Águia de Ouro, Olé 70, Jet Black, além da *Drobramatic*, uma versão dobrável. Em 1989 o mercado já oferecia novas opções de *Mountain Bike* e *BMX*, enfraquecendo o mercado das Monaretas (MONARK, 2020).

Lançado em 1972, o modelo Barra Circular da Monark tinha rodas 28 polegadas, bem maiores do que as concorrentes de 26 polegadas, o que deixava a bicicleta mais alta quando comparada com as outras marcas (PRONEC, 2020).

Atualmente, a Barra Circular é produzida com rodas de tamanho 26 polegadas, em três modelos diferentes: Barra Circular CP, Barra Circular FI e Barra Circular VB. A diferença entre elas é o sistema de freio. No modelo CP o sistema de freios é o contra pedal (Freio de pé); no modelo FI o sistema de freios é o inglês, tipo varão; e no modelo VB o sistema de freio é o *V-Brake*.

Outra particularidade da Monark Barra Circular era o desenho da traseira, com duas forquilhas em peça única que unem para formar um triângulo e criar um suporte para o bagageiro que possuía uma área de apoio maior do que os modelos convencionais. Fugindo da tradição, a Monark Barra Circular foi um sucesso de vendas e muito elogiada pelo público usuário, sendo qualificada como uma bicicleta mais robusta e mais resistente (ESCOLA DA BICICLETA, 2020b).

O modelo Monark Ranger também ficou popular entre os praticantes de ciclismo no Rio de Janeiro, pois trazia adaptações para pedalar em fazendo e trilhas. O *Mountain Bike* começava então a se desenvolver no Brasil (ESCOLA DA BICICLETA, 2020b).

O início dos anos 70 foi marcado também pela abertura do mercado promissor das bicicletas “*speed*”. Enquanto a Caloi lançava o modelo Caloi 10, a Monark entrava na concorrência com o modelo Monark 10. A principal diferença entre elas estava no movimento central, sendo a Caloi fabricada com o sistema de chavetas com 34,7mm e a Monark fabricada com o sistema monobloco de 45mm, considerado um ponto fraco da marca (BUSTUS, 2019).

2.2.7.4. Mobilidade Urbana

O trânsito das cidades está cada dia mais intenso, com quantidade cada vez maior de automóveis. De acordo com Moraes (2014, p. 145), isso poderia ser resolvido com investimentos na implantação de sistemas cicloviários, já que são muitos os benefícios que o uso da bicicleta em grande escala pode trazer, podendo melhorar a qualidade de vida de uma cidade com baixo custo. O autor cita o exemplo de Amsterdã, que desde 1950 implantou um sistema cicloviário eficiente. Mas salienta que no Brasil algumas cidades iniciaram a implantação de ciclovias, contudo a estruturação deste sistema depende de elementos econômicos, políticos e culturais sedimentados por séculos e que mesmo com vontade política, não é algo que se consiga fazer em pouco tempo.

Outro exemplo citado por Moraes (2014, p. 145) é o sistema cicloviário dos Estados Unidos. Neste caso, o sucesso desse sistema está na educação e no respeito dos motoristas, já que ocorre o compartilhamento da faixa de rolagem com outros modos de transporte, como automóveis, motocicletas e ônibus.

Segundo apresenta Moraes (2014, p. 146), há duas vertentes de implantação do sistema cicloviário: a de compartilhamento com outros meios de transporte e a de faixas exclusivas para bicicletas. Defensor da primeira vertente, John Forester foi o engenheiro especialista na construção do sistema cicloviário dos Estados Unidos. Ele critica a ideia de faixas segregadas, pois os ciclistas seriam tratados de maneira diferente dos outros condutores de veículos. Na prática, os ciclistas são como qualquer outro condutor de veículo e também deve obedecer às leis de trânsito. Além disto, Forester aponta que este sistema cicloviário economiza recursos públicos, já que não é necessária nenhuma construção específica pois a estrutura de circulação já existe. Defensor da segunda vertente, o colombiano Gil Peñalosa argumenta que as cidades e as ciclovias devem trazer segurança para ciclistas de 8 anos e também para ciclistas acima de 80 anos, e que compartilhar a via com outros automóveis somente é seguro para ciclistas jovens e experientes (MORAES, 2014, p. 146).

Renata Falzoni (2011) comenta que no Brasil, o trânsito reflete o preconceito social em todas as classes sociais. Comenta ainda que “a elite que vai de carro está cega, imobilizada, presa e escondida em escudos protegidos com *airbags* e vidros fumês a prova de bala” e que é preciso de ciclista ou pedestre para entender a realidade enfrentada.

O atual Código de Trânsito Brasileiro (CTB) foi aprovado em 1997 sob a Lei nº 9.503, de 23 de Setembro de 1997, e estabelece que “A bicicleta é um veículo e responde ao CTB”. O art. 29 da lei apresenta claramente a ideia de compartilhamento das vias entre todos os meios de transporte “respeitadas as normas de circulação e conduta neste artigo, em ordem decrescente, os veículos de maior porte serão sempre responsáveis pela segurança dos menores, os motorizados pelos não motorizados e, juntos, pela incolumidade dos pedestres”. Contudo, Moraes (2014, p. 147) acredita que “a falta de informação e formação (para motoristas, ciclistas, urbanistas, técnicos e agentes de trânsito), aliada ao preconceito social contra o uso da *bike*, faz com que as cidades não consigam gerenciar adequadamente os conflitos de tráfego”, gerando um impasse de qual conceito utilizar no sistema cicloviário brasileiro.

Apesar disto, é possível identificar intervenções que impactam diretamente no nível de atividade física das pessoas, como as ciclovias e ciclofaixas citadas por Teixeira (2014, p. 168), que são “espaços destinados especificamente à circulação de pessoas utilizando bicicletas, com o intuito de proporcionar-lhes segurança”. Alvo de uma pesquisa, a cidade de Rio Claro, localizada no interior de São Paulo a aproximadamente 180 quilômetros da capital, registrava em 2010 área territorial de 1.498 km², densidade demográfica de 373,47 hab./km², população de 187.637 habitantes e Índice de Desenvolvimento Humano de 0,825 (IBGE, 2010).

Segundo Teixeira (2014), a cidade de Rio Claro possuía até 2010 apenas 5 quilômetros de ciclofaixas. Em 2011, mais onze segmentos foram construídos e a cidade passou a ter 19 quilômetros de ciclofaixas.

2.2.8. Associação Brasileira de Fabricantes de Motocicletas, Ciclomotores, Motonetas, Bicycletas e Similares (Abraciclo)

A entidade foi criada em 1976, sob o comando de Bruno Antonio Caloi, quando a bicicleta era o veículo de duas rodas predominante no Brasil. O principal objetivo era unir os fabricantes da época para atuar em conjunto pela evolução do segmento, buscando inovações, tecnológicas, qualidade, respeito às normas de segurança e de controle de emissão de gases, bem como a flexibilidade, economia e eficiência nos deslocamentos diários. O Setor de Duas Rodas foi consolidado no Polo Industrial de Manaus (PIM), com evolução constante nas décadas de 1980 e 1990, principalmente na fabricação de motocicletas (ABRACICLO, 2020a).

Contudo, a partir de 2000, houve uma grande evolução da bicicleta, que passou a ser o símbolo da mobilidade sustentável: é de baixo custo de aquisição e manutenção, não polui o ambiente e faz bem à saúde do condutor.

Atualmente, a Abraciclo é sediada em São Paulo e dirigida por uma diretoria com mandato bienal eleita pelos associados, presidida por Marcos Fermanian, e composta por uma equipe de executivos formados academicamente e experientes no setor automotivos, com a função de propor soluções técnicas, políticas, de relacionamentos e comunicação para o Setor de Duas Rodas.

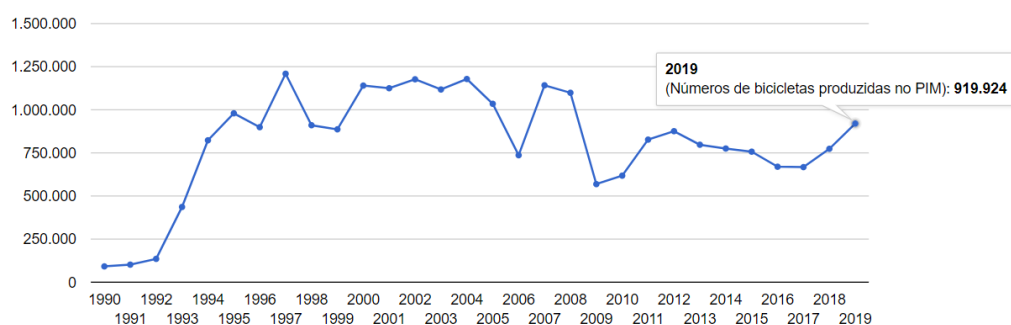
São associadas à Abraciclo quatro fabricantes de bicicletas no Brasil:

- Caloi: marca com mais de 120 anos de história e líder de mercado de bicicletas. Pertence atualmente ao Grupo canadense Dorel, que engloba diversas marcas do segmento do ciclismo, como Cannondale, Schwinn, GT, Charge, entre outras. No Brasil, o grupo está instalado desde 2013. Além de um vínculo emocional com o brasileiro devido às suas campanhas icônicas lançadas ao longo de sua existência, a marca também incentiva o esporte profissional brasileiro, patrocinando atletas e eventos de alto rendimento. Em 2018 e 2019 produziu mais de 1 milhão de bicicletas na fábrica localizada no PIM (ABRACICLO, 2020b).
- Houston: também conhecida como Audax *Bike*, foi criada em 2015 para fortalecer o mercado das bicicletas com novos *designs* e tecnologias de alta *performance*. Em 2018, recebeu o prêmio “Guidão de Ouro”, levando o reconhecimento como a melhor marca nacional de bicicletas. Atualmente, incentiva o ciclismo de alto rendimento através da equipe Corinthians Audax *Bike* Team, conquistando medalhas de nível nacional e internacional (ABRACICLO, 2020c).
- Oggi: criada em 2014 e instalada no PIM, na zona franca de Manaus, a marca traz ao mercado bicicletas de alto rendimento por valores atraentes, com foco nos diversos perfis de ciclistas, do amador ao profissional. Investe no ciclismo de alto rendimento com uma equipe de atletas, além de patrocinar eventos em todo o território nacional (ABRACICLO, 2020d).

- Sense *Bike*: denominada Sense *Bike* Indústria de Bicicletas da Amazônia, faz parte da S2 Bicycle Industries e foi criada em 2009 com o objetivo de oferecer bicicletas capazes de encantar pela experiência positiva em pedalar. Em 2016, a marca desenvolveu os primeiros modelos em fibra de carbono e a partir daí venceu 3 edições do Guidão de Ouro, da Revista *Bike Action*, como a melhor marca nacional. Além disso, a Sense *Bike* é patrocinadora de uma das principais equipes de *Mountain Bike* nacional, a Sense Factory *Racing* (ABRACICLO, 2020e).

Segundo balanço feito pela Abraciclo, desde 2017 o país registra um aumento na produção de bicicletas das fabricantes instaladas no PIM. Em 2017 foram produzidas 667.363 unidades e em 2018 foram produzidas 773.641 unidades. Em 2019, foram fabricadas 919.924 bicicletas no PIM, sendo 47,5% modelo *Mountain Bike*, 36,7% modelo urbana e de lazer, 14% modelo infanto-juvenil (Figura 2). No mesmo ano, em todo o território nacional foram fabricadas 2,5 milhões de unidades, excluídas as bicicletas infantis, classificando o Brasil como o 4º maior produtor de bicicletas do mundo. Outro dado importante é a frota nacional de bicicletas estimada em 2019 de 70 milhões de unidades, segundo dados da Abraciclo no fechamento do ano (ABRACICLO, 2020f).

Figura 2 - Histórico anual de produção de bicicletas PIM



Fonte: ABRACICLO (2020i)

Para o ano de 2020, a Abraciclo anunciou em entrevista coletiva realizada no dia 23 de janeiro de 2020 uma projeção de que as montadoras fabriquem 987 mil unidades de bicicletas. Contudo, os impactos da Pandemia provocada pelo Covid-19 e a paralisação dos estabelecimentos de varejo, fizeram com que o setor apresentasse queda de 81,4% na produção no mês de abril. Com a retomada gradual das atividades, o mês de maio registrou a produção de mais de 20 mil unidades (110% maior que abril e 70,5% menor comparado a maio de 2019) e o mês de junho registrou a produção de mais de 45 mil unidades (117% maior que maio e 19,8% menor que junho de 2019) (ABRACICLO, 2020g).

Segundo o vice-presidente do setor de bicicletas da Abraciclo, Cyro Gazola, a retomada da produção foi possível devido a abertura das lojas de bicicletas na flexibilização da pandemia, além do “estímulo, por meio das autoridades públicas, do uso da bicicleta como opção de mobilidade urbana”, o que contribuiria para evitar aglomerações em transportes públicos e conseqüentemente a diminuição na disseminação do COVID-19, possível de ser observado em países da Europa, porém pouco observado no Brasil segundo ele (ABRACICLO, 2020h).

2.1.7. A Confederação Brasileira de Ciclismo

Fundada em 1º de Junho de 1979 na cidade de São Paulo, tendo como primeiro presidente o Sr. Bruno Caloi, a Confederação Brasileira de Ciclismo (CBC) é o órgão responsável pela organização de eventos e representação de atletas de ciclismo do Brasil. É também a confederação filiada à Confederação Panamericana de Ciclismo (COPACI) e à União Ciclística Internacional (UCI) e, por isso, reconhecida pela Comitê Olímpico Nacional e Internacional.

Segundo o Estatuto atual, aprovado em 14 de março de 2020, a CBC é constituída como associação de direito privado, para fins não econômicos, e “é uma sociedade de caráter desportivo, considerada entidade nacional de administração do desporto pela Legislação Desportiva Brasileira, com personalidade jurídica e patrimônios próprios. É também constituída por todas as entidades filiadas que no território brasileiro, dirijam ou pratiquem, de fato e de direito o Ciclismo, regendo-se por este Estatuto. A data de sua fundação é posterior a data de fundação de algumas Federações estaduais de Ciclismo.

Atualmente a entidade é sediada no município de Londrina-PR e a diretoria eleita para o período de 2017 a 2021 é formada por José Luiz Vanconcellos (Presidente), Gilvan Costa Cavalcante (1º Vice Presidente) e Marcos Lorenz (2º Vice Presidente). O Conselho Fiscal é composto por Valdemar dos Santos (Titular), Claudio da Silva Santos (Titular), Sonia Maria Cardoso Oliveira (Titular), Lindomar Gomes (1º suplente), Edilson Ribeiro da Silva Kramer (2º suplente) e Santo Vidal (3º suplente). A Comissão de Atletas é formada por 5 membros que representam as cinco regiões do país. Antônio do Nascimento (Norte), Ulisses Leal Freitas (Nordeste), Leandro Carvalho da Fonseca (Centro-oeste), Vitório Paulino de Paiva Silvestre (Sudeste) e Carlos Roberto Martinelli (Sul) (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE CICLISMO, 2018).

Atualmente, a CBC possui 27 entidades estaduais filiadas, sendo uma Federação de Ciclismo de cada estado do Brasil mais do Distrito Federal, a saber: Federação Acreana de Ciclismo (AC), Federação Alagoana de Ciclismo (AL), Federação Amapaense de Ciclismo (AP), Federação Baiana de Ciclismo (BA), Federação Catarinense de Ciclismo (SC), Federação Cearense de Ciclismo (CE), Federação Ciclística de Roraima (RR), Federação de Ciclismo Amazonense (AM), Federação de Ciclismo de Rondônia (RO), Federação de Ciclismo do Estado do Rio de Janeiro (RJ), Federação de Ciclismo do Piauí (PI), Federação de Mato Grosso do Sul de Ciclismo (MS), Federação Espírito Santense de Ciclismo (ES), Federação Gaúcha de Ciclismo (RS), Federação Goiana de Ciclismo (GO), Federação Maranhense de Ciclismo (MA), Federação Mato-Grossense de Ciclismo (MT), Federação Metropolitana de Ciclismo (DF), Federação Mineira de Ciclismo (MG), Federação Northeriograndense de Ciclismo (RN), Federação Paraense de Ciclismo (PA), Federação Paraibana de Ciclismo (PB), Federação Paranaense de Ciclismo (PR), Federação Paulista de Ciclismo (SP), Federação Pernambucana de Ciclismo (PE), Federação Sergipana de Ciclismo (SE), Federação Tocantinense de Ciclismo (TO) (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE CICLISMO, 2018).

2.2. O CICLISMO NO SÉCULO XXI

2.2.1. Os Velódromos no Brasil

Atualmente existem oito velódromos construídos no Brasil, são eles a saber: Velódromo da USP, em São Paulo; Velódromo Municipal de Curitiba, Velódromo de Contagem, Velódromo Municipal de Americana, Velódromo Municipal de Caieiras, Velódromo Municipal de Maringá, Velódromo Municipal de Indaiatuba, Velódromo Olímpico do Rio.

2.2.1.1. Velódromo da USP – SP

Construído inicialmente para sediar os Jogos Pan-Americanos de 1975, o Velódromo da USP foi inaugurado em 1977 mesmo após o governo brasileiro ter cancelado o evento devido ao surto de meningite no país. A pista é de concreto e mede 285,714 metros, na época com as mesmas características do Velódromo de Montreal no Canadá, cidade sede dos Jogos Olímpicos de 1976. Atualmente, essas medidas não são mais utilizadas oficialmente pela União Ciclística Internacional (UCI).

Foto 16 - Velódromo da USP - SP



Fonte: JORNAL DO CÂMPUS (2018)

Conforme noticiado em 31 de outubro de 2018 pelo Jornal do Campus da USP, os problemas estruturais no velódromo começaram desde os anos 80 pela falta da manutenção, e são preocupações constantes da diretoria do Cepeusp. Um projeto de demolição do velódromo para a posterior construção de uma arena multiuso foi feito em 2013, mas não foi concretizado. De acordo com o então diretor da Cepeusp, Emilio Miranda, o principal motivo do projeto não ter sido realizado foi o alto custo da obra, orçada em 25 milhões de dólares. Ainda assim, o diretor afirmou que estavam fazendo outros estudos para a reforma do local prevista para acontecer em 2015, mas que não ocorreu. Atualmente, o velódromo da USP está desativado e interditado para a prática do ciclismo (JORNAL DO CAMPUS, 2018).

2.2.1.2. Velódromo Municipal de Curitiba – PR

Na capital paranaense, o velódromo com pista de concreto descoberta de 333,33 metros fica no Centro Esportivo Municipal, no Jardim Botânico. Inaugurado em 1979, recebeu reformas para sediar as competições de ciclismo dos Jogos Sul-Americanos em 2002. Atualmente recebe provas estaduais e nacionais, mantendo atividades voltadas ao desenvolvimento de novos talentos. Recentemente, em 2017, sediou a fase Nacional dos Jogos Escolares da Juventude – JEJ da categoria Infantil (ADAMI, 2015). Em 2020, seria realizado o Campeonato Nacional de Pista Júniores, mas teve que ser cancelado devido à pandemia.

Foto 17 - Velódromo Municipal de Curitiba - PR



ADAMI (2015)

2.2.1.3. Velódromo de Contagem – MG

Inaugurado em 1982 com o objetivo de impulsionar o ciclismo em Minas Gerais, este velódromo seria o terceiro velódromo ativo no Brasil. Após tentativas de apoio para a construção em Belo Horizonte, o senhor Cezar Brandão Martins conseguiu em Contagem um terreno dentro do Parque Fernão Dias para a construção do velódromo. Até 1983 foram realizadas diversas competições com a participação de ciclistas de todo o Brasil. Atualmente o velódromo encontra-se inativo para competições e necessita de reformas (FEDERAÇÃO MINEIRA DE CICLISMO, [s.d.]).

Foto 18 - Velódromo de Contagem - MG



Fonte: FEDERAÇÃO MINEIRA DE CICLISMO (s.d.)

2.2.1.4. Velódromo Municipal de Americana – SP

Localizado no Conjunto Poliesportivo Ayrton Senna da Silva, o velódromo descoberto, de cimento e medindo 333,33 foi inaugurado em 1996. Já sediou importantes eventos nacionais, como por exemplo os Jogos Regionais do Interior, Seletivas Estaduais dos Jogos Escolares de SP, Festivais de Ciclismo de Pista, Campeonato Paulista, Campeonato Interestadual. Atualmente é utilizado por atletas da cidade e da região para treinamentos (NOVO MOMENTO, 2013).

Foto 19 - Velódromo Municipal de Americana - SP



Fonte: NOVO MOMENTO (2013)

2.2.1.5. Velódromo Municipal de Caieiras – SP

Inaugurado em 2003 para sediar os Jogos Abertos do Interior, o Velódromo Municipal de Caieiras, na Grande São Paulo, tem pista de concreto de 250 metros e já recebeu provas importantes do calendário nacional. Em 2011, deixou de ser administrado pela Federação Paulista de Ciclismo e desde então a degradação pela falta de manutenção era evidente. Em 2017 a prefeitura municipal iniciou um processo de recuperação e a pista voltou a sediar eventos, como por exemplo o Meeting Internacional de Pista, com a presença de ciclistas brasileiros e argentinos. Em 2019 a prefeitura realizou nova reforma e agora o local conta com diversas atividades esportivas e de lazer, além da pista de ciclismo (GURU, 2019).

Foto 20 - Velódromo Municipal de Caieiras - SP



Fonte: FACEBOOK (2019)

2.2.1.6. Velódromo Municipal de Maringá – PR

Inaugurado em junho de 2008 como parte integrante do Complexo Olímpico de Maringá, a pista é de concreto, tem 250 metros de extensão e iluminação para uso noturno. Ela se enquadra nas especificações exigidas pela Confederação Brasileira de Ciclismo para a realização de eventos esportivos, inclusive já sediou diversas vezes campeonatos estaduais e nacionais, além do Campeonato Pan-Americano Master em 2019 (PEDROSO, 2008).

Foto 21 - Velódromo Municipal de Maringá - PR



Fonte: ESPORTE ALTERNATIVO (2010)

2.2.1.7. Velódromo Municipal de Indaiatuba – SP

O mais novo velódromo do Brasil foi inaugurado em 2016 e disponibilizado para os países que desejassem fazer aclimatação para os Jogos Olímpicos. A pista é de concreto e tem 250 metros de extensão, seguindo os padrões na União Ciclística Internacional. A estrutura também conta com arquibancada para mil pessoas, sala de imprensa, 10 salas para ciclistas, banheiros, refeitório e um túnel de acesso ao centro da pista (MINISTÉRIO DA CIDADANIA, 2016).

Foto 22 - Velódromo Municipal de Indaiatuba - SP



Fonte: BIKEMAGAZINE (2017)

2.2.1.8. Velódromo Olímpico do Rio de Janeiro – RJ

O Velódromo Olímpico do Rio de Janeiro foi construído para sediar as provas de ciclismo de pista dos JJOO 2016. Localizado no Parque Olímpico da Barra da Tijuca, é o único coberto no Brasil e a sua inauguração aconteceu em 2016 com a realização do evento teste dos JJOO Rio 2016. A pista tem 250 metros de extensão, é de madeira pinus siberiano vindo da Alemanha e necessita de ambiente climatizado para a sua conservação. É considerado um legado olímpico de instalação esportiva (VELÓDROMO MUNICIPAL DO RIO, 2019).

Foto 23 - Velódromo Olímpico do Rio de Janeiro - RJ



Fonte: REDE NACIONAL DO ESPORTE (2017)

2.2.1.9. Velódromo do Pan 2007

O Velódromo construído para os Jogos Pan-Americanos de 2007 (Pan 2007) foi o primeiro do Brasil com pista de madeira. A pista é de pinho siberiano e possui 250 metros de extensão. Foi planejado para sediar o Pan 2007 e posteriormente ser o local de competição do ciclismo de pista nos JJOO Rio 2016, porém em 2013 descobriu-se que o velódromo não atendia a todas as exigências da UCI, pois apresentava capacidade de espectadores abaixo do mínimo de 5000, possuía duas pilstras centrais que impediam a visão total da pista pelos árbitros, incorreta curvatura e inclinação e baixo número de boxes e vestiários. A solução foi desmontar este velódromo e construir um novo seguindo todas as exigências (VELÓDROMO MUNICIPAL DO RIO, 2019).

Foto 24 - Velódromo do Pan 2007 - RJ



Fonte: VELÓDROMO MUNICIPAL DO RIO (2019)

A pista desmontada seria levada para outra cidade, inicialmente Goiânia-GO, mas o alto custo para montagem e manutenção fez com que a prefeitura decidisse pela inviabilidade do projeto. Posteriormente, o velódromo foi oferecido para a cidade Pinhais-PR, com uma ajuda de custo do Ministério do Esporte para as obras, mas até 2016 o velódromo ainda se encontrava desmontado com indecisão da prefeitura em razão do alto custo de contrapartida que seria necessário (VELÓDROMO MUNICIPAL DO RIO, 2019).

Em novembro de 2019, as obras do Complexo Velódromo em Pinhais-PR foram iniciadas e a previsão é que seja concluída até o final de 2021. No projeto, o velódromo deverá ser usado pela população, para o treinamento de atletas de alto nível e também para a formação de novos atletas através da implantação de projetos de iniciação ao ciclismo (VICENTE, 2021).

2.2.2. A Confederação Brasileira de Ciclismo

2.2.2.1. Relatório de Atividades

A CBC publicou no sítio eletrônico da entidade os relatórios de atividades realizadas de 2015 a 2018 pelos departamentos financeiro, técnico, arbitragem e alto rendimento.

De acordo com o último Relatório Técnico de Atividades do departamento de Alto Rendimento, apresentado na 39ª Assembleia Geral Ordinária realizada em 2019, e publicado no Portal da Transparência da entidade, o país conquistou em 2018 resultados expressivos em competições internacionais (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE CICLISMO, c2018).

No *Mountain Bike*, o atleta Henrique Avancini foi campeão mundial de Maratona (XCM), além de conquistar a 4ª colocação no Campeonato Mundial de Cross Country (XCO). Luiz Cocuzzi e Raiza Goulão foram campeões Panamericanos e Cocuzzi também conquistou a medalha de prata nos Jogos SulAmericanos. No Ranking Mundial da modalidade, Henrique Avancini chegou a 3ª colocação, enquanto Raiza Goulão, Luiz Cocuzzi e Jaqueline Mourão alcançaram a 25ª, 27ª e 47ª colocações respectivamente. Estes resultados garantiram a conquista de vagas para o Campeonato Mundial, sendo 7 vagas para o masculino elite, 4 vagas para o feminino elite, 3 vagas para o masculino sub 23

e júnior e 7 vagas para o feminino sub 23 e júnior. Além de 2 vagas no masculino e 1 vaga no feminino para a disputa dos Jogos Pan Americanos de Lima no Peru.

No *BMX*, o atleta Anderson Ezequiel conquistou a medalha de bronze no Campeonato Mundial e foi Campeão Panamericano. Priscilla Carnaval também foi campeã Panamericana da modalidade. No ranking mundial individual do *BMX Racing*, Anderson Ezequiel atingiu a 19ª colocação e Priscilla Carnaval a 15ª colocação. E no ranking mundial do *BMX Feestyle Park*, André Souza atingiu a 36ª colocação e Derlayne Roque a 38ª colocação. Para o Campeonato Mundial, o país conquistou 3 vagas na categoria “elite men” e 4 vagas na categoria “elite women”. Para os Jogos Panamericanos, o país conquistou 4 vagas no total, sendo 2 vagas na categoria “elite men” e 2 vagas na categoria “elite women”.

Participando dos Jogos Olímpicos da Juventude, o Brasil conquistou a 12ª colocação geral no *BMX Racing* e a 8ª colocação geral no *BMX Freestyle Park*. No *BMX Racing*, a atleta Maite Barreto conquistou a 8ª colocação e Vitor Marotta a 13ª colocação. No *BMX Feestyle Park*, a atleta Eduarda Bordignon conquistou a 6ª colocação e Wesley Moraes a 8ª colocação.

No Ciclismo de Pista, o time formado por Kácio Freitas, Flavio Cipriano e João Silva conquistou a medalha de bronze na prova Velocidade por Equipe no Campeonato Panamericano de Pista. Nos Jogos Sul Americanos, conquistou três medalhas de bronze com os atletas Gabriel Gomes na prova Keirin, Wellyda Santos na prova Omnium, Flavio Cipriano, João Silva e Kacio Freitas na prova Velocidade por Equipe. No ranking mundial de Keirin, Kacio Freitas alcançou a 20ª posição. No ranking mundial de Velocidade por Equipe, o Brasil alcançou a 20ª colocação. E no ranking mundial de Madison, o Brasil alcançou a 27ª colocação com os resultados conquistados pela dupla formada pelas atletas Wellyda Rodrigues e Daniela Lionço. Para os Jogos Panamericanos de Lima, o Brasil conquistou 3 vagas no masculino e 2 vagas no feminino.

No ciclismo de Estrada, o país alcançou a 8ª posição no Ranking América Tour masculino, a 41ª posição no Ranking World Tour feminino e a 53ª posição no Ranking World Tour masculino. Para os Jogos Panamericanos, o país conquistou 2 vagas, ambas na categoria masculino.

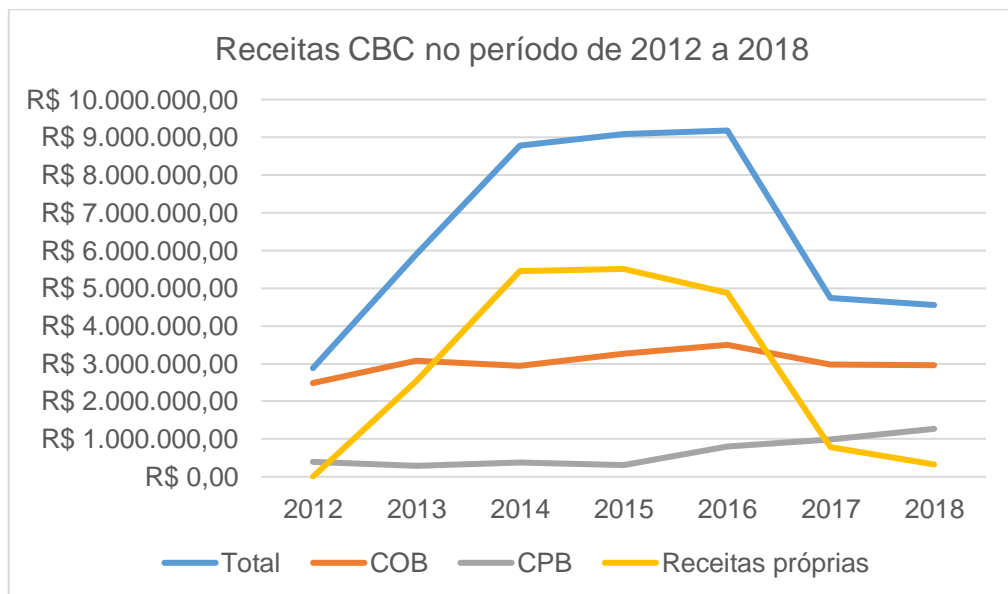
Para a convocação dos atletas das modalidades para os Jogos Panamericanos a CBC adotou os seguintes critérios: a) melhores atletas

ranqueados no Ranking Mundial Individual da UCI ao final do período de classificação e de acordo com a quantidade de vagas do país; b) não estar envolvido em processos disciplinares; c) não estar envolvido em processos ou notificação de doping; d) estar de acordo com o Código de Ética da CBC; e) estar em total condições físicas e técnicas (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE CICLISMO, 2018).

2.2.2.2. Fontes de Recursos Financeiros

No aspecto financeiro, de acordo com o relatório apresentado e disponibilizado publicamente no Portal da Transparência no sítio eletrônico da entidade, a CBC tem como principais receitas os recursos provenientes do Comitê Olímpico do Brasil (COB), Comitê Paralímpico do Brasil (CPB) e outros recursos provenientes de taxas, incentivos fiscais, doações, contrato de mídia e de patrocínios. Ao longo dos anos, as receitas tiveram variações de fontes e valores, como demonstrado na Figura 3 (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE CICLISMO, 2018).

Figura 3 – Gráfico de receitas da CBC no período de 2012 a 2018



Fonte: CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE CICLISMO (2018)

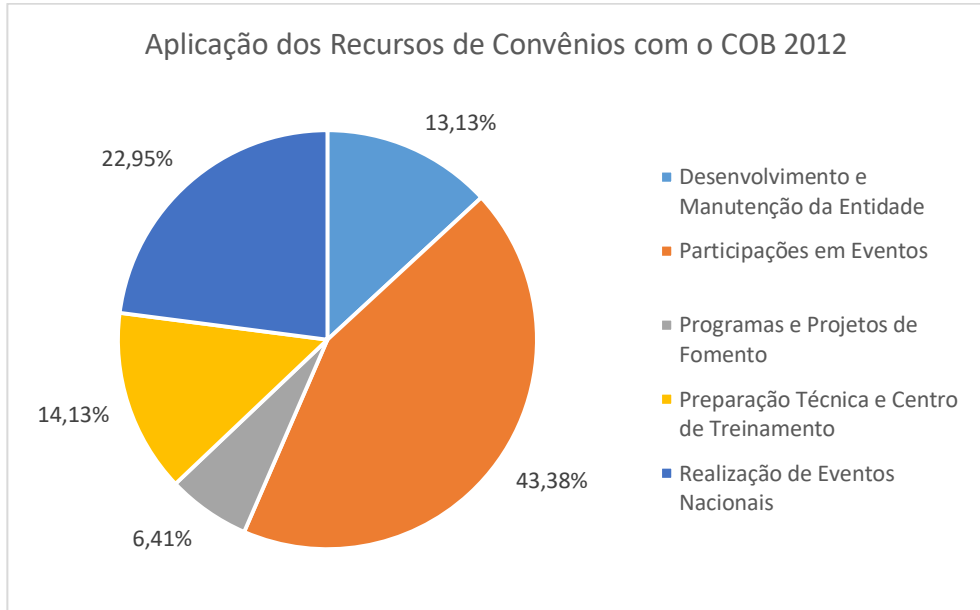
Em 2009, a CBC firmou parceria com seu primeiro patrocinador oficial, 30 anos após a sua fundação. O Banco do Brasil passou a investir no Ciclismo, abrangendo as categorias Júnior, Sub 23 e Elite das modalidades de Estrada, *Mountain Bike*, *Bicicross* e Pista (MAIA, 2009).

Em 2013, a CBC firmou um contrato de patrocínio com a Caixa Econômica Federal (CEF) no valor de 17 milhões de reais, com prazo de vigência até dezembro de 2016. O investimento visava propiciar aos atletas brasileiros condições adequadas para o treinamento e outras entidades também receberam investimentos, como por exemplo a Confederação Brasileira de Atletismo (CBAAt), Confederação Brasileira de Ginástica (CBG) e Confederação Brasileira de Lutas Associadas (CBLA). Segundo o Relatório de Sustentabilidade 2013 da CEF, somente em 2013, foram destinados cerca de 47 milhões de reais para estas entidades (CAIXA ECONÔMICA FEDERAL, 2013).

Em 2017, a CEF anunciou a não renovação do contrato de patrocínio com CBC e com outras Confederações, cortando 98 milhões de reais em patrocínios. Foram mantidos apenas os contratos com a CBAAt, CBG e CPB, mas com redução significativa de valores repassados (VECCHIOLI, 2017).

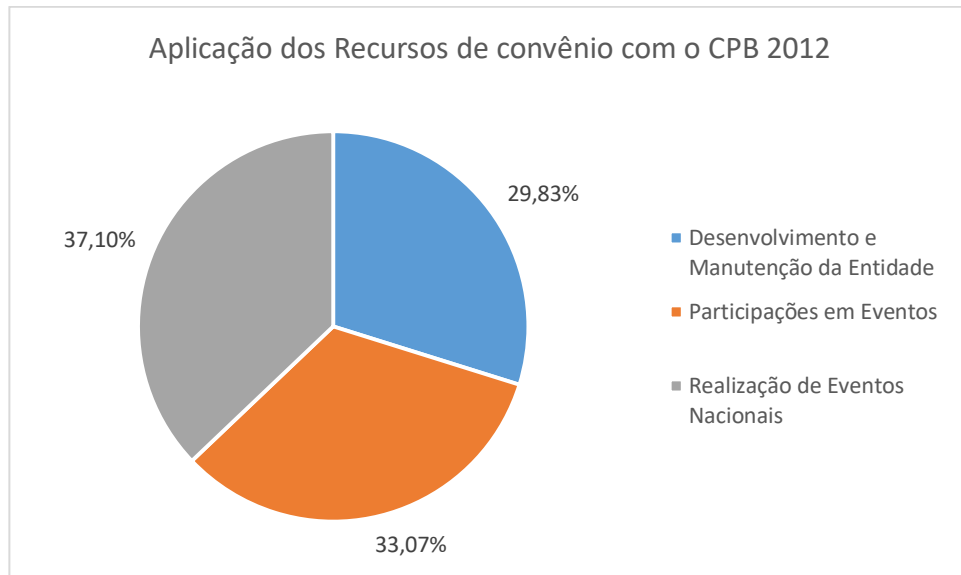
Em 2012, o Relatório de Demonstrações Financeiras, publicado no Portal da Transparência, apresenta que a CBC recebeu R\$ 2.879.164,00 através de convênios com o COB (R\$ 2.485.073,00) e com o CPB (R\$ 394.091,00), conforme demonstrado no Figura 6. Os recursos provenientes do COB foram aplicados em Programas e Projetos de Fomento (R\$ 159.362,00), Desenvolvimento e Manutenção da Entidade (R\$ 326.326,00), Preparação Técnica e Centro de Treinamento (R\$ 351.113,00), Eventos Nacionais (R\$ 570.359,00) e Participação em eventos desportivos (R\$ 1.077.913,00), apresentados na Figura 4. Os recursos provenientes do CPB foram aplicados no Desenvolvimento e Manutenção da Entidade (R\$ 117.557,00), Eventos Nacionais (R\$ 146.226,00) e Participação em Eventos desportivos (R\$ 130.308,00), apresentados na Figura 5 (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE CICLISMO, 2018).

Figura 4 – Gráfico da aplicação dos recursos de convênios com o COB em 2012



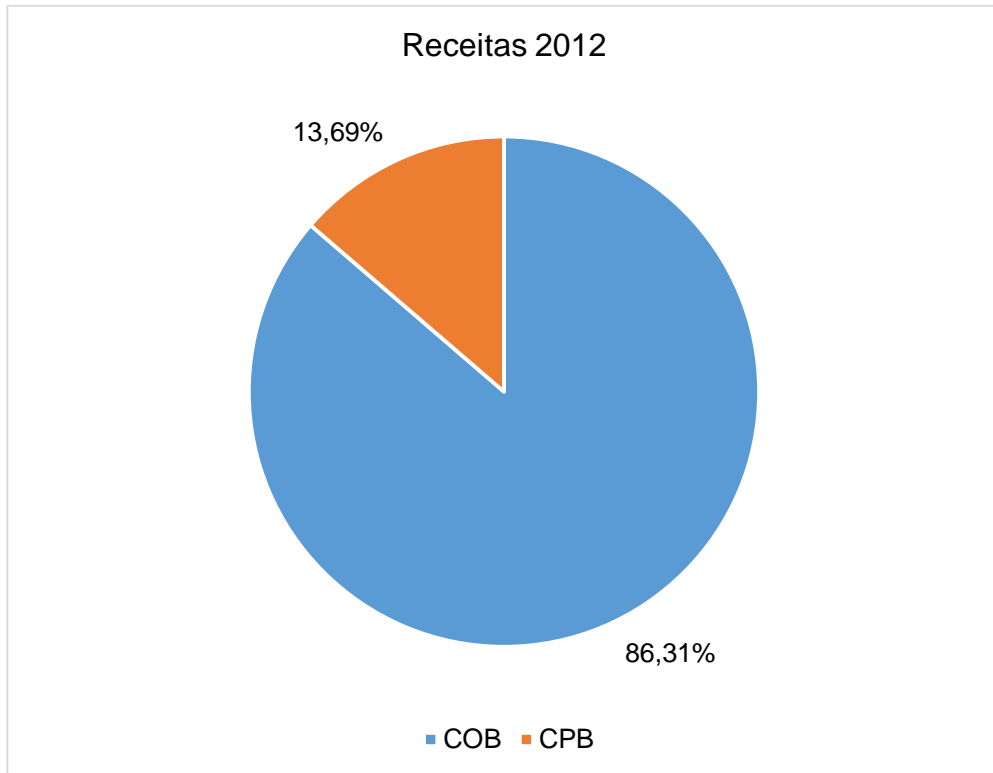
Fonte: CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE CICLISMO (2018)

Figura 5 – Gráfico da aplicação dos recursos de convênios com o CPB em 2012



Fonte: CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE CICLISMO (2018)

Figura 6 – Gráfico das receitas totais da CBC em 2012



Fonte: CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE CICLISMO (2018)

Em 2013, o Relatório de Demonstrações Financeiras apresenta que a CBC recebeu R\$ 5.900.001,00 através de convênios com o COB (R\$ 3.083.547,00), com o CPB (R\$ 290.428,00) e de receitas próprias de taxas, incentivos fiscais, doações, contrato de mídia e patrocínios (R\$ 2.526.026,00), demonstrados na Figura 7. Os valores de patrocínio são referentes ao contrato firmado com a Caixa Econômica Federal (CEF) e os valores de mídia são referentes ao contrato firmado com uma emissora de televisão (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE CICLISMO, 2018).

Em 2014, o Relatório de Demonstrações Financeiras apresenta que a CBC recebeu R\$ 8.782.848,00 através de convênios com o COB (R\$ 2.946.959,00), com o CPB (R\$ 375.798,00) e de receitas próprias de taxas, incentivos fiscais, doações, contrato de mídia e patrocínios (R\$ 5.460.091,00), demonstrados na Figura 8. Os valores de patrocínio são referentes ao contrato firmado com a Caixa Econômica Federal (CEF) e os valores de mídia são referentes ao contrato firmado com uma emissora de televisão (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE CICLISMO, 2018).

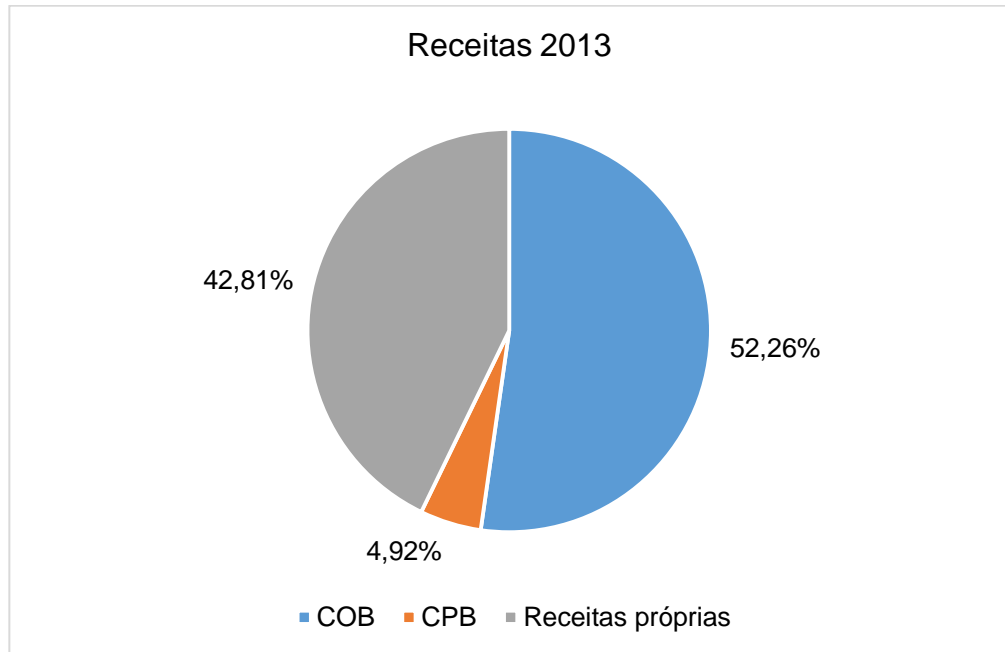
Em 2015, o Relatório de Demonstrações Financeiras apresenta que a CBC recebeu R\$ 9.088.415,00 através de convênios com o COB (R\$ 3.263.329,00), com o CPB (R\$ 316.118,00) e de receitas próprias de taxas, contrato de mídia e patrocínios (R\$ 5.508.968,00), demonstrados na Figura 9. Os valores de patrocínio são referentes ao contrato firmado com a Caixa Econômica Federal (CEF) e os valores de mídia são referentes ao contrato firmado com uma emissora de televisão (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE CICLISMO, 2018).

Em 2016, o Relatório de Demonstrações Financeiras apresenta que a CBC recebeu R\$ 9.178.229,00 através de convênios com o COB (R\$ 3.497.373,00), com o CPB (R\$ 805.881,00) e de receitas próprias de taxas e patrocínios (R\$ 4.874.975,00), demonstrados na Figura 10. Os valores de patrocínio são referentes ao contrato firmado com a Caixa Econômica Federal (CEF) (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE CICLISMO, 2018).

Em 2017, o Relatório de Demonstrações Financeiras apresenta que a CBC recebeu recursos que totalizaram R\$ 4.734.273,00 através de convênios com o COB (R\$ 2.968.428,00), com o CPB (R\$ 982.140,00) e de receitas próprias de taxas e patrocínios (R\$ 783.705,00), demonstrados na Figura 11 (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE CICLISMO, 2018).

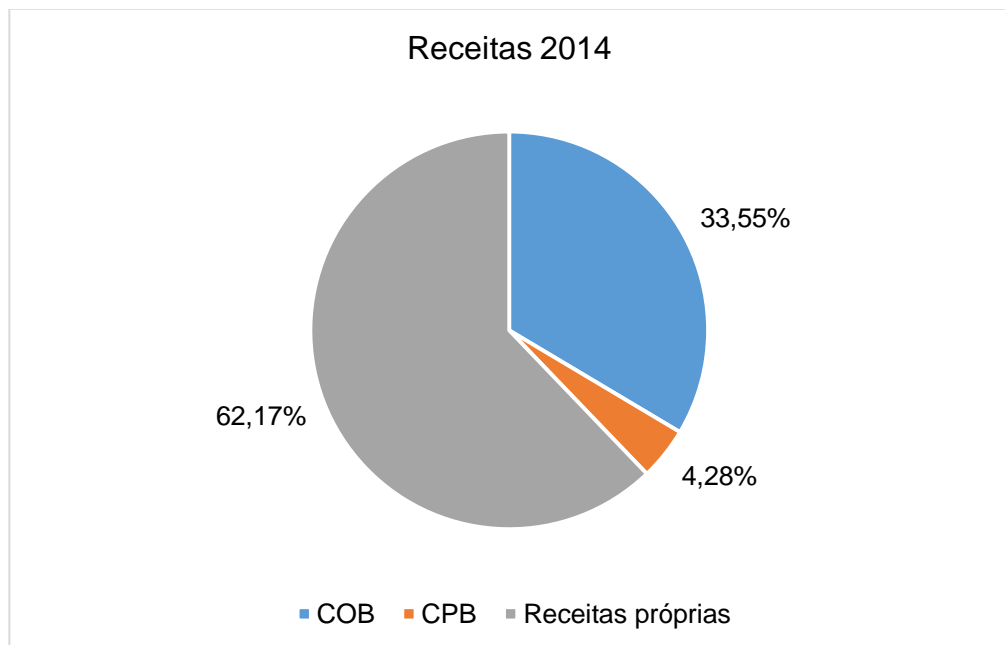
Em 2018, o Relatório Financeiro e o Relatório de Demonstrações Financeiras, apresentam que a CBC recebeu recursos que totalizaram R\$ 4.556.920,00 através de convênios com o Comitê Olímpico do Brasil (COB) e Lei Agnelo Piva (R\$ 2.957.636,00), convênios com o Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) e Lei Agnelo Piva (R\$ 1.271.384,00) e receitas próprias de taxas e doações (R\$ 327.900,00), demonstrados na Figura 12. Os recursos provenientes do COB foram aplicados na preparação técnica e equipe multidisciplinar (33,87%), impostos e encargos (18,91%), participação em eventos (38,70%) e fomento à modalidade (8,52%), demonstrados na Figura 13. Os recursos provenientes do CPB foram aplicados com despesas gerais (22,31%), impostos e encargos (9,31%) e participação da seleção brasileira em eventos (68,38%), demonstrados na Figura 14 (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE CICLISMO, 2018).

Figura 7 – Gráfico das receitas totais da CBC em 2013



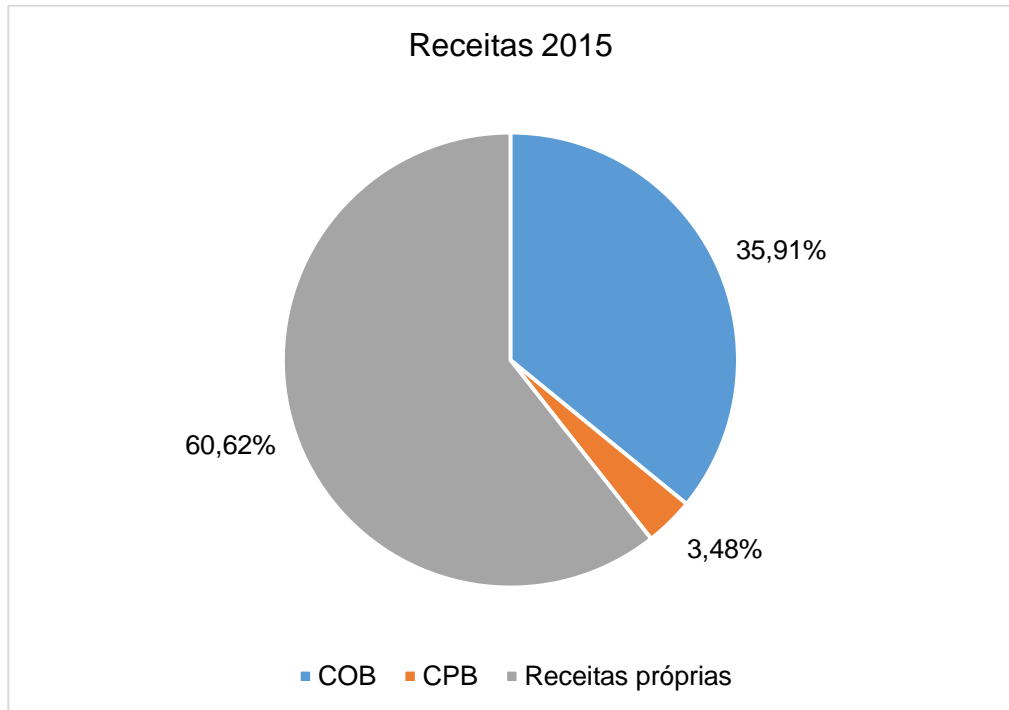
Fonte: CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE CICLISMO (2018)

Figura 8 – Gráfico das receitas totais da CBC em 2014



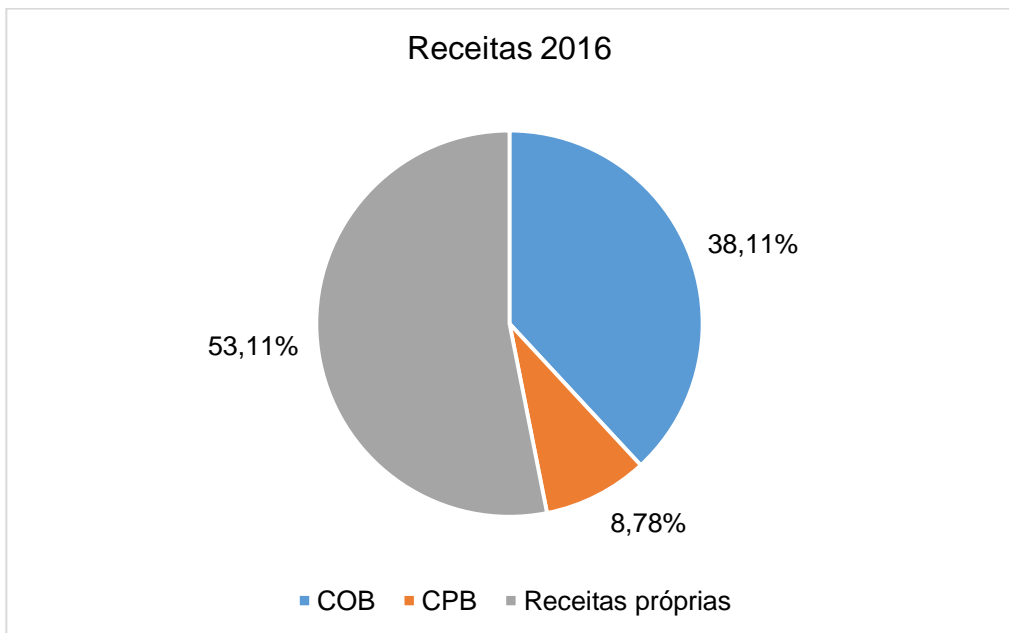
Fonte: CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE CICLISMO (2018)

Figura 9 – Gráfico das receitas totais da CBC em 2015



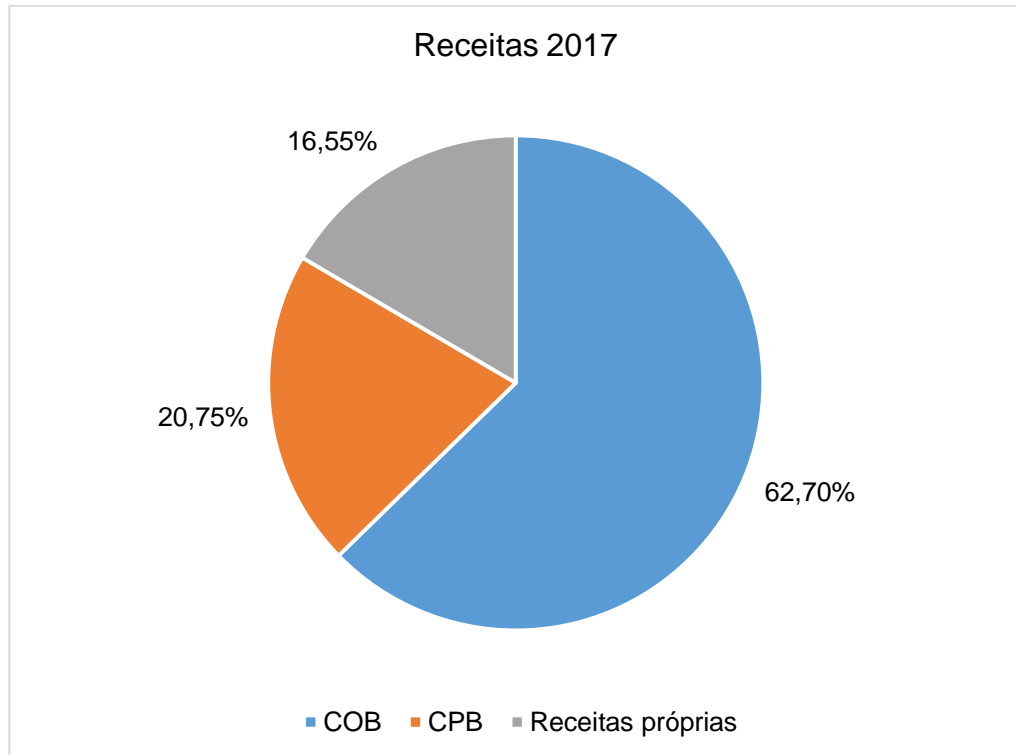
Fonte: CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE CICLISMO (2018)

Figura 10 – Gráfico das receitas totais da CBC em 2016



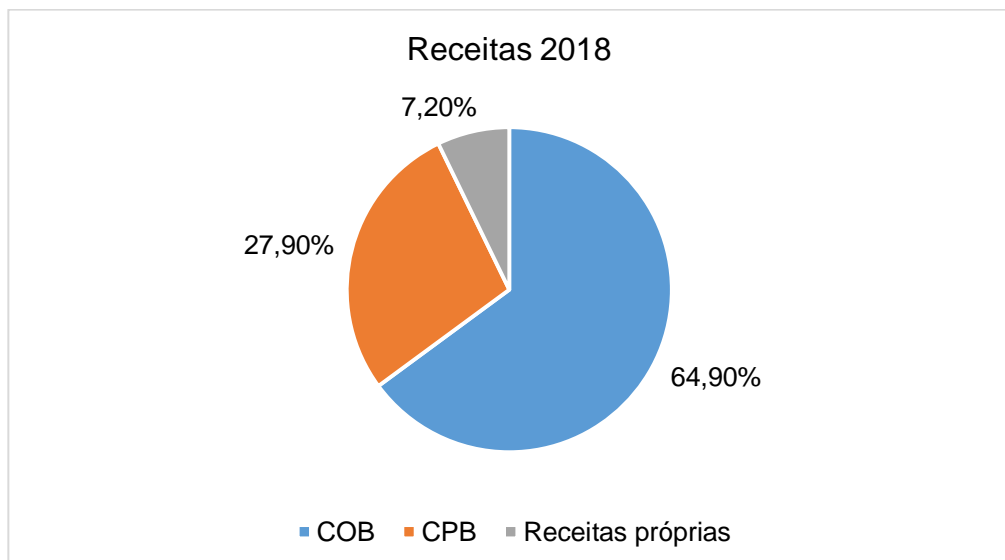
Fonte: CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE CICLISMO (2018)

Figura 11 – Gráfico das receitas totais da CBC em 2017



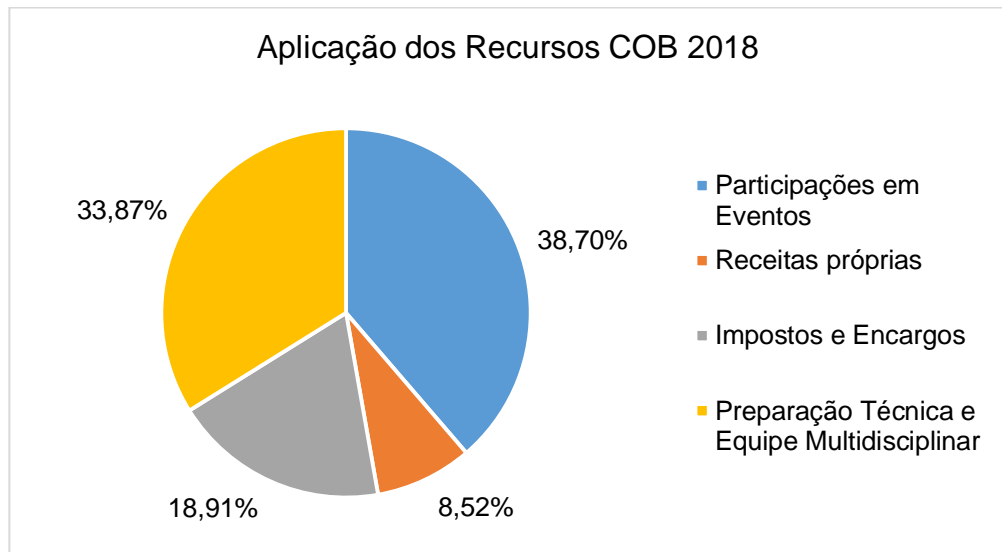
Fonte: CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE CICLISMO (2018)

Figura 12 – Gráfico das receitas totais da CBC em 2018



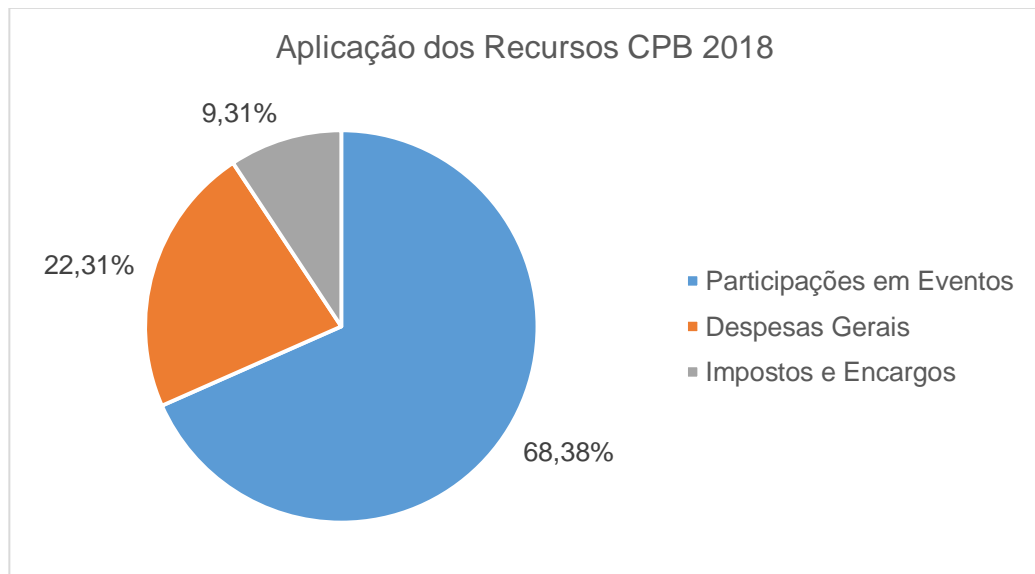
Fonte: CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE CICLISMO (2018)

Figura 13 – Gráfico das aplicação dos Recursos dos convênios com o COB em 2018



Fonte: CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE CICLISMO (2018)

Figura 14 – Gráfico da aplicação dos Recursos dos convênios com o CPB em 2018



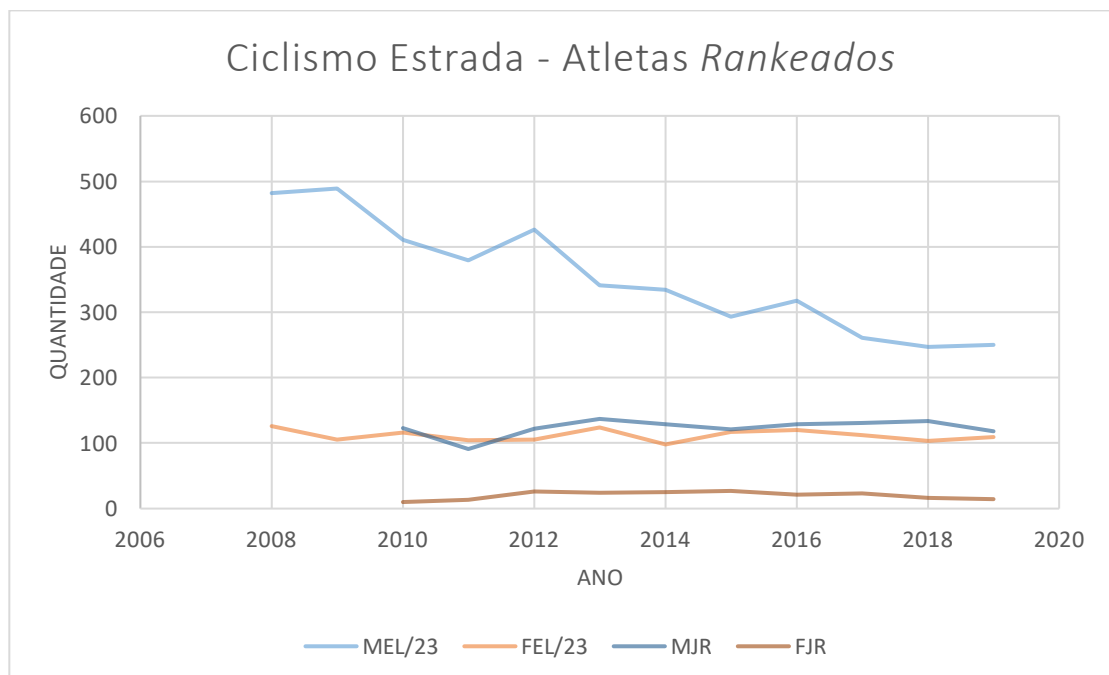
Fonte: CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE CICLISMO (2018)

2.2.2.3. *Ranking Nacional de Atletas*

Anualmente os atletas de ciclismo devem regularizar a sua filiação junto à Federação de Ciclismo do seu Estado, mediante envio de documentação e pagamento da taxa de filiação, que pode variar entre as Federações. O registro é enviado para a Confederação Brasileira de Ciclismo (CBC) e o atleta passa a disputar o Ranking Nacional na disciplina a qual está filiado. As provas do calendário oficial da CBC somam pontos para os atletas e a soma dos pontos gera o *Ranking* individual, por disciplina, categoria e gênero.

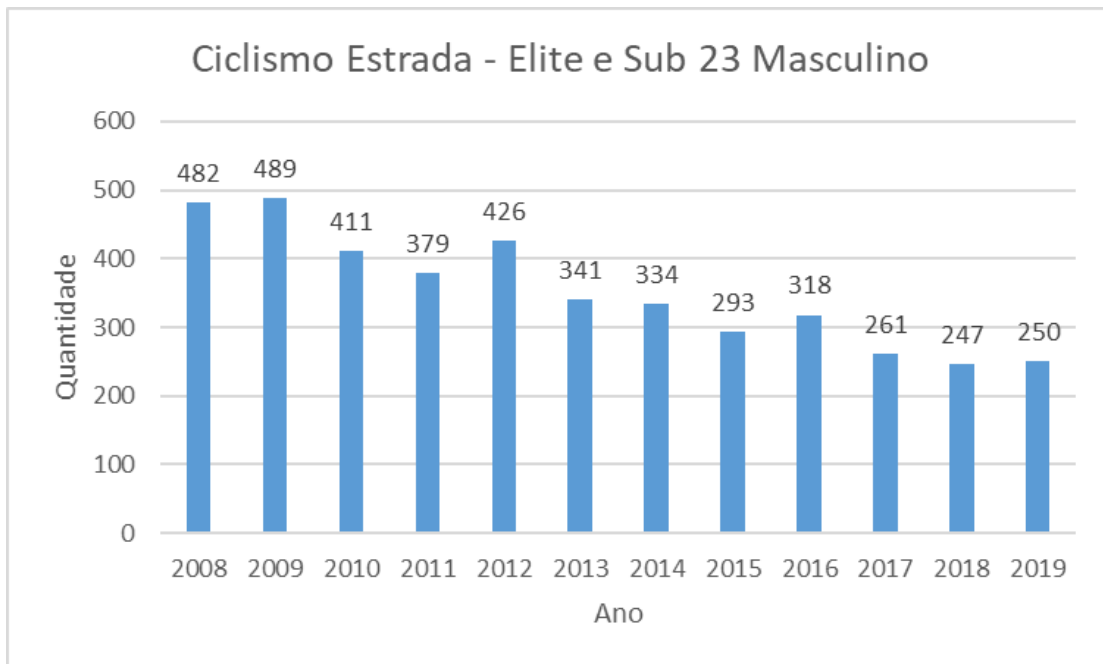
Com base nos arquivos disponíveis no site oficial da CBC, de 2008 a 2019, é possível identificar uma variabilidade na quantidade de atletas que figuram no *Ranking* de Ciclismo de Estrada, apresentada de maneira geral na Figura 15 e apresentada de acordo com as categorias, elite e sub 23 masculino na Figura 16, elite e sub 23 feminino na Figura 17, júnior masculino na Figura 18 e júnior feminino na Figura 19 (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE CICLISMO, 2020).

Figura 15 – Gráfico do número total de atletas ranqueados no Ciclismo de Estrada de 2008 a 2019, masculino e feminino



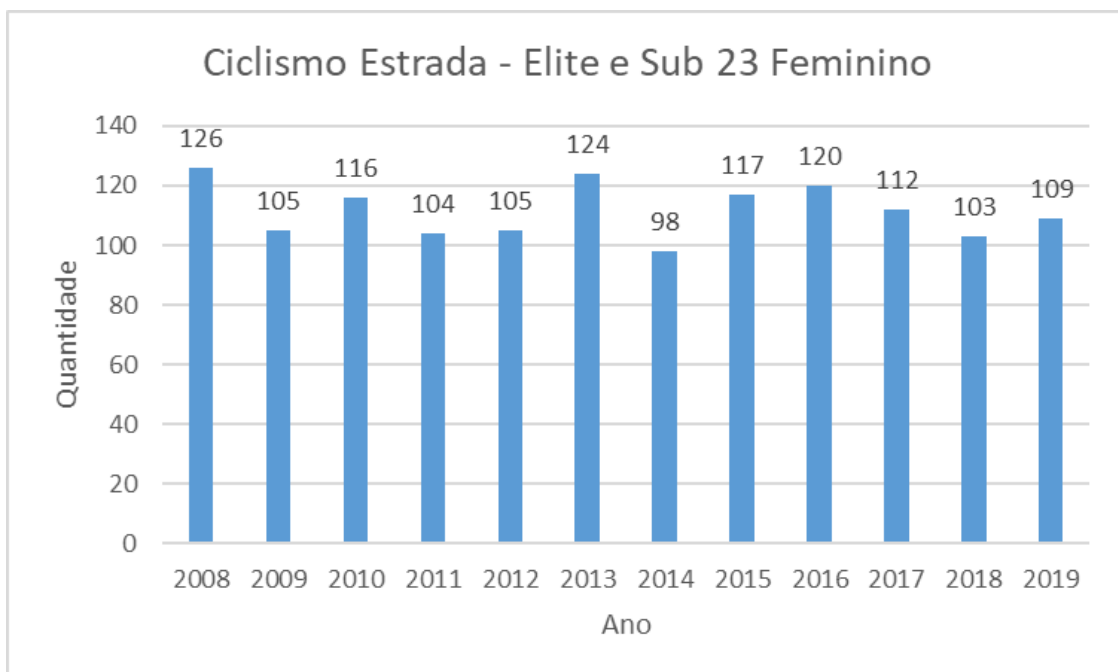
Fonte: CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE CICLISMO (2020)

Figura 16 - Gráfico do número de atletas ranqueados no Ciclismo de Estrada Masculino - Categorias Elite e Sub 23 - de 2008 a 2019



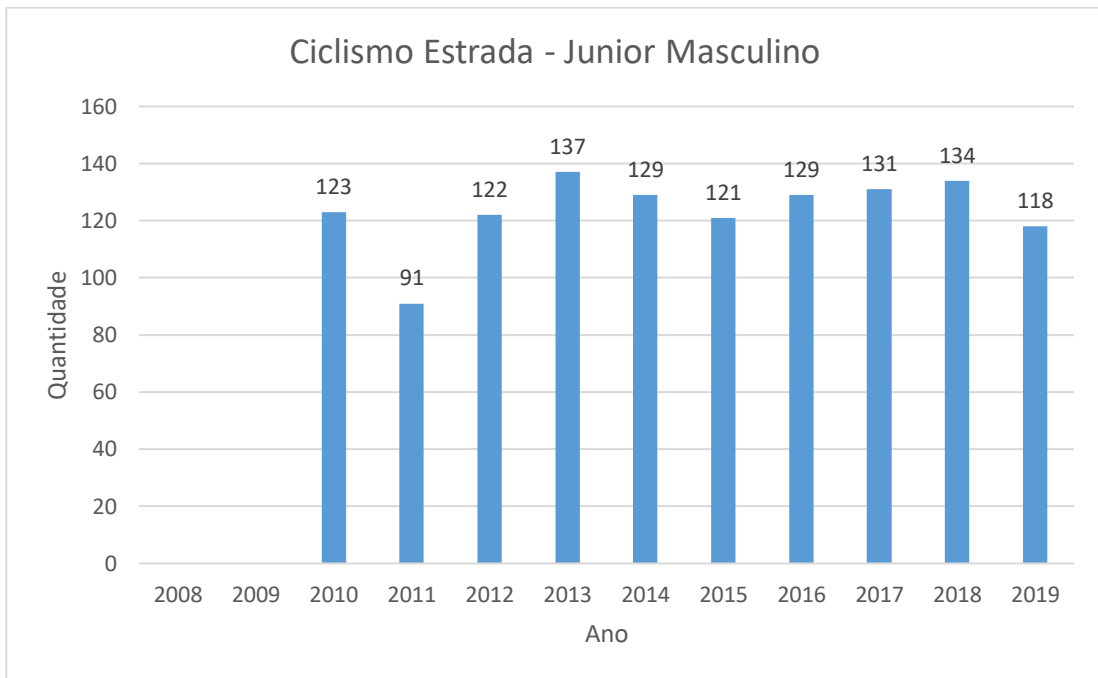
Fonte: CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE CICLISMO (2020)

Figura 17 - Gráfico do número de atletas ranqueados no Ciclismo de Estrada Feminino - Categorias Elite e Sub 23 - de 2008 a 2019



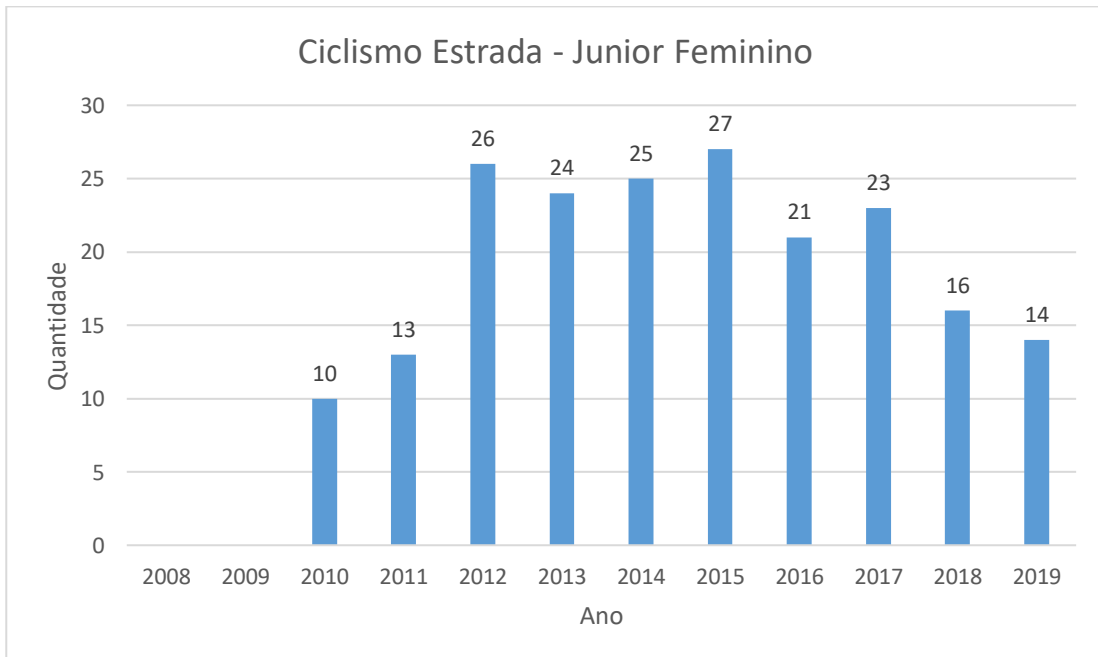
Fonte: CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE CICLISMO (2020)

Figura 18 - Gráfico do número de atletas ranqueados no Ciclismo de Estrada Masculino - Categoria Júnior - de 2010 a 2019



Fonte: CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE CICLISMO (2020)

Figura 19 - Gráfico do número de atletas ranqueados no Ciclismo de Estrada Feminino - Categoria Júnior - de 2010 a 2019



Fonte: CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE CICLISMO (2020)

2.2.3. A Delegação de Ciclismo do Brasil em edições dos Jogos Olímpicos do Século XXI

Desde o início do Século XXI o Brasil alcançou a classificação para todas as edições dos Jogos Olímpicos em pelo menos uma das modalidades, mas não chegou a conquistar medalhas.

Nas últimas seis edições dos Jogos Olímpicos (1996, 2000, 2004, 2008, 2012 e 2016), linha de tempo de corte do objeto deste estudo, houve a classificação e participação de ciclistas brasileiros, de acordo com pesquisa realizada em fontes documentais eletrônicas, apresentadas nas Figuras 20, 21, 22, 23, 24, 25 e 26.

Atlanta 1996

A delegação brasileira foi composta por 221 atletas em 18 esportes. Nesta edição, o Brasil conquistou 15 medalhas no total, sendo 3 de ouro, 3 de prata e 9 de bronze. O ciclismo foi representado apenas por atletas homens, nas disciplinas de ciclismo de estrada (resistência e contra relógio individual) e *Mountain Bike*. No ciclismo de estrada resistência competiram os atletas Mauro Ribeiro, único brasileiro a finalizar a prova (91ª posição), e os atletas Hernandes Quadri Júnior, Jamil Suaiden, Marcio May e Daniel Rogelin que não finalizaram a prova. No ciclismo de estrada contra relógio individual, Hernandes Quadri Júnior e Valdir Lermen finalizaram na 35ª e 36ª colocações respectivamente. No *Mountain Bike*, Marcio Ravelli e Ivanir Lopes representaram o Brasil e finalizaram na 27ª e 35ª colocações (BRASIL NOS JOGOS OLÍMPICOS DE VERÃO DE 1996, 2020).

Sydney 2000

Nesta edição dos Jogos Olímpicos, a delegação brasileira foi composta por 205 atletas em 20 esportes. O país conquistou 12 medalhas no total, sendo 6 medalhas de prata e 6 medalhas de bronze.

O país conseguiu a classificação para o ciclismo nas modalidades ciclismo de estrada e *Mountain Bike*, tendo 4 atletas participantes. No Ciclismo de Estrada o atleta Murilo Fischer obteve a 89ª colocação, Claudia Carceroni obteve a 44ª colocação e Janildes Fernandes obteve a 49ª colocação; no *Mountain Bike* Renato Seabra MTB não finalizou a prova (SANTO, 2006).

Atenas 2004

A delegação do Brasil foi composta por 247 atletas, sendo 125 homens e 122 mulheres, em 22 modalidades. Foram conquistadas um total de 10 medalhas, sendo 5 de ouro, 2 de prata e 3 de bronze. No ciclismo, o Brasil não conseguiu a classificação no ciclismo de Pista, tendo 5 atletas competindo no ciclismo de estrada e *Mountain Bike*.

Os atletas Luciano Pagliarini, Murilo Fischer e Marcio May foram os representantes brasileiros no ciclismo de estrada masculino. No feminino Janildes Fernandes competiu no ciclismo de estrada e Jaqueline Mourão no *Mountain Bike* (BRASIL NOS JOGOS OLÍMPICOS DE VERÃO DE 2004, 2020).

Pequim 2008

Na edição dos Jogos Olímpicos realizados em Pequim, na China, a delegação brasileira foi chefiada por Marcos Vinicius Freire e contou com a participação de 277 atletas de 31 modalidades. Nesta edição, o ciclismo *BMX* e ciclismo de Pista do Brasil não conseguiram a classificação. O país foi representado por 5 ciclistas, nas modalidades ciclismo de Estrada, *BMX* e *Mountain Bike*. No ciclismo de Estrada masculino, Murilo Fischer foi o melhor brasileiro, na 19ª colocação e Luciano Pagliarini finalizou na 89ª colocação. No feminino, Clemilda Silva foi a representante do Brasil e finalizou a prova na 51ª colocação. No *Mountain Bike*, Rubens Donizete finalizou na 21ª colocação e Jaqueline Mourão na 19ª colocação (BRASIL NOS JOGOS OLÍMPICOS DE VERÃO DE 2008, 2020).

Londres 2012

Disputada em Londres, na Grã-Bretanha, no período de 27 de julho a 12 de agosto, a delegação brasileira foi chefiada pelo ex-jogador de voleibol Bernard Rajzman e formada por 252 atletas em 32 modalidades. Esta edição dos Jogos Olímpicos foi marcada por feitos importantes para o esporte nacional, dentre eles, a primeira participação do Brasil no ciclismo *BMX* Olímpico, com o atleta Renato Rezende. A delegação brasileira de ciclismo foi composta por 9 atletas, que competiram as modalidades *BMX*, Estrada e *Mountain Bike*.

No *BMX* os atletas que representaram o Brasil foram: Renato Rezende, eliminado nas quartas de final da prova masculina e Squel Stein, eliminada na semi final da prova feminina. No ciclismo de Estrada o Brasil participou com três atletas no feminino, sendo a melhor colocada Clemilda Fernandes na 23ª colocação. As atletas Janildes Fernandes e Fernanda da Silva Souza não finalizaram a prova. No masculino, o Brasil também competiu com três atletas. Murilo Fischer foi o melhor colocado brasileiro, na 32ª colocação, enquanto que os atletas Gregolry Panizo e Magno Nazaret não finalizam a competição. No *Mountain Bike*, o Brasil foi representado pelo atleta Rubens Donizete que finalizou a competição na 24ª colocação. Nesta edição, o Brasil não teve representantes no *Mountain Bike* Feminino e no ciclismo de Pista (BRASIL NOS JOGOS OLÍMPICOS DE VERÃO DE 2012, 2020; CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE CICLISMO, 2016).

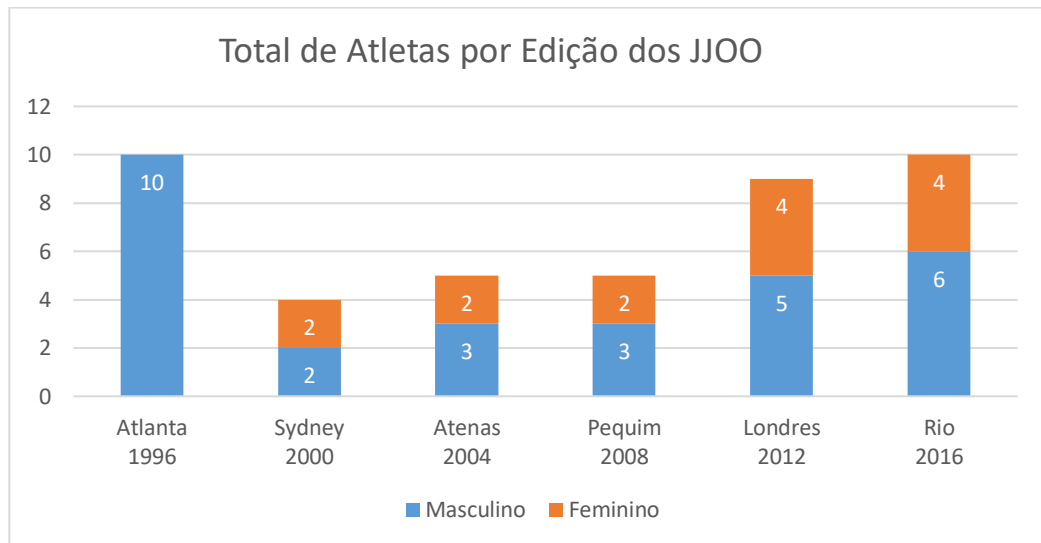
A preparação dos atletas para os JJOO Rio 2016, desde o período da conquista pelas vagas exigiu grande esforço por parte dos atletas e entidades. Para ter acesso a novas tecnologias, que serão apresentadas ao longo desta pesquisa, e melhorar o desempenho esportivo competitivo, alguns ciclistas fizeram a sua preparação para os JJOO Rio 2016 fora do Brasil, residindo períodos em outros países ou participando de competições internacionais no exterior.

Figura 20 – Tabela da quantidade de atletas de ciclismo do Brasil participantes das edições dos Jogos Olímpicos de 1996 a 2016, por disciplina e gênero

| | Total de Atletas | Estrada | | | | <i>Mountain Bike</i> | | Pista | | <i>BMX</i> | |
|---|------------------|-------------|---|-----|---|----------------------|---|-------|---|------------|---|
| | | Resistência | | CRI | | | | | | | |
| | | M | F | M | F | M | F | M | F | M | F |
| Atlanta 1996 (Estreia do MTB) | 10 | 5 | 0 | 2 | 0 | 3 | 0 | 0 | 0 | | |
| Sydney 2000 | 4 | 1 | 2 | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | | |
| Atenas 2004 | 5 | 3 | 1 | 0 | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | | |
| Pequim 2008 (Estreia do <i>BMX</i>) | 5 | 2 | 1 | 1 | 0 | 1 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| Londres 2012 | 9 | 3 | 3 | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 1 | 1 |
| Rio 2016 | 10 | 2 | 2 | 0 | 0 | 2 | 1 | 1 | 0 | 1 | 1 |

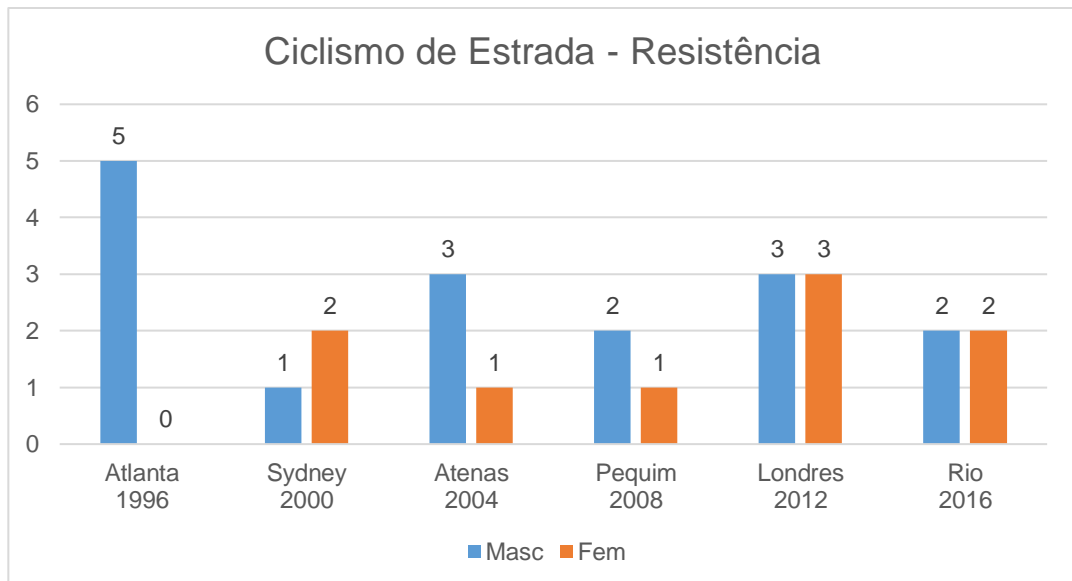
Fonte: BRASIL NOS JOGOS OLÍMPICOS DE VERÃO DE 1996, 2020; SANTO, 2006; BRASIL NOS JOGOS OLÍMPICOS DE VERÃO DE 2004, 2020; BRASIL NOS JOGOS OLÍMPICOS DE VERÃO DE 2008, 2020; BRASIL NOS JOGOS OLÍMPICOS DE VERÃO DE 2012, 2020; CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE CICLISMO, 2016

Figura 21 – Gráfico do total de atletas por edição dos Jogos Olímpicos, de 1996 a 2016



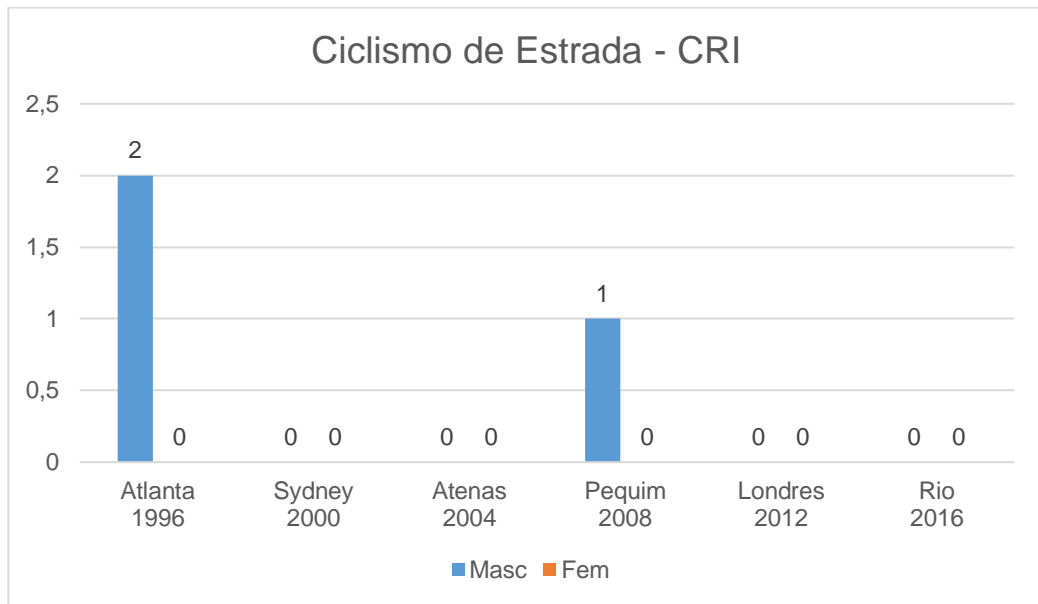
Fonte: BRASIL NOS JOGOS OLÍMPICOS DE VERÃO DE 1996 (2020); SANTO (2006); BRASIL NOS JOGOS OLÍMPICOS DE VERÃO DE 2004 (2020); BRASIL NOS JOGOS OLÍMPICOS DE VERÃO DE 2008 (2020); BRASIL NOS JOGOS OLÍMPICOS DE VERÃO DE 2012 (2020); CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE CICLISMO (2016)

Figura 22 – Gráfico do total de atletas de Ciclismo de Estrada – Resistência - por edição dos Jogos Olímpicos, de 1996 a 2016



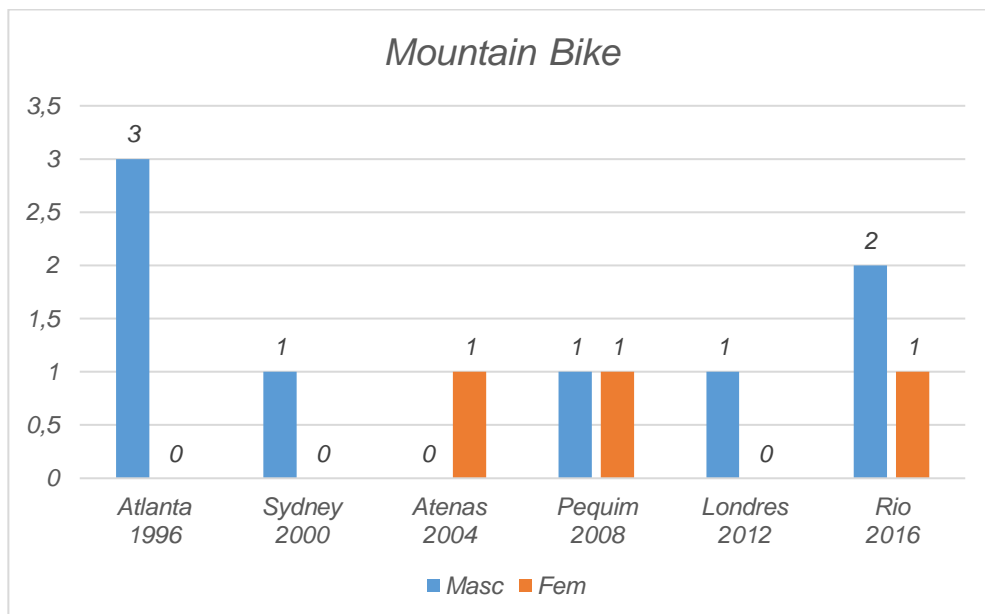
Fonte: BRASIL NOS JOGOS OLÍMPICOS DE VERÃO DE 1996 (2020); SANTO (2006); BRASIL NOS JOGOS OLÍMPICOS DE VERÃO DE 2004 (2020); BRASIL NOS JOGOS OLÍMPICOS DE VERÃO DE 2008 (2020); BRASIL NOS JOGOS OLÍMPICOS DE VERÃO DE 2012 (2020); CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE CICLISMO (2016)

Figura 23 – Gráfico do total de atletas de Ciclismo de Estrada – Contra Relógio Individual (CRI) - por edição dos Jogos Olímpicos, de 1996 a 2016



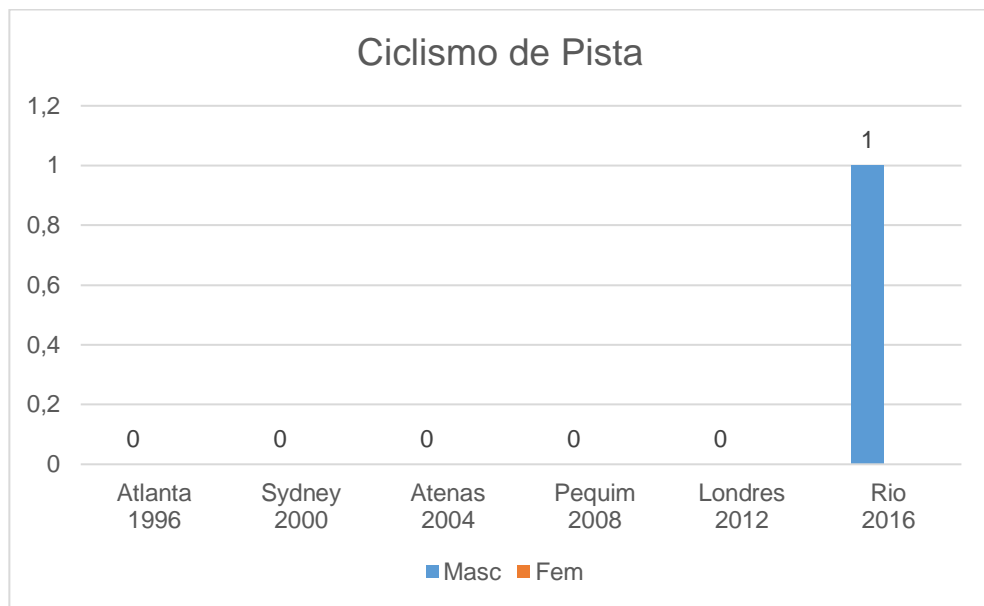
Fonte: BRASIL NOS JOGOS OLÍMPICOS DE VERÃO DE 1996 (2020); SANTO (2006); BRASIL NOS JOGOS OLÍMPICOS DE VERÃO DE 2004 (2020); BRASIL NOS JOGOS OLÍMPICOS DE VERÃO DE 2008 (2020); BRASIL NOS JOGOS OLÍMPICOS DE VERÃO DE 2012 (2020); CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE CICLISMO (2016)

Figura 24 – Gráfico do total de atletas de *Mountain Bike* por edição dos Jogos Olímpicos, de 1996 a 2016



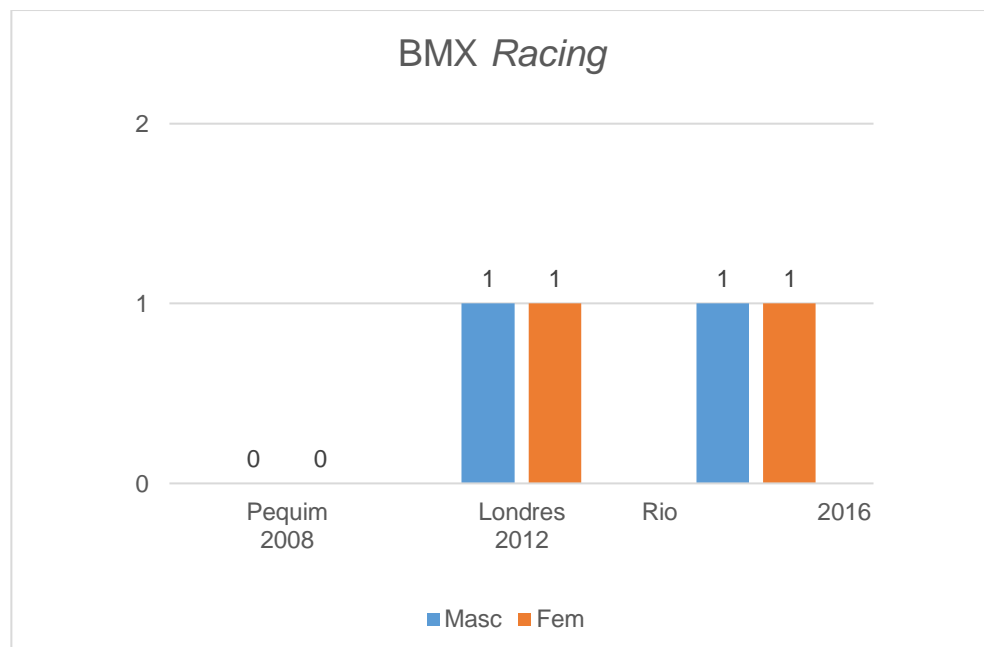
Fonte: BRASIL NOS JOGOS OLÍMPICOS DE VERÃO DE 1996 (2020); SANTO (2006); BRASIL NOS JOGOS OLÍMPICOS DE VERÃO DE 2004 (2020); BRASIL NOS JOGOS OLÍMPICOS DE VERÃO DE 2008 (2020); BRASIL NOS JOGOS OLÍMPICOS DE VERÃO DE 2012 (2020); CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE CICLISMO (2016)

Figura 25 – Gráfico do total de atletas de Ciclismo de Pista por edição dos Jogos Olímpicos, de 1996 a 2016



Fonte: BRASIL NOS JOGOS OLÍMPICOS DE VERÃO DE 1996 (2020); SANTO (2006); BRASIL NOS JOGOS OLÍMPICOS DE VERÃO DE 2004 (2020); BRASIL NOS JOGOS OLÍMPICOS DE VERÃO DE 2008 (2020); BRASIL NOS JOGOS OLÍMPICOS DE VERÃO DE 2012 (2020); CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE CICLISMO (2016)

Figura 26 – Gráfico do total de atletas de *BMX Racing* por edição dos Jogos Olímpicos, de 1996 a 2016



Fonte: BRASIL NOS JOGOS OLÍMPICOS DE VERÃO DE 1996 (2020); SANTO (2006); BRASIL NOS JOGOS OLÍMPICOS DE VERÃO DE 2004 (2020); BRASIL NOS JOGOS OLÍMPICOS DE VERÃO DE 2008 (2020); BRASIL NOS JOGOS OLÍMPICOS DE VERÃO DE 2012 (2020); CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE CICLISMO (2016)

2.3. OS JOGOS OLÍMPICOS RIO 2016

2.3.1. CANDIDATURA DO BRASIL PARA SEDIAR OS JOGOS OLÍMPICOS

A primeira fase do processo de seleção da cidade-sede dos Jogos Olímpicos de Verão inicia-se com a candidatura das cidades, mediante a entrega ao Comitê Olímpico Internacional (COI) de um documento apresentando os planos a serem cumpridos caso a cidade seja escolhida para sediar o evento. Após uma análise inicial, o COI elege as cidades oficialmente candidatas que serão analisadas na segunda fase.

A segunda fase consiste em um detalhamento do documento inicial com posterior visita “*in loco*” nas cidades candidatas. Posteriormente, ocorre a votação válida somente para os membros oficiais do COI, com direito a um voto cada membro. A cidade candidata mais votada é eleita como cidade-sede (RONDINELLI, 2020).

Por três vezes o Brasil protocolou os documentos para a candidatura como cidade-sede dos Jogos Olímpicos. No início dos anos 90, o governo lançou a candidatura para Brasília-2000, com o principal objetivo de festejar os 500 anos do descobrimento do Brasil. Porém a candidatura foi eliminada pelo COI antecipadamente e não avançou para a fase de votação.

Em 1995, o governo brasileiro apresentou nova candidatura para os JJOO de 2004, alterando a cidade-sede, que desta vez seria o Rio de Janeiro. Porém, assim como na tentativa anterior, a candidatura brasileira não avançou para a fase das votações, sendo derrotada por Buenos Aires.

Em 2003, o Brasil fez nova tentativa e após uma votação interna entre Rio de Janeiro e São Paulo, o Rio de Janeiro foi apresentado novamente para a edição de 2012. Este projeto apresentava a realização futura dos Jogos Pan Americanos 2007 como comprovação de capacidade técnica, porém, sem ter ainda sediado o evento continental, a Rio-2012 também não avançou para a fase final de votação por não preencher os requisitos técnicos mínimos em setores como infraestrutura, estrutura e impacto ambiental, acomodações, transporte, segurança e apoio financeiro. No relatório da reprovação, o planejamento financeiro e de transporte foram criticados pelo COI, bem como o planejamento de segurança que previa concentrar todas as competições na Barra da Tijuca. Até a data da reprovação, a

prefeitura do Rio de Janeiro já havia investido R\$ 5,5 milhões na campanha e teria ainda reservado mais R\$ 53 milhões até o final da campanha.

Mesmo com todas as reprovações anteriores, o governo brasileiro oficializou em 7 de setembro de 2007 a candidatura para a Rio-2016, mas desta vez com a experiência e o legado adquiridos com a realização do Pan Americano 2007. “O Pan é uma oportunidade única para o Brasil sediar os Jogos Olímpicos. A experiência e o legado que estamos adquirindo, além das instalações que estão prontas ou em andamento, serão fundamentais para esta conquista”, disse Carlos Arthur Nuzman, na época presidente do Comitê Organizador do Pan (RANGEL 2007)

Em junho de 2008 o Rio de Janeiro foi anunciado oficialmente pelo COI como cidade candidata a sediar os Jogos Olímpicos de 2016, concorrendo com Chicago (Estados Unidos), Tóquio (Japão) e Madrid (Espanha). Esta foi a primeira vez que o Brasil passou para a fase de votação e a candidatura contou com um relatório detalhado das ações, além da visita “*in loco*” da Comissão Avaliadora à Cidade que ocorreu em Abril de 2009, ou seja, após a realização do Pan Americano em 2007 (CANDIDATURA DO RIO DE JANEIRO PARA OS JOGOS OLÍMPICOS DE VERÃO 2016, 2020).

Segundo relatório final apresentado pelo COI, noticiado pelo site Globo Esporte.com (2008), considerando as quatro cidades finalistas, o Rio de Janeiro apresentava a menor nota em todos os critérios, estabelecendo uma nota final igual a 6,4, contra 8,3 de Tóquio, 8,1 de Madrid e 7,0 de Chicago.

No dia 2 de outubro de 2009 o Rio de Janeiro foi anunciado como sede dos Jogos Olímpicos 2016, após votação dos membros do COI ocorrida na cidade de Copenhague, na Dinamarca, vencendo Madrid por 66 votos a 32. Esta seria a primeira vez que o Brasil e a América do Sul sediariam uma edição dos Jogos Olímpicos (CANDIDATURA DO RIO DE JANEIRO PARA OS JOGOS OLÍMPICOS DE VERÃO 2016, 2020).

2.3.1. O ciclismo nos Jogos Olímpicos Rio 2016

As competições de Ciclismo nos JJOO Rio 2016 foram realizadas entre os dias 4 e 21 de agosto, com a disputa de 18 eventos (ou provas), sendo 9 provas

para homens e 9 provas para mulheres. As competições utilizaram 4 espaços físicos diferentes, sendo que as provas foram divididas em 4 modalidades: Estrada, dividida em prova de Contra o Relógio (circuito no Pontal, no bairro de Recreio dos Bandeirantes no extremo sul do Rio de Janeiro) e em prova de Resistência (largada e chegada no Forte de Copacabana, com um circuito passando pelas praias de Ipanema, Barra, Reserva de Marapendi, seguindo pela estrada costeira sentido Pontal e Grumari, com direção à Vista Chinesa e Gávea); Mountain Bike (pista construída no Parque Radical de Deodoro); BMX (pista construída no Parque Radical de Deodoro); e Ciclismo de Pista, dividida em 5 provas, as quais são, a saber, Velocidade por Equipes, Velocidade Individual, *Keirin*, Perseguição por Equipe e *Omnium* (Velódromo do Parque Olímpico da Barra), seguindo o regulamento dos Jogos Olímpicos (CICLISMO NOS JOGOS OLÍMPICOS DE VERÃO 2016, 2020).

2.3.2. Caracterização das provas de Ciclismo nos JJOO Rio 2016

A) Ciclismo Estrada

- **Corrida em Estrada (Prova de Resistência):** Nesta prova, todos os atletas partem ao mesmo tempo, tendo como vencedor o primeiro atleta que cruzar a linha de chegada. Nos JJOO Rio 2016, a prova feminina teve a participação de 67 atletas e percorreu um total de 141 quilômetros; e a prova masculina teve a participação de 144 atletas e percorreu 241,5 quilômetros, em ruas e avenidas da cidade, com largada e chegada no Forte de Copacabana, percorrendo um circuito que passava pelas praias de Ipanema, Barra, Reserva de Marapendi, seguindo pela estrada costeira sentido Pontal e Grumari, com direção à Vista Chinesa e Gávea.
- **Contra o Relógio:** a prova é disputada individualmente, e cada ciclista tem o seu tempo cronometrado. Vence o ciclista mais rápido, que percorrer o percurso no menor tempo. Nos JJOO Rio 2016, a distância para o feminino foi de 29,8 quilômetros e para o masculino foi de 54,5 quilômetros, sendo a prova realizada em circuito no Pontal, no Recreio dos Bandeirantes.

Foto 25 - Ciclismo de Estrada nos Jogos Olímpicos Rio 2016



Fonte: Ficheiro: Road cycling at the 2016 Summer Olympics 1 (2020)

Foto 26 - Ciclismo de Estrada nos Jogos Olímpicos Rio 2016



Fonte: BIKE É LEGAL (2016)

B) Mountain Bike Cross Country: esta prova é disputada em circuito de terra, com duração entre 1h30 e 1h45. O número de voltas é definido para garantir que a prova aconteça neste intervalo de tempo, e pode variar de acordo com o tipo de circuito, condições climáticas e de terreno. O primeiro atleta que cruzar a linha de chegada é o vencedor. Nos JO Rio 2016, a prova teve a participação de 50 atletas no masculino e 30 atletas no feminino. O circuito teve 6 quilômetros de extensão e os atletas percorreram 7 voltas, em uma pista construída no Parque Radical de Deodoro.

Foto 27 - *Mountain Bike* nos Jogos Olímpicos Rio 2016



Fonte: FIGUEIREDO (2016)

C) BMX: os competidores são divididos em 4 grupos que disputam as quartas de final, em três corridas, que somam pontos de acordo com a posição da chegada (1º soma 1 ponto, 2º soma 2 pontos, e assim sucessivamente). Os quatro pilotos que somarem o menor número de pontos avançam para as semifinais, quando serão divididos em dois grupos que disputam três corridas. Os quatro pilotos de cada grupo que somarem o menor número de pontos avançam para a final, disputada em uma única corrida, com os oito pilotos classificados nas semifinais. A classificação final é dada pela posição de chegada. Nos JO Rio 2016, 32 homens e 16 mulheres participaram da prova, que foi disputada na Pista de *BMX* construída no Parque Radical de Deodoro.

Foto 28 - *BMX* nos Jogos Olímpicos Rio 2016



Fonte: JOCA (2016)

D) Pista: nos JJOO Rio 2016, foram disputadas 5 provas de pista, todas elas realizadas no Velódromo do Parque Olímpico da Barra da Tijuca, com a participação de 99 homens e 90 mulheres.

- **Velocidade por Equipe:** As equipes são compostas por três ciclistas. Na fase classificatória, as equipes são divididas em baterias com duas equipes, para a classificação dos tempos. Os quatro melhores tempos avançam para as finais, sendo que os dois melhores tempos disputam a medalha de ouro e os outros dois disputam a medalha de bronze. A equipe feminina é composta por duas atletas.
- **Velocidade Individual:** Na fase classificatória, os competidores correm sozinhos para definir os seus tempos e determinar os 18 melhores classificados que avançam para as oitavas de final. A partir da fase classificatória, dois competidores se enfrentam durante três voltas, tendo como vencedor o competidor que cruzar a linha em primeiro lugar, avançando para as próximas fases (quartas de final, semifinal), até chegar na fase final, disputada entre dois ciclistas.
- **Keirin:** é disputada em 6 voltas. A prova se inicia com a velocidade controlada por uma bicicleta motorizada durante 3 voltas, com aumento gradativo da velocidade a cada volta. Nas últimas 3 voltas, a bicicleta motorizada se retira da prova e os atletas iniciam a disputa, sendo vencedor o primeiro atleta que cruzar a linha de chegada. Nesta prova, os ciclistas podem chegar a 70 km/h.
- **Perseguição por Equipe:** Cada equipe é composta por quatro atletas. Na fase de classificação, as equipes correm sozinhas para definir o tempo. As oito melhores equipes avançam para a próxima fase, quando duas equipes realizam os confrontos, iniciando em lados opostos da pista. A equipe que alcançar a adversária e declarada vencedora. Caso isso não ocorra, a equipe que finalizar a prova no menor tempo avança para a fase final, que é disputada entre as 4 melhores equipes.
- **Omnium:** é um combinado de 4 provas (“Scratch”, “Tempo Race”, Eliminação e Prova por Pontos), disputadas em apenas 1 dia de competição, que somam pontos para a classificação final. Nas primeiras três provas, o campeão soma 40 pontos, o segundo 38, o terceiro 36, e assim sucessivamente. Na última prova, os pontos acumulados são somados aos obtidos na prova, para definir a pontuação total. Vence o atleta que acumular o maior número de pontos ao final das 4 provas.

Foto 29 - Velódromo Jogos Olímpicos Rio 2016



Fonte: FICHEIRO: VELÓDROMO OLÍMPICO DO RIO (2020)

2.3.3. Delegação de Ciclismo do Brasil nos JJOO Rio 2016

O Brasil disputou o ciclismo nos JJOO Rio 2016 e Jogos Paralímpicos Rio 2016 com a maior delegação na história. Por ser o país sede dos JJOO Rio 2016, o Brasil já tinha garantido 2 vagas no *BMX* (1 masculino e 1 feminino), 4 vagas no Ciclismo de Estrada (2 masculino e 2 feminino) e 2 vagas no *Mountain Bike* (1 masculino e 1 feminino). O Ciclismo de Pista é uma das únicas modalidades que não há vaga garantida para o país anfitrião. Além disto, era possível conquistar mais vagas de acordo com a classificação do Brasil no Ranking Olímpico da União Ciclistica Internacional (UCI) de cada modalidade. O *Mountain Bike* masculino conquistou 2 vagas por estar em 13º no *Ranking Olímpico* na atualização de 25 de maio de 2016 e não precisou utilizar a vaga de país sede. O Ciclismo de Pista conquistou o direito de 1 vaga na prova Omnium também pela classificação no *Ranking Olímpico*.

A convocação de atletas para seleção brasileira na disputa dos JJOO Rio 2016 levou em consideração a classificação no Ranking Mundial Individual e, no caso do ciclismo de estrada, foram consideradas as características técnicas

favoráveis ao percurso da prova de estrada dos JJOO Rio 2016. No total, dez atletas foram convocados: Henrique Avancini, Rubens Donizete e Raiza Goulão, no *Mountain Bike*; Renato Rezende e Priscila Stevaux, no *BMX*; Clemilda Fernandes, Flávia Oliveira, Murilo Fischer e Kleber Ramos, na Estrada; e Gideoni Monteiro, na Pista (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE CICLISMO, 2016).

No *BMX* o atleta Renato Rezende conquistou a 29ª colocação e Priscilla Stevaux conquistou a 16ª colocação. No *Mountain Bike*, Henrique Avancini conquistou a 23ª colocação, Rubens Donizete conquistou a 30ª colocação e Raiza Goulão, no feminino, conquistou a 20ª colocação. No Ciclismo de Estrada, Murilo Fischer conquistou a 64ª colocação, Flávia Oliveira conquistou a 7ª colocação e Clemilda Fernandes não finalizou a prova. No Ciclismo de Pista, Gideoni Monteiro conquistou a 13ª colocação na Prova *Omnium*, a única prova disputada pelo atleta e pelo Brasil.

3. OBJETIVOS

3.3. Objetivo geral

Este estudo possui como objetivo geral identificar e descrever os impactos dos Jogos Olímpicos Rio 2016 no Ciclismo Brasileiro.

3.4. Objetivo Específico

- Identificar e descrever as tecnologias que foram empregadas na prática e na gestão do Ciclismo nos períodos pré e pós Jogos Olímpicos Rio 2016, no olhar de treinadores.

4. MATERIAIS E MÉTODOS

Saunders, Lewis e Thornhill (2009, p. 3 *apud* BIROCHI, 2015, p. 38) definem metodologia como “[...] teoria sobre como a pesquisa dever ser realizada”. De acordo com BIROCHI (2015, p. 38), existem vários caminhos e escolhas metodológicas que podem ser utilizados, como por exemplo diferentes abordagens metodológicas e diferentes estratégias de pesquisa, que definem o método.

Já o método é o caminho selecionado e o conjunto de etapas para realizar a investigação científica a partir da definição da problematização e dos objetivos. Lakatos e Marconi (2003, p. 83) definem o método científico como o “conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo – conhecimentos válidos e verdadeiros - traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista”

Por isso, este capítulo destina-se a descrever detalhadamente o caminho escolhido para esta investigação científica, bem como as escolhas metodológicas.

4.3. Tipo de Pesquisa

Gil (1989, p. 26) define pesquisa como o “processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico”. Ainda de acordo com o autor, o objetivo fundamental da pesquisa é “descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos”.

Do ponto de vista da natureza, a pesquisa em questão classifica-se segundo Gil (1989, p. 27) como aplicada, porque objetiva gerar conhecimentos para uma aplicação, utilização e consequências práticas dos conhecimentos a longo prazo, contribuindo com a gestão do ciclismo brasileiro.

Quanto aos seus objetivos e finalidade, esta pesquisa é do tipo descritiva e exploratória para alcançar os objetivos. De acordo com Gil (1989, p. 27-8) a pesquisa descritiva tem como objetivo primordial “a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis”, enquanto que a pesquisa exploratória tem como principal objetivo “desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos e hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores”.

Neste caso, a pesquisa bibliográfica e documental, além de entrevistas, proporciona uma visão geral a cerca de um fato e levantamento de dados sobre o ciclismo brasileiro nos períodos que antecederam e sucederam os JJOO Rio 2016, retratando com precisão as características da situação estudada e os impactos dos JJOO Rio 2016 no ciclismo, em diferentes narrativas (BIROCHI, 2015, p. 50). Tais narrativas serão objeto de análise da pesquisa, uma vez que elas fornecem informações de “como os entrevistados viam e veem o tema em questão”, tendo eles vivido ou presenciado o fato estudado (ALBEERTI, 2013, p. 38)

Quanto a forma de abordagem, a pesquisa caracteriza-se como qualitativa. De acordo com Birochi (2015, p. 54) as pesquisas qualitativas estudam fenômenos em que “a quantificação não é apropriada; ou em que não seja conveniente reduzir o objeto estudado a variáveis e padrões de medidas”. Esta pesquisa promove a construção de um estudo sobre a realidade estudada, reunindo informações de diferentes pontos de vista relevantes para compreender os impactos dos JJOO Rio 2016 no Ciclismo Brasileiro (GODOY, 1995 *apud* BIROCHI, 2015, p. 55).

Seguindo os pressupostos da pesquisa qualitativa, o problema desta pesquisa não está reduzido a uma única hipótese definida à priori. Ou seja, na pesquisa o problema vai se delimitando na exploração da pesquisa, através da observação do fenômeno e aplicação da entrevista com pessoas que conhecem o assunto pesquisado e que partilham experiências e percepções sobre o fenômeno estudado (CHIZZOTTI, 1991).

Por se tratar de pesquisa qualitativa, conforme afirmam Selltiz, Wrightsman e Cook (1987, p.6), a pesquisa qualitativa gera hipóteses a partir dos dados. Também denominada pesquisa indutiva, a pesquisa caminha dos dados para a hipótese.

4.4. Seleção dos participantes

Segundo Alberti (2013), a escolha dos entrevistados deve ser “guiada pelos objetivos da pesquisa” e considerar a experiência do entrevistado, sendo aqueles que participaram, vivenciaram ou estiveram ligados de alguma maneira com o tema estudado, pois assim poderão fornecer depoimentos significativos à pesquisa. A escolha dos entrevistados não deve, portanto, ser guiada por critérios quantitativos de amostragem (p. 39-40).

Os critérios para a seleção dos sujeitos participantes levaram em consideração o vínculo deles com o tema pesquisado, o ciclismo brasileiro e os JJOO Rio 2016, garantindo o conhecimento aprofundado e a vivência de cada um deles nas informações. A pesquisa foi realizada com uma amostragem de 4 treinadores, todos eles do gênero masculino e que tiveram envolvimento direto com o ciclismo no período dos Jogos Olímpicos Rio 2016.

4.5. Instrumentos da pesquisa

Os procedimentos metodológicos que auxiliam o pesquisador na investigação científica podem ser denominados de maneira diferente entre os autores: “estratégias de pesquisa” (BIROCHI, 2015, p. 57), “delineamento” (GIL, 1989, p. 49), ou simplesmente “métodos de pesquisa” (VERGARA, 2005 *apud* BIROCHI, 2015, p. 57).

De acordo com Gil (1989, p. 50) “o elemento mais importante para a identificação de um delineamento é o procedimento adotado para a coleta de dados”. Os delineamentos, segundo Gil (1989, p. 50) podem ser divididos em dois grupos: “fontes de papel” e cujos dados são provenientes de pessoas. No primeiro grupo encontram-se a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental. No segundo grupo encontram-se a pesquisa experimental, a pesquisa ex-post-facto, o levantamento, o estudo de campo e o estudo de caso.

Esta pesquisa científica utilizou três principais instrumentos para a coleta dos dados: a pesquisa bibliográfica, a pesquisa documental e a entrevista semiestruturada, com o objetivo de qualificar os fatos encontrados e identificar as situações experienciadas pelos entrevistados (BIROCHI, 2015, p. 101).

Não de menor importância, foi registrada a observação e a participação direta da pesquisadora como espectadora das competições de Ciclismo nos JJOO Rio 2016.

4.5.1. Pesquisa Bibliográfica

Segundo Gil (1989, p. 50) “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Ainda segundo Gil (1989, p. 51) as principais vantagens da pesquisa bibliográfica são de o pesquisador conseguir cobrir uma ampla gama de fenômenos dispersos em grande território e de obter dados históricos que seriam impossíveis de conhecer não fossem pelos registros documentais. E a grande desvantagem é a possibilidade de erro caso as fontes pesquisadas apresentem dados coletados ou processados de forma equivocada.

Nesta investigação científica a pesquisa bibliográfica foi realizada através de diferentes fontes de arquivos e de informações, como livros, revistas e artigos científicos que abordam o tema pesquisado.

4.5.2. Pesquisa documental

Segundo Birochi (2015, p. 61) a pesquisa documental busca “restringir seu processo de coleta de dados à utilização de documentos, escritos ou não escritos”.

De acordo com Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (1999, p. 169 *apud* BIROCHI, 2015, p. 62) “[...] considera-se como documento qualquer registro escrito que possa ser usado como fonte de informação”, incluindo regulamento, atas de reunião, relatórios, arquivos, pareceres, cartas, diários, jornais, revistas, entre outros que auxiliam na compreensão de situações passadas e reconstituição de contextos históricos.

A coleta de dados da pesquisa documental se deu através de diferentes tipos de documentos e fontes de informações como livros, revistas, jornais, relatórios, vídeos, notícias, que possibilitam ao pesquisador o levantamento de dados sobre os JJOO Rio 2016 e sobre o ciclismo brasileiro, divididos de acordo com Godoy (1995, p. 22 *apud* BIROCHI, 2015, p. 61) em Fontes Primárias e Fontes Secundárias.

As Fontes Primárias são as fontes produzidas por pessoas que vivenciaram diretamente os JJOO Rio 2016 e o ciclismo no Brasil, como o Dossiê de Candidatura, os Cadernos de Legado Rio 2016, informações relacionadas à realização dos JJOO Rio 2016 e relacionadas ao desenvolvimento do Ciclismo no Brasil.

As Fontes Secundárias são as fontes produzidas por pessoas que não vivenciaram diretamente o objeto estudado, como as publicações da imprensa em jornais, revistas e outros documentos de arquivo.

4.5.3. Entrevista

Lakatos e Marconi (2003, p. 195) definem a entrevista como um “encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional”. O principal objetivo da entrevista é “a obtenção de informações do entrevistado, sobre determinado assunto ou tema” e podem ser utilizadas com para as seguintes finalidades: averiguação de “fatos”, determinação das opiniões sobre os “fatos”, determinação de sentimentos, descoberta de planos de ação, conduta atual ou do passado, motivos conscientes para opiniões, sentimentos, sistemas ou condutas (p. 196).

Com relação aos tipos de entrevistas, Lakatos e Marconi (2003, p. 197) as classificam em três tipos: padronizada ou estruturada, quando as perguntas são predeterminadas e seguem um roteiro fixo; despadronizada ou não estruturada, quando o entrevistador tem liberdade para desenvolver o roteiro da maneira que considerar adequado; e painel, quando o entrevistador repete a mesma questão ao longo da entrevista afim de estudar a evolução da opinião do entrevistado.

Há ainda um outro tipo de entrevista, apresentado por Flick (2004, p. 115), denominadas entrevistas semiestruturadas e utilizadas em pesquisas qualitativas por ser permitido alterar a sequência do roteiro ou reformular as questões de acordo com a necessidade no momento da entrevista.

As entrevistas, classificadas como temáticas, fornecerão um grande peso à descrição verbal para a obtenção das informações de acordo com as experiências vivenciadas pelos participantes entrevistados, especificamente nos JJOO Rio 2016 e/ou no ciclismo brasileiro (SELLTIZ, 1972, p. 265; ALBERTI, 2013, p. 48).

No presente trabalho, o pesquisador optou por utilizar o tipo de entrevista semiestruturada, garantindo a possibilidade de efetuar ajustes ao longo da entrevista que se fizerem necessários para atingir a profundidade do tema estudado nos depoimentos dos participantes.

Para a entrevista, foi elaborado um roteiro geral (Apêndice 5) com perguntas elaboradas com base no tema pesquisado que foram direcionadas a todos os participantes. Assim, foram coletados dados através de uma mesma pergunta, porém sob diferentes olhares e diferentes narrativas.

O roteiro geral da entrevista permite a comparação entre as “versões diferentes sobre o mesmo assunto, dadas pelas posições também diferentes que os entrevistados ocupavam e ocupam em relação ao tema” da pesquisa, o ciclismo brasileiro (ALBERTI, 2013, p. 162).

4.6. Procedimentos de Coleta de Dados

Cumprindo as prerrogativas da resolução CNS nº 466/12 o Projeto de Pesquisa foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética de Pesquisa (CEP) da Unesp Rio Claro, sob o Parecer nº 3.770.429 (Apêndice 1).

Assim como propõe Alberti (2013, p. 170), foi feito um primeiro contato com os entrevistados através de uma carta convite (Apêndice 3), fornecendo informações iniciais sobre os objetivos da pesquisa, sobre o método de gravação da entrevista e da exclusividade da finalidade acadêmica e científica, salientando que a pesquisa não visa coletar informações sensacionalistas ou provocar situações constrangedoras aos entrevistados. Desta forma, os entrevistados tiveram o direito de não opinar sobre alguma questão ou ainda solicitar o embargo de trechos da entrevista para consultas futuras.

Aos que aceitaram participar, foi encaminhado por e-mail ou *whatsapp* o *link* do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido- TCLE (Apêndice 2), elaborado através do Google Formulários, para ser completamente preenchido com o aceite em participar da pesquisa. O comprovante de preenchimento foi encaminhado ao e-mail do pesquisador para arquivamento. A opção pela utilização do Google Formulários foi necessária devido a atual situação sanitária vivenciada no Brasil e no Mundo provocada pela Pandemia do Covid-19.

A mesma adequação foi necessária para a realização das entrevistas semiestruturadas, que inicialmente seriam realizadas de maneira presencial, preferencialmente. Porém, com a readequação dos procedimentos para coleta dos dados, as entrevistas foram realizadas de maneira remota, utilizando a plataforma de reunião digital com chamada de vídeo “Google Meet”, a mesma utilizada pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) para o desenvolvimento das aulas e atividades remotas.

Com prévio agendamento, as entrevistas foram realizadas e gravadas em formato de vídeo com áudio, com o recurso interno da plataforma “Google Meet” para posterior tratamento, transcrição e análise dos dados obtidos. O arquivo com a transcrição foi enviado por email a todos os entrevistados, com o objetivo de validação da transcrição realizada pelo pesquisador e autorização para publicação nesta pesquisa. Todos os participantes enviaram para o email da pesquisadora cópia assinada do termo de Cessão de direitos sobre depoimento oral e autorização para publicação (Apêndice 8). Todas as gravações das entrevistas serão arquivadas por cinco anos e poderão ser apagadas após esse período.

A participação na pesquisa e na entrevista pode gerar ao entrevistado risco mínimo de estresse, constrangimentos, desconfortos, timidez, sentimento de medo e/ou exposição (UNESP, 2018, p. 6; 2019, p. 6). Estes riscos foram minimizados adotando-se alguns procedimentos, como: a) agendamento prévio da entrevista; b) realização da entrevista de maneira privada, sem interferência de terceiros; c) disponibilização antecipada do roteiro da entrevista aos participantes; d) prontidão para esclarecimentos que se fizerem necessários aos participantes; e) remarcação da entrevista caso solicitado pelo participante; f) aceitação de interrupção da gravação do procedimento em áudio ou imagem, solicitada pelo participante ou efetivação de tal interrupção caso fosse observado alterações de humor ou de saúde que colocassem o participante em risco durante a entrevista; g) previsão de diferentes formas de registro dos dados, caso o participante tivesse restrições à captura de áudio ou imagem de sua participação, como por exemplo, registro por escrito e anotações (UNESP, 2018, p. 6; 2019, p. 6). Além disto, cabe ressaltar que são direitos dos participantes de pesquisas com entrevistas: a) interrompê-las ou deixar de responder questões que possam causar constrangimentos ou desconfortos, ou questões que o participante não queira emitir juízos; b) não aceitar a forma de captura dos dados proposta pelo pesquisador; c) solicitar que sejam retirados os seus dados da pesquisa, sem penalização, mesmo após os dados terem sido coletados; d) obter plenos esclarecimentos sobre qualquer aspecto da pesquisa, em qualquer fase. e) exigir sigilo que assegure a privacidade do participante, quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa e solicitar o uso de pseudônimos, quando for o caso; f) ter a garantia de que o uso dos dados será apenas para fins acadêmico-científicos de consecução da pesquisa proposta e estabelecida nos termos (UNESP, 2019, p. 7-8; 2019, p. 8). Os benefícios desta

pesquisa estão relacionados a possibilidade de identificação de fatores importantes para o desenvolvimento do ciclismo no Brasil.

Antes da entrevista, os participantes também receberam um cronograma de acontecimentos, organizados em ordem cronológica, para auxiliar na lembrança dos fatos e situações vivenciadas em cada momento, desde as primeiras participações do ciclismo brasileiro em edições dos Jogos Olímpicos até o período posterior à realização dos JJOO Rio 2016 (Apêndice 6).

Para a coleta dos dados, foi considerado um recorte de acordo com a linha do tempo da pesquisa:

- o período prévio aos JJOO Rio 2016, de 2008 a 2014;
- o período de realização dos JJOO Rio 2016, de 2015 à 2016;
- o período posterior aos JJOO Rio 2016, de 2017 à 2020.

4.7. Estudo Piloto

Foi realizado um estudo piloto com 2 participantes, que formaram uma amostra não probabilística proposital, o que afirma Selltiz, Wrightsman e Cook (1987, p. 88) que “[...] com um bom julgamento e uma estratégia apropriada, podemos escolher com cuidado os casos que devem ser incluídos na amostra e, deste modo, desenvolver amostras que são satisfatórias de acordo com as nossas necessidades”.

O objetivo do estudo piloto foi testar o instrumento de coleta de dados e o roteiro da entrevista. De acordo com Lakatos e Marconi (2003, p. 227-8) a pesquisa piloto pode ainda evidenciar “ambiguidade das questões, existência de perguntas supérfluas, adequação ou não da ordem de apresentação das questões, [...] ou se precisam ser complementadas”, possibilitando ao pesquisador a oportunidade de corrigir o instrumento antes da aplicação da pesquisa principal; é importante para testar a fidedignidade e validade da pesquisa, para saber se a seleção dos participantes é adequada, além de ser um teste para o pesquisador; apresenta uma estimativa dos futuros resultados, que podem ser utilizados para alterar a hipótese ou modificar variáveis pesquisadas.

O ex treinador da seleção brasileira de ciclismo *BMX* e o técnico do Ministério da Cidadania (antigo Ministério do Esporte), foram os participantes do

estudo piloto. Após lerem, concordarem e assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), os dois participantes foram entrevistados através da plataforma “Google Meet” seguindo o Roteiro Geral e Específico elaborado para cada grupo (Apêndice 4) e apresentaram diferentes narrativas a respeito de um mesmo tema, de acordo com a vivência de cada um no período anterior e posterior da realização dos JJOO Rio 2016. As entrevistas foram gravadas, mas para o estudo piloto foi feita a transcrição apenas da entrevista do treinador do *BMX*.

4.8. Interpretação e análise dos dados

A análise qualitativa dos dados obtidos com as entrevistas foi feita utilizando o método de análise de conteúdo, método este aplicado em pesquisas qualitativas para análise de dados textuais. A análise de conteúdo é definida por Bardin (1977, p. 42) como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

A análise de conteúdo é organizada em torno de três principais fases: a pré análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados com posterior inferência e interpretação (BARDIN, 1977, p. 95).

A fase da pré análise dos dados é caracterizado pela organização, com objetivo de sistematizar o material coletado. As principais missões desta fase, de acordo com a autora, são: “a escolha dos documentos a serem submetidos a análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final” (p. 95). As atividades que fazem parte da fase da pré análise são: a leitura flutuante, caracterizada por um momento de primeiro contato do pesquisador com os documentos, para conhecer o texto; a escolha dos documentos, denominados pela autora de “corpus”, cuja definição é “o conjunto dos documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos” (p. 96).

A fase da exploração do material consiste em rever as operações da pré análise, com o objetivo de confirmar ou modificar as escolhas realizadas anteriormente. Também é nesta fase que o pesquisador deve codificar, decompor e enumerar os dados obtidos, transformando os dados brutos do texto em unidades para representação de um conteúdo e agregação em categorias.

Por fim, a fase do tratamento dos resultados e interpretação consiste em dar significado e validar os dados obtidos. Bardin (1977, p. 101) afirma que “o analista, tendo à sua disposição resultados significativos e fiéis, pode então propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos, ou que digam respeito a outras descobertas inesperadas”.

De acordo com Bardin (1977, p. 97) para que a análise de conteúdo seja efetiva é fundamental que o pesquisador cumpra algumas regras: regra da exaustividade (esgotamento dos dados, sem seletividade), regra da homogeneidade (os documentos devem obedecer a critérios precisos de escolha), regra da pertinência (os documentos devem corresponder ao objetivo da análise).

Desta maneira, os dados foram interpretados e analisados com o objetivo de identificar os impactos da utilização de novas tecnologias na prática e na gestão do Ciclismo Brasileiro.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As entrevistas foram realizadas com quatro treinadores de ciclismo que estiveram envolvidos com o ciclismo e com os Jogos Olímpicos Rio 2016, sendo o treinador Adir Luiz Romeo, do Ciclismo de Estrada; o treinador Emerson Francisco da Silva, do Ciclismo de Pista; o treinador Guilherme Azambuja Pussieldi, do Ciclismo *BMX* e o treinador Carlos Eduardo Polazzo Machado, do ciclismo *Mountain Bike*, todos eles técnicos responsáveis das seleções brasileiras que disputaram os JJOO Rio 2016.

Os dados coletados com o olhar dos treinadores possibilitaram a identificação de três eixos temáticos: tecnologias empregadas, legados e dificuldades enfrentadas pelo ciclismo, detalhados a seguir.

5.1. Tecnologias Empregadas

Com relação às tecnologias empregadas, foram construídas duas categorias: tecnologia de equipamentos e tecnologia de gestão.

Os treinadores relataram a utilização de várias tecnologias de equipamentos no período dos Jogos Olímpicos Rio 2016 pelos atletas brasileiros (Figura 28). A utilização de bicicletas de carbono foi possível devido à maior acessibilidade de importação, fazendo com que esses equipamentos chegassem ao Brasil e que os atletas brasileiros tivessem maior acesso.

A utilização de tecnologias de medidores de potência foi relatada pelos treinadores entrevistados. Algumas delas para utilização em laboratórios, como por exemplo os ciclos ergômetros com potência e *Watt Bike*, que possibilitaram a realização de avaliações em laboratórios para auxiliar no planejamento do treinamento dos atletas. Outras para utilização em campo, como por exemplo o COG com potência, que é instalado na bicicleta e permite uma mensuração de valores na prática da modalidade, em ambiente de treino ou competição. O uso destas duas tecnologias permitiu uma aproximação da ciência (laboratório) com a prática (campo).

Os treinadores relataram a utilização de plataformas de treinamento para a prescrição do treinamento a acompanhamento da evolução do atleta, como por exemplo o *Training Peaks*, o *WKO* e o *Garmin*, pois elas apresentam gráficos que auxiliam o treinador na análise dos treinos realizados e nas tomadas de decisões. As plataformas são utilizadas também para o registro do *feedback* do atleta em relação aos treinamentos planejados,

Além disto, no caso específico do *Mountain Bike*, houve a necessidade de utilização de novas tecnologias de bicicletas para acompanhar a alteração na duração da competição e na alteração do nível de dificuldade das pistas. As competições ficaram mais curtas e as pistas com obstáculos mais difíceis. Com isso, as fabricantes desenvolveram bicicletas com amortecimento *full*, ou seja, amortecimento também na parte traseira, e as rodas aumentaram de tamanho, de aro 26 para ao 29, o que facilitou a transposição dos obstáculos.

Figura 27 - Tabela das Tecnologias de Equipamentos no olhar de Treinadores

| | |
|---|---|
| Bicicletas em fibra de carbono | Maior acessibilidade de importação |
| COG com potência | Tecnologia para uso em campo |
| Ciclo ergômetro com potência | Avaliação em laboratórios |
| Watt Bike | Facilidades com importação com redução de impostos |
| Plataforma de treinamento | Training Peaks, WKO - prescrição do treinamento e possibilidade de gráficos que ajudam o treinador na tomada de decisões. Utilizados também para o feedback dos atletas |
| Tecnologia das bicicletas em acompanhando a alteração da duração das competições de MTB e nível de dificuldade das pistas | Bicicletas passaram a ter roda com aro 29 para melhor transpor os obstáculos, quadro com suspensão Full para melhor amortecimento |

Fonte: Entrevistas, elaborado pela autora

Com relação à gestão, foram relatadas diferentes tecnologias empregadas no período prévio aos JJOO Rio 2016 (Figura 29). Foram realizados planejamentos a longo prazo dos aspectos esportivos, de competições, de pontuação necessária para classificação, de calendário internacional de competições, da logística de viagens e dos investimentos financeiros necessários. No início do ciclo olímpico existia uma lista larga de atletas competindo internacionalmente, mas com o tempo esta lista foi afunilando e permaneceram somente os atletas que ainda tinham chances reais de classificação. Com isso, houve um direcionamento dos esforços e um direcionamento financeiro para estes atletas

Os treinadores das modalidades fizeram um estudo aprofundado e uma simulação de resultados nas competições, levando em consideração quais países poderiam estar competindo, qual a expectativa de resultado e conseqüentemente qual a expectativa de pontuação que seria conquistada e, assim, escolher competições que dariam mais chances aos atletas brasileiros de conquistarem uma boa pontuação, que compensasse a viagem e o investimento financeiro.

Foram implantadas avaliações periódicas e relatórios de treinos que tinham que ser preenchidos pelos atletas da seleção brasileira de *BMX* e seus treinadores, já que na maior parte do tempo esses atletas eram treinados por seus treinadores individuais. Isso possibilitou que o treinador da seleção brasileira

tivesse um acompanhamento de perto de como estava sendo as sessões de treino individuais e assim, ter um maior conhecimento da evolução de cada atleta.

O intercâmbio de atletas no Centro Mundial de Ciclismo, em Aigle na Suíça, foi uma ação considerada fundamental pelos treinadores entrevistados para o desenvolvimento de ciclismo no Brasil. Ao longo dos anos, diversos atletas jovens foram integrados ao programa de intercâmbio do Centro Mundial de Ciclismo, um trabalho em conjunto com a Confederação Brasileira de Ciclismo, Comitê Olímpico do Brasil, Solidariedade Olímpica, Federação Internacional de Ciclismo (UCI) e Centro Mundial de Ciclismo.

Neste programa, chamado de Projeto de Classificação Olímpica da CBC, atletas brasileiros passaram um período no Centro Mundial de Ciclismo, adquirindo experiência de treinamentos e competições internacionais, retornando ao Brasil com maior capacidade de desenvolvimento esportivo e de profissionalização. Em 2014, 17 atletas participaram do intercâmbio, sendo 5 atletas do *BMX* (Thaynara Morosini, Renato Rezende, Miguel Dixini, Anderson Ezequiel e Bianca Quinalha), 6 atletas do ciclismo de pista (Wellyda Rodrigues, Gabriela Yumi, Flávio Cipriano, Diefferson Borges, Kácio Freitas e Gideoni Monteiro), 2 atletas do ciclismo de estrada categoria Sub 23 (Caio Godoy e João Gaspar) e 4 atletas do ciclismo de estrada categoria Júnior (André Gohr, Rodrigo Quirino, Ana Paula Casetta e Renata Lopes), que buscavam a preparação para os Jogos Olímpicos da Juventude de 2014. Em 2015, André Gohr e Caio Godoy retornaram para mais um período de intercâmbio. Destes atletas mencionados, somente Gideoni Monteiro e Renato Rezende chegaram às Olimpíadas, mas outros disputaram Campeonatos Continentais e Campeonatos Mundiais (REDE NACIONAL DO ESPORTE, 2014).

Os treinadores entrevistados também relataram a importância da Academia Brasileira de Treinadores, lançada pelo Comitê Olímpico do Brasil através do Instituto Olímpico Brasileiro, que capacitou treinadores brasileiros de diversas modalidades, dentre elas o ciclismo.

A Academia Brasileira de Treinadores (ABT) é um programa de formação e certificação de profissionais para atuação como treinador de esporte de alto rendimento desenvolvidos pelo Comitê Olímpico do Brasil (COB), através do Instituto Olímpico Brasileiro (IOB). Um dos ramos deste programa é o Curso de Esporte de Alto Rendimento (CEAR), subdividido em desenvolvimento esportivo,

aperfeiçoamento e esportivo e excelência esportiva. O objetivo é melhorar o sistema de preparação esportiva no país com a capacitação dos treinadores. A primeira turma foi formada em 2014 e após dois anos capacitou 85 treinadores nas modalidades atletismo, ginástica artística e natação. A ABT já formou quatro turmas de treinadores até 2019, abrangendo também as modalidades canoagem, remo, judô, taekwondo, luta olímpica e ciclismo. Em 2020, a ABT lançou a 5ª edição do curso, sendo a primeira turma em formato de estudo à distância (EAD), com 109 treinadores das modalidades badminton, boxe e natação. O ciclismo ofertou 40 vagas na terceira turma e capacitou 10 treinadores de ciclismo de estrada, 10 treinadores de ciclismo de pista, 10 treinadores de *Mountain Bike* e 10 treinadores de *BMX*. Destes 40 treinadores, duas mulheres tiveram a oportunidade de dar sequência no processo de capacitação como treinadoras de ciclismo, no Curso de Formação de Treinador Nível 1 e 2 da União Ciclística Internacional (UCI), através de uma parceria entre UCI, COB, CBC e Solidariedade Olímpica. As duas treinadoras atualmente atuam com o desenvolvimento de atletas nas categorias de base e elite, uma delas em Curitiba-PR e a outra em Rio Claro-SP (COMITÊ OLÍMPICO DO BRASIL, c2020).

A Confederação Brasileira de Ciclismo (CBC) realizou o Curso de Formação de Treinadores Nível 1 e o Curso de Treinadores de Paraciclismo. Até o momento, os cursos capacitaram mais de 250 profissionais de Educação Física do Brasil (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE CICLISMO, s.d.).

Além disto, houve uma ação realizada por organizadores de eventos esportivos, mais especificamente com organizadores de *Mountain Bike*, que passaram a promover competições registradas na União Ciclística Internacional e, com isso, os eventos passaram a pontuar para o ranking internacional da modalidade. Isso possibilitou que os atletas brasileiros pontuassem para o ranking mundial sem a necessidade de viajar para o exterior. Aliado a isto, as competições passaram a ter transmissão ao vivo através da internet e canais de *streaming* sem a dependência de canais abertos de televisão, possibilitando uma maior visibilidade e disseminação do *Mountain Bike* no Brasil.

Figura 28 - Tabela de Tecnologias de Gestão no olhar de Treinadores

| | |
|--|---|
| Planejamento a longo prazo | Planejamento a longo prazo dos aspectos esportivos, competições, pontuação necessária no ranking, viagens, investimentos financeiros necessários |
| Direcionamento dos investimentos para a Classificação Olímpica | No primeiro ano existia uma lista larga de atletas competindo, que foi afunilando seguindo as reais chances de classificação |
| Estudo de atletas e países adversários que estavam concorrendo diretamente com o Brasil para a conquista da vaga Olímpica de MTB | Estudo de resultados e com previsão de provas e de participação dos concorrentes do Brasil para a vaga nos JJOO Rio 2016 |
| Implantação de relatório de treinos para atletas | Foi implantado um relatório de treino para os atletas que faziam parte da seleção brasileira de <i>BMX</i> , para acompanhamento do treinador da seleção brasileira |
| Avaliações periódicas nos atletas | Avaliações periódicas dos atletas para acompanhamento do desenvolvimento esportivo |
| Intercâmbio do Centro Mundial de Ciclismo, na Suíça | Intercâmbio de atletas para períodos de treinamento no Centro Mundial de Ciclismo da UCI, possibilitando adquirir conhecimentos que serão posteriormente transmitidos a outros atletas no Brasil |
| Capacitação de Treinadores no Centro Mundial de Ciclismo, na Suíça | Treinadores foram capacitados |
| Curso para Treinadores da ABT | Capacitação de treinadores de várias modalidades, com foco no desenvolvimento e aperfeiçoamento esportivo |
| Curso para Treinadores da CBC | Curso Nível 1 da CBC, para capacitação de treinadores |
| Sediar competições com pontuação para o Ranking Internacional | Diversas Competições foram formatadas para serem válidas para o Ranking Mundial de MTB. Gradativamente elas foram valendo mais pontos ao longo dos anos. Ex: Copa Internacional, Voltas Ciclísticas, entre outras |
| Mídia e Transmissão ao vivo das competições de MTB | Transmissão ao vivo por streaming, sem dependência de canais abertos da TV. Maior visibilidade |

Fonte: Entrevistas, elaborado pela autora

5.2. Legados

Para que o Brasil concorresse à vaga de País sede aos JJOO Rio 2016 foram necessários outros eventos bem-sucedidos, como por exemplo os Jogos Sul-Americanos em 2002, Jogos Pan Americanos em 2007, os Jogos Mundiais Militares em 2011 e a Copa do Mundo de Futebol em 2014. A realização de todos esses eventos, segundo Mazzei e Rocco Jr (2017, p.97) criou uma “grande

expectativa em relação as melhorias que poderiam acontecer para o esporte brasileiro”, principalmente os olímpicos. E de uma maneira geral, passados todos esses eventos, os mesmos autores afirmam que não foi aproveitada a oportunidade, quanto à estrutura organizacional, às instalações esportivas, ao acesso ao esporte pela população e ao apoio a carreira esportiva de alto rendimento, o que pode gerar uma perspectiva de descontinuidade de todos os programas implementados.

Em sua contribuição para o tema, Gnecco (2007) aborda o legado do megaevento Jogos Pan Americanos Rio 2007 (Pan 2007) e o apresenta nas mais diversas formas, a saber, legado esportivo, legado de transporte, legado do tráfego, legado de telecomunicações, legado social, legado de segurança, legado de habitação, legado de conhecimentos, legado de imagem, legado de emoções e legado de cultura (p. 267-9). A experiência dos Pan 2007 foi utilizada para a apresentação da candidatura aos JJOO Rio 2016 e também no planejamento do Campeonato Mundial de Futebol em 2014 e nos Jogos Mundiais Militares em 2011 (p. 268). Por isso, Gnecco (2017) afirma que “a realização dos Jogos Olímpicos Rio 2016 é resultado do processo histórico de organizações de uma série bem-sucedida de eventos esportivos” (p. 2).

Com relação aos legados dos JJOO Rio 2016, a análise dos resultados permitiu a construção de três categorias: legado de infraestrutura, legado esportivo e legado social.

Os legados de infraestrutura dos JJOO Rio 2016 (Figura 30) citados pelos treinadores foram a pista de *BMX* no Parque Radical de Deodoro, o Velódromo do Parque Olímpico da Barra e o Circuito Olímpico de estrada no Rio de Janeiro. Aliado ao fortalecimento do *Mountain Bike* no Brasil nos últimos anos, também foram criadas diversas pistas de *Mountain Bike*, também chamadas de *Bike Parks*, pistas estas construídas por órgãos públicos ou pelas iniciativas privadas, proporcionando locais adequados e seguros para a prática do *Mountain Bike*.

Outro legado de infraestrutura dos JJOO Rio 2016 foram os equipamentos esportivos adquiridos para os treinamentos e ou competições de ciclismo, como por exemplo dos partidores do ciclismo de pista e as bicicletas de ciclismo de pista adquiridas pela Confederação Brasileira de Ciclismo para uso dos atletas da seleção brasileira em competições classificatórias e também nos JJOO Rio 2016.

Considerado pelo Comitê Olímpico do Brasil (COB) como um dos maiores legados dos JJOO Rio 2016, o Laboratório Olímpico é fruto de uma parceria entre o COB e outras nove instituições de ensino e pesquisa, e recebe incentivo do Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação. O Laboratório Olímpico permite avaliações personalizadas de acordo com a especificidade de cada modalidade, seja em laboratório ou em campo. Conforme relatado por alguns treinadores entrevistados, os atletas de ciclismo também puderam utilizar essa infraestrutura na preparação para os JJOO Rio 2016.

Figura 29 - Tabela de Legados de Infraestrutura dos JJOO Rio 2016

| | |
|--|--|
| Pista de <i>BMX</i> | Pista de <i>BMX</i> localizada em Deodoro. Está subutilizada por questões administrativas e também por necessidade de reparos |
| Velódromo | Velódromo localizado no Parque Olímpico da Barra. Está subutilizado por questões administrativas |
| Circuito Olímpico | Muito elogiado pelo grau de dificuldade do circuito |
| Pistas de <i>Mountain Bike</i> (também chamado <i>Bike Parks</i>) | Pistas construídas por órgão públicos ou pela iniciativa privada, propiciando locais adequados e seguros para a prática do MTB |
| Partidores do Ciclismo de Pista | Equipamentos adquiridos para os JJOO Rio 2016 que ficaram para o Brasil |
| Bicicletas de Pista | Bicicletas usadas compradas em parceria com a marca Look. |
| Laboratório Olímpico | Criado para os JJOO Rio 2016 |

Fonte: Entrevistas, elaborado pela autora

Os legados esportivos dos JJOO Rio 2016 (Figura 31) relatados pelos treinadores estão ligados principalmente com o *BMX* e o *Mountain Bike*. O *BMX* deu continuidade ao trabalho realizado para os JJOO Rio 2016 e conquistou vagas para os Jogos Olímpico de Tóquio 2020 na categoria masculina e na categoria feminina. O *Mountain Bike* teve um crescimento no Brasil, ampliando o número de participantes, maior número de pistas e locais para treinamentos, maior visibilidade, maior número de competições nacionais e internacionais organizadas no Brasil. Os bons resultados do atleta Henrique Avancini foram essenciais para o crescimento do *Mountain Bike* no Brasil e para o reconhecimento internacional. Henrique Avancini foi campeão mundial em 2018 e em outubro de 2020 se tornou

líder do *ranking* mundial da modalidade, se mantendo no primeiro lugar até maio de 2021, por sete meses.

Figura 30 - Tabela de Legados Esportivos dos JJOO Rio 2016

| | |
|--|---|
| Classificação do <i>BMX</i> para Tóquio 2020 | Continuidade do trabalho realizado para os JJOO Rio 2016 |
| Crescimento do <i>Mountain Bike</i> no Brasil | mais praticantes, mais pistas, maior visibilidade, mais competições |
| Maior participação em competições internacionais | Estas participação visam a pontuação no ranking mundial e a preparação para competições de alto nível |
| Atleta Henrique Avancini | Campeão Mundial em 2018, líder do ranking mundial em 2020 |
| Número de praticantes | Crescimento do número de praticantes de <i>Mountain Bike</i> |

Fonte: Entrevistas, elaborado pela autora

Os legados sociais dos JJOO Rio 2016 (Figura 32), relatados pelos treinadores foram a implantação do Projeto de Ciclismo no Velódromo Olímpico voltado para crianças e jovens e o maior conhecimento do ciclismo pela comunidade brasileira em geral, sendo os JJOO Rio 2016 uma motivação para entender o que era o ciclismo, o que era o ciclismo de pista, o que era o ciclismo de estrada, o que era o *BMX* e o que era o *Mountain Bike*, colocando a bicicleta em uma vitrine.

Também houve a intenção de implantação de um projeto para crianças e jovens na pista de *BMX*, mas o projeto ainda não foi implantado porque depende de uma reformulação da pista, tornando-a acessível para o ensino e iniciação da modalidade.

Figura 31 - Tabela de Legados Sociais dos JJOO Rio 2016

| | |
|--|--|
| Projeto de Ciclismo no Velódromo | Implantação de aulas de ciclismo para crianças e jovens no Velódromo |
| Projeto para crianças na Pista de <i>BMX</i> | Ainda não foi implantado, mas se a pista for reformulada, seria uma oportunidade para beneficiar as crianças em vulnerabilidade dos bairros próximos ao local |
| Conhecimento do Ciclismo pela comunidade | Motivou toda a comunidade a entender o que era o ciclismo, colocando a bicicleta na vitrine. Jornalistas buscaram entender o que era Pista, estrada, <i>BMX</i> , <i>Mountain Bike</i> . |

Fonte: Entrevistas, elaborado pela autora

O Velódromo Olímpico foi uma das instalações esportivas mais polêmicas dos JJOO Rio 2016 e que necessitou de mais recursos financeiros para a construção. O Rio de Janeiro já possuía um velódromo, construído para o Pan 2007 e que deveria ser utilizado também para os JJOO Rio 2016 após algumas reformas propostas o projeto de candidatura do Rio. Porém, em 2012 descobriu-se que o velódromo não atendia a todas as exigências da UCI, pois apresentava capacidade de espectadores abaixo do mínimo de 5000, possuía duas pilastras centrais que impediam a visão total da pista pelos árbitros, incorreta curvatura e inclinação e baixo número de boxes e vestiários. A solução foi desmontar este velódromo e construir um novo seguindo todas as exigências. Com isso, os atletas brasileiros que estavam buscando a vaga olímpica e se preparando ficaram sem uma pista de alto rendimento para treinar. Em entrevista concedida ao G1 (2012), o então presidente da Federação de Ciclismo do Rio, Arthur Castro, aponta que “o primeiro prejuízo é o legado que foi deixado do Pan-Americano, sair daqui antes do outro velódromo olímpico estar pronto”.

Criada pela Lei Federal nº 12.395, de março de 2011, a Rede Nacional de Treinamento foi considerada uma aposta do Governo Federal como legado de infraestrutura esportiva e nacionalização dos efeitos dos JJOO Rio 2016, interligando diversas instalações esportivas já existentes ou em construção, através de parceria entre o Governo Federal, estados, municípios e confederações. A proposta visou também a oportunidade de intercâmbio entre técnicos, árbitros, gestores e outros profissionais do esporte, com o trabalho apoiado na aplicação das ciências do esporte à formação e aos treinamentos (MINISTÉRIO DA CIDADANIA, 2019).

As principais infraestruturas são os Centros de Treinamento Olímpico (COT), construídos para os JJOO Rio 2016 e que passariam a servir de suporte para treinos das seleções nacionais com atletas de alto rendimento. No caso do ciclismo, o Velódromo Olímpico e a Pista de *BMX* em Deodoro integram o COT.

Além disto, para garantir a descentralização dos benefícios gerados pelo esporte, o Governo Federal criou os Centros Nacionais de Treinamento, que incluíram o Velódromo de Indaiatuba (SP) e a Pista de *BMX Supercross* em Londrina (PR).

A Autoridade de Governança do Legado Olímpico (AGLO) foi criada pela MP 771/2017 com a objetivo de desenvolver e implantar um plano de legado, através de um planejamento estratégico, tático e operacional para a manutenção e desenvolvimento sustentável do legado como instrumento de progresso esportivo e social brasileiro, tornando as instalações olímpicas da Barra e de Deodoro em um Centro Olímpico de Treinamento, com atividades esportivas para atletas, cidadãos, crianças e adolescentes (AGLO, 2017).

Algumas ações envolvendo a modalidade ciclismo foram realizadas, como por exemplo o “Rio *Bike Fest*”, que contou com um passeio ciclístico pela região da Barra da Tijuca e com uma etapa do Campeonato Carioca de Ciclismo, organizado pela Federação de Ciclismo do Rio e que marcou a primeira utilização do Velódromo após os JJOO Rio 2016 (AGLO, 2017).

O Plano de Legado da AGLO propôs a implantação do Programa de Formação em Esporte de Rendimento (PROFER) com início da execução em dezembro de 2017. O ciclismo foi previsto para a Fase 2 do projeto piloto, com início da execução em março de 2018. Na prática, o ciclismo para crianças e adolescentes foi implantado no Velódromo Olímpico através do projeto social Esporte e Cidadania para Todos, do Ministério do Esporte (atualmente Ministério da Cidadania), em parceria com a AGLO e com a Universidade Federal Fluminense (UFF), com aulas regulares às segundas, quartas e sextas feiras no período da tarde (MINISTÉRIO DA CIDADANIA, 2018).

No entanto, o artigo 12 da Lei que criou a AGLO estabelece que “a AGLO será extinta por ato do Poder Executivo Federal após tomada de providências de longo necessárias à destinação do legado olímpico ou no dia 30 de junho de 2019, o que ocorrer primeiro”, o que segundo Gnecco (2017) deu a entender que a gestão das instalações pelo Poder Público seria uma solução a curto prazo, ou seja, provisória.

Após o encerramento dos JJOO Rio 2016, o Parque Radical de Deodoro permaneceu fechado por falta de previsão orçamentária, segundo declarou a prefeitura do Rio para a exploração da área. O projeto inicial previa que a iniciativa privada assumisse a área, mas por falta de interessados a responsabilidade foi passada ao Governo Federal, assim como aconteceu com o Parque Olímpico da

Barra. No local, está a pista de *BMX* que ficou sem uso e com isso surgiram problemas estruturais por falta de manutenção (SUPERESPORTES, 2017).

Recentemente, em abril de 2021, a prefeitura municipal, através da Secretaria Municipal de Esportes, firmou parceria com a Federação de *Bicicross* do Estado do Rio de Janeiro para a reabertura da Pista de *BMX*, buscando apoio da iniciativa privada para reformar o local, sediar eventos da modalidade e implantar uma escolinha para crianças no local (PREFEITURA DO RIO, 2021).

O Velódromo Olímpico recebeu alguns eventos no período posterior aos JJOO Rio 2016. Em 2017, o espaço recebeu atletas para treinamentos, sediou o Campeonato Estadual de Pista, o lançamento do programa Esporte e Cidadania para Todos, o Reality de Judô – Projeto Ippon, o lançamento do livro de legado – As Pegadas dos Megaeventos, a IX Copa Leão de Karatê e o Torneio de Encerramento de Judô. Ou seja, somente duas ações com o ciclismo, de acordo com informações apresentadas por Gnecco (2017) e que constavam no site da AGLO, que atualmente está fora inacessível.

A subutilização do legado olímpico é apontada por Gnecco (2017) “devido às formas abruptas como aconteceram as trocas de governo federal, de governo municipal e até no Comitê Olímpico do Brasil, além do enfraquecido governo estadual”. Em suas recomendações para o esporte de alto rendimento, Gnecco (2017) aponta a necessidade de utilização das instalações por seleções nacionais atletas que disputam competições de alto rendimento, bem como a necessidade de sediar eventos de níveis máximos das modalidades. Além disto, o autor chama a atenção para que se cada uma das 42 modalidades olímpicas realizasse seus campeonatos nacionais em todas as categorias nas instalações do legado olímpico, seriam mais de 500 eventos realizados todos os anos. Mas para isso, de acordo com Gnecco (2017) “tem de haver uma postura proativa do Governo Federal, do Governo Estadual e do Governo Municipal do Rio, com as entidades esportivas e o setor privado, para a dinamização do uso do legado olímpico.

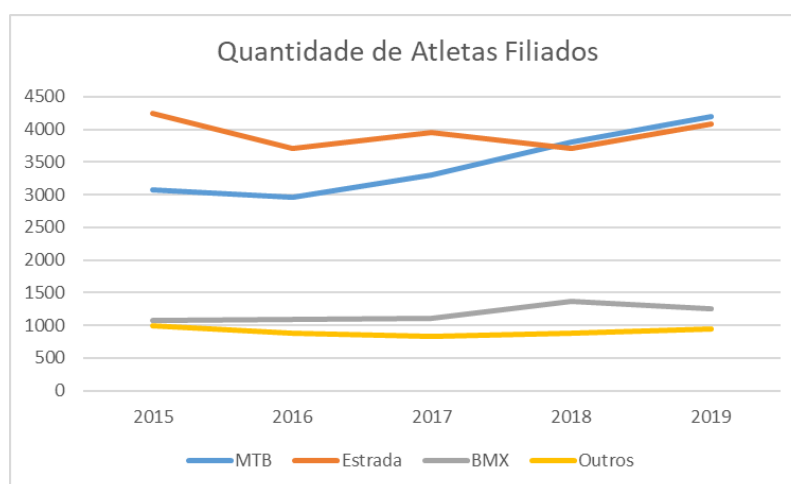
O *Mountain Bike* teve um grande desenvolvimento esportivo nos últimos anos no Brasil. A modalidade ganhou grande número de praticantes e adeptos, que passaram a pedalar como forma de interação social, manutenção da saúde ou prática esportiva voltada para competições. Nos últimos anos houve o investimento da iniciativa pública e privada para a construção dos chamados “*Bike Parks*”, que

são locais específicos para a prática do *Mountain Bike*. O conceito de *Bike Park* está cada vez mais presente no Brasil, com novas trilhas demarcadas em parques estaduais ou propriedades privadas usadas por ciclistas que buscam segurança e novidades e como sede de competições importantes de *Mountain Bike*.

No estado de São Paulo, alguns exemplos de *Bike Parks* muito utilizados atualmente são: *Zoom Bike Park*, em Campos do Jordão; *Nore Bike Park*, em Itú; *Cemucã Bike Park*, em Cotia; Trilhas na Floresta Estadual, em Rio Claro; Pista do Lar Cocuzzi, em São Paulo. Outros estados também possuem *Bike Parks* muito utilizados, como por exemplo o *Brava Bike Park*, em Itajaí (SC) e o Circuito Henrique Avancini, em Petrópolis (RJ). Esta última, leva o nome do atleta brasileiro Henrique Avancini, que conquistou importantes feitos no *Mountain Bike*, contribuindo com o desenvolvimento esportivo da modalidade no Brasil. Em 2018, Henrique Avancini foi Campeão Mundial de Maratona e em 2020 se tornou líder do *ranking* mundial da modalidade, permanecendo na posição por sete meses, até abril de 2021. Avancini é considerado a grande promessa para o ciclismo brasileiro nos Jogos Olímpicos de Tóquio 2020, que será realizado em 2021 devido à pandemia.

O crescimento do *Mountain Bike* pode ser comprovado através da análise dos Relatórios do Departamento Técnico, publicados no *website* da CBC, que apresentam a quantidade de atletas filiados anualmente. Em 2019 o *Mountain Bike* teve 4192 atletas filiados, uma quantidade 36% maior que em 2015. Foi a disciplina com o maior crescimento quando nos referimos ao número de atletas filiados, conforme apresenta o gráfico na Figura 33.

Figura 32 - Quantidade de Atletas Filiados por disciplina



Fonte: Relatórios da CBC, elaborado pela autora

5.3. Dificuldades enfrentadas no ciclismo

Com relação às dificuldades enfrentadas pelo ciclismo, foram construídas três categorias: gestão do ciclismo, casos de *doping* e recursos financeiros.

Para os treinadores entrevistados, as dificuldades na gestão envolvem diversos aspectos (Figura 33), dentre eles a difícil gestão de cinco disciplinas diferentes pela Confederação Brasileira de Ciclismo (Estrada, Pista, *BMX*, *Mountain Bike* e Paraciclismo), pois são disciplinas completamente distintas, com atletas diferentes e necessidades específicas, gerenciadas por uma única entidade com uma única fonte de recursos. Por isso, em cada ciclo olímpico os investimentos são direcionados para as disciplinas com atletas classificados nos Jogos Olímpicos, inviabilizando o desenvolvimento e fortalecimentos das outras. Em um ciclo, a disciplina que não tem um atleta classificado em uma edição dos Jogos Olímpicos dificilmente terá a situação revertida, pois não receberá investimentos suficientes.

Os treinadores também relataram uma falta de sequência na prática em ações iniciadas, por exemplo, utilização das estruturas e outros equipamentos esportivos, utilização do laboratório olímpico e uma potencialização da capacitação de atletas e treinadores realizadas.

A falta de um calendário nacional consistente de competições, principalmente de estrada e pista, também foi um ponto citado pelos treinadores. São realizadas poucas competições nacionais e quando um atleta conquista a vaga para uma competição internacional ele participa com pouca prática.

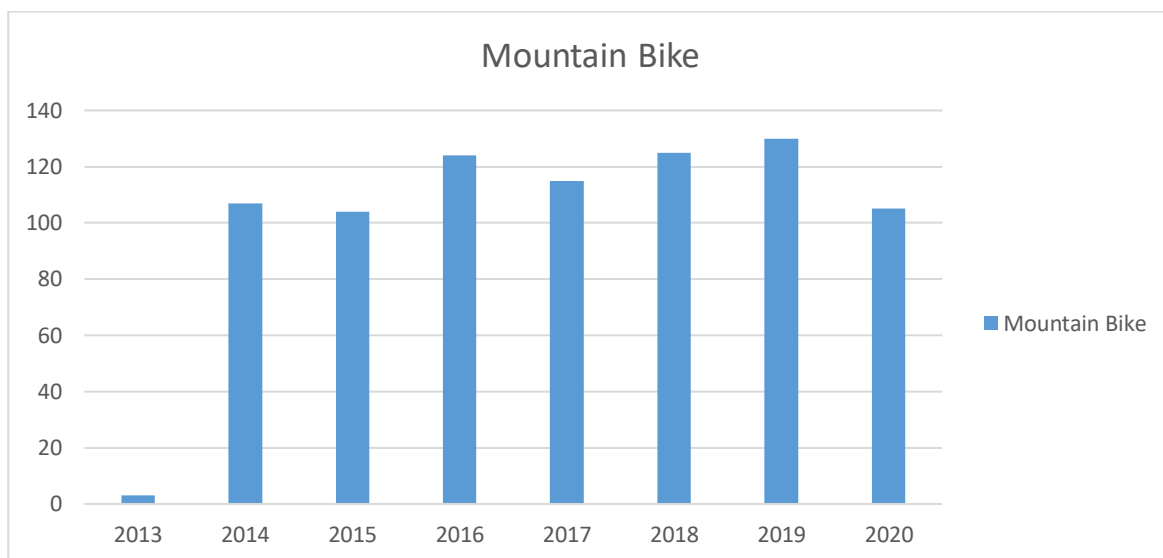
Figura 33 - Tabela de dificuldades na gestão do ciclismo

| | |
|---|--|
| Confederação com 5 disciplinas para fazer a gestão | Divisão dos recursos entre as disciplinas gerenciadas |
| Disciplinas priorizadas | Prioridade para as disciplinas classificadas para os JJOO Tóquio 2020, em detrimento das outras |
| Falta de sequência na prática | Falta de sequência e consolidação nas ações para potencializar tudo que ficou para o Brasil - estruturas, equipamentos esportivos, laboratório olímpico, capacitação de atletas e treinadores |
| Calendário Esportivo Nacional | Falta de um calendário nacional de estrada e pista consistente, com grande número de competições, para ser utilizado como treino pelos atletas brasileiros e também competições de pontuação internacional do Brasil |
| Participação em Campeonato Mundial sem prática suficiente na Estrada e Pista | Poucas competições nacionais. Os brasileiros vão para o Campeonato Mundial para "aprender", quando já deveriam chegar lá com grande experiência |
| Distanciamento das pessoas responsáveis pela teoria e das pessoas responsáveis pela prática | Quem faz a teoria não está alinhado com quem faz a prática. Os projetos não saem do papel |
| Falta de investimentos privados | Falta de investimentos privados para somar aos investimentos públicos limita as ações |

Fonte: Entrevistas, elaborado pela autora

Ao analisar os calendários publicados no website da Confederação Brasileira de Ciclismo (CBC), podemos verificar que em 2014 houve um aumento significativo da quantidade de competições de ciclismo de estrada em relação a 2013. Porém, a partir de 2014 houve uma diminuição do número de provas, até 2020, conforme apresenta a Figura 34.

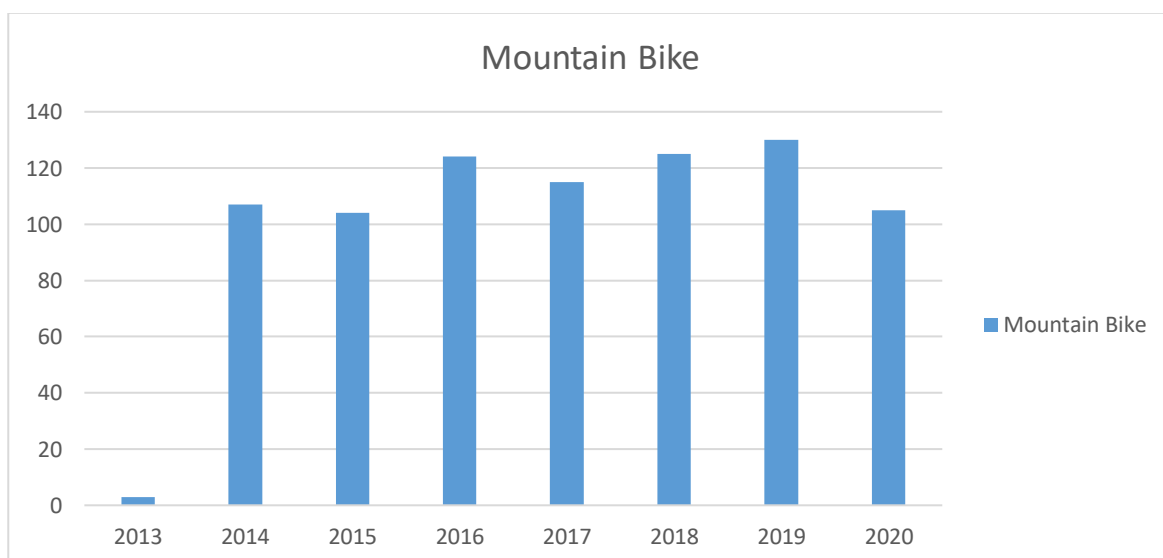
Figura 34 - Gráfico do número de competições de Ciclismo de Estrada de 2013 a 2020



Fonte: CBC, elaborado pela autora

Com relação às competições de ciclismo de pista, também observamos na Figura 35 uma diminuição do número de competições até 2016, com um pequeno aumento em 2017, seguido de outra diminuição nos próximos anos, até 2020.

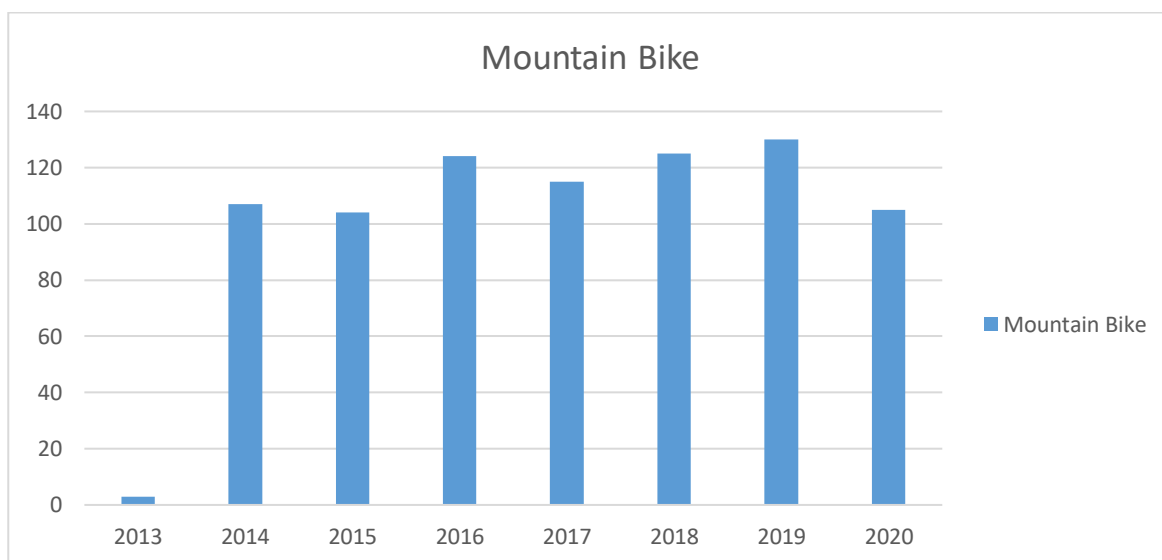
Figura 35 - Gráfico do número de competições de Ciclismo de Pista de 2013 a 2020



Fonte: CBC, elaborado pela autora

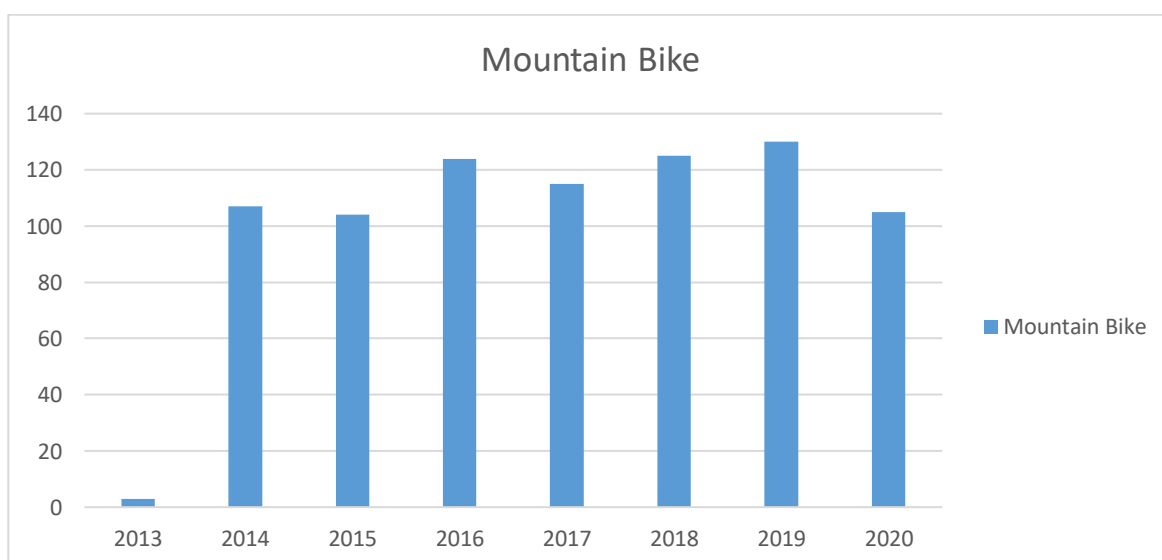
Com relação às competições de ciclismo *BMX* e *Mountain Bike* é possível verificar um aumento significativo da quantidade de competições a partir de 2013, se mantendo ao longo dos anos, com uma diminuição em 2020, como demonstrados nos gráficos das Figuras 36 e 37.

Figura 36 - Gráfico do número de competições de Ciclismo *BMX* de 2013 a 2020



Fonte: CBC, elaborado pela autora

Figura 37 - Gráfico do número de competições de Ciclismo *Mountain Bike* de 2013 a 2020



Fonte: CBC, elaborado pela autora

A presença de casos de *doping* entre atletas brasileiros foi uma dificuldade enfrentada pelo ciclismo brasileiro de acordo com os treinadores entrevistados. Isso fez com que houvesse o rompimento de patrocínios em algumas equipes nacionais e uma diminuição de investimentos da iniciativa privada, o que inviabilizou a participação em competições internacionais, principalmente no ciclismo de estrada. A consequência disto, somado outras dificuldades, resultou à não classificação de atletas do ciclismo de estrada e pista para os Jogos Olímpicos de Tóquio 2020 (Figura 38).

Figura 38 - Tabela com dificuldades aos casos de doping

| | |
|---|--|
| Doping entre atletas da seleção brasileira | Grande repercussão e imagem negativa do ciclismo brasileiro |
| Rompimento de patrocínios | Diminuição de investimentos da iniciativa privada |
| Não classificação para os JJOO Tóquio 2020 no Ciclismo de Estrada e Pista | A diminuição de investimentos da iniciativa privada levou a uma impossibilidade de participação em provas internacionais e, com isso, o Brasil não conquistou a vaga olímpica no ciclismo estrada e pista. |

Fonte: Entrevistas, elaborado pela autora

A diminuição dos recursos financeiros da CBC ocorreu a partir de 2016, com o rompimento do contrato de patrocínio com a Caixa Econômica Federal e a não formalização de novas parcerias. Além disto, os casos de doping refletiram diretamente nas equipes nacionais, que desenvolviam um trabalho com o ciclismo de alto rendimento, formando os atletas que integravam as seleções nacionais. Algumas equipes encerraram as atividades e outras tiveram uma redução de verba com o rompimento de patrocínio, enfraquecendo o desenvolvimento esportivo (Figura 39).

Como já apresentado no capítulo de revisão de literatura (Figura 3), os recursos financeiros da CBC praticamente ficaram os mesmos, desde 2017 até 2020, ainda que novas disciplinas foram integradas ao programa olímpico, como é o caso do *BMX Freestyle*, que terá a sua estreia nos Jogos Olímpicos de Tóquio 2020 (que será realizado em 2021 devido à pandemia). Com isso, foi necessária uma maior divisão dos recursos para contemplar todas as disciplinas sob responsabilidade da CBC (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE CICLISMO, 2018).

Figura 39 - Tabela com dificuldades de recursos financeiros

| | |
|---|--|
| Rompimento de Patrocínio | Rompimento do patrocínio com a Caixa Econômica Federal e não formalização de novos patrocínios |
| Centralização de recursos financeiros em poucos atletas | Os recursos foram centralizados nos atletas classificados nos JJOO Rio 2016, e os demais atletas tiveram o trabalho interrompido |
| Não classificação para os JJOO Tóquio 2020 no Ciclismo de Estrada e Pista | A diminuição de investimentos da iniciativa privada levou a uma impossibilidade de participação em provas internacionais e, com isso, o Brasil não conquistou a vaga olímpica no ciclismo estrada e pista. |
| Intenção de implantação de um Centro de Treinamento em Londrina | Centro de Treinamento com equipamentos, laboratório, pista de <i>BMX</i> . Não foi possível por falta de recursos |

Fonte: Entrevistas, elaborado pela autora

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio dos resultados obtidos, foi possível identificar como a realização dos JJOO Rio 2016 impactou no ciclismo brasileiro nos últimos anos, seja com pesquisa documental, seja com a narrativa de treinadores. Diversos são os aspectos que impactaram no ciclismo e eles podem ser positivos ou negativos. Os principais impactos encontrados dizem respeito ao legado olímpico e ao uso destas estruturas após o encerramento do JJOO Rio 2016, e também como tem sido feita a gestão da modalidade no país. Ter a clareza desses impactos nos permite compreender o cenário atual que o ciclismo se encontra e quais as principais dificuldades enfrentadas, auxiliando planejamentos futuros para o desenvolvimento esportivo da modalidade.

Tecnologias foram empregadas na prática e na gestão do ciclismo. Na prática, estas tecnologias auxiliaram os treinadores na preparação física dos atletas, buscando alcançar o nível máximo de *performance*. Os principais equipamentos tecnológicos utilizados são as plataformas digitais, para a prescrição do treinamento e análise posterior dos treinos sincronizadas aos medidores de potência. Além disto, acompanhar o desenvolvimento tecnológico de fabricante de bicicletas é fundamental para atingir o alto rendimento em competições. A gestão do ciclismo também é pautada no uso de tecnologias de processo, que vai desde a implantação de protocolos de avaliações e relatórios, até a elaboração de um

planejamento a longo prazo de competições e viagens, abrangendo estudo de probabilidade de resultados e pontuação. Parcerias e convênios são importantes aliados no desenvolvimento dos atletas, como por exemplo a parceria com a Centro Mundial de Ciclismo na Suíça, que auxiliou no treinamento e competições de atletas brasileiros com potencial de desenvolvimento ao longo dos últimos anos, a formação de treinadores através da Academia Brasileira de Treinadores do Comitê Olímpico do Brasil e o envolvimento de organizadores de eventos de *Mountain Bike* no Brasil, fundamental para o desenvolvimento esportivo do país e disseminação da modalidade entre brasileiros.

Quanto aos legados dos JJOO Rio 2016, o investimento inicial foi efetivado com a construção de diversas instalações esportivas de ciclismo de alto nível, mas na prática todas as instalações ficaram subutilizadas, seja pela burocracia enfrentada, pela falta de recursos financeiros ou pela falta de projetos. Os projetos esportivos implantados no Velódromo foram uma tentativa de uso do legado e desenvolvimento esportivo da modalidade, mas na prática não se consolidou para uma continuidade e expansão.

Ainda que o Velódromo ofereça uma estrutura de alto nível, poucos foram os períodos utilizados pela seleção nacional de ciclismo de pista para treinamentos, tampouco o local sediou o campeonato nacional da modalidade. Esta pesquisa não identificou os motivos da não utilização, já que esta é uma questão administrativa e o treinador não possui o conhecimento da causa para tal afirmação. O que se especula é que existe uma burocracia para uso do local que envolve um pagamento de uma taxa que não se adequa ao orçamento da CBC. Uma pesquisa mais aprofundada com relação a esse tema torna-se interessante, para identificar os motivos da subutilização das estruturas.

As outras instalações, a pista de *Mountain Bike* e a pista de *BMX*, não chegaram a receber projetos após o encerramento dos JJOO Rio 2016 e os locais ficaram fechados. Em 2021, tratativas para reformas e uso destes locais estão sendo realizadas e esperamos que eles possam receber projetos sociais, de formação esportiva e também o alto rendimento, com treinamento das seleções e competições oficiais nacionais e internacionais.

Apesar disto, o *Mountain Bike* é um exemplo a ser seguido no que diz respeito ao desenvolvimento esportivo, por conseguir captar investimentos da

iniciativa privada para a formação de equipes, formação de novos atletas e realização de competições.

Outro ponto identificado na pesquisa diz respeito à falta de um calendário consistente, que permita a preparação adequada dos atletas para participação em competições. O Ciclismo de Pista é uma modalidade que o Brasil poderia ter chances reais de classificação olímpica. Porém, a falta de competições nacionais não permite o treinamento adequado dos atletas, com situações reais de competição para o desenvolvimento da técnica adequada. Além disto, a falta de competições com pontuação internacional realizadas no Brasil também dificulta a classificação do Brasil no *ranking* mundial, já que são necessárias muitas viagens para o exterior, exigindo uma grande disponibilidade de recursos financeiros.

O Ciclismo de Estrada teve o seu auge quando o Brasil sediava as Voltas Ciclísticas Internacionais e, assim, conquistava pontuação suficiente para a classificação olímpica, como aconteceu para os JJOO Rio 2016. A partir de 2015 as Voltas Ciclísticas deixaram de ser realizadas no Brasil e o reflexo disto é a não classificação do Brasil nos JJOO Tóquio 2020 no ciclismo de estrada e no ciclismo de pista. O *Mountain Bike* conquistou três vagas, sendo duas vagas no masculino e uma vaga no feminino. O *BMX* ainda está em fase de classificação com as últimas competições pontuáveis para o *ranking* olímpico, mas até o momento o Brasil terá uma vaga no masculino e uma vaga no feminino.

As Figuras 40 e 41 apresentam uma síntese dos principais impactos positivos e negativos, identificados através da análise dos resultados da pesquisa. Os impactos foram divididos em três eixos: impacto de infraestrutura, impacto esportivo e impacto social e separados em duas tabelas, sendo a primeira tabela os impactos positivos e a segunda tabela os impactos negativos.

Figura 40 - Tabela síntese dos impactos positivos identificados pelo estudo

| Infraestrutura | Esportivo | Social |
|---|--|--|
| <ul style="list-style-type: none"> • Construção de Instalações Esportivas de Alto Rendimento • Construção de um Centro de Treinamento de Ciclismo em Londrina em 2021 | <ul style="list-style-type: none"> • Maior participação de atletas brasileiros em competições internacionais • Patrocínio da Caixa Federal até 2016 • Intercâmbio de atletas e treinadores no Centro Mundial de Ciclismo • Organização de competições internacionais de MTB no Brasil • Capacitação de treinadores e árbitros | <ul style="list-style-type: none"> • JJOO Rio 2016 colocou a bicicleta em uma vitrine • O Brasil passou a ter um ídolo no MTB, que inspirou muitos jovens atletas • Início do projeto de ciclismo para crianças no Velódromo do Rio |

Fonte: Análise dos Resultados, elaborado pela autora

Figura 41 - Tabela síntese dos impactos negativos identificados pelo estudo

| Infraestrutura | Esportivo | Social |
|---|---|--|
| <ul style="list-style-type: none"> • Instalações construídas estão subutilizadas • Falta de projeto consistente com previsão orçamentária para uso e manutenção | <ul style="list-style-type: none"> • Rompimento do patrocínio da Caixa Federal em 2016 • Casos de doping de atletas brasileiros • Investimento financeiro em poucos atletas • Falta de sequência em ações iniciadas • Não classificação para Tokyo 2020 no Ciclismo de Estrada e Pista | <ul style="list-style-type: none"> • Não houve planejamento para atender a demanda pós JJOO Rio 2016 no ciclismo máster • Projetos implantados não tiveram sequência |

Fonte: Análise dos Resultados, elaborado pela autora

Ainda que não seja objeto principal de investigação deste estudo, não podemos deixar de mencionar os Jogos Olímpicos de Tóquio 2020 (JJOO Tóquio 2020) que aconteceram em agosto de 2021, pois eles são uma forma direta de analisar na prática os impactos esportivos dos JJOO Rio 2016 no ciclismo brasileiro. Nesta última edição, houve a estreia da quinta disciplina do ciclismo, o *BMX* Estilo Livre e a principal forma de classificação em todas as disciplinas foi a posição da nação no *Ranking* Mundial da UCI.

No Ciclismo de Estrada o Brasil não classificou nenhum atleta pela primeira vez desde os Jogos Olímpicos de Moscou em 1980, pois o país não terminou o *Ranking* entre as 50 melhores nações no masculino e 30 melhores nações no feminino.

No Ciclismo de Pista o Brasil não conquistou a classificação de nenhum atleta, tanto no masculino quanto no feminino. Isto porque o país não terminou o *Ranking* olímpico nas zonas de classificação em nenhuma das provas disputadas no velódromo. As melhores classificações do *Ranking* olímpico foram no Keirin Masculino (21º) e na Madison Feminino (27º), insuficientes para uma vaga olímpica.

No *Mountain Bike*, o Brasil terminou o *Ranking* em 4º lugar no masculino e conquistou 2 vagas para a nação. No feminino, o país terminou o *Ranking* em 18º lugar e conquistou 1 vaga para a nação. A convocação da CBC incluiu Henrique Avancini, Luiz Henrique Cocuzzi e Jaqueline Mourão como representantes. O atleta Henrique Avancini foi considerado como a grande esperança de medalha para o ciclismo brasileiro, mas finalizou a competição na 13ª colocação. Apesar de longe do pódio, este foi o melhor resultado do Brasil no *Mountain Bike* em edições dos Jogos Olímpicos. Luiz Henrique Cocuzzi finalizou na 27ª colocação e Jaqueline Mourão finalizou na 35ª colocação.

No *BMX*, o Brasil garantiu a classificação de 1 atleta no masculino e 1 atleta no feminino. Os representantes brasileiros foram Renato Rezende e Priscilla Stevaux após convocação da CBC seguindo os critérios estabelecidos. O atleta Renato Rezende conquistou a 14ª colocação, sendo este o melhor resultado do Brasil no *BMX* em edições dos Jogos Olímpicos. Priscilla Stevaux não avançou de fase na competição.

No *BMX* Estilo Livre, disciplina que estreou em Tóquio 2020, o Brasil ficou longe da classificação olímpica. Isto porque não conquistou resultados suficientes no Mundial de 2019 e também não terminou o *Ranking* entre os 5 primeiros colocados.

Foi possível observar um movimento de crescimento esportivo que garantiu a melhor participação olímpica da história do Brasil, com o país em 12º lugar no quadro de medalhas. Porém, é possível arriscar dizer que o ciclismo aproveitou menos esse movimento em relação a outras modalidades. É verdade que foram conquistados melhores resultados individuais, mas a não representatividade de atletas brasileiros em todas as disciplinas, como no Ciclismo de Estrada, no Ciclismo de Pista e no *BMX* Estilo Livre, demonstrou um impacto negativo e uma não continuidade nas ações e investimentos realizados para os JJOO Rio 2016.

Se torna fundamental a CBC e o COB repensarem as estratégias para potencializar os investimentos em cada uma das modalidades. E isso inclui um planejamento abrangente de participação em eventos do calendário da UCI, bem como voltar a sediar eventos de Ciclismo de Estrada e de Pista no Brasil, para garantir a participação de atletas brasileiros em competições de alto nível sem a necessidade de viajar para o exterior, o que diminuiria os custos e contribuiria na preparação esportiva adequada. O próximo ciclo olímpico será mais curto, de apenas 3 anos, e a próxima edição dos Jogos Olímpicos será em Paris-França, em 2024.

A corrida pela classificação no *Ranking* Internacional já começou e podemos identificar alguns atletas e equipes empenhados e com foco na classificação olímpica. É o caso da equipe ABEC Rio Claro, que investe no Ciclismo de Pista Feminino, mais especificamente na Prova *Madison*. A dupla formada pelas atletas Wellyda Rodrigues e Alice Melo competiu 5 provas internacionais, sendo 3 provas na Colômbia com pontuação CL1 (nomenclatura da UCI) e 2 etapas da Copa das Nações, uma na Rússia e uma na Colômbia. Com os resultados obtidos, o Brasil ocupa a 21ª colocação no *Ranking* Mundial da Prova *Madison*. O objetivo era garantir a participação no Campeonato Mundial de Pista, marcado para acontecer em Outubro na França. Mas para isso, era preciso ainda pontuar: no Campeonato Nacional de Pista, que não foi realizado até o momento de definição das vagas e está previsto para acontecer somente no mês de

Novembro; e no Campeonato Panamericano de Pista, que por uma restrição do Peru a participação brasileira foi dificultada, tendo que cumprir uma quarentena de 14 dias em outro país antes de ingressar ao Peru. Ainda que fosse possível, a CBC optou pela não participação, o que num primeiro momento não parecia causar tantos impactos. Porém, impactou na não classificação direta para o Campeonato Mundial de Pista, competição esta que é fundamental na pontuação do *Ranking* olímpico.

Muitos podem perguntar: mas é possível a classificação olímpica? E a resposta é: SIM! É possível, desde que tenha empenho e que o trabalho de todos seja focado no mesmo objetivo. Trabalho este não somente em relação ao financiamento para a participação dos atletas em competições internacionais. Mas também em relação ao aproveitamento das instalações de ciclismo e do Laboratório Olímpico, do trabalho dos organizadores de eventos (eventos de alto nível), do trabalho das equipes, da dedicação dos atletas, da contribuição positiva da mídia, dos patrocinadores, entre outros. E, é claro, de um direcionamento e continuidade dos investimentos para dar chances ao novo, ao diferente. Albert Einstein já dizia: “Insanidade é querer resultados diferentes fazendo tudo exatamente igual”.

Cabe ressaltar que esta pesquisa entrevistou somente treinadores que tiveram envolvimento com o JJOO Rio 2016 de forma direta com as seleções nacionais. Isto fez com que as narrativas estivessem carregadas de emoções de acordo com as vivências e experiências de cada um, sejam elas positivas ou negativas.

Além disto, o estudo encontrou especulações em uma temática que não foi objetivo da pesquisa. Nesse sentido, coletar dados com dirigentes esportivos e gestores seria interessante para fundamentar tais especulações e analisar os impactos dos JJOO Rio 2016 em diferentes narrativas e olhares. Esta área ainda carece de pesquisas, mas acreditamos que demos o primeiro passo para que outros estudos sejam realizados tanto com o ciclismo, quanto com a realização dos Jogos Olímpicos Rio 2016.

7. REFERÊNCIAS

- ABEC RIO CLARO. História. [s.d.]. Disponível em: <https://ciclismorc.wordpress.com/historia/>. Acesso em: 5 jan. 2021.
- ABRACICLO. *Caloi*. [s.d.b]. Disponível em: <https://www.abraciclo.com.br/site/caloi/>. Acesso em: 20 ago. 2020.
- ABRACICLO. *Coletiva de imprensa - Janeiro - SP*. [s.d.g]. Disponível em: <https://www.abraciclo.com.br/site/coletivas-de-2020/2020/coletiva-de-imprensa-janeiro-sp/>. Acesso em 20 ago. 2020.
- ABRACICLO. *Dados Mensais*. [s.d.f]. Disponível em: <https://www.abraciclo.com.br/site/dadosmensais/>. Acesso em: 20 ago. 2020.
- ABRACICLO. *História e atuação*. [s.d.a]. Disponível em: <https://www.abraciclo.com.br/site/>. Acesso em: 20 ago. 2020.
- ABRACICLO. *Houston*. [s.d.c]. Disponível em: <https://www.abraciclo.com.br/site/HOUSTON/>. Acesso em: 20 ago. 2020.
- ABRACICLO. *Oggi*. [s.d.d]. Disponível em: <https://www.abraciclo.com.br/site/OX-BIKE/>. Acesso em: 20 ago. 2020.
- ABRACICLO. *Press Releases*. [s.d.h]. Disponível em: <https://www.abraciclo.com.br/site/press-releases-2020/2020/com-retomada-gradual-das-fabricas-producao-de-bicicletas-ultrapassa-20-mil-unidades-em-maio/>. Acesso em 20 ago. 2020.
- ABRACICLO. *Press Releases*. [s.d.i]. Disponível em: <https://www.abraciclo.com.br/site/press-releases-2020/2020/producao-de-bicicletas-registra-queda-de-814-em-abril/>. Acesso em 20 ago. 2020.
- ABRACICLO. *Sense Bike*. [s.d.e]. Disponível em: <https://www.abraciclo.com.br/site/SENSE-BIKE/>. Acesso em: 20 ago. 2020.
- ADAMI, M. Bicicletas nas Guerras. *Bikemagazine*, [S.I.], 1 mar. 2011. Disponível em: <https://www.bikemagazine.com.br/2011/03/bicicletas-nas-guerras/>. Acesso em: 09 set. 2020.
- ADAMI, M. Pelos (poucos) velódromos do Brasil. *Bikemagazine*, [S.I.], 2 mar. 2015. Disponível em: <http://www.bikemagazine.com.br/2015/03/pelos-poucos-velodromos-do-brasil/>. Acesso em: 6 nov. 2020.
- AGLO. *Plano de Legado*. 2017. Disponível em: http://arquivo.esporte.gov.br/arquivos/ascom/plano_de_legacy_aglo_rev8.pdf. Acesso em: 17 maio 2021.
- ALBERTI, V. Manual de história oral. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.
- BARDIN, L. *Análise do conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BIROCHI, R. *Metodologia de estudo e pesquisa em Administração*. Florianópolis: UFSC; [Brasília]: CAPES/UAB, 2015.
- BRASIL. Lei nº 9.503, de 23 de setembro de 1997. Institui o Código de Trânsito Brasileiro. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, 24 set. 1997. Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br>. Acesso em 11 ago. 2020.
- BRASIL, Lei nº 9615, de 24 de Março de 1998. Institui normas gerais sobre desportos e dá outras providências. *Diário Oficial [da] República Federativa do*

Brasil, Brasília, 24 mar. 1998. Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19615consol.htm. Acesso em 11 ago. 2020.

BRASIL NOS JOGOS OLÍMPICOS DE VERÃO DE 1996. In: *WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre*. Flórida: Wikimedia Foundation, 2020. Disponível em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Brasil_nos_Jogos_Ol%C3%ADmpicos_de_Ver%C3%A3o_de_1996. Acesso em: 15 abr. 2020.

BRASIL NOS JOGOS OLÍMPICOS DE VERÃO DE 2004. In: *WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre*. Flórida: Wikimedia Foundation, 2020. Disponível em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Brasil_nos_Jogos_Ol%C3%ADmpicos_de_Ver%C3%A3o_de_2004. Acesso em: 15 abr. 2020.

BRASIL NOS JOGOS OLÍMPICOS DE VERÃO DE 2008. In: *WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre*. Flórida: Wikimedia Foundation, 2020. Disponível em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Brasil_nos_Jogos_Ol%C3%ADmpicos_de_Ver%C3%A3o_de_2008#Ciclismo_de_estrada. Acesso em: 15 abr. 2020

BRASIL NOS JOGOS OLÍMPICOS DE VERÃO DE 2012. In: *WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre*. Flórida: Wikimedia Foundation, 2020. Disponível em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Brasil_nos_Jogos_Ol%C3%ADmpicos_de_Ver%C3%A3o_de_2012#Ciclismo. Acesso em: 15 abr. 2020.

Brasileiro de Ciclismo de Pista: no velódromo com a nova geração. Bikemagazine. 2017. Disponível em: <https://www.bikemagazine.com.br/2017/12/brasileiro-de-ciclismo-de-pista-no-velodromo-com-a-nova-geracao/>. Acesso em: 20 jan. 2021.

BUSTUS, V. F. *Monark 10*. 2019. Disponível em:
<https://revistabicicleta.com/historias-da-bicicleta/monark-10/>. Acesso em: 09 set. 2020.

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL. *Relatório de Sustentabilidade 2013: Patrocínios culturais e esportivos*. 2013. Disponível em:
http://www1.caixa.gov.br/relatorio_sustentabilidade_2013/patrocinius-culturais-e-esportivos.html. Acesso em 05 mar. 2020.

CALOI. + *de 120 anos*. c2020. Disponível em: <https://www.caloi.com/marca>. Acesso em: 20 fev. 2020.

CANDIDATURA DO RIO DE JANEIRO PARA OS JOGOS OLÍMPICOS DE VERÃO 2016. In: *WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre*. Flórida: Wikimedia Foundation, 2020. Disponível em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Candidatura_do_Rio_de_Janeiro_para_os_Jogos_Ol%C3%ADmpicos_de_Ver%C3%A3o_de_2016. Acesso em: 20 set. 2020.

CASTRO, S.B.E.; SOUZA, D.L. Os Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016: propostas para o esporte educacional, de participação e de rendimento. *Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte*, São Paulo, v. 29, n. 3, p. 507-18, jul./set., 2015.

CBC convoca atletas para encontro, no velódromo de Maringá-PR. Esporte Alternativo. 2010. Disponível em: <https://esportealternativo.com.br/ciclismo/cbc-convoca-atletas-para-encontro-no-velodromo-de-maringa-pr.html>. Acesso em: 15 dez. 2020.

CHIZZOTTI, A. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. São Paulo: Cortez, 1991.

CICLISMO NOS JOGOS OLÍMPICOS DE VERÃO 2016. In: *WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre*. Flórida: Wikimedia Foundation, 2020. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ciclismo_nos_Jogos_Ol%C3%ADmpicos_de_Ver%C3%A3o_de_2016. Acesso em: 20 set. 2019.

COMITÊ OLÍMPICO DO BRASIL. *Academia Brasileira de Treinadores*. c2020. Disponível em: <https://www.cob.org.br/pt/cob/sobre-o-cob/instituto-olimpico-brasileiro/academia-brasileira-de-treinadores>. Acesso em: 15 maio 2021.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE CICLISMO. *Página Inicial*. 2020. Disponível em: <https://transparenciaconf.cob.org.br/cbc/>. Acesso em: 05 mar. 2020.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE CICLISMO. *Portal da Transparência*. c2018. Disponível em: <https://transparenciaconf.cob.org.br/cbc/>. Acesso em: 05 mar. 2020.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE CICLISMO. 2016. *Rio 2016 – Ciclismo/Paraciclismo*: relação completa de atletas convocados para os Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016. Disponível em: <http://cbc.esp.br/noticias/busca/id/10237>. Acesso em: 20 fev. 2020.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE CICLISMO. *Notícias*. [s.d.]. Disponível em: <http://cbc.esp.br/noticias>. Acesso em: 15 maio 2021.

CEPEUSP. Velódromo. [s.d.]. Disponível em: http://www.cepe.usp.br/?page_id=198. Acesso em: 10 dez. 2020.

DANTAS, L. *A dicotomia entre as visões sobre o esporte*. [s.d.]. Disponível em: <https://www.projetoredacao.com.br/temas-de-redacao/esporte-no-brasil-ferramenta-de-inclusao-social-ou-meritocracia-excludente/a-dicotomia-entre-as-visoes-sobre-o-esporte/8471>. Acesso em: 23 nov. 2018.

DINIZ, J. *Educação e esportes como ferramentas de integração social*. 2018. Disponível em: <http://www.joaquimnabuco.edu.br/noticias/educacao-e-esportes-como-ferramentas-de-integracao-social>. Acesso em 10 Mar. 2021.

EMILE DE BEUKELAER. In: *WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre*. Flórida: Wikimedia Foundation, 2020. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Emile_De_Beukelaer. Acesso em: 06 nov. 2020.

ESCOLA DA BICICLETA. *A história da bicicleta no Brasil*. [s.d.b.]. Disponível em: <http://www.escoladebicicleta.com.br/historiabicicletaBrasilA.html>. Acesso em: 20 jan. 2020.

ESCOLA DA BICICLETA. *A história da bicicleta no mundo*. [s.d.a.]. Disponível em: <http://www.escoladebicicleta.com.br/historiadabicicleta.html>. Acesso em: 20 jan. 2020.

ESPÍRITO-SANTO, G (ed.). Ciclismo. In: COSTA, L. *Atlas do esporte no Brasil: atlas do esporte, educação física e atividades físicas de saúde e lazer no Brasil*. Rio de Janeiro: Shape Editora, 2005. P. 289-292.

ESPECIAL OLIMPÍADAS: O BRASIL NOS JOGOS OLÍMPICOS. *Guia da Carreira*. [s.d.] Disponível em: <https://www.guiadacarreira.com.br/educacao/olimpiadas-brasil-jogos-olimpicos/>. Acesso em: 18 jun. 2020.

FACEBOOK. *Cidade Repórter*. 2019. Disponível em: <https://www.facebook.com/cidadereporter/posts/2531686140445523/>. Acesso em: 14 dez. 2020.

- FACEBOOK. *Rio Claro Retrô*. 2015. Disponível em: <https://www.facebook.com/RioClaroRetro/photos/velo-clube-rioclarense-105-anosessa-semana-o-velo-clube-completou-105-anos-de-ex/885004221584690>. Acesso em: 6 nov. 2020.
- FALZONI, R. *O monstrorista e Porto Alegre*. 2011. Disponível em: <https://bikelegal.com/2011/02/28/o-monstrorista-de-porto-alegre/>. Acesso em: 20 jan. 2020.
- FEDERAÇÃO MINEIRA DE CICLISMO. História. [s.d.]. Disponível em: <https://fmc.org.br/federacao/historia-da-federacao-mineira-de-ciclismo/>. Acesso em: 10 dez. 2020.
- FICHEIRO: ROAD CYCLING AT THE 2016 SUMMER OLYMPICS 1. In: *WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre*. Flórida: Wikimedia Foundation, 2020. Disponível em: https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Road_cycling_at_the_2016_Summer_Olympics_1.jpg. Acesso em: 18 nov. 2020.
- FICHEIRO: VELÓDROMO OLÍMPICO DO RIO. In: *WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre*. Flórida: Wikimedia Foundation, 2020. Disponível em: [https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Vel%C3%B3dromo_Ol%C3%ADmpico_do_Rio_\(28907505012\).jpg](https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Vel%C3%B3dromo_Ol%C3%ADmpico_do_Rio_(28907505012).jpg). Acesso em 18 nov. 2020.
- FIGUEIREDO, G. *Olimpíadas Rio 2016 – Nino Schurter leva ouro olímpico no MTB XCO*. 2016. Disponível em: https://www.pedal.com.br/olimpiadas-rio-2016-nino-schurter-leva-ouro-olimpico-no-mtb-xco_texto11138.html. Acesso em: 14 nov. 2020.
- FLICK, U. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. 2ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.
- FRAZÃO, D. 2018. *Barão de Coubertin*. Disponível em: https://www.ebiografia.com/barao_de_coubertin/. Acesso em: 15 jul. 2020.
- GALATTI, L. R. AFEs, desenvolvimento humano e esporte de alto rendimento. In: PNUD. *Relatório nacional de desenvolvimento humano no Brasil 2017*. [Brasília], 2017.
- GAMBETA, W. R. *A bola rolou: o Velódromo Paulista e os espetáculos de futebol 1895 – 1916*. 2013. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, letras e ciências humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-01102014-162931/publico/2013_WilsonRobertoGambeta_VOrig.pdf. Acesso em 6 nov. 2020.
- GIL, A.C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GIRA JUNTO. *Você sabe aonde foi criada a primeira bicicleta? Conheça essa história de 200 anos*. 2017. Disponível em: <https://www.girajunto.com.br/voce-sabe-aonde-foi-criada-primeira-bicicleta-conheca-essa-historia-de-200-anos/>. Acesso em: 20 jan. 2020.
- GNECCO, J.R. Apontamentos Sobre a Realização e os Legados dos Jogos Pan-Americanos Rio 2007. In: DA COSTA L.P., *et al.*, ed. *Legados de megaeventos Esportivos*. Brasília: Ministério do Esporte, 2008. p.265-270.
- GNECCO, J.R. The post-olympic era in Brazil: research on the current status of the use of Rio Olympic heritage. In: GUOZHI, L.; PAULINO, L.A. (Org.). *Yellow*

Book of Brazil (2017-2018): Annual Report on Development of Brazil. Wuhan, China: Social Sciences Academic Press, 2018. p. 186-206.

GROLL, M. V. *História do Ciclismo no Brasil*. 2010. Disponível em: <http://travinha.com.br/2010/02/11/ciclismo-no-brasil/>. Acesso em 10 nov. 2019.

GUILHARDUCCI, Thiago Lozano. *A mobilidade urbana e a bicicleta como instrumento de transformação da cidade*. 2017. 51 f. Trabalho de conclusão de curso (bacharelado - Geografia) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, 2017. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/157015>>. Acesso em: 5 set. 2020.

HANCOCK, J. R. Há 200 anos foi criada a primeira bicicleta: estes foram os primeiros modelos. *El País*, Madrid, 19 abr. 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/19/deportes/1492597692_626497.html. Acesso em: 24 jan. 2020.

HISTÓRICO DO BRASIL. *Uol*, [s.d.]. Disponível em: https://www.uol.com.br/esporte/olimpiadas/modalidades/ciclismo/historico_brasil.jhtm. Acesso em: 04 mar. 2020.

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Monark?oldformat=true>. Acesso em: 15 jul. 2020.

JACINSKI, E.; SUSIN, R.M.; BAZZO, W.A. Repensando as dicotomias entre Tecnologia e Sociedade na Educação Tecnológica. *RBECT*, Curitiba, v. 1, n. 3, p. 13-22, set./dez., 2008.

JOGOS OLÍMPICOS. In: *WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre*. Flórida: Wikimedia Foundation, 2020. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Jogos_Ol%C3%ADmpicos&oldid=58795992>. Acesso em: 18 jul. 2020.

JORNAL DO CAMPUS. *Soluções para o velódromo não foram soluções*. 2018. Disponível em: <http://www.jornaldocampus.usp.br/index.php/2018/10/solucoes-para-o-velodromo-nao-foram-solucoes/>. Acesso em: 10 dez. 2020.

JURAMENTO OLÍMPICO. In: *WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre*. Flórida: Wikimedia Foundation, 2020. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Juramento_ol%C3%ADmpico&oldid=59355660>. Acesso em: 15 jul. 2020.

KENSKI, V.M. Reflexões e indagações sobre a sociedade digital e a formação de um novo profissional / professor. *RELATEC*, Espanha, v. 3, n. 2, p. 99-107, 2004.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. *Fundamentos de Metodologia Científica*. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LISTA DOS JOGOS OLÍMPICOS DA ERA MODERNA. In: *WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre*. Flórida: Wikimedia Foundation, 2020. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Lista_dos_Jogos_Ol%C3%ADmpicos_da_Era_Moderna&oldid=58854441>. Acesso em: 24 jul. 2020.

LOPES, B. H. B. *A origem das bicicletas dobráveis remonta à Primeira Guerra Mundial*. [s.d.]. Disponível em: <https://www.historiaillustrada.com.br/2014/03/a-origem-das-bicicletas-dobraveis.html>. Acesso em: 09 set. 2020.

LUCCHETTI, A. *A história do velódromo na Consolação, em São Paulo*. 2016. Disponível em <https://www.ativo.com/bike/ciclismo/a-historia-do-velodromo-na-consolacao-em-sao-paulo/>. Acesso em: 19 mar. 2020.

MAIA, P. Banco do Brasil será o patrocinador do Ciclismo Brasileiro. 2009. Disponível em: https://www.pedal.com.br/banco-do-brasil-sera-o-patrocinador-do-ciclismo-brasileiro_texto3039.html. Acesso em: 20 jan. 2020.

MALMEGRIN, M.L. *Gestão Operacional*. 3ª ed. Florianópolis: UFSC; [Brasília]: CAPES/UAB, 2014.

MANCHA, A. *Conheça a magnífica história da Caloi*. 2014. Disponível em: <https://vizionbikes.wordpress.com/2014/05/06/conheca-a-magnifica-historia-da-caloi/>. Acesso em: 16 abr. 2020.

MAY, M. A evolução da tecnologia nas bicicletas. 2010. Disponível em: <http://marciomay.tpa.com.br/?p=158>. Acesso em: 23 nov. 2018.

MAZO, J.Z.; ROLIM, L.H.; DA COSTA, L. P. Busca de uma Definição de Legado na Perspectiva de Megaeventos Olímpicos. In: DA COSTA L.P., *et al.*, ed. *Legados de megaeventos Esportivos*. Brasília: Ministério do Esporte; 2008. p.117-120.

MAZZEI, L.C; ROCCO JR, A.J. Um ensaio sobre a Gestão do Esporte: um momento para a sua afirmação no Brasil. *RGNE*, São Paulo, maio, v. 2, n. 1, p. 96-109, 2017.

MELO, V. A. *Dicionário do Esporte no Brasil* [livro eletrônico]: Do Século XIX ao início do século XX. Campinas: Autores Associados Ltda, 2018.

MELO, V. A.; SCHETINO, A. A bicicleta, o ciclismo e as mulheres na transição dos séculos XIX e XX. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 296, jan./abr. 2009.

MINISTÉRIO DA CIDADANIA. *Velódromo de Indaiatuba (SP)*. 2016. Disponível em: <http://arquivo.esporte.gov.br/index.php/fique-por-dentro/2-sem-categoria/54545-velodromo-de-indaiatuba-sp>. Acesso em: 20 jan. 2021.

MINISTÉRIO DA CIDADANIA. Esporte e Cidadania para Todos abre inscrições para aulas no Parque Olímpico da Barra. 18 jan. 2018. Disponível em: <http://arquivo.esporte.gov.br/index.php/ultimas-noticias/209-ultimas-noticias/57981-esporte-e-cidadania-para-todos-abre-inscricoes-para-aulas-no-parque-olimpico-da-barra>. Acesso em: 17 maio 2021.

MINISTÉRIO DA CIDADANIA. *Rede Nacional de Treinamento*. 2019. Disponível em: <http://arquivo.esporte.gov.br/index.php/institucional/legado-esportivo>. Acesso em: 17 maio 2021.

MONARK. In: *WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre*. Flórida: Wikimedia Foundation, 2020. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Monark?oldformat=true>. Acesso em: 15 jul. 2020.

MORAES, S.T. Contrapontos no planejamento ciclovitário e a desigualdade no uso do espaço de circulação nas cidades brasileiras. In: BELOTTO, J.C.A. *et al* (Org.). *A cidade em equilíbrio: contribuições teóricas ao 3º Fórum Mundial da Bicicleta*. Curitiba: Proec/UFPR, 2014. p. 145-9.

MORAIS, R. D. *O Ciclismo nos clubes de Porto Alegre/RS: entre o passado e o presente*. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento) – Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

MUSEU VIRTUAL DO FUTEBOL. *Velo Clube: do ciclismo ao futebol*. 2010. Disponível em: <http://reliquiasdofutebol.blogspot.com/2010/09/1925.html>. Acesso em: 6 nov. 2020.

Nove meses após a Rio-2016, Complexo de Deodoro está abandonado e sem uso do povo. Superesportes. 14 maio 2017. Disponível em: https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/rio-2016/2017/05/14/se_noticia_rio_2016,401721/nove-meses-apos-rio-2016-complexo-de-deodoro-esta-abandonado.shtml. Acesso em: 16 maio 2021.

ONUBR. Grupo de trabalho interagencial. *Esporte para o desenvolvimento e a paz.* [Brasília], 2016.

O GLOBO. *História dos Jogos Olímpicos: da antiguidade a Berlim-1936.* 2016. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/historia-dos-jogos-olimpicos-da-antiguidade-berlim-1936-19376961>. Acesso em 06 nov. 2020.

PAPILLON, L. *Você conhece o velódromo do Ibirapuera?* 2018. Disponível em: <https://www.pelote.com.br/voce-conhece-o-velodromo-do-ibirapuera/>. Acesso em: 20 fev. 2021.

PEDROSO, C. *Velódromo da Vila Olímpica é um dos mais estruturados do país.* 2008. Disponível em: <http://www2.maringa.pr.gov.br/site/noticias/2008/05/30/velodromo-da-vila-olimpica-e-um-dos-mais-estruturados-do-pais/6408>. Acesso em: 15 dez. 2020.

PERAZZINI, V. *É proibido voar: Lance! resgata memórias do 1º estádio de futebol do Brasil, demolido há 100 anos.* 2016. Disponível em: <https://www.lance.com.br/futebol-nacional/100-anos-demolicao-velodromo-paulista.htm>. Acesso em: 6 nov. 2020.

PNUD. *Esporte para o desenvolvimento humano.* [Brasília], 2015.

PREFEITURA DO RIO. *Parceria entre Município e Federação de Bicicross vai reabrir a pista de BMX do Parque Radical de Deodoro.* 9 abr. 2021. Disponível em: <https://prefeitura.rio/cidade/parceria-entre-municipio-e-federacao-de-bicicross-vai-reabrir-a-pista-de-BMX-do-parque-radical-de-deodoro/>. Acesso em: 30 abr. 2021.

PRONEC. *Monark S.A. indústria de bicicletas e a famosa barra circular.* [s.d.]. Disponível em: <https://pronec.org/certificado/monark-s-a-industria-de-bicicletas-e-a-famosa-barra-circular/>. Acesso em 20 jan. 2020.

RANGEL, S. Eterna candidata. *Folha de São Paulo*, 2007. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/especial/fj2306200707.htm>. Acesso em: 20 set. 2020.

REDE NACIONAL DO ESPORTE. *Ciclistas da Seleção de Pista seguem para mais um período de treinamento na Suíça.* 2014. Disponível em: <http://www.rededoesporte.gov.br/pt-br/noticias/ciclistas-da-selecao-de-pista-seguem-para-mais-um-periodo-de-treinamentos-na-suica>. Acesso em: 15 maio 2021.

REDE NACIONAL DO ESPORTE. *Quer pedalar em uma instalação olímpica? Saiba o que é preciso fazer para utilizar o Velódromo do Rio.* 2017. Disponível em: <http://rededoesporte.gov.br/pt-br/noticias/quer-pedalar-em-uma-instalacao-olimpica-saiba-o-que-e-preciso-fazer-para-utilizar-o-velodromo-do-rio>. Acesso em: 18 jan. 2021.

REVISTA BICICLETA. *Caloi, 120 anos de história.* 2019. Disponível em: (<https://revistabicicleta.com/historias-da-bicicleta/caloi-120-anos-de-historia/>). Acesso em: 20 fev. 2020.

RIBEIRO, F.T. Legado de Megaeventos Esportivos Sustentáveis: A Importância das Instalações Esportivas. In: DA COSTA L.P., *et al.*, ed. *Legados de megaeventos Esportivos*. Brasília: Ministério do Esporte; 2008. p.107-116.

Rio-2016: Confirma os resultados das provas de ciclismo de estrada. *Bike é Legal*. 8 ago. 2016. Disponível em: <https://bikeelegal.com/2016/08/08/rio-2016-confirma-os-resultados-das-provas-de-ciclismo-de-estrada/>. Acesso em: 19 maio 2021.

RJ: velódromo de R\$ 14 mi será demolido para construção de outro. *G1*, 14 jul. 2012. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2012/07/rj-velodromo-de-r-14-mi-sera-demolido-para-construcao-de-outro.html>. Acesso em: 14 maio 2021.

Rio de Janeiro tem a pior nota entre as cidades finalistas para os Jogos de 2016. *Globo Esporte.com*, Rio de Janeiro, 4 jun. 2008. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/Esportes/Pequim2008/Noticias/0,,MUL589410-9823,00-RIO+DE+JANEIRO+TEM+A+PIOR+NOTA+ENTRE+AS+CIDADES+FINALISTAS+PARA+OS+JOGOS+DE.html>. Acesso em: 20 set. 2020.

RONDINELLI, P. Como são escolhidas as Cidades-Sede dos Jogos Olímpicos?. *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/educacao-fisica/como-escolhida-cidadesede-dos-jogos-olimpicos.htm>. Acesso em: 20 set. 2020.

ROZENBERG, M. *Velódromo*: o primeiro estádio de futebol da cidade de São Paulo. c2020. Disponível em: <https://terceirotempo.uol.com.br/que-fim-levou/velodromo-1097>. Acesso em: 19 mar. 2020.

SANTO, G.E. Ciclismo. In: DaCosta, L. (Org.). *Atlas do Esporte no Brasil*. Rio de Janeiro: CONFED, 2006. Disponível em: <http://www.atlasesportebrasil.org.br/textos/355.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2020.

SCHETINO, A.M. Ciclismo e Modernidade: apontamentos sobre a invenção da bicicleta e os primórdios do ciclismo no Rio de Janeiro. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 24., 2007, São Leopoldo, RS. *Anais...* São Leopoldo: Unisinos, 2007. CD-ROM.

SELLTIZ, C. *et al. Métodos de pesquisa nas relações sociais*. São Paulo: Herder, 1972.

SELLTIZ, C.; WRIGHTSMAN, L.S.; COOK, S.W. *Métodos de pesquisa nas relações sociais*. Organizadora da 4.ed. am: Louise H. Kidder. São Paulo: EPU, 1987. v.1: Delineamento de pesquisa.

SILVA, C. F.; CARMONA, E. K.; MAZO, J. Z. História do ciclismo em Porto Alegre: os altos e baixos de uma prática. *Cinergis*, Santa Cruz do Sul, v. 16, n. 1, jul. 2015. ISSN 2177-4005. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/cinergis/article/view/5998>. Acesso em: 03 mar. 2020.

SOUZA, D.L. *et al.* Propostas de legados esportivos em função dos Jogos “Rio 2016”. *Rev. Bras. Ciênc. Esporte*, Florianópolis, v. 36, n. 2, supl., p. S652-S666, abr./jun., 2014.

TEIXEIRA, I. P. Somente a criação de ciclofaixas não é suficiente para a redução de acidentes com ciclistas. In: BELOTTO, J.C.A. *et al* (Org.). *A cidade em equilíbrio*: contribuições teóricas ao 3º Fórum Mundial da Bicicleta. Curitiba: Proec/UFPR, 2014. p. 167-172.

- TROPAS CICLISTAS. In: *SENSAGENT, enciclopédia em linha*. [S.l.], 2020. Disponível em: <http://dicionario.sensagent.com/Tropas%20ciclistas/pt-pt/>. Acesso em: 8 set. 2020.
- TUBINO, Manoel. *O que é esporte: uma enciclopédia crítica*. 2 Ed. vol. 276. São Paulo: Brasiliense. 1999. Coleção primeiros passos.
- UNION CYCLISTE INTERNACIONALE. *UCI Organisation*. c2019. Disponível em: <https://www.uci.org/inside-uci/about>. Acesso em 6 out. 2020.
- UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA (UNESP). Comitê de Ética em Pesquisa (CEP). *Instruções para a elaboração do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e informações sobre riscos, procedimentos e minimização dos riscos e direitos do participante*. ..., 2018. Disponível em: http://ib.rc.unesp.br/Home/Instituicao/DivisaoTecnicaAcademica/secaotecnicaacademica/material-riscos_2018.pdf. Acesso em: 19 setembro 2019. [Riscos e direitos_CEP2018 no website].
- UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA (UNESP). Comitê de Ética em Pesquisa (CEP). *Instruções para a elaboração do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e informações sobre riscos, procedimentos e minimização dos riscos e direitos do participante*. ..., 2019. [Recebido por e-mail do CEP].
- VECCHIOLI, D. *Caixa corta R\$ 98milhões de confederações; Petrobrás reduz apoio a zero*. 2017. Disponível em <https://olharolimpico.blogosfera.uol.com.br/2017/05/16/atletismo-renova-com-a-caixa-mas-perde-r-30-milhoes-ate-2020/>. Acesso em: 05 mar. 2020.
- VELÓDROMO DE SÃO PAULO. In: *WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre*. Flórida: Wikimedia Foundation, 2021. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Vel%C3%B3dromo_de_S%C3%A3o_Paulo&oldid=60856047. Acesso em: 5 mar. 2021.
- Velódromo Municipal de Caieiras*. Guru. 2019. Disponível em: <http://guru.pedalpower.com.br/pedale/speed/velodromo-municipal-de-caieiras/>. Acesso em: 11 dez. 2020.
- VELÓDROMO MUNICIPAL DO RIO. In: *WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre*. Flórida: Wikimedia Foundation, 2019. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Vel%C3%B3dromo_Municipal_do_Rio&oldid=55783054>. Acesso em: 20 jan. 2021.
- Velódromo recebe o Interestadual de Pista*. Novo Momento. 2013. Disponível em: <https://www.novomomento.com.br/am-velodromo-recebe-o-interestadual-de-pista/>. Acesso em: 11 dez. 2020.
- VICENTE, M.X. *Velódromo do Pan o Rio deve ser inaugurado em Pinhais após 7 anos guardado*. 2021. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/parana/velodromo-pan-rio-deve-ser-inaugurado-pinhais-2021/#:~:text=Rio%20para%20Pinhais-,Complexo%20Esportivo%20e%20Cultural%20Vel%C3%B3dromo%2C%20em%20Pinhais%2C%20com%20a%20pista,at%C3%A9%20o%20fim%20de%202021.&text=instalada%20em%20Pinhais-,Complexo%20Esportivo%20e%20Cultural%20Vel%C3%B3dromo%2C%20em%20Pinhai>. Acesso em: 10 abr. 2021.
- WILKSON, A. *Ninguém sabe o que fazer com o velódromo fantasma da USP*. 2014. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/ciclismo/ultimas->

noticias/2014/10/09/ninguem-sabe-o-que-fazer-com-o-velodromo-da-usp-sem-bicicletas-ha-20-anos.htm. Acesso em: 10 dez. 2020.

ZAFFALON JR, J.R.; MEDEIROS, F.F.; SILVA, J.R. O esporte como fenômeno social. *Rev. EFDeportes.com*, Buenos Aires, ano 17, n. 172, set, 2012. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd172/o-esporte-como-fenomeno-social.htm#:~:text=O%20esporte%20como%20fen%C3%B4meno%20social%20t em%20importante%20papel%20na%20sociedade,%2C%20conhecimentos%2C%20atitudes%20e%20normas>. Acesso em 10 Mar. 2021.

Bibliografia Consultada

ALBERTI, V. *Manual de história oral*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BALDANZA, R. F. A comunicação no ciberespaço: reflexões sobre a relação do corpo na interação e sociabilidade em espaço virtual. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 29. Brasília, 2006. *Anais...* São Paulo, 2006.

BRASIL. Comitê de Candidatura Rio 2016. *Dossiê de candidatura do Rio de Janeiro à sede dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos de 2016*. Rio de Janeiro, 3v., 2009.

BRASIL. Comitê de gestão das ações governamentais federais para a candidatura Rio 2016. *Cadernos de Legado: Esportivo, Social e Urbano e Ambiental*. Brasília: Ministério do Esporte, 2009. 3v. Disponível em: <http://www2.esporte.gov.br/snear/rio2016/>. Acesso em: 23 nov. 2018.

LUNA, S. V. *Planejamento de Pesquisa: uma introdução*. São Paulo: EDUC, 1996.

MARTINS, G.A.; THEÓPHILO, C.R. *Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas*. São Paulo, Atlas, 2007.

RODRIGUES, R.P., PINTO, L.M.S.M. Subsídios para pensar os legados de megaeventos esportivos em seus tempos presente, passado e futuro. In: DA COSTA L.P., *et al.*, ed. *Legados de megaeventos Esportivos*. Brasília: Ministério do Esporte; 2008. p.21-25.

SEVERINO, A. J. *Metodologia do Trabalho Científico*. 23 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

APÊNDICES

Apêndice 1 – Parecer de Aprovação Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)

UNESP - INSTITUTO DE
BIOCIÊNCIAS DE RIO CLARO
DA UNIVERSIDADE ESTADUAL
PAULISTA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Impactos dos Jogos Olímpicos Rio 2016 no Ciclismo Brasileiro: as novas tecnologias na prática e na gestão.

Pesquisador: NATALIA VARELA GONZALEZ

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 24621319.0.0000.5465

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JULIO DE MESQUITA FILHO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.770.429

Apresentação do Projeto:

Trata-se de uma pesquisa de Natalia Varela Gonzalez, do curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias, a ser realizada sob a orientação do Prof. Dr. Cassiano Merussi Neiva e com colaboração do Prof. Dr. José Roberto Gnecco. O projeto de pesquisa tem como temática os Impactos dos Jogos

Olímpicos Rio 2016 no Ciclismo Brasileiro: as novas tecnologias na prática e na gestão.

Objetivo da Pesquisa:

O projeto tem como objetivos:

Objetivo geral:

- Analisar os impactos dos JJOO Rio 2016 no Ciclismo Brasileiro.

Objetivos Específicos:

- Identificar e descrever as tecnologias que foram empregadas na prática e na gestão do Ciclismo nos períodos pré e pós JJOO Rio 2016.
- Estudar os impactos que a realização de um Megaevento esportivo pode causar no desenvolvimento do Ciclismo.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

O projeto de pesquisa detalha os seguintes riscos e benefícios:

Riscos:

Endereço: Av.24-A n.º 1515

Bairro: Bela Vista

CEP: 13.506-900

UF: SP

Município: RIO CLARO

Telefone: (19)3526-9678

Fax: (19)3534-0009

E-mail: cepib@rc.unesp.br

**UNESP - INSTITUTO DE
BIOCIÊNCIAS DE RIO CLARO
DA UNIVERSIDADE ESTADUAL
PAULISTA**



Continuação do Parecer: 3.770.429

A participação na pesquisa e na entrevista pode gerar ao entrevistado risco mínimo de estresse, constrangimentos, desconfortos, timidez, sentimento de medo e/ou exposição. Estes riscos podem ser minimizados adotando-se alguns procedimentos, como por exemplo: a) agendamento prévio da entrevista; b) realizar a entrevista em local privado, sem interferência de terceiros; c) disponibilizar antecipadamente o roteiro da entrevista aos participantes; d) prontidão para esclarecimentos que se fizerem necessários aos participantes; e) remarcar a entrevista caso seja solicitado pelo participante; f) aceitar a solicitação de interrupção da gravação do procedimento em áudio ou imagem, pelo participante ou providenciar tal interrupção caso seja observado alterações de humor ou saúde que coloquem o participante em risco durante a entrevista; g) prever diferentes formas de registro dos dados, caso o participante tenha restrições à captura de áudio ou imagem de sua participação, como por exemplo, registro por escrito e anotações. Além disto, cabe ressaltar que são direitos dos participantes de pesquisas com entrevistas: a) interrompê-las ou deixar de responder questões que possam causar constrangimentos ou desconfortos, ou questões que o participante não queira emitir juízos; b) não aceitar a forma de captura dos dados proposta pelo pesquisador; c) solicitar que sejam retirados os seus dados da pesquisa, sem penalização, mesmo após os dados terem sido coletados; d) obter plenos esclarecimentos sobre qualquer aspecto da pesquisa, em qualquer fase; e) exigir sigilo que assegure a privacidade do participante, quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa e solicitar o uso de pseudônimos, quando for o caso; f) ter a garantia de que o uso dos dados será apenas para fins acadêmico-científicos de consecução da pesquisa proposta e estabelecida nos termos.

Benefícios:

Os benefícios desta pesquisa estão relacionados à possibilidade de identificação de fatores que possam contribuir com o desenvolvimento do ciclismo no Brasil.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto empregará a seguinte Metodologia:

A pesquisa será de natureza aplicada, gerando conhecimentos para uma aplicação prática e tendo como objetivo a longo prazo contribuir com a gestão do ciclismo brasileiro. Quanto à abordagem, a pesquisa será do tipo qualitativa, promovendo a construção de um estudo sobre a realidade estudada, reunindo informações de diferentes pontos de vista relevantes para compreender os impactos dos Jogos Olímpicos Rio 2016 (JJOO Rio 2016) no Ciclismo brasileiro (GODOY, 1995 apud

| | |
|-----------------------------------|----------------------------------|
| Endereço: Av.24-A n.º 1515 | CEP: 13.506-900 |
| Bairro: Bela Vista | |
| UF: SP | Município: RIO CLARO |
| Telefone: (19)3526-9678 | Fax: (19)3534-0009 |
| | E-mail: cepib@rc.unesp.br |

UNESP - INSTITUTO DE
BIOCIÊNCIAS DE RIO CLARO
DA UNIVERSIDADE ESTADUAL
PAULISTA



Continuação do Parecer: 3.770.429

BIROCHI, 2015, p. 55). Quanto aos seus objetivos e finalidade, ela será do tipo descritiva e exploratória, visando levantar dados sobre o ciclismo brasileiro nos períodos que antecederam e sucederam os JJOO Rio 2016, retratando com precisão as características da situação estudada e os impactos que os JJOO Rio 2016 no ciclismo, em diferentes narrativas (BIROCHI, 2015, p.50). Quanto ao procedimento, a pesquisa terá característica de estudo de caso intrínseco, com interesse exclusivamente na sua particularidade e especificidade (STAKE, 2006 apud BIROCHI, 2015, p. 63). Para a coleta de dados, o estudo recorrerá a uma pesquisa documental e a entrevistas, com o objetivo de qualificar os fatos encontrados e identificar as situações experienciadas pelos entrevistados (BIROCHI, 2015, p. 101). Não de menor importância, será registrada a observação e a participação direta da pesquisadora como espectadora das competições de Ciclismo nos JJOO Rio 2016. Seguindo os pressupostos da pesquisa qualitativa, o problema desta pesquisa não está reduzido a uma única hipótese definida à priori. Ou seja, na pesquisa o problema vai se delimitando na exploração da pesquisa, através da observação do fenômeno e aplicação da entrevista com pessoas que conhecem o assunto pesquisado e que partilham experiências e percepções sobre o fenômeno estudado (CHIZZOTTI, 1991). A pesquisa documental buscará diferentes tipos de documentos e fontes de informações como livros, revistas, jornais, relatórios, vídeos, notícias, que auxiliarão o pesquisador no levantamento de dados sobre os JJOO Rio 2016 e sobre o ciclismo brasileiro, divididos em Fontes Primárias e Fontes Secundárias. As Fontes Primárias serão as fontes produzidas por pessoas que vivenciaram diretamente os JJOO Rio 2016 e o ciclismo no Brasil, como o Dossiê de Candidatura, os Cadernos de Legado Rio 2016, informações relacionadas à realização dos JJOO Rio 2016 e relacionadas ao desenvolvimento do Ciclismo no Brasil. As Fontes Secundárias serão as fontes produzidas por pessoas que não vivenciaram diretamente o objeto estudado, como as publicações da imprensa em jornais, revistas e outros documentos. As entrevistas darão um grande peso à descrição verbal para a obtenção das informações de acordo com as experiências vivenciadas pelos sujeitos entrevistados, nos JJOO Rio 2016 ou no ciclismo brasileiro (SELLTIZ, 1972, p. 265). As entrevistas serão gravadas para posterior transcrição, organização, interpretação e análise dos dados coletados, considerando os períodos pré e pós Jogos Olímpicos Rio 2016.

Metodologia de Análise de Dados:

Após a coleta dos dados, os mesmos serão interpretados e analisados com o objetivo de identificar os impactos da utilização de novas tecnologias na prática e na gestão do Ciclismo

Endereço: Av.24-A n.º 1515
Bairro: Bela Vista **CEP:** 13.506-900
UF: SP **Município:** RIO CLARO
Telefone: (19)3526-9678 **Fax:** (19)3534-0009 **E-mail:** cepib@rc.unesp.br

UNESP - INSTITUTO DE
BIOCIÊNCIAS DE RIO CLARO
DA UNIVERSIDADE ESTADUAL
PAULISTA



Continuação do Parecer: 3.770.429

Brasileiro. Será considerado um recorte de acordo com a linha do tempo da pesquisa: • o período prévio aos Jogos Pan Americanos Rio 2007, de 1998 à 2007; • o período prévio aos JJOO Rio 2016, de 2008 a 2014; • o período de realização dos JJOO Rio 2016, de 2015 à 2016; o período posterior aos JJOO Rio 2016, de 2017 à 2018.

Desfecho Primário:

Analisar o desenvolvimento do ciclismo no Brasil comparando o período prévio ao Jogos Olímpicos Rio 2016, com o período posterior.

Desfecho Secundário:

Analisar os impactos das tecnologias que foram empregadas na prática e na gestão do Ciclismo nos períodos pré e pós Jogos Olímpicos Rio 2016.

Participantes da pesquisa. Os sujeitos a serem entrevistados farão parte de uma amostra não probabilística proposital e serão aqueles vinculados ao ciclismo brasileiro e à realização dos JJOO Rio 2016, a saber: atletas, treinadores, dirigentes esportivos, técnicos do Comitê Olímpico do Brasil, técnicos do Ministério do Esporte e autoridades brasileiras, totalizando 125 participantes (123 brasileiros e 02 portugueses, assim distribuídos: 15 Dirigentes Esportivos do COB, 23 Atletas, 15 outras pessoas relacionadas ao ciclismo, 15 Técnicos do COB, 10 treinadores, 15

Dirigentes Esportivos, 15 Autoridades Públicas Brasileiras e 1 Técnicos do Ministério do Esporte. Todos os participantes são maiores de idade e capazes.

As entrevistas serão realizadas nos locais de origem dos entrevistados e o roteiro da entrevista consta da proposta apresentada. A pesquisa tem a duração correspondente ao curso de Mestrado e o cronograma detalha o início das entrevistas em 06/01/2020 (data posterior à aprovação do protocolo de pesquisa junto ao CEP) e a defesa da dissertação em fevereiro de 2021.

Todas as informações constantes acima são coincidentes em todos os arquivos submetidos (Informações Básicas da Pesquisa, projeto de pesquisa e TCLE).

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

As IBPs:

- Informam os possíveis riscos relacionados ao desconforto ao se expor e as ações para minimização dos mesmos;
- Informam os benefícios da realização do estudo de forma a justificar a realização do mesmo;

Endereço: Av.24-A n.º 1515
Bairro: Bela Vista **CEP:** 13.506-900
UF: SP **Município:** RIO CLARO
Telefone: (19)3526-9678 **Fax:** (19)3534-0009 **E-mail:** cepib@rc.unesp.br

UNESP - INSTITUTO DE
BIOCIÊNCIAS DE RIO CLARO
DA UNIVERSIDADE ESTADUAL
PAULISTA



Continuação do Parecer: 3.770.429

- Descrevem os procedimentos e instrumentos para coleta de informações sobre os impactos dos Jogos Olímpicos Rio 2016 no Ciclismo Brasileiro e as respectivas análises;
- Apresentam informações sobre os procedimentos e instrumentos utilizados para obtenção dos dados;
- Apresentam o cronograma informando as etapas da pesquisa a partir de 24/10/2019, com a coleta e análise documental (fonte secundária). As entrevistas terão início em 06/01/2020.

O TCLE

- apresenta o título e objetivo do estudo;
- apresenta informações sobre o responsável pela pesquisa;
- informa que os procedimentos do estudo envolverão 01 único encontro, para a entrevista, com duração de 60 minutos;
- informa os riscos e as formas de minimização dos mesmos;
- informa os procedimentos de forma detalhada que os participantes terão que realizar;
- apresenta informação sobre endereço da aluna/pesquisadora, mas não apresenta os dados de contato do orientador. Os dados de contato do orientador, no TCLE, são os da Seção de Pós-Graduação do IB/RC e devem ser alterados.
- finaliza o TCLE na forma de convite.

Recomendações:

O CEP SOLICITA QUE NO TCLE SEJA ALTERADO O CAMPO ALUNO/PESQUISADOR PARA PROFESSOR ORIENTADOR, COM OS DADOS CORRESPONDENTES.

NOS DADOS DO CONTATO DO PESQUISADOR, COLOCAR O TELEFONE E E-MAIL INSTITUCIONAL DO MESMO.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O CEP APROVA O PROTOCOLO DE PESQUISA.

Considerações Finais a critério do CEP:

O projeto encontra-se APROVADO para execução. Pedimos atenção aos seguintes itens:

- 1) De acordo com a Resolução CNS nº 466/12, o pesquisador deverá apresentar relatório final.
- 2) Eventuais emendas (modificações) ao protocolo devem ser apresentadas, com justificativa, ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada.
- 3) Sobre o TCLE: caso o termo tenha DUAS páginas ou mais, lembramos que no momento da sua assinatura, tanto o participante da pesquisa (ou seu representante legal) quanto o

Endereço: Av.24-A n.º 1515
Bairro: Bela Vista CEP: 13.506-900
UF: SP Município: RIO CLARO
Telefone: (19)3526-9678 Fax: (19)3534-0009 E-mail: cepib@rc.unesp.br

UNESP - INSTITUTO DE
BIOCIÊNCIAS DE RIO CLARO
DA UNIVERSIDADE ESTADUAL
PAULISTA



Continuação do Parecer: 3.770.429

pesquisador responsável deverão RUBRICAR todas as folhas , colocando as assinaturas na última página.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

| Tipo Documento | Arquivo | Postagem | Autor | Situação |
|---|---|------------------------|-------------------------|----------|
| Informações Básicas do Projeto | PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1445007.pdf | 25/10/2019 22:39:25 | | Aceito |
| Outros | Roteiro_entrevista.pdf | 25/10/2019 22:33:28 | NATALIA VARELA GONZALEZ | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | tcle_v2.pdf | 25/10/2019 22:33:08 | NATALIA VARELA GONZALEZ | Aceito |
| Cronograma | Cronograma_execucao.pdf | 25/10/2019 22:32:56 | NATALIA VARELA GONZALEZ | Aceito |
| Projeto Detalhado / Brochura Investigador | Projeto_Pesquisa_detalhado.pdf | 25/10/2019 22:32:46 | NATALIA VARELA GONZALEZ | Aceito |
| Folha de Rosto | folha_rosto_natalia.pdf | 25/10/2019 22:32:22 | NATALIA VARELA GONZALEZ | Aceito |

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

RIO CLARO, 13 de Dezembro de 2019

Assinado por:
Flávio Soares Alves
(Coordenador(a))

Endereço: Av.24-A n.º 1515
Bairro: Bela Vista **CEP:** 13.506-900
UF: SP **Município:** RIO CLARO
Telefone: (19)3526-9678 **Fax:** (19)3534-0009 **E-mail:** cepib@rc.unesp.br

Apêndice 2 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

01/10/2020

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Para participar da pesquisa é necessário aceitar o TCLE da Pesquisa "Impactos dos Jogos Olímpicos Rio 2016 no Ciclismo Brasileiro: as novas tecnologias na prática e na gestão"

***Obrigatório**

Endereço de e-mail *

Seu e-mail



O(a) Sr(a) está sendo convidado(a) para participar de uma pesquisa de Mestrado intitulada "Impactos dos Jogos Olímpicos Rio 2016 no Ciclismo Brasileiro: as novas tecnologias na prática e na gestão" que será desenvolvida por Natalia Varela Gonzalez, RG 43.850.347-8, Pós Graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias, sob a orientação do Prof. Dr. Cassiano Merussi Neiva (Credenciado no Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias). O objetivo da referida pesquisa é analisar os impactos dos Jogos Olímpicos Rio 2016 no Ciclismo Brasileiro. Os benefícios desta pesquisa estão relacionados a identificação de fatores importantes que contribuíram para o desenvolvimento do ciclismo no Brasil. Caso o(a) Sr(a) aceite participar desta pesquisa deverá participar da entrevista individual virtual, que será gravada em áudio e vídeo através do "Google Meet", com duração aproximada de 1 hora, na qual o sr(a) irá responder perguntas pré-estabelecidas com respostas abertas. A aplicação da entrevista pode gerar leves riscos, tais como estresse, desconforto, timidez, sentimento de medo ou de exposição caso o participante se sinta desconfortável com os conteúdos das perguntas da entrevista. Caso isto ocorra, a entrevista será interrompida para que o participante receba um suporte emocional do pesquisador e se necessário a entrevista poderá ser cancelada. Para minimizar esses riscos, a entrevista será previamente agendada, em dia e horário a combinar com o entrevistado, de maneira particular e sem interferência de outras pessoas. A qualquer momento, antes, durante ou após sua participação coloco-me à disposição para esclarecimentos sobre eventuais dúvidas que possam surgir com a pesquisa. A participação é voluntária e sua recusa em participar não lhe provocará nenhum dano ou punição. Você poderá se recusar a participar, ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização. Os dados coletados serão utilizados unicamente para fins de pesquisa e caso seja solicitado pelo participante, poderão ser utilizados pseudônimos para garantir o sigilo. O participante da pesquisa não terá nenhuma despesa, bem como, não terá qualquer tipo de remuneração. Se o(a) senhor(a) se sentir esclarecido sobre a pesquisa, seus objetivos, eventuais riscos e benefícios, convido-(a) a aceitar este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Pesquisador Responsável: Natalia Varela Gonzalez; Cargo/função: Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias; Instituição: Universidade Estadual Paulista - Unesp Rio Claro; Endereço: Av. 24-A, n. 1515, Rio Claro-SP; Dados para Contato: Fone (19) 97405-0601. E-mail: natalia.varela@unesp.br;

Professor/Orientador: Prof. Dr. Cassiano Merussi Neiva; Instituição: Universidade Estadual Paulista - Unesp Rio Claro; Dados para Contato: Fone (16) 98262-4342. E-mail: merussi.neiva@unesp.br



01/10/2020

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

CEP-IB/UNESP-CRC - Av. 24A, nº 1515 – Bela Vista – 13506-900 – Rio Claro/SP -
Telefone: (19) 35269678 - Número do parecer: 3.770.429 *

Aceito

Próxima

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Este formulário foi criado em Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". [Denunciar abuso](#)

Google Formulários



01/10/2020

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

*Obrigatório

Cessão de direitos autorais do depoimento

Concordo com a cessão de direitos autorais do meu depoimento de caráter documental prestado ao pesquisador e conseqüentemente autorizo a utilização no todo ou em parte, editado ou não, em sua dissertação de mestrado. *

Concordo

Voltar

Próxima

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Este formulário foi criado em Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". [Denunciar abuso](#)

Google Formulários



01/10/2020

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

*Obrigatório

Identificação do Entrevistado

Nome *

Sua resposta

Documento de Identidade (RG) *

Sua resposta

Sexo *

Masculino

Feminino

Data de Nascimento *

Data

dd/mm/aaaa

Endereço *

Sua resposta



01/10/2020

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Telefone para Contato (com DDD) *

Sua resposta

Atuação Profissional em 2016 *

Sua resposta

Atuação Profissional em 2020 *

Sua resposta

Uma cópia das suas respostas será enviada para o endereço de e-mail fornecido

[Voltar](#)[Enviar](#)

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

reCAPTCHA
[Privacidade](#)[Termos](#)

Este formulário foi criado em Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". [Denunciar abuso](#)

Google Formulários



Apêndice 3 – Carta Convite



Carta Convite para Entrevista

Prezado senhor,

O Ciclismo é um dos esportes disputados nos Jogos Olímpicos desde a sua primeira edição, em Atenas 1896. No Brasil, os últimos megaeventos que contiveram o Ciclismo foram os Jogos Sul-Americanos 2002, os Jogos Pan-Americanos 2007 (Pan 2007) e os Jogos Olímpicos Rio 2016 (JJOO Rio 2016).

A partir dos Jogos Olímpicos Tóquio 2020 (JJOO Tóquio 2020), com a inclusão de 2 novas provas, *Madison* no Ciclismo de Pista e *BMX Freestyle Park*, o Ciclismo passará a ter em disputa 22 medalhas de ouro, tornando-se o terceiro maior esporte em número de medalhas olímpicas.

O Ciclismo também esteve em evidência na preparação dos JJOO Rio 2016 pois para que a competição fosse realizada, foi necessária a construção de três instalações esportivas: a pista de *Mountain Bike* e de *BMX*, no Parque Radical em Deodoro e o Velódromo Olímpico, no Parque Olímpico da Barra. Além disso, foi necessário grande esforço e investimento para que os atletas conquistassem a vaga olímpica, pois mesmo sendo País sede, o Brasil não possuía vagas garantidas no Ciclismo.

Se por um lado, o desenvolvimento tecnológico no mundo do Ciclismo não aconteceu devido aos JJOO Rio 2016, por outro lado, foi devido aos JJOO Rio 2016 que os atletas brasileiros tiveram acesso a novas tecnologias, empregadas tanto em equipamentos como na gestão do Ciclismo.

O seu relato de experiência e vivência com os JJOO Rio 2016 e/ou com o ciclismo são fundamentais para identificar as mudanças provocadas pelos JJOO Rio 2016 no Ciclismo Brasileiro, como forma de identificar o impacto e o legado olímpico no Ciclismo e verificar se as novas tecnologias empregadas a partir dos JJOO Rio 2016 trouxeram melhorias na prática e na gestão do Ciclismo no Brasil.

Esta pesquisa é endossada pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) e tem caráter exclusivamente acadêmico, sem o intuito de gerar polêmicas acerca do tema. Sendo assim, gostaria de realizar uma entrevista com o senhor através de vídeo chamada pelo "Google Meet", em data e hora a combinar, para ouvir a sua narrativa em relação ao tema pesquisado.

Caso aceite participar, por favor entre em contato comigo pelo email natalia.varela@unesp.br ou pelo telefone (19) 97405-0601 para que a gente possa combinar os detalhes. E se o senhor tiver alguma dúvida, estou à disposição para conversar mais detalhadamente.

Atenciosamente,

NATÁLIA VARELA GONZÁLEZ

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias
Universidade Estadual Paulista – UNESP Rio Claro



Apêndice 4 – Roteiro da Entrevista – Estudo Piloto

Roteiro Geral

1. Quando o sr. se envolveu com o esporte? De que forma?
2. Tem algum envolvimento com o ciclismo? Há quanto tempo?
3. Qual a sua atuação profissional atualmente?
4. Onde o sr esteve nos Anos de 2000 a 2019?
5. O sr teve algum envolvimento com os Jogos Sul Americanos 2002? Qual?
6. O sr teve algum envolvimento com os Jogos Pan Americanos 2007? Qual?
7. O sr teve algum envolvimento com os Jogos Olímpicos Rio 2016? Qual?
8. Como o sr analisa a situação das instalações esportivas de ciclismo antes dos Jogos Pan Americanos 2007?
9. Como o sr analisa o legado das instalações esportivas dos Jogos Pan Americanos 2007?
10. Como o sr analisa a situação das instalações esportivas de ciclismo antes dos Jogos Olímpicos Rio 2016?
11. Como o sr analisa o legado das instalações esportivas dos Jogos Olímpicos Rio 2016 para o ciclismo?
12. Pensando no desenvolvimento esportivo, o sr acredita que os Jogos Pan Americanos 2007 impactaram no ciclismo? No seu ponto de vista, quais foram os principais impactos?
13. Pensando no desenvolvimento esportivo, o sr acredita que os Jogos Olímpicos Rio 2016 impactaram no ciclismo? No seu ponto de vista, quais foram os impactos?
14. O sr reconhece o emprego de tecnologias na gestão e/ou na prática do ciclismo desde o período pré até o período pós JJOO Rio 2016?
15. No seu ponto de vista, quais os impactos dessas tecnologias no desenvolvimento do ciclismo no Brasil?

Roteiro Específico para Entrevista – Treinador

1. É treinador/técnico da seleção brasileira há quanto tempo? Como foi a sua indicação?
2. Qual foi o seu papel para a busca de vagas e classificação para os JJOO Rio 2016?
3. Como ocorreu a busca dos atletas pela vaga dos JJOO Rio 2016?
4. Você auxiliou na definição do cronograma de provas que valem pontos?
5. Quais incentivos você recebeu enquanto estava auxiliando os atletas na busca da vaga olímpica?
6. Como você avalia o suporte aos atletas nesse processo?
7. Como você avalia o comprometimento dos atletas nesse processo?
8. Como era definida a formação da seleção? Existia seleção permanente?
9. Na sua visão, qual foi a participação do governo municipal (prefeitura), governo estadual e governo federal no desenvolvimento do ciclismo nos últimos anos?
10. E qual foi o papel da iniciativa privada?
11. Você também esteve presente nos Jogos Sul Americanos 2002 ou Jogos Pan Americanos 2007?
12. Você fez parte do Time Rio ou do Time Brasil? Como funcionava?
13. Qual foi o seu papel na preparação da seleção brasileira ao longo dos últimos anos, para a participação do Pan 2007 até os JJOO Rio 2016?
14. A que o sr. atribui o fato do Brasil ter conquistado poucos resultados expressivos em todas as disciplinas do ciclismo em edições dos JJOO?
15. Em sua opinião, quais as maiores dificuldades enfrentadas pelo ciclismo brasileiro?
16. Como você avalia a gestão da CBC no desenvolvimento do ciclismo?

Roteiro Específico para Entrevista – Cargo técnico do antigo ME

1. Qual foi o seu papel junto ao Governo Federal na realização do Pan 2007?
2. Qual foi o seu papel junto ao Governo Federal na realização dos JJOO Rio 2016, desde a candidatura?
3. O que era de responsabilidade do Ministério do Esporte no Pan 2007 na modalidade ciclismo?
4. O que era de responsabilidade do Ministério do Esporte nos JJOO Rio 2016 na modalidade ciclismo?
5. O Governo Federal teve participação na busca pelas vagas olímpicas no ciclismo dos JJOO Rio 2016?
6. O Governo Federal teve participação na preparação da seleção brasileira ao longo dos últimos anos, para a participação do Pan 2007 até os JJOO Rio 2016?
7. Como o ciclismo era visto pelo Governo Federal em relação às outras modalidades no período dos JJOO Rio 2016?
8. Como o Governo Federal auxiliou os atletas de ciclismo de alto rendimento nos últimos anos?
9. A que o sr. atribui o fato do Brasil ter conquistado poucos resultados expressivos no ciclismo em edições dos JJOO?
10. Em sua opinião, quais as maiores dificuldades enfrentadas pelo Governo Federal para o desenvolvimento do ciclismo?
11. Como o Governo Federal atua na gestão da modalidade ciclismo?
12. Como o sr. avalia a participação do governo municipal, governo estadual e da iniciativa privada no desenvolvimento do ciclismo?

Apêndice 5 – Roteiro da Entrevista

1. Como aconteceu o seu envolvimento com o ciclismo e qual o seu envolvimento atualmente com o ciclismo?
2. Qual foi o seu envolvimento com os Jogos Olímpicos Rio 2016?
3. Pensando no desenvolvimento esportivo, o sr acredita que os Jogos Pan Americanos 2007 impactaram no ciclismo? Quais foram os principais impactos?
4. Pensando no desenvolvimento esportivo, o sr acredita que os Jogos Olímpicos Rio 2016 impactaram no ciclismo? Quais foram os impactos?
5. Como ocorreu a busca pelas vagas no ciclismo para os JJOO Rio 2016 e a preparação da seleção brasileira ao longo dos últimos anos, para a participação do Pan 2007 até os JJOO Rio 2016? Qual foi o seu papel?
6. O sr reconhece o emprego de tecnologias na gestão do ciclismo desde o período pré até o período pós JJOO Rio 2016?
7. O sr reconhece o emprego de tecnologias na prática do ciclismo desde o período pré até o período pós JJOO Rio 2016?
8. No seu ponto de vista, quais os impactos dessas tecnologias no desenvolvimento do ciclismo no Brasil?

Apêndice 6 – Cronologia Auxiliar

1896 (Abril) – 1ª Edição Jogos Olímpicos da Era Moderna – Já com a modalidade Ciclismo

1916 – JJOO não foram realizados devido a 1ª Guerra Mundial

1936 (Agosto) – JJOO Berlim - 1ª Participação do ciclismo brasileiro em JJOO – 2 atletas

1940 – JJOO Tóquio não realizado devido a 2ª Guerra Mundial

1944 – JJOO Londres não realizado devido a 2ª Guerra Mundial

1948 e 1952 – Brasil não classificou atletas no Ciclismo para os JJOO

1956 (Novembro) – JJOO Melbourne – Brasil classificou 1 atleta no Ciclismo de Pista

1960 (Agosto/Setembro) – JJOO Roma – Brasil classificou 1 atleta no Ciclismo de Pista – 5ª colocação (melhor colocação na história do ciclismo olímpico)

1964 e 1968 - Brasil não classificou atletas no Ciclismo para os JJOO

1972 (Agosto/Setembro)– JJOO Munique – Brasil classificou 2 atletas no Ciclismo de Estrada

1976 (Julho) – JJOO Montreal – Brasil não classificou atletas no Ciclismo

1980 (Julho) – JJOO Moscou – Brasil se classificou no ciclismo

1995 – Candidatura para JJOO Brasília 2004

1996 (Julho/Agosto) – JJOO Atlanta – Brasil classificou 10 atletas no ciclismo, sendo 7 na Estrada e 2 no *Mountain Bike* (Também foi a estreia do MTB em JJOO)

2000 (Setembro/Outubro)– JJOO Sydney - Brasil classificou 4 atletas no ciclismo, sendo 3 na Estrada e 1 no *Mountain Bike*

2003 – Candidatura para JJOO Rio 2012

2003 – Busca da vaga olímpica JJOO Atenas 2004

- Preparação dos atletas

2004 (Agosto) – JJOO Atenas - Brasil classificou 5 atletas no ciclismo, sendo 4 na Estrada e 1 no *Mountain Bike*

2005 - 2006 – Preparação do Brasil para Pan 2007

- Estrutura
- Preparação dos atletas

2007 – Realização do Pan 2007

- Inauguração do Velódromo do Pan

2007 – Busca vaga olímpica JJOO Pequim 2008

- Preparação dos atletas

2007 (7 de setembro) – Candidatura para JJOO Rio 2016

- Procedimentos e gestão da candidatura

2008 (Agosto) – JJOO Pequim - Brasil classificou 5 atletas no ciclismo, sendo 3 na Estrada e 2 no *Mountain Bike* (Também foi a estreia do *BMX* em JJOO, mas o Brasil não teve atletas classificados)

2009 (2 de outubro) – Anúncio da vitória do Brasil para JJOO Rio 2016

2011 – Busca da vaga olímpica JJOO Londres 2012

- Preparação dos atletas

2012 (Julho/Agosto) – JJOO Londres - Brasil classificou 9 atletas no ciclismo, sendo 6 na Estrada, 1 no *Mountain Bike* e 2 no *BMX*.

2013 – Desmontagem do Velódromo construído para o Pan 2007

2012 – 2016 – Preparação do Brasil para JJOO Rio 2016

- Estrutura
- Construção de novo velódromo
- Preparação dos atletas
- Busca da vaga olímpica

2016 (Agosto) – JJOO Rio - Brasil classificou 10 atletas no ciclismo, sendo 4 na Estrada, 3 no *Mountain Bike*, 1 na Pista e 2 no *BMX*.

2017 – 2018 – Período Pós JJOO Rio 2016

- Impactos positivos / negativos
- Legado

Apêndice 7 – Entrevistas

Treinador 1 - **Guilherme De Azambuja Pussieldi - BMX**

Entrevistadora: Natália Varela González

Google Meet

Data: 01/10/2020 – 08:00h

Natália – Guilherme, o seu relato de experiência e a vivência que você teve nos JJOO Rio 2016 e com o ciclismo, são fundamentais para identificar as mudanças provocadas pelos JJOO Rio 2016 diretamente no ciclismo, como forma de identificar os impactos e os legados que o ciclismo teve e verificar se novas tecnologias tanto na prática como na gestão foram empregadas e o que elas trouxeram de melhorias na prática e na gestão da modalidade. Então esse é o tema da minha pesquisa de mestrado. Essa entrevista está sendo gravada para posterior transcrição. Eu vou fazer algumas perguntas e não tem problema se você não souber ou não se lembrar a respeito de algum assunto, basta responder que não sabe ou não se lembra. E se quiser, podemos agendar ainda um outro dia para complementar a entrevista caso tenha essa necessidade. Fique a vontade também se preferir não responder alguma pergunta, ou se quiser comentar alguma coisa que eu não perguntei. Bom dia (risos). Guilherme, pra gente começar, conta um pouco pra gente como foi o seu envolvimento com o esporte, de que forma ele aconteceu.

GUILHERME – Bom, é... eu vou começar lá atrás. Eu trabalho com treinamento esportivo há muitos anos, né... desde 1985. Então eu sempre fui... logo que eu entrei na faculdade, pouco tempo depois eu já comecei a treinar uma equipe e fui todo esse tempo. Ai trabalhei muitos anos na nataçao, depois eu... eu... comecei a treinar atletas de ciclismo, de triatlton, de corrida de rua, sempre mais em atletas de modalidades individuais. Treinei algumas equipes de *Mountain Bike*, um pessoal forte de *mountain bike* e fiz alguns resultados como treinador, né... também fui ciclista, né... só que mais velho porque quando eu era pequeno eu fui nadador, depois pratiquei outros esportes. Quando eu vim morar em Minas Gerais, porque eu sou de Porto Alegre... quando eu vim morar em Minas Gerais eu entrei... eu comecei a pedalar, isso em 1991 e comecei a participar de algumas provas de *Mountain Bike* e de estrada. Ai consegui alguns resultados, não tão expressivos, fui é... fui vice campeão mineiro contra relógio e estrada, tenho alguns títulos de provas de *Mountain Bike*, mas nada assim espetacular. E continuei dando treino pros atletas, né... vários atletas nisso e passando por isso... foi quando eu comecei a levar o meu filho quando pequeno pra treinar *BMX* e eu... olha... o Pedro era pequeno e eu disse ah, vou comprar uma bicicleta pra mim de *BMX*. Nunca tinha andado, tinha andado quando criança, né... aí comecei com 40 anos a andar de *BMX*. Ai... e o pessoal já me conhecia como treinador, me convidaram para ajudar no Mundial de 2006, a equipe de Betim que tava indo pro Mundial. Ai eu fiz uma participação junto a equipe de Betim no Brasi... no Mundial de *BMX* de 2006, continuei trabalhando. E ai em 2009 fui convidado para ser treinador da seleção brasileira de *BMX*. E fui 2009, 2010, 2011, fui todos esses anos até 2016, quando às vésperas dos Jogos, com alguns problemas, é... que eu não gostei, com algumas situações dos Jogos Olímpicos, né... porque a gente tava trabalhando pesado e ai do jeito que tava sendo conduzido eu não achei legal e ai nas vésperas dos Jogos eu pedi desligamento da seleção e não fui como treinador do *BMX*, né... Eu já não ia ir, né... porque só tinha uma vaga... daí eu disse, ah sabe de uma coisa então eu vou largar mão, deixa vocês resolverem e vocês acabam resolvendo isso porque eu também não... não vou me envolver e não vou brigar por conta disso. Foi que aí eu fui pra Globo, aí trabalhei como comentarista do *BMX* na, na, na, na Globo, mas em 2017 me chamaram novamente pra ajudar,



né... Aí ajudei em 2017, aí no final de 2019, agora no final do ano, tava tendo muitos problemas no *BMX*, né... e me chamaram denovo pra ajudar e me convocaram denovo como treinador e eu fui treinador agora, eu tenho ido com algumas provas... eu tenho acompanhado a seleção, fui pra... fui pra... 2019 fui pra... 2020, perdão, janeiro nós viajamos pra Austrália, fomos pra 4 etapas da Copa do Mundo e agora ia pra Portugal, mas como eu tava com suspeita de Covid, não dava tempo, tal, tal, eu abdiquei da ida pra Portugal e não acompanhei a seleção. Mas eles têm sempre um chamado, tal.. mas essa é a questão.

Natália – E nessas últimas convocações você tava como coordenador, né? Assim, era um cargo ainda...

GUILHERME – É que na verdade o treinador... o treinador da seleção, ele é um coordenador, ele não é treinador dos atletas, por quê? Porque casa atleta tem o seu treinador, né... e não tem como você levar, por exemplo, 5 atletas e 5 treinadores, você precisa de um gestor lá nos momentos das competições, né. E, no caso, uma pessoa que seja gestor, né... que tenha experiência em treinamento, que saiba é... conduzir as questões de treinamento e também saiba a... conduzir as questões de gestão, porque nas... nas Copa do Mundo, Mundial, Pan Americano, você não atua como treinador diretamente, claro que você faz algumas inferências nos aspectos técnicos e táticos dos atletas, mas eles já têm toda a preparação, então essa... e como eles já me conhecem, os atletas já me conhecem, a gente já trabalhou bastante tempo né, e aí eu já... eu tenho uma boa aceitação com eles né. Mas porque sempre o treinador da seleção ele é mais um gestor, porque, por exemplo vamos supor que convoque um treinador que seja treinador de um determinado atleta e... e esse atleta é adversário do outro, o outro atleta não se sente a vontade em perguntar pra esse treinador alguns aspectos técnicos e táticos da prova porque acha que o cara vai esconder o jogo, porque acha que o cara não vai ser sincero.

Natália – Então coloca uma pessoa neutra, né, uma pessoa.

GUILHERME - Exatamente, isso, a Confederação tem buscado colocar pessoas neutras, nessa... inclusive foi um problema agora para Portugal justamente por causa disso, porque alguns treinadores queriam ir e tem que ser uma pessoa neutra, porque tava dando muito problema indo um treinador que era específico de uma atleta e isso tava causando alguns conflitos lá, foi por isso que me chamaram novamente pra... pra tentar sanar esses problemas, pra tentar conduzir a seleção de uma melhor maneira.

Natália – Entendi. Então, atualmente, você já passou pra nós, além dessa função hoje na Confederação que você está exercendo, qual a sua atuação profissional?

GUILHERME – Eu sou professor universitário, trabalho na Universidade Federal de Viçosa, Campus Florestal, tá... sou professor aqui já há 10 anos, mas eu trabalho na Universidade, é... trabalhei muito tempo em Universidade Privada, trabalho com Universidade desde 95 e aqui em Viçosa, no campus Florestal, estou aqui há 10 anos. Além disso, sou treinador de... de alguns atletas, eu treino atletas de corridas de rua, atletas de *Mountain Bike* e atletas de *BMX*, inclusive estamos indo pro brasileiro de *Mountain Bike* agora em... em Mairiporã no final de outubro.

Natália – Bacana. É... **GUILHERME**, você teve algum envolvimento, de alguma forma, com os Jogos Sul Americanos 2002 aqui no Brasil?

GUILHERME – 2002? Não... Sul Americano 2002... não...

Natália – Sul Americano 2002, o Ciclismo foi em Curitiba.

GUILHERME – Não, não... não tive não. Nessa época eu tava na natação ainda.

Natália – Ah, sim. E com os Jogos Panamericanos 2007?

GUILHERME – Tive... tive um envolvimento direto, eu já tava no *Mountain Bike*, é... e o *BMX*, mas eu fui como coordenador de resultados da natação, então eu fui como chefe de... era um chefe de setor lá. Eu me inscrevi como voluntário, pra ajudar, porque eu queria ajudar no *BMX* e tal, mas o pessoal da natação soube que eu indo e me chamou pra coordenar os resultados, aí eles falaram assim... não, vem que tô precisando de você, porque você fala inglês e espanhol e eu tô precisando de você, eu preciso que você chegue 15 dias antes do início dos jogos que você vai coordenar, e eu fui como uma função remunerada, aí eu fiquei os 15 dias nessa função remunerada que era coordenação... coordenação geral dos resultados dos jogos pan-americanos na natação.

Natália – E nessa época você nem acompanhou nada do ciclismo, não assistiu?

GUILHERME – Acompanhei, acompanhei. Porque o Formigão que é um dirigente, que é dirigente do nosso clube, era Presidente da Federação Mineira de Ciclismo... o Formigão estava lá, então o Formigão foi aos Jogos né...foi acompanhar... foi acompanhar a construção, já conhecia o Oclinhos, que foi o responsável pela... um dos responsáveis pela construção dos... da pista de *Mountain Bi...* é, de *BMX*, e conheci também o Rogério, que é o Rogério da... da Copa Internacional, que ajudou nessa questão... que o Rogério foi um dos consultores inclusive da pista de *Mountain Bike* agora no Rio 2016. Ele organizava a Copa Menturantes e agora ele organiza a Copa Internacional. O Rogério é um dos responsáveis, um dos percussores dos casos mais importantes eu acho que hoje do desenvolvimento do *Mountain Bike* no país, eu acho que se deve ao Rogério que é o responsável pela Copa Internacional.

Natália – Entendi. E com os Jogos Olímpicos Rio 2016, você já deu uma... já falou algumas coisas, mas qual foi... você teve algum envolvimento, de qualquer forma?

GUILHERME – Tive... tive. Bom, quando estavam selecionando as pessoas para ajudar nos Jogos, eu me inscrevi. Mas eu acho que eu não fui bem na prova de inglês, eu fiquei nervoso no dia, não fui bem na prova de inglês, acabei não passando, que é um... um gerente geral da... lá do evento. Aí eu acabei não passando e tal, né, eu acho que foi por causa da prova de inglês, mas eu... não na construção né, mas como eu era o treinador e participava também... que se faz o evento teste, todos os eventos no esporte olímpico, normalmente eles têm o evento teste antes dos Jogos Olímpicos, pra ver o que que tem problema, e tal, tal, tal... e nós participamos disto, nós participamos do evento teste em 2015 e depois tivemos uma reunião com o pessoal da organização porque teve muitos problemas na construção da pista. O pessoal que foi contratado, e aí é uma questão política da UCI... da UCI, né... eu... a gente questionou, não só eu, Guilherme né, como vários outros países e vários outros atletas questionaram a construção por essa pessoa, né... que ele tava construindo pistas muito ruins no aspecto técnico. Então nós questionamos a construção da pista, teve muitos problemas, os atletas tavam se

negando a correr, inclusive, no evento teste, né... teve uma briga feia entre os atletas de vários países, os brasileiros nós pedimos para não entrar na discussão porque... porque isso poderia dar um problema, daí a imprensa veio nos procurar, nós demos entrevista, e isso causou um desconforto com... com o Comitê Organizador né, porque os caras começaram a... pô mas o cara vai falar mal... eu digo, não, não é falar mal, eu só tô falando a verdade porque você tá criando uma pista aí que é um problema e aí nós tivemos uma reunião, fez as mudanças que foi... que foram solicitadas, os próprios... pra se ter uma ideia no dia do... do evento teste né... ele foi atrasado um dia aí os atletas foram lá pra pista, atletas e treinadores pegaram a enxada, na pá e no rastelo pra corrigir as rampas, pra você ter ideia. Foi... a coisa foi nesse nível, né. Então, isso não sai na imprensa, mas foi o que aconteceu. Atletas, treinadores, dirigentes, foram pra pista com pá, enxada e rastelo pra corrigir a pista que ela tava com erros, e esses erros... inclusive o evento teste não passou pelo circuito pró, passou pelo circuito expert, então os atletas masculinos não passaram pela rampa pró, né... porque tava realmente... realmente tava fora de padrão e não tinha condições técnicas pros atletas conseguirem passar e tal... por aquelas rampas. Foi corrigido e tal... não deu tempo pro evento teste, depois foi corrigido denovo né... foi um problema, inclusive um problema com o construtor que não queria vir depois dos jogos do evento teste para fazer a correção, disse que era daquele jeito mesmo, né... e aí, ameaçou não pagar... ele construiu a pista na Colômbia e aí a pista da Colômbia eles também ficaram sem querer pagar pra ele, então foi realmente... e hoje a pista da Colômbia... talvez eles tenham corrigido né, mas foi considerada uma das piores pistas, das mais perigosas que teve no mundo nos últimos tempos nos termos de construção. E uma pista perigosa é uma pista que pode levar inclusive a fraturas sérias, de levar a uma lesão pro resto da vida igual alguns atletas já tiveram no *BMX*.

Natália – Mas aí depois de tudo isso a pista foi arrumada e tava um padrão aceitável?

GUILHERME – É... o ex campeão olímpico não gostou, né... o Märis Strombergs não gostou, inclusive ele tirou o pé, ele já tava quase se aposentando também e falou: digo, eu não vou correr nessa pista aqui não, a acabou tirando o pé e não competiu nos Jogos Olímpicos... não competiu bem, largou mão da pista né... mas não foi uma pista... é uma pista que necessitava correções, né... realmente necessitava correções né... tinha uma curva com lombadas, né... e isso era um erro de construção, né... porque as vezes, não adianta você querer inovar numa pista né e tornando ela mais difícil e ao mesmo tempo mais perigosa, porque o que a gente entende no *BMX*, né, igual no *Mountain Bike*, igual no slalow, né, é que a pista tenha fluidez e ela não tava tendo fluidez, ela tava tendo os solavancos que prejudicavam a velocidade dos atletas, e prejudicando a velocidade dos atletas perigava não passar porque aí passa o primeiro, passa o segundo, depois os outros 6 ficam sem passar a rampa e aí fica um evento até feio.

Natália – Mas aí, até os Jogos isso foi consertado, solucionado?

GUILHERME – Foi... foi... assim, foi consertado, foi ajustado, foi melhorado, mas ainda não ficou em condições ideais... a pista não ficou em condições ideais, precisa mais ajustes ainda.

Natália – Entendi. Pensando agora nessa situação de instalações esportivas, vamos voltar denovo nos Jogos Panamericanos 2007, como que você analisa a

situação de instalações esportivas para o ciclismo de maneira geral, antes do Pan 2007 e o legado que esse Pan 2007 deixou?

GUILHERME – Bom, deixa eu primeira falar uma situação inusitada que aconteceu na natação e que imagino que tenha acontecido em outros setores ta, e depois vou falar do ciclismo, primeiro na natação. Nós estávamos na véspera de começar a competição, a competição começava no outro dia, o aquecimento dos atletas não chegaram a começar porque não tinham começado ainda a treinar, então nós estávamos lá, então vamos testar todos os equipamentos, ligamos todos os equipamentos, placar eletrônico, refletores, câmeras, a imprensa já tava chegando, impressora, ar condicionado, computadores, ligamos tudo... tudo ao mesmo tempo, os... os painéis de controle, tal... ligou, pá! Pico de luz, a luz não aguentou. Ou seja, o engenheiro, ele calculou errado, eles tiveram que durante a madrugada, alugar 2 geradores, cada gerador era do tamanho de uma carreta pra você ter uma ideia, então teve que alugar 15 dias para o Pan e 15 dias para o Para Pan, então eu imagino quanto foi o custo disso para que a luz não caísse durante o evento, tá... então esse foi um erro, erro que eu imagino que nas outras estruturas também tenha dado esse tipo de... tenha acontecido esse tipo de situação, né, porque o engenheiro sempre é o mesmo, é uma empresa que faz isso. E quando o cara calcula, né, quando ele calcula, na natação aconteceu primeiro e aí acredito que tenha... porque a natação são vários dias... aí eles tiveram que recalculer todas as outras áreas. E aí, o que aconteceu, eles tiveram que ter esse custo que não estava previsto porque o engenheiro calculou errado, ele imaginava que ia ser de um jeito, mas na hora que ligou todos os equipamentos ao mesmo tempo, impressora, computadores, eram vários... o setor de resultado que era o meu setor, que eram umas 4 impressoras gigantescas funcionando ao mesmo tempo né, que não existia tanta internet em 2007, então todos os resultados, os treinadores, as equipes, a imprensa, os árbitros, todos recebiam no papel, entendeu? Então nós fazíamos por saída mais de 50 impressões, cada impressão... um bloco de impressão para cada setor, né... então isso foi um problema que acredito que tenha acontecido depois. Bom... aí no *BMX*, eles construíram a pista num setor que é um... tipo um... não é banhado não, mas é uma situação que tinha muita... muita água embaixo. O que aconteceu, após os Jogos, após os Jogos, a pista se desmanchou, porque aquela umidade que ficava, ela acabou consumindo a pista, né... porque a umidade sobe, acabou consumindo a pista, foi um erro na escolha do local para a construção da pista de *BMX*. Se tivesse, naquela época... tivesse ficado... construído num local que seria melhor e tal, e não tivesse tido esse problema, essa pista poderia ter ficado pro legado no Rio de Janeiro, e não ficou, porque a pista se desmanchou porque o local escolhido não foi o melhor local, tá. É... bom, esse é do *BMX*.

Natália – Tá. Nessa época também no ciclismo teve a construção do velódromo. Você acompanhou, tem alguma informação?

GUILHERME – Acompanhei muito pouco né, acompanhei muito pouco. Soube do custo que tinha sido, que era um custo altíssimo por causa que a madeira era muito cara, né... sabia do tratamento, tal... tive no velódromo nos Jogos Panamericanos, fui lá conhecer... uma estrutura fantástica, realmente uma estrutura fantástica, claro que não chegou ao tamanho do velódromo do Rio 2016, mas era um velódromo bem bacana... bem bacana mesmo, com uma estrutura legal, não teve problema... pelo que eu soube não teve problema de construção, não teve problema de construção, tá? Mas... ele foi... acho que depois ele foi subutilizado porque aí não teve um trabalho pós Jogos né para que ele continuasse sendo utilizado de uma maneira adequada. Não teve formação de escolinhas, era pouca gente andando,

you acha que lá atrás, após o Brasil sediar esse Jogos Panamericanos, houve algum impacto diretamente no desenvolvimento do ciclismo aqui no Brasil?

GUILHERME – Sim, principalmente nas 3 modalidades com exceção do ciclismo de estrada. Houve um impacto muito grande, um crescimento muito grande, principalmente no *Mountain Bike*, no *BMX* e na pista. Coisas que não tinham antes, nós começamos a ter mais atletas de *BMX*, mais... no alto rendimento né... mais atletas de pista, mais atletas de *Mountain Bike* no alto rendimento e isso teve um impacto direto. O *Mountain Bike* teve uma explosão no país né, o *Mountain Bike* é uma explosão. Hoje, você vai comprar uma bicicleta de *Mountain Bike*, você... não é tão fácil você encontrar porque o mercado com essa pandemia acabou todo mundo comprando bicicleta e você não consegue encontrar um bom equipamento hoje, as bicicletas de menor qualidade você consegue encontrar, então teve um impacto muito grande. Com relação ao ciclismo de estrada nós tivemos muitos problemas, principalmente com doping, e isso, as grandes equipes começaram a ter problemas, começaram a ser vistas com um... um certo preconceito das empresas, que ah, não vou investir no ciclismo porque vou investir no ciclismo e vou me queimar, porque associa-se a marca a essa questão, então o ciclismo de estrada perdeu muito, inclusive de não conseguir a vaga para os Jogos Olímpicos depois de muito tempo. Nós não vamos conseguir... não conseguimos a vaga para os Jogos Olímpicos de Tóquio, né. Tivemos problemas quase saímos da UCI, né... foi por pouco porque o número de casos de doping que nós tivemos foi altíssimo, né... uma pena porque eu costumo dizer que os caras vacilam que quem é pego no doping é por dois motivos: ou é pobre ou é burro. Pobre porque não contratam pessoa ideal pra fazer o tratamento e acompanhar tudo certinho, ou é burro porque toma na hora errada e não sabe o que tomar, né. No *BMX* não tem muito, no *BMX* não tem muito doping...teve um caso agora essa semana de uma atleta do Equador, mas a gente já sabia que poderia acontecer porque onde que ela está treinando e tal, as dificuldades... as dificuldades não, as relações que ela estava apresentando, ela estava numa equipe... ela é do Equador, mas ela tinha uma relação muito próxima com um outro país que tá com muitos casos de doping inclusive em todas as modalidades, tá correndo o risco de ser excluído da UCI pela quantidade de casos de doping, né... e isso é um problema. Então, o ciclismo de estrada sofreu muito, é uma pena, o ciclismo de estrada sofreu muito, essa falta de incentivo, essa falta de recurso. E volto a dizer, no meu entendi...e eu até...fico até sem entender, porque eu sou do *BMX*, né...como treinador, como dirigente, como atleta e um brasileiro de *BMX* nós sempre pagamos a nossa inscrição, campeonato brasileiro, campeonato estadual...e na estrada, quando eu conto pros caras, uns amigos meus, que ciclismo de estrada não pagava nada. Não pagava inscrição, não pagava hotel, não pagava alimentação. Digo, ah, como é isso? Pois é... então esse relação né, essa relação que existia da administração esportiva com o ciclismo de estrada, ela não foi benéfica para o próprio ciclismo de estrada, né... porque no momento que você dá demais para as pessoas, cada vez as pessoas vão querer mais e quando você não tem recursos, você não consegue oferecer o que você podia oferecer. As equipes ganhavam uniformes, né... as equipes ganhavam uniformes, você sabe disso. As equipes do Nordeste ganhavam uniformes. E hoje, como é que você paga uniforme pra todo mundo? E isso é problema, né, porque uma Confederação que tem 5 modalidades, né... 5 modalidades Olímpicas, ela distribui um recurso maior para o ciclismo de estrada e menos recursos para as outras modalidades? Então quer dizer, isso... isso foi um problema, né, um problema administrativo que eles passaram e eu não sei como que eles vão conseguir lidar com isso nos próximos anos porque o ciclismo de estrada virou... virou dependente da organização esportiva em função desse

então acho que isso faltou, é... aí não sei se é na próxima pergunta, mas na questão do legado ficou o espaço mas não foi incentivada a prática para utilização daquele espaço. Foi utilizado por poucas pessoas e acabou sendo depois aí... pros Jogos Olímpicos foi construído um outro velódromo e foi um problema porque na hora da desconstrução do velódromo do Pan eles acabaram perdendo toda a madeira e acabou não podendo ser utilizado a outra madeira pra outro velódromo que eles iam utilizar, porque na desconstrução tem todas uma técnica pra se fazer, né, então quando você tira aquela madeira, quando você desmonta qualquer estrutura, você tem que ter muito cuidado pra que ela consiga ser reaproveitada. E ela não foi reaproveitada, ia pra Goiânia, depois ia pra Curitiba, tal, tal... e acabou perdendo toda essa madeira, eu acredito que hoje ela tenha virado é lenha.

Natália – A próxima pergunta é assim a situação das instalações esportivas ainda, antes dos Jogos Olímpicos Rio 2016 e o legado após. Você já comentou um pouco, né, não sei se você quer complementar alguma coisa.

GUILHERME – De 2016 ou de 2007?

Natália – Não, agora sobre os Jogos Olímpicos Rio 2016, com relação a situação das instalações esportivas de ciclismo antes e o legado após. Você já acabou comentando alguma coisa, se quiser complementar.

GUILHERME – Bom... uma das coisas é o seguinte: a pista, uma pista de *BMX*, ela pode ser totalmente remodelada, porque por exemplo a estrutura dela, como ela é feita de terra, com exceção das curvas que são asfaltadas, como a pista é feita toda de terra você pode remodelar ela e corrigir os erros que por ventura ela possa ter. Só que no entanto, não foi permitido as pessoas utilizarem a pista após os Jogos, por uma série de situações. Primeiro, ninguém queria assumir quem que era o responsável por aquele espaço. Uma hora ficava com a... aquela... *ANGLO*, né? *AGLO*, que era Associação do Legado Olímpico, né... ficou com a *AGLO*, depois passou para a prefeitura, e quando a prefeitura assumiu ela exigia que os atletas contratassem uma UTI com médico, uma ambulância com médico, isso custava em 2 horas de treino mil e quinhentos reais, então acabou que ninguém foi treinar nessa pista. E aí acabou perdendo... perdendo assim, ela continua lá, ela tem que ser remodelada, reestruturada, ela continua lá. Acredito agora, né... acredito agora ... o custo pra fazer ela, remodelar, ou reestruturar, ou corrigir os problemas que ela tem, não é alto. Porque a parte principal já está feita, a terra já está no lugar, as rampas já estão lá, as curvas já estão asfaltadas, o gate tem que fazer algumas correções, tal... isso é fácil ser corrigido, agora vai ter que ter vontade política. Eu acredito que o *AGLO* foi... foi destituído, não existe mais essa autoridade, né... do legado olímpico, apesar do que tá sob administração da prefeitura, né... eu espero que com a entrada de um novo prefeito, ele possa pegar e assumir isso, e acredito isso, e se for quem eu gostaria que fosse que é uma pessoa ligada ao esporte, apesar do partido político dele eu não gostar muito, mas é um cara que é ligado ao esporte, que é o Luis Lima, né... se o Luis Lima assumir, essa... essa prefeitura, com certeza ele vai conseguir. Eu já tinha estado com ele, falamos da situação e o que acontece, onde ela fica, a pista, ela fica muito próximo a uma comunidade, uma comunidade que tem muitos problemas sociais, então acho que pode ser feito um trabalho de integração dessa comunidade ao esporte. Mas para você fazer uma integração da comunidade ao esporte, você precisa fazer um ajuste na pista, porque ela tem que ser uma pista para criança, então você pode corrigir. Londres foi feito isso, a pista de Londres era uma pista de *Supercross*, uma pista para adultos e aí ela foi remodelada, ela fica localizada num

bairro de periferia super complicado, que eles reestruturaram o bairro e hoje é uma pista utilizada pela comunidade, então acho que é isso que o Rio de Janeiro deveria fazer com essa questão, porque é importante que tenha praticantes. E acho que é fácil de ser feito, é claro que acho que depende também de vontade política e também da aceitação da comunidade em querer isso e eu acredito que a comunidade gostaria de ter isso. Porque quando abre o piscinão lá, eles ficam doidos e vão tudo lá brincar na piscina, fica no espaço de Deodoro, mas a questão da pista também seria nesse sentido. E é um legado muito importante, e pra todas as estruturas, inclusive o velódromo, né... o velódromo é um velódromo caríssimo, de cara manutenção, nós tivemos 2 problemas, ou 3... não sei se foi 3 incêndios ou 2 incêndios, que é um problema no Rio de Janeiro, que as pessoas soltam balões, o balão caiu um cima do teto, o teto é de lona, acabou queimando, né... queimou um pouco a pista, recuperaram a pista, a pista hoje tá andando, é um legado bacana, mas tem que ter... aí chegaram a fazer a escolinha, chegou a funcionar uma escolinha, aí hoje eu não sei como que tá, porque faz tempo que eu não vou ao Rio, nós chegamos a ir lá andar na pista e tal... eu acredito que esse legado é importante. São 2 espaços que eu acredito que se houver vontade política, vão ficar, porque essa semana mesmo nós estávamos discutindo isso... no meu entendimento, cada um tem o seu posicionamento, mas no meu entendimento, a questão do esporte de base, ele tem que ser responsabilidade do governo. Eu entendo que o governo tem que ser responsável pelo esporte de base. E o esporte de alto rendimento... o esporte de alto rendimento eu acredito que não deva ser responsabilidade do governo e sim da iniciativa privada, doações e tal... só que isso tem que ser mudado no país. Nosso país não é um país rico né, então nós temos que favorecer a base, então incentivar a criançada, a gurizada na escola, projetos sociais, projetos no contra turno esportivos, e tal, tal tal... depois vamos construir a pirâmide e no final vamos ter o alto rendimento. Esse alto rendimento, sim, a iniciativa privada, incentivo externo, incentivo das empresas, incentivos de doações e tal... no meu entendimento. Claro que depende do governo se ele vai querer fazer isso, porque hoje o governo como está, ele não está ajudando nem o alto rendimento nem a base, e os governos anteriores ajudavam o alto rendimento e não ajudavam a base. Então, tem uma... tem uma coisa que precisa ser mudada, eu acho que tem que voltar pra base, o governo tem incentivado alguns programas, que é o programa Segundo Tempo que eu sei que tá voltando, tão incentivando, tem alguns projetos que o pessoal tá entrando agora, tem o projeto Academia do Futebol, que também o outro projeto social, então são projetos sociais que tem que ter funcionando. Só que por exemplo na escola, a questão do recurso do FUNDEB tá sendo complicada, tá sendo questionada, e se não tiver recurso na escola, a parte fundamental da formação esportiva escolar, ela fica debilitada, apesar deles terem retornado com o JEB's, né... acho que isso foi uma coisa bacana, que era uma briga que teve no governo, entre o governo federal e o comitê olímpico brasileiro, que o comitê... você lembra disso, você estava no dia lá... que o comitê olímpico brasileiro não queria que os Jogos Escolares saíssem do COB e fossem para o MEC. Eles estavam brigando por conta disso, mas é uma questão de vaidade de recursos né, porque esse dinheiro o COB pega esse dinheiro e aproveita... aproveita não, utiliza esse dinheiro para os jogos, só que como chega antes ele consegue jogar com o dinheiro, aplica aqui, aplica ali, e acaba realizando. Ele não deixa de realizar, mas com essa mudança da questão da volta do JEB's, eu acredito que vai ser centralizado e acredito que volta a crescer o esporte escolar, acreditando no esporte escolar.

Natália - Sim. E Guilherme, pensando no desenvolvimento esportivo do ciclismo, de maneira geral, ainda tomando como base os Jogos Panamericanos em 2007,



paternalismo que tem para o ciclismo de estrada. E eu considero como um paternalismo, e aí fala: ah, que não tem as grandes voltas... claro que não tem as grandes voltas, é muito dinheiro, não tem como você ter as grandes voltas e você... e se você põe uma grande volta e tem esse recurso, você... você chega na *Mountain Bike* e o cara tem que pagar tudo. E aí como que você justifica, sendo que o *Mountain Bike* é hoje a modalidade que dá mais dinheiro pra Confederação, em função da quantidade de inscritos, da quantidade de filiados, né? Então, essa é uma questão que tem que ser... tem que ser repensada para as próximas gestões.

Natália – É... então vamos lá...

GUILHERME – Você não precisa emitir a sua opinião, pode deixar que eu emito a minha (risos).

Natália – (risos) É, aqui é o que você vivenciou mesmo, é isso mesmo. Guilherme, você reconhece a utilização e o emprego de alguma tecnologia na gestão ou na prática diretamente do ciclismo, desde o período antes dos Jogos Olímpicos, agora vamos pensar nos Jogos Olímpicos Rio 2016, emprego de tecnologias na gestão ou na prática, no período antes até o período após os Jogos?

GUILHERME – Olha, foi muito importante, foi muito importante. E não só a tecnologia de melhoria dos equipamentos, como tecnologia dos equipamentos de avaliação dos atletas, por qual os atletas passaram, como tecnologia da própria Confederação e a utilização das tecnologias para a gestão dela. Então, vou começar primeiro com a tecnologia dos materiais. Nós tínhamos muita dificuldade de conseguir materiais de boas qualidades alguns anos atrás, porque nós temos dificuldade de importar, nosso governo ele não facilita a importação porque a política é: se você tem um pneu no Brasil, não justifica você comprar um pneu de fora, você só pode comprar o pneu de fora se não existisse a produção. E aí... só que o pneu nacional ele é muito inferior ao pneu produzido lá fora. Então... só que hoje, os processos, as pessoas viajando, competindo fora, acabou trazendo em alguns processos facilitados de importação, acabou trazendo esses equipamentos. Então, a tecnologia começou a chegar ao país. Então hoje por exemplo um atleta de... de *Mountain Bike* ou de *BMX* ou de estrada ou de pista, qualquer um deles, quando ele vai competir lá fora, ele tem o mesmo equipamento pra poder competir de igual pra igual, em termos de equipamentos, porque está disponível no mercado, tá? Isso é muito importante. Claro que tem alguns materiais que talvez não, e eu cito por exemplo um caso que teve no atletismo, no atletismo foi criado um tênis, inclusive foi modificado as regras para o atletismo, que foi criado um tênis para maratona. E esse tênis pra maratona, ele não tinha... não era comercializado, então só os grandes atletas patrocinados pela Nike que tinham esse tênis. Aí a Federação internacional, a IAAT, ela estabeleceu que todos os tênis do atletismo ou qualquer equipamento deverão estar disponíveis no mercado 45 dias antes do evento para qualquer pessoa comprar. Então, ou seja, então agora você pode comprar. No ciclismo não tem isso, quando tem é alguma coisa diferente, só que aí... só que aí entra o doping mecânico, né? Porque por exemplo eu lembro há uns anos atrás teve uma bicicleta da Honda que ela era guardada a sete chaves, que não sabia o que que tinha dentro dela, uma bicicleta de DownHill que não sabia-se o que tinha dentro dela, né... Então hoje por exemplo a UCI, ela usa um scanner nas provas internacionais pra... passa as bicicletas pela scanner pra verificar se tem algum doping mecânico nessas bicicletas, entendeu, pra tentar verificar. Então isso foi... minimizado esse problema em termos de tecnologia, então você

consegue quadros de carbono, você tem quadros de carbono no mercado, né... claro que por exemplo, as vezes não tem o tamanho porque quadro de carbono é um quadro que ele é feito de forma e ele feito de forma você não tem todos os tamanhos, você não consegue mudar milímetros num quadro igual você muda num quadro de alumínio, por exemplo, você consegue cortar e diminuir... o quadro de carbono não, ele é feito por formas, então essas formas têm 2, 3 tamanhos e pronto, não tem como, porque a forma é muito cara, por isso que é um quadro mais caro, porque a forma custa muito alto. Então... mas tem aquele quadro, só que aí por exemplo um... um atleta da seleção inglesa que hoje é treinador do Centro Internacional de Ciclismo da UCI, o Ian Phillips, Ele tinha um quadro GT que ele foi feito de carbono exclusivamente pra ele, ele é muito grande, então esse quadro de carbono só tinha pra ele. Então, se você quisesse ter um quadro de carbono da GT, você tinha que comprar o mesmo quadro, só que é um quadro muito grande, né... então isso... depois que a GT começou a criar outros quadros, né. Porque, o que que acontece... se a GT... e aí é um problema mercadológico, se a GT só tinha um quadro, as pessoas deixam de comprar a GT e vão comprar outra marca. E a GT precisa vender o quadro, porque não adianta você fazer um campeão olímpico que as pessoas não querem o quadro, porque são ajustes milimétricos, né, são ajustes muito pequenos que você precisa fazer. Então, a própria empresa se viu obrigada a criar os quadros, mas nos Jogos Olímpicos de Londres só tinha o quadro do Ian Phillips, do Liam Phillips, perdão. Só tinha o quadro e ele. Aí, só que aí, ah, só tem o quadro e ele, então tá, então nós vamos buscar outros quadros, né?

Natália – Que ano que começou esse acesso dos atletas aos equipamentos? Você sabe falar mais ou menos que ano que foi? Até que ano que era muito difícil?

GUILHERME – A partir de... dos Jogos Panamericanos, começou a facilitar, o dólar tava barato, as pessoas viajavam muito, no *BMX* por exemplo, sempre viajou-se muito pro exterior pra competir, então as pessoas iam muito pros Estados Unidos, competir nos Estados Unidos, há muitos anos, que tinha uma... tinha uma... tinha uma competição que chama-se... é... era o Christmas, era o Christmas que era nos Estados Unidos e o Grand, são duas competições muito importantes nos Estados Unidos, que era duas Ligas, então as pessoas iam muito pra essas competições, sempre foram, e lá se comprava esses equipamentos. Então, meados de 2000, por aí, já começou a ter muito acesso a esse... a esses equipamentos para o *BMX*, tá, para o *BMX* já começou a ter muito acesso.

Natália – E você acha que os Jogos do Rio mudou alguma coisa ou só se manteve?

GUILHERME – Não, se manteve, se manteve, em termos de tecnologia se manteve. Hoje você consegue comprar qualquer equipamento, né, hoje não tem dificuldade. Com relação agora aos equipamentos tecnológicos, né, aos de avaliação e tal, também se conseguiu. Por exemplo, as fotocélulas de controle, os potenciômetros de Cog, né, as... os... os rotores, as coroas tipo rotores, né, os quadros de carbono e a *Watt Bike* que são outros equipamentos, isso começou a ter muito acesso. Já a partir de 2007, já não teve mais dificuldade. Tinha dificuldade porque quando era equipamento muito grande você acabava pagando muito imposto, né, só que foi facilitado, teve alguns programas do governo que facilitou a importação desses equipamentos, né, algumas instituições conseguiram importar esses equipamentos com taxas mais baixas, em função de não ter, então você tinha que dar a justificativa, não tem no país, não tem similar, e aí acaba que eu posso trazer esse equipamento que aconteceu as próprias balanças de

bioimpedância tetra, né, elas vieram para o país com um preço muito bom porque realmente não é produzido no Brasil, então você tem que comprar uma balança de bioimpedância tetra da *Inbody* né, e aí facilita, o valor é bem próximo o valor... claro, não chega a ser o mesmo valor que você vai pagar lá fora mas não tem aquela incidência de imposto tão pesada igual tinha pra outros equipamentos.

Natália – Nesses equipamentos, você reconhece algum que foi somente após os Jogos Olímpicos, ou não também? São todos no mesmo período antes que já se conseguia?

GUILHERME – É, o problema o que que acontece, acredito que sempre, sempre se conseguiu, sempre se conseguiu, né, só que você pagava o imposto, né. Você acaba... e aí gera um custo mais alto, você acaba pagando 75% sobre o valor dele que você paga lá. Então você tinha que negociar lá pra que você conseguisse um preço mais em conta pra que trouxesse aqui pro país. Então por exemplo, um cicloergômetro que tinha da SRM, que era todo... que eu lembro quando eu fiz doutorado em 2007, 2005 né, na Espanha, era um SRM que não tinha no país ainda e um ano depois a UFMG comprou esse SRM com um valor bem abaixo, sem ter pago os impostos, né, então isso foi... a UFMG foi em 99 que ela conseguiu esses equipamentos, então quer dizer, já tinha, antes do Pan já começou a ter esses equipamentos no país.

Natália – E assim, será que pensando no... eu tô marcando os Jogos Olímpicos porque foi um mega evento que o país sediou, né, então pra gente ter um marco, por isso que eu tô enfatizando. Mas você acha que em termos de uso dessas tecnologias dos atletas, você acredita que aumentou esse uso? Apesar de já existir, esse uso ainda era restrito e os Jogos Olímpicos aumentou, mais atletas tiveram, ou não? Quem já usava, continuou usando?

GUILHERME – Não, teve isso sim, você sabe por quê? O que que acontece... o Brasil, o Brasil ele tem muito investimento... tinha muito investimento nas Universidade Públicas, então as Universidade públicas sempre tiveram muita tecnologia. Então, as universidades conseguiram comprar muitos equipamentos de última geração pra avaliações, pra controle e tal. Os atletas não tinham acesso, porque existia um muro que separava a universidade da comunidade. Esse muro ele começou a ser quebrado com uns projetos que tem do governo no início... no final da década de 90, que foi os... os... como é que chama?... os SENESPS, que aí as pessoas começaram a fazer as avaliações... os atletas começaram a fazer as avaliações dentro das universidades, aí começaram a ter acesso, ok. No entanto, depois o SENESP acabou, e acabou não tendo mais esse convênio e as universidades continuaram comprando equipamentos e os atletas não tinham mais esses equipamentos. Só que os atletas começaram a ver outros atletas lá fora usando, então eles começaram: opa, per aí, eu tenho que ter. Aí por exemplo, eu digo por exemplo o *Watt Bike*. O *Watt Bike* você encontra em algumas cidades, por exemplo no Rio de Janeiro tem, São Paulo tem, algumas pessoas têm, né, porque viram os caras usando, per aí, não tem, então per aí eu vou comprar, né. Então você vai pra um evento lá fora ou vai pros Jogos Olímpicos aqui, você vê que o cara tem o equipamento que eu não tenho. Então deixa eu ver, até o próprio de COG, que era um potenciômetro colocado no cubo traseiro, né, que eles começaram: opa, per aí, os caras têm e eu não tenho? Então eles começaram a buscar e a trazer isso. E em função das competições internacionais, eu não diria que foi pontual aos Jogos Olímpicos, eu diria que foi a participação do Brasil nas competições internacionais, porque o *BMX* começou a viajar mais, então o *BMX* viajando mais



ele começou a ver o que que tava tendo lá fora. Os atletas lá fora começam a troca informações com outros, tal e tal, e acabou trazendo. Então, os rolos, que tem aquele da TracX, que eu vi em Londres, lotado desses rolos da TracX em 2012 e eles começaram a vir pro Brasil depois de Londres, mas em Londres já tinha, no evento teste deles em 2011 já tava lotado de TracX lá pra todo mundo utilizar. Então, quer dizer, essa questão é que começou a ter mais participação dos atletas nas competições internacionais. Não foi em função dos Jogos Olímpicos, né, mesmo porque o número de atletas que têm acesso aos Jogos Olímpicos, ao setor e tal, é pequeno. Por exemplo, no *BMX* masculino são 2 atletas, foi no caso o Renato e a Priscila. Em Londres, foi o Renato e a Squel, então quer dizer, só 2 atletas e a comunidade hoje no Brasil de praticantes, filiados, nós acho que devemos ter uns 2500 atletas, então quer dizer, onde que tá? Onde que buscou? A partir dessa participação internacional dos atletas indo pras competições, assim por diante. Eu não acredito que tenha sido a questão dos Jogos. No entanto... é dos Jogos aqui do Rio... no entanto, a questão administrativa, o uso das tecnologias administrativas, em função de uma série de mudanças governamentais, de compra de equipamento e processos licitatórios e tal, a mudança disso, obrigou as confederações a se reestruturar na compra desse equipamentos, na compra de materiais, contratação de pessoal, tal, tal, tal. O que que foi feito? A maioria das confederações... a maioria não, algumas confederações, contrataram empresas pra fazer isso, né, empresas pra fazer isso, pegaram um empresa, determinada empresa, pra fazer as licitações, compra, passagem, tudo certinho. O presidente da Confederação de Ciclismo, ele fez diferente, ele foi muito inteligente, o que que ele fez, ele qualificou os funcionários dele. Ele qualificando os funcionários dele em todos os níveis, desde lá de baixo até lá de cima, ele conseguia fazer todos os processos de compra, de viagem, de planejamento, tudo internamente. Então, quando teve os problemas de... de verificar as contas pela CGU, quando teve esses problemas de verificação de contas da CGU, a Confederação não teve problemas de provar que ela tava certa, ela não teve problema, porque tinha tudo. Eles mesmos foram os 4 funcionários que fizeram. Se cometiam algum erro, algum erro de emissão de passagem ou o atleta não coisava, conseguia se resolver. Pra você ter uma ideia, a multa que a Confederação pagou de todos os processos que ela respondeu, que foram 3 processos levantados pela CGU, acho que foi 8 mil reais, isso é irrisório perto de outras confederações que tiveram que pagar milhões. Porque por exemplo, só pra você ter uma ideia, a passagem é emitida, tá, pro atleta. Na véspera da viagem, o atleta não vai, o que que a confederação faz? Ela tem que devolver esse dinheiro. Como é que você justifica o atleta não ir? Então, isso é um problema da gestão, que ela tem que justificar. Um outro problema, e aí entra a questão tecnológica né, e saber usar as questões, de saber o sistema, porque é o SICONV que é um programa do governo de compras e tal né, dos projetos. Aí por exemplo, a emissão de uma... o ciclismo de pista viaja, o ciclismo de pista cada atleta leva 3, 4 bicicletas, na hora que vai calcular, e aí teve alguns erros, não calculou excesso de bagagem de acordo como deveria ser calculado. Chegou lá, tem quem pagar, tem que pagar. Então esses problemas, chega lá, a bicicleta tem que ir, eu cheguei já pagar uma bicicleta pra viajar duzentos dólares, cheguei já a pagar duzentos dólares pra bicicleta embarcar. Então quer dizer, esses cálculos... só que aí o que que acontece, essa troca de informação entre a Confederação, o COB e a CGU, ela não existe. O COB entende, mas não entende. A CGU não entende nada. Então quer dizer, começam a questionar coisas que são realmente... tanto que teve alguns problemas e aí foi na contratação, e aí problemas gerenciais e tal, mas a questão tecnológica, da utilização do SICONV, da utilização do Compras Net que é o processo de licitação agora, que é do pregão eletrônico, do pregão eletrônico

f

que a gente usa aqui na Universidade federal, ele é muito mais tranquilo de ser feito, né, então são tecnologias que vieram, foram absorvidas por nós, em função do que? Em função da cobrança governamental na questão das contas públicas, do que que vai para o Comitê Olímpico Brasileiro, do que que esse dinheiro que vai para o Comitê Olímpico é distribuído para a Confederação, da prestação de contas para o Comitê Olímpico e do Comitê Olímpico para a União. Então essa junção dos valores que entram e dos valores que saem, elas muitas vezes tem problemas na hora da prestação de contas. Esses dias mesmo... e é importante nós enquanto treinadores, gestores, dirigentes, nós... a recomendação que eu faço, nós guardarmos todos os documentos. Então por exemplo, a Heloise sempre me liga, Guilherme você tem o resultado de 2014 aí? Esses dias ela me ligou pedindo o resultado de 2015, e eu tenho. Você não tem o seguro do fulano e tal de 2013? Tenho. Porquê? Porque eles têm que as vezes... porque é muito documento na hora da prestação de conta e as vezes falta o documento lá na hora de informar. E como nós enquanto gestores, e aí no caso o dirigente que viaja com a seleção, por isso que é importante uma formação adequada desse dirigente, não só como treinador, mas para que ele entenda tudo, porque ele é o gestor daquele evento, mas ele tem a passagem aérea, o seguro do atleta, a reserva do hotel, a reserva da Van, o recurso... cada atleta recebe o recurso individual, mas aí você... e isso é importante porque eu gosto que cada um cuide do dinheiro deles, porque eles recebem dinheiro e vão dar conta e eles vão prestar também, aprender a prestar conta disso, né, e isso a gente usava, aí no final você guarda tudo. Quando der algum problema, tá aqui, tá aqui o documento, tá aqui isso, tá aqui aquilo. Então, isso é bacana, por exemplo, esses dias o Fermino tava buscando os resultados dos jogos anteriores ao ano passado, os último 4 anos, de 2017 até 2020 da base e eles não encontram e eu... a gente tem tudo, nós que trabalhamos com o *BMX*, nós treinadores e dirigentes, nós temos tudo isso, quer dizer, eu não sei se todos têm igual eu tenho, mas eu guardo todos esses documentos, que esses documentos são fundamentais porque pode ser que lá na frente eu vá precisar. Então essa é uma questão. Então essa tecnologia foi muito importante na formação dos funcionários nas novas tecnologias da administração pública. Foi fundamental, por quê? Porque qualificou algumas pessoas, diferente de algumas confederações, igual a Taekwondo e Handebol teve problema, contratou a empresa e a empresa deu problema e depois não conseguia cobrar da empresa, por exemplo, pode ser que a empresa quebre, trocou o funcionário, trocou o CEO da empresa e aí fica complicado.

Natália – Guilherme, as próximas perguntas são com o seu papel como treinador mesmo, vai ser um pouco mais específica no seu papel como treinador. Como que foi na época antes dos Jogos Olímpicos Rio 2016, você participou efetivamente da busca da vaga olímpica com a seleção? Como que foi o seu papel naquela época?

GUILHERME – Bom, então vamos lá. Nós tínhamos a possibilidade de conquistarmos a vaga, apesar do que, mesmo sendo... e essa é uma questão, o *BMX* tinha vaga garantida, que eu vi no seu documento lá, o *BMX* tinha vaga garantida só que tinha vaga garantida, mas essa vaga garantida ela não é tão garantida assim, porque se a Federação Internacional entendesse que o ciclismo nacional tava tão ruim, que ele tiraria a nossa vaga. Então, o que que nós fizemos? Nós fizemos um planejamento porque a gente precisa o seguinte, e eu entendo o seguinte, que a participação de qualquer atleta de uma competição, ele tem que ser por mérito e ele tem que ser nas condições de tentar realmente fazer alguma coisa, eu não concordo em levar atleta que é só para passear, levar atleta... inclusive, tivemos algumas convocações que eu fui contra, de Jogos, que eu disse:

não, esse atleta não pode ir não... - Não, Guilherme, nós temos que ir, o COB obriga que nós levemos... - eu digo, mas a gente vai lá pra passear, não vai fazer nada... - Ah, mas não tem jeito... Bom, isso é problema administrativo, que não é problema nosso. Então, o que eu tenho que fazer? Eu tenho que relatar isso, dizendo que não tem condições, que o atleta não tem condições, porque como se comporta. Então o que que nós fazíamos? Eu, como treinador da seleção, eu recebia semanalmente um relatório de todos os atletas e de todos os treinadores, eu introduzi isso. Tive muita dificuldade no início, porque os treinadores achavam que eles não deviam passar essa informação para nós, ou pra mim, achando que eu queria roubar treino, saber coisa, roubar atleta, e não é essa intenção. A intenção é a seguinte: eu tenho que saber como que o atleta tá, eu tenho que saber como que o atleta tá. Eu não posso convocar um cara, né, que eu não sei se ele tá treinando, que eu não sei se ele tá respondendo ao treinamento, se eu não sei se ele tá bem de saúde, se eu não sei se ele tá... se o equipamento dele tá adequado, então eu preciso saber todas essas questões para poder organizar o treinamento para que eu conquiste a vaga, ou conquiste os pontos. Quando eu fiz o planejamento, eu fiz o planejamento pra 8 atletas elite e 8 atletas júnior, 8 masculino e 8 feminino, eu fiz um planejamento pra isso, só que quando chega... eu faço o planejamento ideal, mas chega lá na frente, ah, não vai ter jeito, vai ter que reduzir, aí reduziu, reduziu, reduziu, nós terminamos com... chegamos a ter 6 masculinos, depois reduziu 4, 3 e aí acabou só ficando o Renato no final, mas lá atrás o meu planejamento era pra 8 masculinos e 8 femininos, pra ambos os sexos, masculino e feminino né, júnior e elite, pq aí eu teria 16 mais 16, seria 32 atletas. Talvez eu não conquistasse 32 atletas, mas eu precisava constantemente observar. Então eu tinha esses relatórios, esses relatórios dos atletas daí começaram a me passar, começaram a entender, começaram a cobrar os atletas dos relatórios, porque uma coisa é o seguinte, depois de toda competição, depois de toda competição, o treinador que vai acompanhando ele tem que fazer um relatório que ele envia pra Confederação dizendo tudo o que aconteceu e quando eu tinha um relatório de um atleta, por exemplo um atleta viajou comigo e eu não tinha nada anterior dele, que ele não mandou, o treinador dele não mandou, eu dizia assim: olha, infelizmente esse atleta não tá cumprindo com as obrigações de treinamento, tal, tem que verificar... aí eu chamava a atenção do atleta e chamava atenção da Confederação pra que cobrasse esse atleta pra que ele pudesse responder por aquelas atuações dele, pra que ele pudesse melhorar o resultado. Então isso eu sempre fui muito duro nesse sentido, e um carasco nesse sentido porque... - ah, o cara tá me cobrando, não sei que... pá pá pá, oq eu ele pensa, o que ele quer... então, isso foram situações que foram pesadas, mas foram boas porque mesmo os ex atletas que hoje estão... que já pararam dizem assim: - ah Guilherme, você é chato mas você é legal. Tipo isso né, você é chato, mas você tá certo. Por que eles entendem isso, eles entendem que a situação é complicada. Então, é uma cobrança que enquanto nós treinadores temos que fazer porque eu preciso que ele dê o máximo naquela competição. Então eu tinha todo o planejamento de pontuação de quanto... igual eu tenho pra Tóquio, eu faço uma estatística de como que é a chance, como que tem que fazer, se o atleta júnior pode entrar, se não pode entrar, o que que o atleta júnior tinha que fazer, quanto que teria que investir, então você tem quanto que teria que investir naquele atleta, tal, pra que ele pudesse. Então eu faço isso, fiz pra Londres, fiz pra Rio e fiz pra Tóquio. Londres, quando classificou, foi uma briga muito grande, porque os caras achavam que nós não íamos classificar... disse: - não, vocês não vão classificar. Porque era uma briga muito grande porque foi aquele momento que... que eu falei anteriormente, que se dava muito pro ciclismo de estrada e pouco pro BMX, não dava aquela importância pro BMX como deveria dar. Então meu entendimento: -

Pô, por que você tá dando tanto pro ciclismo de estrada e nada pro *BMX*? Então nós chegamos e classificamos 2, um masculino e um feminino pra Londres. E os cara: - Pô!... pois é, e isso foi uma... o mundo todo, não só o Brasil ficou surpreso, mas o mundo todo ficou surpreso que nós conseguimos classificar 2 atletas. E isso foi um legado, porque aí pra o Rio, nós continuamos com esse trabalho e aí os atletas pro Rio já tavam certinho, classificando certinho, bem pontuado, e foi crescendo né. Então mostra o país hoje como uma potência, e eu vejo como uma potência, mas tem que tomar cuidado por causa da base, porque se não tiver aqui atrás... e aí eu entro 8, 8, masculino e feminino, júnior e elite, a ponta do iceberg eu vou perder, porque vai ter uma distância muito grande e aí eu vou acabar separando... – Mas pera aí, vou separar a base muito longe do pessoal elite. Então, essa é uma preocupação que eles têm que ter, né... como eu não tô mais diretamente atuando lá, tem o Fermino que tá lá, teve a Ana Claudia e tal, mas eles têm que estar atentos a isso, né, e por isso que eu acho que talvez eles tenham até me procurado essa semana retrasada, justamente por causa disso, quem são os atletas? Olha, não foi nenhum, não fizemos nenhum resultado, o único resultado foi o Pedro, o único resultado internacional foi o Pedro, e uma prova de Pista. O único resultado que o Brasil teve nas categorias de base, que você pode considerar entre os trainings foi o Pedro no ciclismo de pista, e o resto não teve mais nada, então isso é problema, isso é problema. Eles têm que começara a se ligar porque tem que panejar justamente pra que, controla o treinamento, controla... nós fizemos avaliação em Londrina, fizemos avaliação em Americana, né... alguns atletas nós conseguimos mandar pra UCI, e isso foi bom... vários atletas né... todo ano a gente tava mandando atleta pra UCI, e isso é significativo, porque o atleta traz bagagem de lá, né, toda a ida... vai um atleta, mas ele traz bagagem de lá e isso traz informação pra todo mundo. Todo mundo quer ir treinar na UCI, não é o melhor lugar do mundo pra treinar, não é o melhor lugar do mundo pra treinar, mas a bagagem que traz ela é muito importante, essa bagagem dos atletas. Então isso foi bacana né, foi um legado que nós conseguimos e espero que eles fiquem atentos pra não deixar isso aí quebrar porque senão depois não consegue reconstruir não, aí demora 8, 12 anos pra reconstruir.

Natália – Guilherme, nesses anos anteriores, vamos dizer 2014, 2015, até os Jogos Olímpicos 2016, os atletas que estavam nesse processo de busca de vaga e tentando a classificação, pra se preparar também, essa preparação para os Jogos Olímpicos, esses atletas em específico, como que você avalia o suporte que eles tinham nesse período. Suporte, você que vai me dizer, de clubes, da cbc?

GUILHERME – Bom, em função de Londres... em função de Londres, o Brasil conseguiu um patrocínio muito bacana da Caixa, e aí conseguimos um recurso bom pra isso, um recurso bom pra isso. Nós tivemos uma perda do recurso do banco do Brasil por conta de doping no ano de 2011, com atleta de seleção e tal, e aí houve uma quebra desse patrocínio e aí em 2012 nós conseguimos um resultado mesmo com a quebra de um atleta, conseguimos um resultado, mostramos e tal. E aí conseguimos um patrocínio muito bom da Caixa. Só que o patrocínio da Caixa era num primeiro momento... e a Confederação agiu certo, no meu entendimento agiu certo, que o patrocínio da Caixa era num primeiro momento só para o *BMX*. Mas aí o presidente falou: - Não, eu quero que patrocine todas as modalidades. Aí acertaram patrocinar todas as modalidades, não que não tenha direito, mas quem conseguiu o patrocínio da Caixa, qual foi o resultado, porque o COB, o COB ele... a pontuação de distribuição de recursos do Comitê Olímpico Brasileiro, ela é versada sobre as conquistas das modalidades. Então, as modalidades que conquistam pódio, colocações, tal, são as modalidades que

ganham mais recursos. E quem conquistou recursos, conquistou pódio, conquistou lugares, foi o *BMX*. E em função disso, todas as modalidades receberam esse recurso da Caixa. Tudo bem, eu acho que a Confederação ela é única, ela tem que atender a todas, não tem como justificar você... beleza. Então nós tivemos muito aporte da Caixa Econômica Federal nesse sentido, com participação dos atletas, os atletas receberam...recebendo ajuda de custo, custo de viagem, equipamento, programa de saúde, foi o Bradesco, patrocinou os atletas todos com seguro saúde, todos os atletas tinham o plano de saúde do Bradesco, que é um dos melhores que tem hoje de planos de saúde... os atletas, os treinadores não tinham não. E aí foi isso, foi tendo esse recurso, né, foi um recurso bem bacana durante todo esse tempo. Quando foi chegando próximo aos Jogos do Rio, o recurso foi diminuindo, porque você tem um gasto e você vai diminuindo, então foi centralizado todos os gastos em um único atleta, né, foi centralizado todos os gastos no Renato, e isso foi um erro administrativo no meu entendimento, não que o Renato não mereça, o Renato inclusive é do meu Clube, mas no momento que você corta, aposta todas as fichas em determinado atleta em detrimento dos outros, se acontecesse qualquer coisa com o Renato, não tinha um substituto e no *BMX* é muito comum ter lesão, né? Então, foi um erro estratégico do gestor naquela época, os gestores crucificaram...era o Francisco, e agiu contra o que eu gostaria que fosse, porque lembra que o seguinte, que eu queria 8, 8 e manter, depois 6 e aí 3, mas 3 lá né, 3 pontuando lá, mas não, ficou em 1 né, e aí 2 meninas que eram a Bianca e a Priscilla, e aí não sabiam qual das 2 que ia porque a briga delas tava ali, uma atrás da outra. E elas recebiam um dinheiro bom de bolsa e esse... eu entendo o seguinte, o dinheiro da bolsa não é pra você... não é salário, o dinheiro de bolsa no meu entendimento, eu como pai, como treinador, como dirigente, o dinheiro de bolsa é pra ser aplicado nas questões do treinamento, não é para o seu salário, e aí elas não queriam investir, por exemplo, a Confederação faz um planejamento, faz um planejamento então são cinco Copas do Mundo, um Mundial, um Pan Americano... um Pan Americano e um Sul Americano, então fez esse planejamento. Tem uma série de outras provas C1, tá? Tem uma série de outras provas C1, só que a Confederação não tem recurso pra ir em todas. Então, o atleta se quiser ir, ele pague, ele tem dinheiro pra poder investir nele, entendeu? E eles não queriam...queriam que... então isso foi um problema, foi um problema administrativo que a Confederação... não que eu lido com isso, e eles sabiam que eu era contra, né, porque eu deixo muito claro meu posicionamento, isso não é responsabilidade... a responsabilidade nossa, do planejamento que nós fizemos foi Copa do Mundo, Mundial, pan-americano, Sul Americano, o resto amigão, te vira, você tem que conquistar pontos nessas daí

Natália – Você citou essas provas C1, nesse momento nos 2, 3 últimos anos antes dos Jogos Olímpicos, você auxiliou os atletas nesse cronograma de provas, pra escolher provas e definir quais provas?

GUILHERME – Sim, fazia todo tempo esse... inclusive buscando qual que é a prova que ele deveria escolher, - olha, vai pra essa. Não só o atleta, como a Confederação, prioriza essa, não vai pra essa, essa tem isso, essa não tem isso. Por exemplo, eu descartei uma etapa na... ano passado inclusive, no ano passado pra ir pra Colômbia, porque a Colômbia é um dos lugares mais perigosos, a pista mais perigosa e se um cara lesionar lá, acabou, acabou a temporada, o cara fica 2 meses parado, não volta, não volta tão cedo. Então a gente ajuda nesse planejamento pros atletas e pra Confederação.



Natália – E você citou que você tinha um planejamento que eram 8 atletas no masculino, pra ir afunilando. Naquela época, antes dos Jogos Rio 2016, pode ser considerado que o BMX tinha uma seleção brasileira permanente? Ou ela não era permanente?

GUILHERME – Pode considerar que ela era uma seleção permanente, só não tinha recursos pra manter ela, mas tinha... você sabia quem era os atletas mas não tinha recursos pra manter. Então quer dizer, você mantinha 1 atleta masculino e 2 atletas no feminino, com recurso todo depositado neles, a maioria dos recursos. E mais uma atleta no feminino e mais 2 atletas no masculino com recursos não tão incisivos, mas com menos recursos, mas você tinha uma seleção permanente.

Natália – E hoje ainda existe essa seleção permanente?

GUILHERME – Existe, existe, existe.

Natália – Deixa eu ver a próxima pergunta aqui, porque algumas você acabou incorporando em outras respostas, então eu tô vendo aqui pra não perguntar denovo. Na sua visão, como foi a participação do Governo Municipal, prefeituras, no desenvolvimento do ciclismo nos últimos anos? E aí, eu não tô falando de uma prefeitura em específico.

GUILHERME – Zero, zero. Os municípios, por exemplo aqui em Minas né, são fraquíssimos pro Ciclismo. Aí, quando você pega em São Paulo, né, em São Paulo você vê o incentivo por causa dos Jogos Abertos e tal, mas os Governos Municipais perderam muito dinheiros nos últimos anos, então as prioridades passam a ser outras. Então, cada vez menos... tem menos recursos pro esporte. Em Minas é zero, o esporte em Minas Municipal é zero. Em São Paulo ainda tem alguma coisa, mas esse ano teve menos ainda né porque, apesar do não ter tido por causa da Pandemia, teve menos ainda, porque muitas equipes tão sem receber, não sabem como é que vai ficar, né, os Jogos Abertos estão esvaziando, então cada vez menos... porque a responsabilidade do Governo né, Federal, no meu entendimento igual eu falei, é a base. O Municipal teria que ajudar, mas ele não tem recurso pra ajudar. Então, cada vez menos... cada ano que passa, é menos dinheiro, cada vez menos... é menos dinheiro. Então aqui em Minas é zero, a maioria dos "países" [estados] do Brasil é zero, em São Paulo tem algum incentivo por causa dos Jogos Abertos, tá, por causa dos Jogos Abertos. Agora por exemplo, quando tem alguma coisa, algum município tem o esporte, eles até incentivam alguma coisa, mas tem que ter muita arrecadação, são municípios grandes, igual Betim que tem incentivo, mas é porque é município grande, ele consegue... ele tem uma arrecadação boa do ICMS, então ele consegue direcionar parte dos recursos pro esporte. Mas um município que não tem uma boa arrecadação, é muito difícil, e aí é a grande maioria dos municípios, você tem por exemplo, não sei em Minas Gerais quantos municípios são, mas é um monte né, eu acredito que desse monte de municípios que nós temos, Minas Gerais deve ter no máximo 5 municípios que investem no ciclismo pra você ter uma ideia, no máximo.

Natália - Pensando na mesma pergunta, só que a participação do governo dos Estados, de Secretaria Estaduais, qual a sua visão?

GUILHERME – Já as Secretaria Estaduais têm um papel fundamental porque elas incentivaram alguns programas como o Bolsa Atleta, alguns programas estaduais de esporte, né, as próprias formações dos Conselhos Municipais pra buscar de

coisas, a Lei de Incentivo ao Esporte, então os Governos Estaduais eles têm uma participação fundamental no esporte nacional, isso tem sido feito... tem sido feito pela grande... acho que quase todos os "municípios" [estados] do país fazem isso, municípios não, estados do país, eles fazem isso, tem esses programas e são bem feitos. O problema muitas vezes é que talvez, muitas vezes, a gente gostaria que fosse mais, mas a gente tem que pensar o seguinte, não tem tanto dinheiro, não é... não é dinheiro sobrando né? Os recursos são limitados, então não tem como... eu sei que São Paulo tem um programa de incentivo de bolsa atleta, não sei como é que chama lá o programa de São Paulo, é Bolsa Talento, não sei como é que tá, mas teve... poderia ter sido mais, porque São Paulo é um estado que tem uma arrecadação maior e não teve tanto. E aí você viu, Pernambuco, que é um estado menor, tem um incentivo muito maior, né, então esse é um... mas o estado tem feito um papel, pelo menos tentado fazer um papel adequado nesse sentido.

Natália – E o Governo Federal?

GUILHERME – O Governo Federal tem feito, tem feito, só que o que acontece, de ano pra ano tá reduzindo o recurso, né. O que nós recebemos até os Jogos Olímpicos, nunca mais na história do Brasil nós vamos receber igual. Foi muito dinheiro, Natália, foi muito dinheiro recebido. Foi bom porque foi construído muitas estruturas, foi qualificado muita gente, nós tivemos a oportunidade de nos qualificar no IOB, né, e isso cada vez mais... no ano passado eu fui porque eu tinha uma disciplina pra fazer, né, cheguei lá não tinha Coffee Break, que antigamente tinha Coffee Break, tinha uma cafezinho male, male lá e água, então quer dizer, os recursos tão diminuindo né, nunca teve tanto recurso como teve-se antigamente. Então, esses recursos têm diminuído e apesar do Governo ainda manter o Programa Bolsa Atleta, mas os recursos pras competições, para a... porque o acontece, existe uma lei... a lei... Agnelo Queiroz... é essa mesmo? Isso, Agnelo Piva, Agnelo Queiroz é o outro Ministro (risos), Agnelo Piva... essa lei é uma Lei que tá sistematizada e o recurso que tá lá, ok. A mais do que isso, eram programas que o Governo criava, que não tem mais. Então é reduzido. Tentaram mudar um pouco a questão da loteria esportiva, pra diminuir um pouquinho, tirar um pouquinho, e a gente sabe que houve uma diminuição. Se você olhar um gráfico de recursos que foi... enviados para o esporte, que o gestor é o Comitê Olímpico, esses recursos vêm caindo ao longo dos últimos anos, né.

Natália – E essa mesma pergunta, mas qual foi o papel e como você avalia, da iniciativa privada? Você já comentou um pouco dos patrocínios, mas de uma maneira geral.

GUILHERME – Eu acredito que isso deva ser uma questão de aumento, a iniciativa privada cada vez mais está colaborando, desde que os processos estejam adequados. Hoje, não é difícil de escrever um projeto de Lei de Incentivo do Esporte, tá, as empresas que estão bem estruturadas elas têm condições de ajudar, então as empresas elas estão sendo obrigadas a estarem bem estruturadas, porque senão elas não recebem os incentivos que elas precisam, então isso cada vez mais eu acredito que vai ter mais apoios das iniciativas... da iniciativa privada. Muita gente tem medo, muitos empresários têm medo de entrar, né, porque, - ah, não, não sei quê, vão olhar, vão fazer um levantamento de tudo que eu fiz, do meu caixa -, e aí o cara tem medo de ser descoberto alguma coisa que talvez ele tenha feito, não propositadamente, mas equivocadamente que vai dar problema pra ele, mas isso aos poucos tem sido superado. Então as empresas cada vez mais eu acredito que vão estar junto né, vão estar vindo junto ao apoio

do esporte, desde que o governo crie mecanismos de controle das empresas pra que evite a questão do caixa 2, que evite uma série de coisas, né, pra que ela possa realmente estar ajudando, que eu acho que é a solução... eu acho que é a solução para o esporte do país.

Natália - Guilherme, a pergunta agora...

GUILHERME - Mas essa resposta que eu te dei, eu não tenho a certeza disso se está acontecendo não, porque eu não tenho valores pra afirmar isso, eu não tenho valores, né. Eu sei por exemplo, com quem eu trabalho aqui em Minas, que é uma Associação em Betim, eles conseguem todo ano aprovar e conseguem captar, mas você tem que ter bons contatos né, essa que é a questão.

Natália - Com relação a participação dos atletas do ciclismo brasileiro, nesse período antes dos Jogos Olímpicos Rio 2016 e no período posterior também, no Time Brasil, como que funcionava? Os atletas do ciclismo foram recebidos lá, puderam usar a estrutura do Time Brasil pra poder se preparar pras Olimpíadas, como que foi?

GUILHERME - Sim, todo apoio. Sempre que precisava, sempre que precisava ir pro centro a gente ia, mas existia na época... o gestor era muito ciumento nesse sentido, ele não queria que nós utilizássemos a estrutura e como eu tinha muito contato com o COB, sempre tive muito contato com o COB, a gente sempre usava, vamos usar, tal, tal, e fazia as avaliações com ... fazia as avaliações lá no CT do Rio, tinha a participação de viagens, então sempre teve muito... o cara que não queria que a gente... talvez ele tinha medo que nós ficássemos muito próximos ao COB e tirássemos ele da gestão, né, o cara tinha muita insegurança nesse sentido, uma pena né, porque nós deixamos de usar muito por questões administrativas da Confederação, na verdade de uma única pessoa que é o Francisco, né, e eu não tô sendo antiético nesse sentido, porque eu falo pra ele, falo pra Confederação, né, ele errou nesse sentido, errou no sentido de ajudar só o Renato, errou no sentido de não deixar que nós utilizássemos mais a estrutura do Time Brasil que sempre nos recebeu... pra você ter uma ideia, nós tínhamos uma competição, iríamos viajar, e nós não tínhamos uniforme, aí eu falei: - gente, preciso de uniforme-, - não, mas não tem... - mas eu vou conseguir, vou conseguir no COB -, - ah, então tenta, se você conseguir, beleza. Fui lá e consegui, cada atleta recebeu uma mala, ele não deixava a gente fazer essa relação, entendeu? Porque gente, uniforme tem, o COB tem uniforme. Então quer dizer, não tinha uniforme pro meninos viajarem, senão cada um ia com uma roupa diferente, né, e isso é ruim demais, isso é ruim demais, acho que quando você representa uma equipe, você tem que estar uniformizado.

Natália - E hoje, no período depois de Rio 2016, 2017, 2018, esses atletas continuam utilizando a estrutura lá do Time Brasil?

GUILHERME - Continuam, continuam, direto, quando um atleta se machuca vai... teve um atleta que se machucou lá em Portugal, ela não quis ir pro Rio, daí a oportunidade pra ela ir fazer o tratamento dela todo no Rio de Janeiro, não quis, quis voltar pra Salvador, tal. Mas o Time Brasil, o COB sempre deu o maior apoio à Confederação, sempre.

Natália - Guilherme, a que você atribui ao fato de o Brasil até hoje não ter conquistado muitos resultados expressivos considerando todas as disciplinas do

ciclismo, não só olhando para o *BMX*, mas em um contexto geral, medalhas em Jogos Olímpicos?

GUILHERME – Sim, eu acho o seguinte, eu acho que a gente erra muito, Natália, na gestão, a gente erra muito na gestão, não erra no treinamento não, a gente erra na gestão. Então, falta... faltam bons gestores hoje, em todos os níveis, desde o nível municipal, estadual, federal, então falta bons gestores, no clube, na escola. Então, se os gestores tivessem mais preocupados com realmente, no meu entendimento, com a questão da formação, do incentivo e tal. Eu vejo por exemplo o clube de vocês, o clube de vocês, se não fosse você na frente batalhando, correndo atrás, tal, tal, tal, não tinha conquistado os resultados que conquistou, então, quer dizer, depende de quem tá na frente. Então quer dizer, falta os gestores acreditarem nisso. Então acho que se... se os gestores começarem a verificar, dar valor às pessoas que eles têm pra trabalhar, então pegar um treinador, um gestor, um cara que realmente goste, então vamos lá, o que é pra fazer e tal? Porque tem muita vaidade nessa situação e as pessoas ficam com medo de perder o espaço, né. Então quer dizer ninguém quer roubar o espaço de ninguém, eu quero fazer o meu trabalho e pronto, e o meu trabalho vai... lá na frente vai ta ajudando os outros. E as pessoas acham que a gente ta fazendo isso... fazendo isso pra aparecer, pra te promover, e não é, nós tamos fazendo pra promover o esporte e isso é um problema da vaidade, acho que as pessoas são muito vaidosas nesse sentido, acho que tinha que tirar um pouquinho essa questão da vaidade, acreditar mais no potencial das pessoas que estão trabalhando lá na base, ajudar os caras, que olha, com certeza se houver o crescimento na gestão do país, em todos os níveis, se houver um crescimento na gestão do país... e não precisa muito recurso não, você não precisa de dinheiro a rodo, claro que você precisa de um pouco de recurso, mas você não precisa de dinheiro a rodo, você precisa de um clube... porque por exemplo, se todos os clubes estiverem estruturados igual tá o clube de Rio Claro, aí Piracicaba, Americana, Santo André, Jundiaí, o nível melhora, porque um leva o nível pra cima do outro, todos vão subindo e crescendo juntos. Mas não, acaba que... –ah, não, fulano... não mexe com isso não... não é bom mexer...deixa assim que tá bom -, e não deixam esse crescimento. Eu acredito muito nisso. Uma outra questão também... e aí eu vejo um problema também lá atrás... a escola, a escola tem que também reestruturar a Educação Física Escolar, né? Acho que é uma questão fundamental, nós criamos um programa aqui, pra você ter uma ideia, nós criamos um programa de ensinar os meninos a andar de bicicleta na escola, né, aí você via as professoras e as diretoras boicotando o projeto, todos os meninos aprenderam a andar de bicicleta, cara, isso é um benefício social, benefício pra cidade incrível, porque as pessoas ficarão mais saudáveis, você tem menos carros na rua, você tem a pessoa conscientizando sobre o trânsito, então, esse bene... as pessoas que estavam lá na gestão escolar ficam boicotando o projeto, - não, esse negócio de bicicleta, que não sei o que -, e aí acaba prejudicando, então, desde lá embaixo, lá embaixo da pirâmide os gestores estão errando e isso é um problema, quando começarem a ter uma outra consciência disso, talvez a gente tenha e conquiste mais...porque material humano nós temos. Eu tava vendo os resultado do Avancini, o Avancini em 2016 foi rabagésimo, 60 numa Copa do Mundo e Mundial e 2 anos depois já começou a estar entre... por que? Não é porque ele é excepcional não, é porque ele fez um trabalho bem feito, correu atrás das coisas e tem... e nós temos 20 Avancinis aqui pelo menos, 20 atletas no nível do Avancini que podia tá lá juntos, só que o que acontece, mora no Brasil, não tem incentivo, não participa de competição internacional, olha... gente... só... pra inglês ver. A Jaque tem 40 e cacetada anos, tá... a Jaque tá mais bem posicionada do que as outras atletas do Brasil, por quê? Porque ela compete lá fora, você cria um outro



aspecto você tá competindo lá fora, você melhor, e as outras tão tendo que correr atrás, a Letícia e a Raíza, atrás da Jaque e a Jaque tem mais de 40 anos, acho que é 42, 43, sendo que pô, ela podia tá parando já com o esporte, mas não, tá lá, fazendo resultado, apesar que no Mundial de estrada agora, semana passada, tinha umas mulheres no contra relógio que pelo amor de Deus, tinha umas de 45 anos e... mas é o tal negócio, além de ter essa de 45, tem mais umas 10 do nível dela mais novas, então falta isso, falta esse questão de incentivar mais a participação, não é porque o Avancini é excepcional, é porque tem mais 10, 20 Avancinis que não tiveram a oportunidade do Avancini. Então, você tem que tá competindo lá fora, você tem que ... ou não competindo lá fora, por exemplo, a Austrália, a Austrália tá mandando poucos atletas de categorias mais novas na júnior, por exemplo no campeonato no *Mountain Bike* agora, mas eu tava comentando ontem aqui com Pedro meu filho, por que eles não mandam tantos atletas pro júnior? Porque eles não precisam, porque o nível de competição lá na região deles é gigantesco, pra você ter uma ideia, um campeonato nacional de *BMX* são 4 mil atletas, 4 mil atletas competindo no mesmo espaço, então quer dizer, o número de atletas que tem então torna-se a competição deles forte, então ele não precisa ta indo pra Copa do Mundo como júnior, ele vai quando for Sub 23 e elite pra ir... e tem chance de ser campeão. Agora não, o resto, tem júnior lá brincando lá, fazendo os resultados lá. Se tivesse 300 equipes de Rio Claro no mesmo nível competitivo, você não ia ter... se tivesse 10 equipes femininas no Brasil você ia ver o que nós íamos ter... não tem.

Natália – Bom, a gente tá caminhando já pras 2 perguntas finais. Na verdade, essa eu vou fazer, mas você já acabou citando algumas coisas, não sei se você quer complementar, vou fazer ela de forma mais direta, se você quiser complementar. Em sua opinião, quais as maiores dificuldades enfrentadas pelo ciclismo brasileiro?

GUILHERME – Eu acho que formação, eu acho que falta formação pras pessoas. Não só os treinadores, quanto os dirigentes, falta as pessoas estudarem mais. Acho que precisa... educação ela é fundamental e eu fico chateado porque as vezes a gente vê o curso, a gente foi fazer aquele curso lá do COB, que sacrifício que foi fazer aquele curso, as pessoas não fazem ideia não. Você deixa sua família, você deixa suas obrigações, você deixa as coisas que você precisava fazer pra ficar lá 1 semana estudando, e as pessoas não fazem ideia do que que é isso. Então, eu vejo o seguinte... e as pessoas não querem estudar, porque por exemplo agora nesse tempo de pandemia o que teve de cursos oferecidos gratuitamente nas redes foi impressionante. Eu to participando de um curso, tô ministrando um curso no Equador, um curso internacional de *BMX*, tiveram 3 treinadores de *BMX* participando, então eu digo: "- Será que o cara sabe muito? – Pô, e é 9 horas da noite que começa, a maioria das pessoas tão em casa, pô, informações só de gente que era treinador lá, não tô dizendo eu, tira eu, mas tinha mais 10 treinadores, todos com experiência olímpica, todos treinadores com vários atletas campeões mundiais, então quer dizer, as pessoas deixam de pegar essa oportunidade que é gratuita, ou por vaidade, não querer, não querer estudar, o COB oferece cursos de gestão gratuito, as confederações oferecem, teve um de paraciclismo que eu fiz, vai ter um de treinador de paraciclismo agora, vou fazer também, quer dizer, se eu for selecionado né porque eu me inscrevi. Por quê? Porque eu tenho que tá estudando, além de eu ser professor universitário, todo dia eu tenho que tá estudando, todo dia eu tenho que tá lendo alguma coisa, porque nós na nossa área, e aí eu ... todas as áreas eu tô dizendo, nós exclusivamente na nossa área do treinamento esportivo, o que nós aplicamos hoje amanhã já é mentira, né, a ciência muda todo dia, todo dia tem uma coisa nova, então se eu

não tiver estudando, eu fico atrasado, então eu tenho que pensar isso e eu enquanto professor, eu tenho que incentivar os meus alunos a fazer isso, constantemente estarem estudando, e é um problema, isso é um problema. E aí não só na questão do "coiso", mas também na gestão, né, todo mundo tem que estudar, todo mundo tem que estudar.

Natália – A última pergunta que eu tenho também você já abordou em outros momentos, não sei se você também quer complementar. Como você avalia a gestão de maneira geral da Confederação para o desenvolvimento do ciclismo? Você citou alguns pontos assertivos, alguns pontos que poderiam ter sido diferentes, mas e de uma maneira geral?

GUILHERME - ... eu acho o Zé muito competente, acho o cara muito inteligente, centralizador, eu acho que é um problema que ele é um pouco centralizador, mas é um cara muito inteligente, né, muito inteligente mesmo. Um cara que na gestão dele foi excepcional. Claro que eu faria... eu, se eu fosse presidente, eu faria diferente, como qualquer um faria diferente, não faria igual. Mas, a gestão da Confederação dentro das possibilidades foi muito boa. Teve alguns erros, que aí não foi culpa de uma pessoa, mas foi culpa de todo um sistema, né, por exemplo... e isso eu falo com ele, o sistema de por exemplo botar a pessoa em lugar errado e acreditar que aquela pessoa tá fazendo o certo. Eu, olha... tá errado, ele tá fazendo errado, do jeito que tá agindo vai dar errado... Mas como ele já tinha colocado o Francisco lá, né, o Francisco foi e levou. Eu vejo, por exemplo, que o pessoal tem muito problema com o Emerson, tem muito problema com o Emerson. Eu não tenho nada contra o Emerson e eu acho que... inclusive eu falei isso com a Ana, falei com ele, eu acho que ele me prejudicou, mas eu não vou entrar nesse mérito assim, se me prejudicou ou se deixou de me prejudicar, mas o Emerson tem as qualidades dele, não é má pessoa, a Ana Claudia não é má pessoa, a gestão financeira não é má pessoa. Se fosse mal, se a Confederação tivesse mal, tavam com uma dívida enorme e não ia conseguir nem pagar. Mas não, a Confederação não deve, né, a Confederação não deve. Consegue... consegui na gestão desses anos que o Vasconcellos teve na frente foi perfeita em termos de gestão financeira, em termos de gestão financeira foi perfeita, porque os erros que teve da CGU foi por má interpretação, falta de documentação, né. Por exemplo eu lembro a questão, o pessoal falou: -ah, porque ele comprou as bicicletas da família dele. Cara, ele comprou as bicicletas da família dele foi, comprou, mas ele pagou muito mais abaixo do preço de mercado. Quem analisou todo o processo o cara falou, que ele comprou as bicicletas, as bicicletas eram de pista, não sei quantas bicicletas, vamos supor que ele comprou a bicicleta por 1.500,00 reais, o valor de mercado da bicicleta era 3.000,00 reais, entendeu? Então quer dizer, isso tá errado? Tá errado porque é o primo que fornece a roda, é o tio que fornece o quadro. Pô, mas qual que é o problema? Então quer dizer, então eu vou separar, boto o outro diretor, pra fazer a compra, depois eu volto pra assumir? Não, então quer dizer, são coisas que o sistema as vezes é complicado. A questão do... da vaidade, é uma questão a vaidade é um problema, né, na gestão, e as pessoas têm que ser menos vaidosas e acreditar mais nos outros nesse sentido, e eu acho que quando eu falei que o Emerson acabou que me prejudicou, porque o Pedro tinha chance de pegar a vaga dos Jogos Sul Americanos, e foi descartado, Jogos Olímpicos da Juventude ele foi descartado, né, era o atleta que deveria ter ido e bom, foi sim, foi sim e aí bom, deixa quieto, deixa quieto porque a gente foi treinar no Rio de Janeiro e treinamos com o Álvaro e eles não são... não se dão com o Álvaro, então quer dizer se eu tô treinando com o Álvaro eu sou inimigo deles, sabe essas questões? Acabar com essa vaidade, acho que você tem... pode suspirar

mesmo, essas vaidades que existem elas têm que ser deixadas de lado, gente. O que você tem que pensar é o seguinte, você tem que pensar no atleta, tem que pensar na formação, se o atleta tem condições, tal, se não tem... O Avancini, ele tá lá, claro que o trabalho ele tem competência, o pai dele trabalha com ele há muito tempo, algum tempo atrás eu fui pra uns Jogos com o Avancini, o pai dele era o treinador da seleção brasileira, o Ru competiu comigo no *Mountain Bike*, na época eu competia o *Mountain Bike* com ele em competições há muito tempo atrás, em mil novecentos e guaraná de rolha, quando eu competia *Mountain Bike* ainda, né, então eu conhecia já o Rui há bastante tempo, então quer dizer, o Rui foi peça fundamental na formação dele, os pais são peças fundamentais na formação dos atletas. Então, acho que essa questão de incentivar a participação da Confederação, incentivar a participação dos atletas nos eventos, incentivar a participação dos pais estarem nos eventos. Agora, infelizmente esses dias faleceu o pai de um atleta, um grande incentivador, e o atleta é um fenômeno, um menino de Rondônia, não sei se você conhece ele, o menino é fora da curva, o menino... só que por exemplo, se ele não tiver um incentivo agora com a perda do pai, quem que vai puxar esse menino? Hoje eu acho que ele é Júnior último ano, né, acho que é Júnior último ano, é um menino de muito talento, né, é um menino que não pode ficar lá em Rondônia, porque se ele ficar em Rondônia, esquece, já né... e tem outros talentos, tem uns garotos bons no Ceará, tem uns garotos bons na Bahia, tem uns garotos bons no Paraná, e eu tô dizendo no ciclismo de uma maneira geral, não tô falando só no *BMX*, só *Mountain Bike*, só estrada, só pista, mas a gente tem que começar a pensar né em como que a gente vai trazer esses garotos, né, como que vai trazer esses garotos. Então essa gestão da Confederação ela tem que pensar em trazer a gurizada que tá fazendo a base da pirâmide, se não tiver essa base da pirâmide o ciclismo tá [...] ao fracasso. E foi o que tá acontecendo com o ciclismo de estrada, né, estrada você não tá tendo base, você não tá tendo menino. Já o *Mountain Bike* não, o *Mountain Bike* você vai ver, vai explodir, viu, vai explodir.

Natália – Guilherme, as minhas perguntas foram esgotadas, não sei se você quer comentar alguma coisa interessante que eu não perguntei?

GUILHERME – Não, não. Eu gostaria de comentar, primeiro te dar os parabéns por você estar estudando, isso é uma das coisas que me deixam mais feliz, as pessoas estarem estudando, porque a formação ela é fundamental para que a gente exerça a nossa profissão de forma melhor. Fico satisfeito também que você é uma grande treinadora, tem feitos bons resultados com seus atletas e isso é significativo, né, o país agradece, não só o Guilherme, agradecemos, o país agradece por isso, né, por você ser uma grande incentivadora, de correr atrás das coisas e a gente precisa de gente assim, pessoas que corram atrás, pessoas que têm vontade, pessoas que estudem, que busquem seus objetivos e que ao mesmo tempo ajudem na formação dos jovens e isso você tá fazendo certinho, te dou os parabéns aí, viu?

Natália – Obrigada (risos). Bom, então acho que podemos encerrar, quero agradecer sua participação, por contar a sua experiência de vida, com certeza contribuiu muito pra minha pesquisa. Obrigada.

Treinador 2 – **Emerson Francisco da Silva** – Ciclismo de pista

Entrevistadora: Natália Varela González

Google Meet

Data: 07/05/2021 – 08:00h

Natália - Bom dia Emerson.

EMERSON - Bom dia tudo bem?

Natália - Tudo joia. O seu relato de experiência e a vivência que você tem como ciclismo e teve com os jogos olímpicos rio 2016 São fundamentais para identificar as mudanças provocadas pelos jogos olímpicos rio 2016 diretamente no ciclismo como forma de identificar os impactos e legados que o ciclismo teve e verificar se novas tecnologias tanto na prática comum na gestão foram empregadas e o que elas trouxeram de melhorias na prática e na gestão da modalidade atualmente. Então, este é o tema da minha pesquisa de mestrado, a entrevista está sendo gravada para posterior transcrição e eu vou te fazer algumas perguntas e não tem problema se você não souber, se você não se lembrar a respeito de algum assunto, basta responder que não sabe ou não se lembra. Se você quiser, a gente pode agendar um outro dia para você complementar, se for necessário, e você fica à vontade também se preferir não responder alguma pergunta ou comentar alguma coisa a mais que eu não tenha perguntado.

EMERSON – Ok.

Natália – Então pra gente começar, conta para nós como aconteceu o seu envolvimento com o ciclismo de maneira geral, e atualmente o seu envolvimento com o ciclismo.

EMERSON – Bem, eu era atleta profissional da equipe Memorial, defendi a equipe Memorial durante 14 anos e com 31 anos de idade eu estava próximo ao fim de carreira e aí eu recebi um convite para entrar na... no departamento técnico da CBC. Os treinadores eram Luciano Pagliarini e Adir Romeo, e eu entrei como assistente, fazia de tudo um pouco. E aí em questão de 8 meses eu passei pra treinador e aí onde eu comecei o meu trabalho na confederação como treinador. Aí, passei por diversas áreas na confederação e hoje continuo ainda como treinador da seleção.

Natália – Bacana, e qual foi o seu envolvimento com os Jogos Olímpicos Rio 2016?

EMERSON – Foi total (risos) foi difícil, um aprendizado difícil como treinador e como diretor lá na confederação, né, eu trabalhava junto com a Ana Cláudia, né, então a gente trabalhava em relação à classificação. Então, é muito bom ter todas essas disciplinas porque você tem condições de ser, de ter campeão Pan Americano em alguma delas, um campeão mundial, alguma coisa assim, mas é muito ruim pela divisão de verbas. Isso não é visto pelas entidades como, né... eles acham que é como se fosse a natação, que a gente só precisa de uma piscina. São provas totalmente distintas, bicicletas totalmente distintas, atletas distintos, então isso é muito difícil de lidar. Aí eu me engajei um pouco mais na pista como eu tava treinador, e fiquei de fora pra tentar classificar até porque a gente tinha uma pressão muito grande por estar construindo um velódromo, que seria uma das construções mais caras da olimpíada, então a gente tinha uma

pressão muito grande de estar com a pista ali e por conta da divisão de recursos seria muito difícil fazer provas no Brasil, porque era assim que classificava o Brasil antigamente para provas de estrada e pra manter uma equipe muito grande lá fora competindo, se tornava inviável. Então, se você for ver todas as classificações que o Brasil teve na estrada foram provas feitas no Brasil. Só que aí era só estrada, você pode ver que mudou na última edição, o Brasil, a gente teve atletas classificados em quase todas as disciplinas. E isso foi um ponto que a gente deu bastante relevância, pra gente realmente ter atletas em todas as disciplinas para crescer o ciclismo como um todo. Só que é muito difícil acontecer isso, né, porque como te falei são provas totalmente distintas e aí fica complicado, aí acaba prejudicando, então a gente tentou fazer a classificação um pouco mais individual, sem ser por equipe, a gente manter uma equipe grande lá fora ou manter uma equipe pista, ou manter uma equipe de pista quarteta, ou então um team sprint, e aí seria muito difícil. Então a gente individualizou cada disciplina e tentou arriscar o máximo que deu para todas, que todas estivessem presentes nas olimpíadas.

Natália - E no caso, essa busca de vagas e a preparação da seleção brasileira nos últimos anos, nos anos que antecederam né, você já falou um pouco, o que foi feito na prática, vamos dizer, a gente tem a divisão de todas as modalidades, se você quiser falar um pouco de cada uma ou então se quiser escolher uma.

EMERSON – Na real, existem... as pessoas misturam muito Preparação e pontuação, Boa parte das pessoas hoje não compreendem isso. Quando você está em busca de pontuação, é totalmente um critério diferente de escolha de provas, onde você vai estar, o que você vai fazer e quem você vai levar. E quando você de repente pretende investir numa pessoa jovem para daqui 4 anos essa pessoa não pode ou não precisa estar nesse processo de classificação, né. Então isso que é um pouquinho complicado. Em relação à classificação, a gente fez com que as pessoas corresse o maior número de provas pontuáveis para estar classificados. Na prova de estrada, na estrada por exemplo, a gente tinha uma atleta que era muito boa então a gente fez com que ela pudesse estar em equipes distintas buscando ponto, como a Flávia né. Depois tinha o Murilo, então é... A gente investiu em pessoas únicas não em um grupo como a seleção, porque seria muito complicado. Na pista, a gente começou até com o grupo um pouco maior e foi reduzindo conforme as chances. A gente poderia de repente estar, só que aí a gente preferiu investir tudo, que é esse tudo é muito pouco (risos), então a gente começou com as meninas, que tinha a Wellyda, a Gabi, todos lá mas aí foram perdendo a chance de classificação, continuou com o *Team Sprint*, aí foi perdendo essa classificação e aí a gente ficou com o Gideoni ali. É... *BMX* era o Renato Rezende, então também era atleta único, então a gente tentava levar para provas mais pontuáveis nesse período. Uma vez que a gente conseguiu a classificação, que aí é muito ruim, o nosso país acaba perdendo em relação a isso, boa parte dos países que disputam com a gente eles já estão em processo de classificação, mas as pessoas que vão competir nas olimpíadas que já estão certos, eles já estão em processo de preparação. Então por exemplo isso é muito ruim... foi a pandemia, claro, mas se você for ver a copa das nações ela está enxuta agora, porque eles estão em processo de olimpíada, ninguém quer correr a copa das nações. Vai ser uma ótima oportunidade para vocês estarem indo agora por conta disso, porque os principais competidores eles não vão se arriscar ou não vão usar como treinamento porque a tecnologia que eles têm no seu país, como velódromo, como treinadores, testes, isso hoje não tem mais a necessidade de eles estarem

indo competir lá por que eles têm essa qualidade toda lá. E não... e a gente tinha que além de classificar, se preparar, então a gente nunca pode ter um pico durante uma temporada, então a gente tinha que ficar ali naquela mesa tempo todo, o tempo todo, e isso é muito difícil de explicar para uma pessoa que não entende. Então, a gente ia lá e fazia quinto, quinto, quarto, quinto, sexto, sétimo. Ah, mas vocês nunca vão ganhar? Não dava pra gente ganhar naquele momento. Pra ganhar, por exemplo, a pessoa que vai ganhar a Olimpíada, é muito difícil ela correr a última Copa do Mundo por exemplo do *BMX* na Colômbia. Então, é isso que é muito difícil, para nós além de classificar a gente tem que se preparar. E eles têm 2, 3 equipes e nós não. Então a gente tem o cansaço, a gente tem o problema com machucado, né, a gente tem diversas coisas que a gente tem que estar ponderando.

Natália – A própria periodização do treinamento

EMERSON – Principalmente, principalmente... então às vezes você se classifica muito próximo e aí você não sabe se você se prepara, se começa a preparação ou se você descansa. Então, é muito difícil pra nós assim, um país tão limitado. Então, o que eu aprendi muito nessas disciplinas, que de certa forma eram muito parecidas, a gente ia buscando algum... ah, vamos viajar mais longe, então... que lá eu preciso de 80 pontos, a gente ia atrás destes 80, chegava lá acontecia alguma coisa, na mesma hora eu pegava o celular, eu tava na Suíça, olhava, ah, 600km tem uma prova, daqui eu vou para lá, porque eu precisava daqueles pontos e isso esportivamente ou profissionalmente é ridículo fazer, você não pode numa competição e pegar de lá ir para uma outra sem saber, sem se preparar sem tempo de descanso, sem ter tempo de recuperar. Então isso é ruim, às vezes eu botava a pessoa dentro do carro e seguia viagem. Aí eu chegava lá numa cidade, eu não tinha lugar pra treinar, não tinha uma academia, eu perdia uma semana por que pra gente perder de repente uma semana de força, uma semana de treino, mas eu precisava daqueles 80 pontos, aí eu ia lá e buscava 80 pontos. Eu trazia os pontos mas eu perdia a minha preparação... uma boa parte da preparação. Aí quando você pula uma semana você não sabe se dá uma semana de transição ou se você começa um novo ciclo então isso é muito complicado. Então as vezes eu tava numa semana de transição mas eu tinha que correr, eu tava numa semana de força mas eu tinha que descansar. Então o difícil é você ter que se basear com relação a isso quando você tem uma equipe muito pequena, individualizada e pouco recurso financeiro. E uma coisa, só pra você tem bastante coisa pra escrever (risos), uma coisa que foi muito importante foi a nossa... a assistência que a UCI deu pra gente, que era... Se a gente não tiver um ponto satélite na europa é totalmente inviável de classificação olímpica, o brasil é muito longe pra gente estar indo viajar, muito longe, extremamente longe e nunca eu poderia voltar para o Brasil e ter uma corridinha na europa e eu voltar pra lá pra buscar 80 pontos. Então eu acredito que é totalmente inviável uma classificação olímpica se a gente não tiver... Provas vai ser muito mais difícil porque aí eu acredito que provas requer muito mais dinheiro pra você se classificar e pra você se preparar, como o Japão fez, como a europa faz, né... o Japão fez bastante prova classe 1, então o ideal seria isso.

Natália – Ultimamente a Colômbia está sediando muitas provas

EMERSON – Está fazendo isso, porque é isso que eu estava te falando todo mundo faz pontos e aí você não perde o tempo de preparação, o tempo de viagem, o gasto de viagem, então são verbas distintas, né, de repente você

consegue um dinheiro para um evento mas não sai do seu dinheiro. A confederação era dinheiro único. O dinheiro que você tinha era o mesmo, ou você faz uma competição ou você viaja. Você corre o risco de nessa competição de repente o atleta chave não marcar ponto (risos), e aí depois você ter que viajar né, então...

Natália – Mas pensando em sediar competição eu acho que até pode ser bom, porque ao invés de ter um atleta pontuando você vai ter mais, foi o que a Colômbia fez em Dezembro lá, eles se tornaram líder de ranking de várias provas de pista porque eles tinha muitos atletas pontuando.

EMERSON – Sim, mas aí para a classificação olímpica são os 3 principais que vão marcar, só que uma vez que você individualizou ou você segue uma linha ou você segue a outra, né, porque pra fazer um evento a gente não tinha toda essa estrutura, por exemplo não tinha nenhum velódromo... Se chega aqui por exemplo no velódromo de Indaiatuba e chove você perde né igual agora o europeu foi cancelado, no meio das baterias do *BMX* foi cancelado, então você corre esse risco. Como em Maringá muito brasileiro foi cancelado. Então a gente corre esse risco, uma vez que você tem um velódromo fechado e você tem totais condições de... né... então seria um pouco mais fácil.

Natália – Se a gente for pensar no desenvolvimento do ciclismo ao longo destes últimos anos, como que foi o impacto pela realização dos jogos olímpicos aqui no Brasil? Esses jogos olímpicos como que eles impactaram no desenvolvimento do ciclismo em específico?

EMERSON – Ah (risos)... Eu vou ser bem sincero eu acho que a gente não herdou muita coisa não. A gente acabou herdando aqueles elefantes brancos assim, não foi criado nenhum tipo de convênio, um tipo de... algum projeto que pudesse tocar qualquer tipo de sequência de treino, por exemplo nos velódromos, até porque depois que você faz isso você teria que ter uma verba destinada àquele velódromo, ou à pista de *BMX* de Deodoro, ou até a pista de *Mountain Bike* de lá que é um parque fechado que você poderia estar usando também. Então, o que acontece, ficou lá e aí fala que a Confederação não usa, mas o dinheiro da Confederação continuou exatamente o mesmo, quase não dando pra classificar atletas. Se você pegar esse dinheiro de novo e dividir com mais um pouco tirando os eventos que a gente já tem que fazer com esse dinheiro, as viagens, o alto rendimento e depois você pegar pra tocar um... então eu acredito que as entidades, os governos não deixaram nenhuma proposta, nenhum projeto decente pra lidar com isso, né. E ainda tinha, ah, tem que estar com a energia ligada e aí tinha aquela pressão, custa 1 milhão, quem que vai pagar um velódromo que custa 1 milhão por mês, sei lá, então... Aí, o impacto acabou sendo negativo pra gente, né, porque aos olhos dos outros falava assim, ah, eu não vou pagar a pista porque o velódromo lá é um absurdo, não tem como, tudo é caro... né, você pode ver que até as vezes até as pessoas falam ah, o Rio de Janeiro tudo é caro, é difícil as coisas, então eu acho que não foi muito bem organizado em relação a isso... pós, a equipe da Argentina veio treinar aqui, ontem eu recebi a ligação até o Uruguai querendo vir treinar aqui por a gente ter essa ferramenta, só que a gente não utiliza essa ferramenta porque não nos deixaram meios de tocar. Então, foi bastante visto, foi bem legal ter o Brasil na Olimpíada na Pista. O *BMX* agora, se não fosse Londrina aqui não teria pista até hoje de *Supercross*. Então isso é muito ruim porque depois de uma olimpíada a gente espera que todos esses equipamentos estejam a todo vapor e Isso não

aconteceu né... Tipo tá lá ficou abandonado e então era muito difícil a gente mesmo ir lá com a vassoura e varrer, depois a estrutura muitas vezes definhando, estragando, a pista hoje lá de *BMX* em Deodoro inutilizável, então isso é muito ruim porque agora você vai gastar o valor de uma nova para refazer, para construir, então... E no Brasil sempre tem essa parte prática da teórica muito distante, desde o trabalho com atletas até o alto escalão com presidência, com política. Quando fizeram aquela pista de *BMX* no Rio se fizessem uma pista já com o *Challenge* do lado, serviria muito mais do que uma... você não vai botar uma escolinha pra descer uma rampa de *Supercross*, Então acaba inviabilizando cada vez mais. Um velódromo com ar condicionado com gastos em uma claraboia, sem uma estrutura de iluminação artificial ou natural, então isso acaba se tornando inviável. Se a gente tivesse essa parceria com as pessoas que... ah fizeram negócio legal tudo bem, mas é inviável você ir lá e ter que acender todas as luzes, ou deixar o velódromo que tem dia que tá tão frio lá que não dá pra treinar, e eu falava isso pra eles e eles achavam que era ridículo que eu era... ah, mas tá fresquinho, é gostoso... Mas não sei tempo, não é assim que funciona. Depois tiveram que vir os de fora falar, não, desliga o ar. Então o Brasil hoje ainda é muito distante as pessoas que vão construir... eu acho que assim, o presidente tem que estar muito próximo do treinador, da Confederação e isso vice-versa, o treinador com o gestor, porque as vezes a visão do gestor e uma e do treinador, do atleta é outra, né, então a gente tem que ter essa vivência com isso também.

Natália – E fora essa parte de instalações esportivas, pensando naquela parte de processos, teve algum impacto que mudou depois dos Jogos Olímpicos? Um exemplo, um processo, um planejamento, uma avaliação que foi implantada lá atrás e que continuou até agora, que ainda se utiliza?

EMERSON - É difícil porque assim uma vez que você fez um projeto e teve acertos e teve erros, se você dá sequência naquele projeto você vai saber o que você acertou e o que você errou. Uma vez que você muda o modo de pensar, aquelas pessoas as vezes tem uma outra visão e quer às vezes testar de novo. É isso que o ciclismo... acho que não só o ciclismo, mas o nosso Ciclismo está atrasado 20 anos e vai continuar atrasado 20 anos, porque muita gente quer entrar e quer fazer pesquisas, quer fazer coisa nova que já foi pesquisado por outro e viu que dá certo e viu que dá errado. Lógico que eu acho importante o desenvolvimento disso, mas não na prática, não para equipe olímpica. Eu não posso pegar uma equipe... não, vou fazer isso... mas eu já vi lá atrás ou já tive com outros países que não deram certo, então, se eu tentar roubar desses países 15 anos eu vou ficar só 5 anos atrás. Então, até porque esses países eles têm muito dinheiro pra essas tecnologias de testes, de treinamentos, de tudo isso. Se eu quiser seguir essa mesma linha deles a gente não vai conseguir. Lógico a gente não vai deixar de ter essa vivência, de aprendizado, mas existem outros tipos de aprendizado né, então... Você pode ver que acho que vai ter um impacto grande agora de repente essa próxima olimpíada de classificação, né, porque uma coisa que a gente fez lá atrás, que aí mudou o pensamento, mas aí o processo continua de novo, então enquanto a gente ficar retrocedendo dando um passo pra trás, e um pra frente, um passo pra trás, então a gente tem que dar uma sequência em relação a isso. Então, o mais importante eu acho que é dar sequência num tipo de... e isso acontece em todos, a cada 4 anos muda prefeito, muda governador, muda tudo isso, então sempre a gente tá vivendo desse forma, sempre a gente tá nessa... então aí ah, muda o presidente do COB, então aí

muda o sistema de repassar, ou muda a visão disso, então na minha concepção é isso né.

Natália – Sim.

EMERSON – Não sei se você pensa muito diferente, mas...(risos)

Natália – Não, mas aqui é a sua vivência, é a vivência de cada um.

EMERSON – É só mudar a proporção tua, vai ser... exato.

Natália – Lá atrás, pra classificação dos Jogos olímpicos rio 2016, de maneira mais direta, você reconhece e identifica o emprego de tecnologias de gestão que foram feitas lá atrás? Quais foram elas? Você pode até citar algumas, não precisa se aprofundar muito, mas citar algumas coisas. Você lembra?

EMERSON – Acho que principalmente a parceria com o Centro Mundial, acho que isso foi... A gente nunca teve tantos atletas lá fora Competindo em alto nível, é... eu consegui... nós conseguimos na época a gente tinha 2 atletas jovens que eram revelação e isso foi uma decepção muito grande pra mim e pro Centro Mundial também e aí politicamente eu perdi isso, a Confederação perdeu e o ciclismo perdeu. A gente vinha tentando classificar, o... a... a UCI tentando classificar o Brasil e quando classificou colocaram dois atletas... [...], mas já experientes que não dariam nada e na época a gente tinha o Caio Godoy, a gente tinha até o Canibal né, foi pego no doping tal, mas a gente tinha dois atletas que estavam em altíssimo nível competindo em nível mundial e aí, por isso que eu falo, as vezes a gente está distante do treinador, na convivência, pro ganho de ciclismo e pro ganho político, né, tinham empresas que tinha que ter o fulano de tal naquela olimpíada e fizeram pressão pra isso, então... e em outros países não acontece isso. Eles... não, a gente tem que pensar... então, a principal tecnologia assim foi a gente conseguiu utilizar todas as ferramentas que uma equipe grande teria, academia, viagens, estrutura de viagem, Velódromo, medidor de potência, Testes, então a gente conseguiu fazer com que tudo isso... a gente convivia exatamente como deveria ser.

Natália – E aí, a mesma pergunta de tecnologia, mas na prática mesmo, não de gestão, tecnologias na prática.

EMERSON – Tá. Pra você ter uma ideia a gente discutiu muito com Gideoni que ele queria fazer um *bike fit* na época que custava 7 mil euros e comprar os rolamentos de cerâmica. Aí eu conversei com ele... Gideoni, eu vou comprar esse rolamento de cerâmica e vou colocar onde? Porque até então, eu não tinha bicicleta pra correr a olimpíada. Então nós não tínhamos bicicleta, nós não tínhamos roda, a gente não tinha...falando agora diretamente de tecnologia de bicicleta, a gente não tinha isso, nada, e a gente não tinha condições de comprar. Então, eu tentei negociar direto com a Look e aí foi onde, mais uma vez, conversei com o Centro Mundial e eles conseguiram me vender as bicicletas *Look's* e aí eu negociei direto com a Mavic as rodas e isso até hoje a gente continua usando, mas a gente correu a Olimpíada com a *bike* da Olimpíada passada, de 4 anos atrás, então, se você for ver, a nossa Look era London e a gente tava correndo no Brasil, dentro de casa. Então, a gente não tinha nenhum tipo de... nossa, particular, nenhum tipo de tecnologia que a gente pudesse utilizar. Então, a gente tava atrasado até nesse tipo de situação né. Os outros, tudo com *bike fit* atualizado, túnel de vento, rolamentos de cerâmica (risos), com tudo... e a gente não tinha bicicleta. Foi onde a gente conseguiu comprar

bicicletas usadas do Centro e adaptar, mas também a bicicleta era de boa qualidade, não foi isso que mudou, mas pra você ver como a gente está atrasado. Se eu for correr por exemplo a Olimpíada agora, a gente vai usar a bicicleta de Londres. Então não teve essa renovação e não vai ter.

Natália – Isso que eu ia te perguntar, era a próxima pergunta. Tudo isso que foi empregado de tecnologia no Rio 2016, impactou no desenvolvimento? Como que está agora? Está sendo usado? Pelo que você falou está sendo usado, não teve renovação de equipamento né, que você comentou agora. E essa questão do Centro Mundial depois dos Jogos Rio 2016? Como está agora?

EMERSON – A UCI, eles têm muito interesse em tá ajudando países subdesenvolvidos a terem essa vivência e esse aprendizado. Uma vez que eles tentaram, passou a nossa fase, agora eles vão tentar por exemplo... depois veio a Olimpíada da Juventude na Argentina lá, fizeram com que a gente trabalhasse, então eles têm isso. Só que eles ensinam você e tentam te capacitar e te mostrar a forma como tem que ser, eles não querem que seja uma bengala ou uma muleta pro resto da sua vida. Então, depois disso a gente sabe que você precisa de um local lá, então alugar uma casa lá, alugar uma estrutura, um carro lá, comprar bicicletas, então... só que depois que passou o Rio, é... a gente não conseguiu dar sequência nisso, tudo por conta financeiro. E vou repetir, cinco disciplinas e a gente, o jeito de trabalhar que as vezes as pessoas não entendem lá fora, ah, estrada, não sei que... é que o COB nos cobra, como a gente trabalha 100% de verba do Comitê Olímpico de alto rendimento, eles falam, ah...a Confederação não mexe com escolinha... não tem que mexer, a Confederação é alto nível, quem tem que trabalhar seriam os clubes, seriam as Federações, as Ligas e a gente trabalhar alto rendimento, porque a verba nossa é 100% alto rendimento. Então, o que eles falam... você tem chance no *Mountain Bike*, investe todo o dinheiro no *Mountain Bike*, todo... só que aí, definharia o restante todo. Então, hoje com o nosso dinheiro muito desvalorizado lá fora, você não consegue viajar com uma equipe... você vai ver, pra viajar pra um Pan Americano com 6 vai ser um parto porque acaba se tornando caro. Porque o Brasil cada bicicleta hoje custa de 200 a 250 dólares para você embarcar lá fora. Se você viaja com 10 pessoas, são 2500 dólares por excesso de bagagem... por excesso de bagagem, na ida e na volta. Então, se você pagar 5 mil dólares hoje, 10 mil dólares, é 50 mil, 60 mil... então, é muito caro e as pessoas não pensam em relação a isso, de viagem, que cada disciplina é de um jeito diferente. Então, ah...mas a Confederação não faz isso... não faz... e o dinheiro é muito pouco, muito pouco. Esse dinheiro que a Confederação tem se tivesse investido em uma disciplina mesmo assim pra classificar e pra conseguir resultado, mesmo numa disciplina não daria. Então, depois do Rio assim...ficou alguns pepinos pra gente conseguir resolver e a gente não conseguiu dar sequência no que a gente tinha começado lá atrás, porque aí a gente teria que andar um pouco com as nossas pernas, não teria total ajuda da UCI, eles estariam ajudando com 1, 2, 3 atletas, mas não com aquela estrutura que eles emprestavam carro, eu ficava no alojamento, tudo isso aí. Então hoje eles ajudariam, mas de uma forma diferente.

Natália – Entendi. Bom, da minha parte era essas questões, não sei se você quer complementar alguma coisa que eu não perguntei e que você acha interessante com relação aos Jogos Olímpicos e o ciclismo em si.

EMERSON – Não, acho que é só isso mesmo, acho que assim pra classificar cada disciplina tem as suas dificuldades, mas a gente trabalhando conseguiria,

mas hoje sem verba pública... é... particular... não vai conseguir, não vai, porque é muita coisa, a gente não vai ter bicicleta, se a gente não tiver parcerias com... toda equipe fora tem pneu, bicicleta, tem capacete, sapatilhas... e enquanto a gente for viajar e tiver que comprar... hoje cada pneu deve custar mais ou menos 250 dólares, um pneu, então pra você colocar aí... As pessoas falam...ah, por que o Brasil não trabalha com a quarteta, por que o Brasil não trabalha com o Sprint, por que não com a estrada? Se você tiver uma equipe de 10 na estrada, você vai calculando todos esses valores que eu coloquei. Aí você começa a diminuir... o Avancini é um atleta sozinho, que já tem uma coisa particular então fica muito mais fácil. O *BMX* é meio que individual, então fica mais fácil. Agora quando você começa a trabalhar em relação a volume de gente, a quantidade de... aí, empregar material, bicicleta é muito caro. A gente não tá nem falando de uma queda, de um tombo, que se você perder uma bicicleta dessa aí de 30, 40 mil, você tem que repor e a gente não teria dinheiro pra repor. Roda é a mesma coisa, a gente teve tombo, quebrou roda, então (risos), se a gente não consegue repor aí vai acabando, vai acabando, até definir.

Natália – Agradeço a sua participação, a sua contribuição, A sua vivência dentro da CBC como você falou com tudo não só como treinador, mas estando envolvido nessas outras questões de gestão, questões burocráticas e de viagens. Acho que contemplou bem o objetivo da minha pesquisa então eu queria te agradecer.

EMERSON – Que isso, se tiver alguma pergunta depois pode me mandar.



Emerson Francisco da Silva

Treinador 3 - **Carlos Eduardo Polazzo Machado** – *Mountain Bike*

Entrevistadora: Natália Varela González

Google Meet

Data: 14/05/2021 – 11:00h

Natália - Bom dia, Carlos Eduardo. Seu relato de experiência e a vivência que você tem com o ciclismo e a vivência que você teve nos Jogos Olímpicos Rio 2016 são fundamentais para identificar as mudanças provocadas pelo Jogos Olímpicos Rio 2016 diretamente no ciclismo, como forma de identificar os impactos e os legados que o ciclismo teve e verificar se novas tecnologias tanto na prática quanto na gestão foram empregadas e o que elas trouxeram de melhorias na modalidade. Então esse é o tema da minha pesquisa de mestrado, essa entrevista está sendo gravada para posterior transcrição. Eu vou te fazer algumas perguntas como 1 roteiro, mas não tem problema se você não se lembrar ou se você não souber a respeito de algum assunto e você fica à vontade se preferir não responder alguma pergunta ou ainda se quiser comentar alguma coisa que eu não tenha perguntado. Às vezes eu não perguntei e você lembrou de alguma coisa e você pode comentar também, essas perguntas são só um roteiro. Então, pra gente começar a conta bem rapidamente como aconteceu o seu envolvimento com o ciclismo e como é o seu envolvimento atualmente.

CARLOS EDUARDO – Bom, eu comecei como atleta comecei a treinar em 99, 98, 99, fiz a faculdade, comecei a ser treinador em 2000, já no 3º ano de faculdade eu treinava alguns amigos e em 2001 no final de 2001 eu comecei a treinar o atleta Rubens Valeriano e outros atletas amadores. O Rubens Valeriano ele foi medalhista nos jogos do rio em 2007 e depois com ele eu fui pra 3 jogos, 2008, 2012 e 2016. Em 2009 eu tive uma 1ª participação no mundial como técnico interino, fui pra Austrália no mundial, em 2013 eu fui pra seleção como... Em 2012 eu fui pra copa do mundo, Já uma prova preparatória pros jogos olímpicos de Londres, aí eu fui pra Londres como espectador junto com meu atleta, em 2013 eu me tornei auxiliar técnico da seleção junto com o Rui Avancini que era o técnico e em 2014 eu me tornei técnico e estou até o presente momento. Nesse período eu treinei vários atletas de elite, da lista de campeonatos Pan Americanos, de Jogos Pan Americanos, e estou nessa área desde então. Fiz o mestrado nessa área na Unesp e fui professor universitário de 2005 a 2010 de graduação e pós graduação, Tudo focado no ciclismo. Então essa é a minha base de envolvimento no esporte.

Natália – E qual foi o seu envolvimento com os jogos olímpicos rio 2016, especificamente?

CARLOS EDUARDO – Bom a gente começou essa classificatória... O *ranking* ele começa a ser contado 2 anos antes dos jogos então em maio de 2014 começou esse processo de classificação, eu já era técnico nesse presente momento e nisso a gente começou com o patrocínio da caixa econômica federal e lá, foi feita toda a programação, os atletas tinham bolsa, a equipe técnica tinha bolsa, então foi feito todo um planejamento pra que a gente conquistasse as vagas. No 1º Ano existia uma lista larga de atletas, então as delegações... elas eram maiores, existiam mais atletas pra buscar essa pontuação, então a gente ia com um número grande de pessoas nas competições e isso afunilou no 2º ano, já foi feita uma "peneira" de quem realmente tinha condições de classificação e as viagens foram ficando mais frequentes, mais provas foram escolhidas e já com um grupo menor de atletas, aqueles que realmente estavam pontuando. Então foi feita uma redução dos custos e um direcionamento para a classificação olímpica.



Natália – E nos jogos olímpicos rio 2016 você foi o técnico da seleção?

CARLOS EDUARDO – Fui, fui o técnico.

Natália – Pensando no desenvolvimento esportivo do ciclismo, você acha que os Jogos Olímpicos rio 2016 impactaram do ciclismo? Se sim, quais foram esses impactos?

CARLOS EDUARDO – Impactaram muito. Primeiro, a seleção teve o patrocínio da Caixa, então, acho que várias confederações tiveram um bom patrocínio nesse período, a gente teve um crescimento... a Confederação, ela favoreceu e também criou competições para que a gente tivesse mais pontos pro *ranking* sendo disputados aqui no país. Então, não só Confederação fez a taça brasil de *Mountain Bike*, né, que contava com 4 provas no ano, teve ano que foram 5 provas que pontuavam pro *ranking*, outros organizadores, da Copa Internacional de *Mountain Bike* principalmente, criaram eventos que pontuavam mais ainda então a gente percebeu que em termos de pontuação a gente se tornou o país que mais tinha competições aqui na América Latina, a gente só perdia pros EUA, então isso favoreceu muitos os custos, a gente tinha que viajar menos pra fora do país, né, pra pontuar, sendo que aqui no país tinha provas, então o desgaste de viagem internacional, a quebra de rotina de treinos, o próprio custo, tudo isso foi melhorado com essas competições nacionais, a gente percebeu o número de patrocinadores aumentando, então existiu uma onda muito grande de equipes querendo patrocinar os atletas, então salários melhores, competições mais bem estruturadas...

PAUSA EM RAZÃO DE UMA LIGAÇÃO DO GESTOR DE ALTO RENDIMENTO DA CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA QUE ESTAVA COM OS ATLETAS NA EUROPA COMPETINDO ETAPAS DA COPA DO MUNDO DE *MOUNTAIN BIKE*.

CARLOS EDUARDO – Então, o número de patrocinadores aumentou muito, o número de equipes, né, então a gente notou mais pontuação, mais patrocínio, a mídia tava favorecendo muito o esporte, então os atletas tavam extremamente motivados pra competição. Então a gente tinha... foram ano dourados, vamos dizer assim, em todos os sentidos, e eu posso falar pós, agora?

Natália – Pode.

CARLOS EDUARDO – Bom, isso uma consequência muito boa que teve, elas passaram juntamente com a internet, elas não têm hoje mais uma dependência do canal aberto, dos canais mais principais, então as competições passaram a ter uma transmissão ao vivo, né no pós competição [Jogos Olímpicos]. Então essas provas continuaram né essas provas que foram criadas continuaram com a pontuação grande e entrou outros players, entrou por exemplo a Internacional Estrada Real que é uma outra competição que começou a pontuar e aí eles entraram com a transmissão ao vivo da prova com helicóptero e tudo mais e isso levou às outras competições a também transmitirem isso e isso foi girando a roda, os patrocinadores começaram a ver que a coisa ficou maior, né, então a gente tem hoje a copa internacional, a internacional estrada real, a taça brasil, que são competições de pontuam. Então com isso, e claro o Avancini ele foi fruto de todo esse processo, né, com grandes resultados, né... isso motivou o esporte a crescer em todos os sentidos né, não só essa de patrocínio e de número de provas, mas também os atletas mais jovens, as pessoas começaram a se motivar a estar praticando o *Mountain Bike*.



Natália - A gente percebe isso mesmo, o *Mountain Bike*... ele teve uma continuidade, as provas, o que não aconteceu por exemplo no ciclismo de estrada.

CARLOS EDUARDO – E uma outra coisa que aconteceu que eu percebi, marcas nacionais de bike, a Sense, a Groove, a Oggi, a própria Caloi, começaram a investir bastante em construção de bicicleta nacional isso fez o mercado explodir, né, de marcas, de vendas, de equipes né, então essas empresas que criaram essas marcas... a Audax né, também, foi lá e criaram equipes de *Mountain Bike*, grandes equipes até, né, e isso favoreceu mais ainda o esporte. Então acredito que é um conjunto, a gente teve no Comitê Olímpico a ABT, né, a Academia Brasileira de Treinadores que formou treinadores, então o próprio Comitê olímpico, junto com o COI, fez... formou mais treinadores, então acredito que o atleta melhorou o nível de rendimento, os treinadores estão mais preparados, né, então a gente...a CBC hoje tem um curso que eu até participei como professor e o Guilherme também, de Nível 1 de treinamento de ciclismo com a chancela da UCI, então tudo tá... eu vejo a consequência dos jogos esse processo de forma muito positiva.

Natália – Isso. A próxima pergunta seria isso, o emprego de tecnologias na gestão, você já citou algumas coisas como esses cursos, as competições, né, a realização de competições no Brasil. Tem mais alguma coisa de tecnologias na gestão que foram empregadas especificamente no ciclismo desde o período antes dos Jogos, ou depois, ou os dois?

CARLOS EDUARDO – É, o que eu poderia citar, um caso bem interessante que é o da Copa Internacional. Ela... a gente tem os níveis de competição que pontuam mais ou menos, então a Copa Internacional, a etapa de Araxá, ela começou como uma Classe 1, classe 1 são 60 pontos no *ranking* UCI. Depois, ela passou a ser nesse processo desde 2012 em diante, ela passou a ser uma HC, HC já são 80 pontos pro primeiro colocado. E depois, ela se tornou uma SHC, que são 160 pontos no *ranking* UCI. E as outras competições também passou de classe 2 para classe 1, então em termos de... e a intenção do organizador, do Rogério Bernardes, foi essa mesmo, criar mais pontos pra... claro que era um desejo dele, da competição dele, mas também pra auxiliar na pontuação brasileira. Então, houve um incentivo da confederação e do próprio gestor, pra criar mais condições de pontuação. E pra isso, o organizador, ele precisa que... que tenha um número mínimo de nações internacionais participando. Eu não lembro esse número, tá, mas é por volta de 15 nações mais ou menos pra se tornar uma SHC. Então tinha que ter atletas de 15 países diferente, ou mais tá, eu tô chutando, eu não lembro exatamente. Mas é um número grande de participantes, então no primeiro ano de SHC veio gente da Polônia, veio gente de Portugal, da América Latina, né... da Eslováquia, né... pra ter esse número, então o próprio Sergio Bernardes teve que ajudar esses atletas com o custo pra eles virem pra cá pra gente ter a chancela e ter esse número grande de pontos. Então nesse sentido a organização das provas, de todos que fizeram as competições nacionais, quiseram mais pontos. Então por exemplo, pro cara passar, pro organizador passar de classe 2 para a classe 1, ele paga mais pra UCI, Então existe um custo maior pra isso, né, então houve um investimento nesse sentido do patrocinador e do organizador pra que isso fosse possível.

Natália – Ainda falando de tecnologia na gestão, tirando essa parte de provas, mas na gestão em si da seleção, dos atletas, dessa parte mais dos atletas mesmo?

CARLOS EDUARDO – É, a gente...foi uma briga de nações, o processo da classificação foi uma briga de nações. Em 2016... a gente sempre levou um atleta do masculino e um atleta do feminino proa Jogos Olímpicos, então era sempre um e um. E nos Jogos Olímpicos Rio 2016 a gente conseguiu levar 2 atletas do masculino. Então, o 1º Atleta foi o Avancini, ele estava bem classificado, E a gente tinha que pontuar para o *ranking* UCI, então na época, é que mudou essa regra, era até a nação 12 ou 13, nossa não lembro direito, que poderiam ter 2 atletas, daí pra baixo era um atleta só. Então a gente teve que fazer... como que a gente organizou né, *principalmente no segundo ano de classificação, a gente teve que escolher exatamente as provas, eu tive que fazer uma análise das nações que estavam disputando com o Brasil né, na época era a Eslováquia e mais um país que eu não lembro, e aí a gente tinha que...* eu tinha que tentar adivinhar quais competições que esses atletas iam fazer, então eu olhava a logística desse atleta pra onde ele poderia ir dentro da europa, eu via as provas que estavam próximas ali, principalmente na reta final, e os 3 meses finais, então eu tinha que ver aonde esses atletas poderia competir, quais os níveis de pontuação que ele poderia fazer, então se era classe 1, se era HC, se era World Cup, né, eu fiz um estudo de resultados desses atletas, então a probabilidade de pontuação que eles tinha e a pontuação dos brasileiros, quais provas que a gente ia nessas competições internacionais com maior possibilidade de pontos, então eu tinha que analisar por exemplo, em Portugal, não lembro exatamente quais países que eram, eu tinha que também projetar quais atletas estariam ali para os brasileiros pontuarem mais.

Natália – Buscar uma prova menos disputada pra poder conseguir um resultado melhor.

CARLOS EDUARDO – É, uma pontuação maior, e aí teve até uma competição que esses eslováquios, a gente não imaginou que eles fossem, eles foram lá pra África do Sul e aí a gente falou, poxa, eles não vão viajar até a África do Sul, e eles pontuaram bastante, assim, foi um balde de água fria, e aí a gente falou, nossa, ferrou, a gente vai ter que dar um jeito, e aí a gente conseguiu planejar direitinho as competições e eu tinha que assinar um documento falando olha, os atletas têm que ir nesse prova, pra gente mandar pro COB, pra daí conseguir o patrocínio, com a minha assinatura, e no fim a gente conseguiu, nossa, foi por 10 pontos, a gente conseguiu classificar o 2º atleta que no caso foi o Rubens Valeriano. Então, foi muito bacana esse processo, foi uma guerra de nações assim.

Natália – Um outro treinador comentou um pouco da dificuldade, não estava nas minhas perguntas, mas eu achei interessante. A gente fica nessa busca de pontos, então o mesmo atleta que é o atleta olímpico que de repente deveria estar num sistema diferenciado de preparação para as olimpíadas, preparação de periodização, esse mesmo atleta tem que ficar correndo atrás de ponto, então ele já tem que "estar bem num momento que de repente não era legal", era melhor que ele não estivesse focado nisso pra fazer um melhor planejamento. Outros países conseguem classificar com outros atletas e poupar os que já estão nas olimpíadas. No *Mountain Bike* acontece isso também ou os atletas olímpicos são os que pegam os pontos também?

CARLOS EDUARDO - A gente teve essa grande dificuldade, a gente teve que fazer um planejamento de multi picos na periodização e multipicos não é ...você não consegue chegar... você vai ter 2 picos no ano no máximo de performance. Os multi picos você vai estar abaixo do rendimento, você consegue até que o atleta ande relativamente bem nessas provas, mas pico mesmo não tem como, então a



preparação fica bem difícil de fazer e as próprias viagens né, eles viajaram muito, então como que treina? Não tem como treinar viajando, então pega fuso horário, surra de aeroporto, a gente mora longe da Europa onde estão as principais provas, então sempre viagens longas, desgastantes, fuso horário, né, então, custo alto de viagem, então tudo isso foi um problema mesmo. Mesmo tendo as provas aqui no Brasil, a gente teve que fazer muitas competições, então, essa é uma grande... um grande problema aí na preparação.

Natália – Bom, a próxima pergunta você já antecipou, seria essa parte de busca de vagas, né, você quer completar alguma coisa que você lembra? Mas acho que você falou bem já, começou em 2014 e tal, a não ser que você queira complementar alguma coisa.

CARLOS EDUARDO – É, o que eu quero complementar é o seguinte, até da pergunta anterior, dessa questão da busca da vaga né. A Gente tem... as nações têm atletas muitos bons hoje, por exemplo você pega o Avancini hoje. O Avancini, ele consegue ter resultados muitos bons em Copas do mundo então ele está sempre marcando 180 pontos, 150, 200 pontos, né, e então ele consegue fazer menos provas e pontuar muito mais. Esses atletas de menor rendimento, os brasileiros por exemplo, têm que fazer muitas provas de 30 pontos, 60 pontos, pra conseguir uma pontuação significativa. Então, as principais nações, a França, Espanha, Suíça, EUA, eles competem menos, então conseguem treinar mais, porque eles conseguem mais pontos em Copas do mundo e Mundial. As outras nações precisam competir várias provas durante o ano pra fazer merrequinha de ponto. Então, fica difícil. E aí você chega cansado de uma Copa do Mundo, com uma preparação insuficiente, largando atrás, e aí você sabe que seu atleta tem capacidade de fazer um top 20, um top 15, mas ele está largando bem atrás, pega um super trânsito e está despreparado, então é uma... o Avancini hoje por exemplo, ele está numa roda positiva. Ele consegue se preparar, ele tem um rendimento altíssimo, se ele consegue se preparar bem pras provas e pontuar bastante. Então, essa é a dificuldade do Brasil, dos atletas de menor rendimento e de várias nações que estão ali buscando as vagas né.

Natália – Voltando nas tecnologias na prática do ciclismo, e aí pode ser equipamentos, o que você lembrar. Nos Jogos Olímpicos, desde o período que antecedeu até o posterior, teve algum emprego de novas tecnologias, que não existiam antes e que começou a ser feito pra melhorar na preparação, no rendimento, nas competições?

CARLOS EDUARDO – Melhorou algumas coisas. Eu por exemplo sempre usei... eu comecei a usar medidor de potência dois mil e... desde sempre com uma ergométrica Monark. Sempre usei, o Walter treinava assim, outros atletas treinavam assim. Eu comecei a usar muito o sistema *Training Peaks* e o *WKO* que é um programa que você faz leitura do treinamento, então você tem vários gráficos que te ajudam a tomar decisões, o próprio Garmin hoje ele recebe o treino e o atleta consegue fazer uma sessão mais complexa, com mais intervalos e recuperação, o próprio *feedback* do atleta melhorou porque ele tem o aplicativo do *Training Peaks* por exemplo e outros que existem né, então o *feedback* fica melhor. Então, nesse sentido. A Confederação em 2014, 2015, tentou fazer um Centro de Treinamento lá em Londrina, então foi criado a pista de *BMX*, a gente cotou os equipamentos de consumo, de lactato, pra montar um laboratório lá em Londrina, então tava todo o custo montado, todo o ambiente pronto, e aí não sei qual foi o motivo que o projeto não foi pra frente. Aí a prefeitura de Londrina ia



patrocinar e no fim a coisa não aconteceu, veio a crise de 2015, 2016 e as verbas diminuíram, mas a intenção da Confederação foi montar um centro de treinamento de ciclismo que no final não vingou, por motivos financeiros, estritamente financeiros. Então acho que as tecnologias foram essas né, a gente teve mais contato com aplicativos de controle de treinamento, mais atletas usando medidor de potência, a Confederação cotou equipamentos de potência pra fornecer pros atletas nas bikes, a gente cotou várias marcas, no final a verba não veio, o Ministério do Esporte não liberou essa verba, então a Confederação fez o projeto, teve a intenção, mas não aconteceu, né, e depois de 2016 piorou ainda a economia brasileira, a gente perdeu o patrocínio da Caixa Econômica e aí esse projeto engavetou.

Natália – E essas tecnologias, os atletas da seleção todos eles tinham esses medidores de potência, usavam tudo isso? Você acha que usar essas tecnologias tanto na gestão quanto na prática geraram um impacto pros Jogos Olímpicos, pra classificação e também depois? Ou você acha que a participação nos Jogos Olímpicos não dependeu tanto dessas tecnologias?

CARLOS EDUARDO – Eu acredito que sim. Eu não vejo hoje um treinamento sem potência né, você treinar da forma antiga. Hoje a gente... os aparelhos de potência dão diversos dados da evolução de atletas, de análise da competição, como que ele imprimiu a potência, como que ele distribuiu a potência durante a prova, então acho que isso foi fundamental. Pelo menos os atletas que eu treinei ali... eu treinei por muito tempo a Raiza Goulão, que foi uma das classificadas, depois a gente terminou o trabalho, e ela já usou medidor de potência, sempre incentivei o uso, e usou o tempo inteiro, e depois agora a gente consegue ter uma análise absurda. Não vejo hoje um atleta de alto rendimento sem medidor de potência, o trabalho fica muito pobre, não que não consiga, tá? Consegue... nunca teve potência, mas hoje em dia pra mim é fundamental. Foi fundamental e é fundamental até hoje, cada vez mais a gente consegue ter dados né, vários estudos vieram depois com a tecnologia, então tem estudos recentes com *Mountain Bike* com medidor de potência, correlacionando o que acontece na pista com o que acontece em laboratório, então um direcionamento do treinamento muito maior, então a gente tem... não sei, isso interessa falar?

Natália – Sim.

CARLOS EDUARDO – Então, a gente tem por exemplo estudo recente que eles fizeram, eles mediram a força no laboratório no isocinético e compararam o que acontecia dentro da pista. Então, o medidor de potência permitiu fazer essa análise da produção de potência correlacionando com a força no laboratório. A gente sabe exatamente hoje o que treinar de Nmax, de força máxima, né, viram que existe uma relação entre a força máxima produzida no isocinético com a performance do *Mountain Bike*, assim como a velocidade da perna, no isocinético com o *Mountain Bike*. Então isso tudo veio com a tecnologia de laboratório e do medidor de potência. Então, hoje, mudou muito o meu processo como treinador do que eu treinava antes dos Jogos Olímpicos né e agora em função dessas tecnologias. Eu avancei o meu processo de treinamento muito mais com esses novos dados.

Natália – E as bicicletas? Porque o *Mountain Bike* tem se ela é *full*, se ela é rígida, se ela é *left*... isso influencia muito? Influenciou nos Jogos Olímpicos Rio 2016?



CARLOS EDUARDO – É, a gente teve uma mudança pros Jogos Olímpicos Rio 2016, já era regra nova da duração de prova, as pistas ficaram muito mais técnicas, até um função dessa tecnologia as bikes permitiram ter pistas mais com saltos, rockgardens cada vez mais difíceis, então a bicicleta com a tecnologia permitiu isso, então a duração da prova ela mudou, antes, no começo do século XX, século X... década de 10, século XXI, as provas duravam 2h15, 2h30 e ela reduziu pra 1h20 a 1h40, então o treinamento mudou em função disso, as provas ficaram mais curtas, mais explosivas, e a parte técnica ficou muito mais complexa. E as bicicletas *full* se tornaram essenciais, então... antigamente, nesse processo de transição, o atleta ainda escolhia entre a *full* e a rígida, a rígida é mais leve o que favorece a performance na subida, mas as pistas ficaram tão difíceis, tão técnicas, que a rígida ficou... assim... os atletas sentem muita dificuldade de pilotagem com a rígida. E a grande maioria... raramente você vê um atleta com bike rígida, todo mundo com a *full* em função da dificuldade técnica.

Natália – Em 2016 todos já competiram com a *full*?

CARLOS EDUARDO – Ah, a grande maioria. E aí teve a transição da roda 26 pra roda 29, aí todo mundo de 29, então houve uma mudança de duração de prova, de tecnologia de sistema de amortecimento e tamanho de roda.

Natália – E esse tamanho de roda é verdade. Também foi uma nova tecnologia que provavelmente melhorou né, porque ficou até hoje. Senão eles teriam regredido e voltado na anterior né?

CARLOS EDUARDO – Sem dúvida. E teve a transição também com a 27,5 também que não vingou. Algumas meninas usam, mas é raro. Porque você percebe, o tamanho da roda... imagina que o obstáculo hoje, ele ficou muito maior né, tanto pra transpor pra subida quanto pra descida, e uma roda maior favorece, você capota menos (risos), está bem melhor agora.

Natália – **CARLOS EDUARDO**, minhas perguntas acabaram, não sei se você quer complementar com alguma coisa que eu não perguntei e que você acha importante com relação a esse tema dos impactos dos Jogos Olímpicos no ciclismo.

CARLOS EDUARDO – É, eu acho que... acho que é isso... bom, o que eu tenho a dizer é que o *Mountain Bike* hoje no Brasil, a gente tá... a gente vai ter grandes frutos em função dos Jogos, eu acho que o *Mountain Bike* vinha crescendo e os Jogos Olímpicos favoreceu muito o crescimento do *Mountain Bike*, então acho que as tecnologias de transmissão de imagens durante as competições favorecem os patrocinadores, favorece os fãs, os atletas se vêem competindo, mostra pra família, mostra pros amigos, existe uma torcida hoje, então as próprias Copas do Mundo são transmitidas, então existe um avanço na mídia, existe um avanço no patrocinador, nos organizadores de provas, nos treinadores e nas próprias equipes. Então, acho que o Brasil está preparado pra colher frutos cada vez maiores. E escreve o que eu tô te falando, a gente vai ter muitos atletas bons, na ponta.

Natália – Legal! Bom, eu agradeço então a sua disponibilidade, a sua participação, eu vou interromper aqui a gravação.

CARLOS EDUARDO – Eu que agradeço, brigadão, foi um prazer e parabéns aí pelo seu trabalho, acho que é muito importante a gente entender todo esse

processo e publicar isso né, publicar a importância dos Jogos de que tudo favoreceu o crescimento dos nossos atletas.

Natália – Obrigado Carlos Eduardo.



Treinador 4 – **Adir Luiz Romeo** – Ciclismo de Estrada
Entrevistadora: Natália Varela González
Google Meet
Data: 12/05/2021 – 13:30h

Natália – Boa tarde Adir Luiz Romeo!

ADIR LUIZ ROMEO – Boa tarde Natália!

Natália - Seu relato de experiência e a vivência que você tem com o ciclismo e com os Jogos Olímpicos Rio 2016 são fundamentais para identificar as mudanças provocadas pelos Jogos Olímpicos Rio 2016 diretamente no ciclismo, como forma de identificar os impactos e legados que o ciclismo teve e verificar se novas tecnologias tanto na prática como na gestão foram empregadas e o que elas trouxeram de melhorias na prática e na gestão da modalidade. Esse é o tema da minha pesquisa de mestrado, essa entrevista está sendo gravada para posterior transcrição. Eu vou te fazer algumas perguntas, não tem problema se você não souber ou não se lembrar a respeito de algum assunto, basta responder que não sabe ou não se lembra. Se quiser complementar alguma coisa em outro momento também, isso pode ser feito. E se também preferir não responder alguma pergunta pode dizer que não, ou comentar alguma coisa a mais que eu não tenha perguntado. As vezes não vai estar na minha pergunta, mas se você julgar que é interessante pode comentar também. Então pra gente começar conta um pouco resumidamente como aconteceu o seu envolvimento com o ciclismo de maneira geral e atualmente qual é o seu envolvimento.

ADIR LUIZ ROMEO – O envolvimento desde o início da minha vida?

Natália – Isso, resumidamente.

ADIR LUIZ ROMEO – Eu tenho um tio que foi ciclista na década de 50, 60. Ele tinha um comércio de bicicleta e eu saindo do ginásio na época fui trabalhar de balconista e mecânico da oficina dele, era uma officininha pequena, no ano de 75 e 76 eu já me engracei e estreei no ciclismo e daí durante os 10 anos sequenciais eu fui fazendo várias etapas, comecei na categoria de base, naquele tempo era júnior, júnior novato, depois aspirante, depois principal que é a elite hoje e no meio desse caminho eu fazia a escola técnica do paraná na área de mecânica e entrei na Educação Física na segunda turma da PUC em 1981. Aí, o que eu aproximei aquilo que eu via de empírico e comecei a enxergar o lado tecnológico que você tá falando, o lado científico do que que era treinar e comecei a aplicar algumas coisas nos meus amigos que eram companheiros de equipe. E em 82 eu fui estagiar no velódromo. Daí, de estagiário do velódromo eu virei técnico do velódromo em 83 e depois na sequência, lá por 87 eu virei coordenador e daí eu já estava trabalhando em todas as situações, organizando pequenos eventos, tomando conta de equipe, cuidando das seleções de Curitiba e isso foi m e conduzindo e eu fui deslumbrando, deslumbrando ideias, coisas, papéis, fazia... sempre fui anotador de bugiganga como a gente diz, e criei uma parafernália de coisas que eu queria fazer. Eu passava, fazia o ciclismo nos lugares, implantava, implantei no Sesc, no escoteiro, na... em uns eventos de verão de praia, no governo, ajudei a reformular jogos

abertos, jogos da juventude, a parte regulamentar eu fiz parte da criação né, sempre você tem um grupo né, você vai cavocando e acabam as coisas acontecendo. E daí, culminou com o final da minha vida, vamos dizer funcional né, foi 2015 que eu entrei na ABT quando eu realizei um sonho, né, realizei de estar frente a 40 treinadores, pessoas... eu sempre uso o exemplo, 40 pessoas que sabiam que a bicicleta tinha duas rodas, porque a gente conversava com as pessoas e elas não conheciam quase nada de ciclismo e daí o ABT foi, vamos dizer assim, a consagração de ver todas essas pessoas dialogando e ver a capacidade que as pessoas também tinham de recriar as coisas, achei uma coisa extremamente fabulosa. Eu realizei o objetivo maior na prefeitura meu em 2018, quando eu criei um programa de utilidade pública dentro do município, né, era política pública da bicicleta e fiz pequenas ações em todas as áreas, escolar, gestão, capacitação, coloquei um pouquinho de cada coisa e criei a Copa Curitiba de Critério. Eu criei um nome, fiz 4 provas, tudo controladinho com horário, começava no horário, terminava no horário, resultado tudo no excel, saia tudo certinho, capacitei árbitros, e o árbitros eram da própria prefeitura. Depois auxiliados com alguns da instituição de administração esportiva do paraná e também tinha... sempre o grande problema Natália, que eu sempre me aproximo do conflito, eu me aproximo porque as pessoas não pensam em agregar, pensam em querer o poder pra eles, e eu não gostava disso. Eu queria que as coisas se antecipassem, chegasse na mão das pessoas e as pessoas recriassem aquilo que foi feito, cada um tem sua capacidade. Aí culminou com a minha doença em 2018 e ali eu fui embora duas vezes, me ressuscitaram e eu tô aqui de volta, falando com você. Já tô com 3 anos, quase 3 anos de idade, né... e é interessante que quando eu tinha 3 anos na outra encarnação, eu tinha 3 anos e eu não sabia o que era ciclismo. E hoje, nessa encarnação com 3 anos eu ainda acho que não sei. Então acho que é mais ou menos isso que a vida me conduziu na bicicleta.

Natália – Adir, nos Jogos Olímpicos Rio 2016, qual foi o seu envolvimento?

ADIR LUIZ ROMEO, Eu tenho...eu tenho... vamos dizer assim várias situações interessantes pra te ilustrar, várias e pontual. Eu estava presidindo a Federação Paranaense nessa época, 2013... a gestão era 13 a 16, e no meio do caminho, na transição de 13 pra 14, 14 pra 15, eu criei um projeto muito bacana de levar o ciclismo de maneira lúdica em 37 regiões do estado do Paraná, atendendo os 399 municípios, lógico que eu não cheguei a alcançar isso. Cheguei perto de 40 mais ou menos, e daí no desenrolar nisso, a gente participa de várias ações políticas, aí eu tive um crescimento assim de visibilidade como gestor, não mais aquele treinador de ciclismo Aí a Confederação... eu tenho minha opinião sobre porque que eles me contrataram, mas eu não vou te colocar aqui porque é muito polêmico, e eles acabaram me convidando pra fazer parte. O Vasconcellos chegou e... "ah, você sempre teve o sonho de ser técnico", e eu falei "mas não do jeito que vocês querem, eu queria ser um técnico ativo, que trabalhasse dentro do contexto"... e aí eu acabei aceitando e me demiti oficialmente da Federação em 2015, 26 de julho, fui pro evento teste dia 5 de Agosto de... no comecinho de Agosto acho que... 2015 teve o evento teste, eu fui pro evento teste, né, já tudo... já tava tudo pré montado quem era, quem ia, eu fui só pra acompanhar as pessoas e daí eu me envolvi dentro do processo olímpico através do evento teste. Sobre o lado gestão de tudo isso, eu acho que uma coisa que motivou toda a comunidade a entender o que era bicicleta. A Olimpíada mostrou, colocou a bicicleta na vitrine, "povo brasileiro, isso aqui é uma bicicleta, e bicicleta faz assim". Então, o jornalista começou a tentar entender o que era estrada, o que era pista, o que era *Mountain Bike*. Esse foi o grande legado que o ciclismo teve com a comunidade brasileira. Passou a ter o

olhar mais crítico pra bicicleta, eu enxergo sobre o lado esportivo isso. Esse é o lado positivo, o lado negativo... não teve sequência, vamos usar a palavra sequência, não houve um planejamento pra atender o que vinha depois. O Olímpico, ele foi espetacular. Se você pegar...retroceder na história, 1975 os Jogos Pan Americanos era pra ser no Brasil, teve aquela Pandemia, também teve uma Pandemia que você vai pesquisar saber qual que era, acho que era Sarampo e as escolas fecharam e daí o Pan Americano foi embora pra outro país. O Velódromo da USP foi inaugurado em 77, se você olhar o histórico e o legado que o ciclismo deixou depois daquele velódromo, foi enorme, 77, começo de 80 foi o auge do ciclismo, corridas de pista e ... os clubes, surgimento de clubes, então esse é o grande legado de um evento macro que eu enxergo. A Olimpíada poderia ter potencializado isso 100 vezes e isso não aconteceu, não aconteceu de verdade no meu ponto de vista, comparado com o que aconteceu em 77. Se você pegar o meio do caminho, 2002 os jogos Sul Americanos no Brasil, o ciclismo foi na minha cidade, a transformação que teve na cidade por ter reativado o velódromo, feito a corrida de estrada ali no centro, trazido atletas de fora, envolveu toda a comunidade de professor de Educação Física da Prefeitura de Curitiba e indiscutivelmente todo mundo sabia o que era Ciclismo, coisa que o profissional não aprende na Faculdade porque é muito pequeno os espaços, né. Então eu vejo que esses legados ficam... aí ficou questão de *photo finish*, se criou um alojamento em Curitiba pra treinar, a seleção foi treinar em Curitiba, houve uma sequência. O que aconteceu foi muito pequena e por política se quebrou essa cadeia, por interferência de várias pessoas, eu vou deduzir, não vou ter certeza pra ter dizer o que é, então eu não quero deduzir nada, quero te deixar o lado bom. Um evento como Olimpíada é a coisa única, Deus queira que você consiga viver mais uma Olimpíada no Brasil, eu não vou ter essa oportunidade, com certeza. Pode seguir, não sei se respondi a tua pergunta.

Natália – Respondeu, respondeu e inclusive já entrou um pouco na próxima pergunta, mas aqui você pode citar exemplos se você puder. Pensando no desenvolvimento esportivo no ciclismo, quais foram os impactos diretos dos Jogos Olímpicos? E aí impactos podem ser positivos ou negativos.

ADIR LUIZ ROMEO – Sobre o lado... sobre o impacto esportivo, ele teve 90%, vou mensurar aí da minha cabeça pra não dizer 100, 90% do impacto esportivo está no mundo máster, potencializou o mundo máster, então o cidadão que gosta de praticar esporte viu que a bicicleta é uma atividade bacana, que a bicicleta é encantadora, que tem valores agregados, que pode colocar uma pitada de status no meio, e aí se criou inúmeros grupos de pedala noturno, mundo ativista, a necessidade ciclo viária, veio tudo desse processo, que não é um esportivo competitivo mas é um esportivo da atividade física. E daí o esportivo foram os clubes de másters, são os campeonatos de másters, os eventos recreativos, que nós não temos isso regulado. Professora, o que precisa é regular, o que que cada coisa fica reservado no seu espaço, não existe essa regulado, é todo mundo num balaio só. Então, não tem um discernimento nem orientação técnica para que o esporte cresça. Bloqueou porque colocou todo mundo no mesmo lugar, então se faz o evento domingo, eu digo os eventos esportivos cresceram porque os gestores começaram a enxergar... e outra, não adianta distanciar o esporte do negócio, o negócio vai correr junto, então, por que que tem grandes organizadores? Porque tão ganhando dinheiro, de alguma maneira, ou de uma maneira sobrevivente, agora com a pandemia não da pra considerar, mas as pessoas começaram a ganhar dinheiro, conseguir transformar na profissão dele, organizar um evento era uma profissão, era um plus do profissional de Educação Física, motivou as

peessoas a fazer *personal*, porque aí o mundo *personal* partiu pro ciclismo, hoje os grupos de *personal* de bicicleta, coisa que não existia. Então talvez você vai digerir qual a palavra adequada pra dar pra esse momento, claro que existiu coisas positivas, mas as coisas negativas refletiram, ecoaram de maneira tão grande que absorveram todas as coisas positivas. E daí as instituições que deveriam defender o lado esportivo, não... tão defendendo o lado político, tão defendendo só... tão se esquivando. As instituições não têm estrutura organizacional pra absorver o ciclismo que nós geramos. Não tem estrutura, não tem sede, não tem computador, não tem site, não tem informação, aí bloqueou. Eu tenho que citar o lado negativo pra você entender porque houve esse divisor de água... porque houve um bloqueio tão grande. Existe uma facilidade tão grande de falar entre as pessoas e hoje o ciclismo é mudo, o ciclismo voltou no mundo do Charli Chaplin, é mudo, ele tá mudo, porque não existe interlocução. Minha querida, quanto tempo que eu não falo com você? Quanto tempo, minha companheira de cafezinho, minha companheira que ficava perguntando e eu questionando com meu jeito crítico de colocando coisas, aí você foi com grande destreza, estudou e saiu pro lado sorrateiramente, criou tua equipe, colocou dois... você fez um caminho que eu levei 40 anos, você fez em 40 dias. Entendeu? Isso é capacidade. E daí é observação do mundo interligado, então não é negativo, não é negativo as vezes você dizer que não tá bom. Você já foi na casa de alguém e serviram um bolo pra você de chocolate, você não gosta de bolo de chocolate e você come um pedacinho e diz que tá uma delícia, mas você não come mais porque não tá bom. É assim que funciona. Então esse lado, essa interlocução do que a Olimpíada deixou, fascinante. Deixou um velódromo maravilhoso, qual a sequência do velódromo? Transformar num Centro de Excelência, colocar treinadores, colocar a Natália pra cuidar das meninas, não colocar um técnico homem pra cuidar das mulheres pra não ter assédio, pra não ter problema, todos aqueles documentos que são criados bonitos no mundo político e não são verdadeiros, não são efetivos, né. Vamos colocar pessoas com entendimento no paraciclismo pra cuidar do paraciclismo, vamos colocar isso no site dizendo como que funciona, esses são uns aparatos tecnológicos que deveriam ser incentivados, motivados, abertura pras pessoas entender e explorar o eu conhecimento. Então a Olimpíada deixou isso, reativaram a pista agora de *Mountain Bike* de Deodoro né, entrou um presidente, um rapaz bacana, simples e humilde e já reativou. Os outros que eram catedráticos, não conseguiram fazer nada, porque dialogaram com a política e não com a efetividade. A política existe, a boa vizinhança existe, mas tem que fazer corrida, Só vai ter corredor de bicicleta correndo de bicicleta, Se andar de patins não vai ser campeão olímpico de ciclismo, né. Você quando caiu dentro da ABT como você viu o ciclismo? Com certeza com 3 dias depois do curso você já estava assustada e no 5º dia você já tava dentro, no 5º dia você: poxa, aqui eu posso colaborar, mas isso aqui eu posso fazer, eu posso trabalhar desse jeito e aí você já tava dando suas palestras. No primeiro dia eu me lembro que você tava nervosa, no último dia você já tava ensinando, você já tava ensinando, você é um ser humano com capacidade. Aí tem o que, ninguém bloqueou você todo mundo motivou você, colocou explorou aquilo que você tinha de bom. Então, a Olimpíada deixou para o brasil uma oportunidade única de se fazer o esporte e se transformar o esporte, em profissão, em espetáculo, em social, em trazer pessoas, em resgatar pessoas, tudo isso é bonito, tá tudo no papel, bacana, com grandes livros. O que que tá acontecendo de verdade com tudo isso? Essa é a pergunta que você vai responder pra você. Não sei se eu respondi boa parte. O que eu não responder, você repergunte que eu tenho argumento pra te dar, com certeza.

Natália – Você comentou resumidamente como que foi a sua contratação como técnico, foi próximo do evento teste, mas você acompanhou como ocorreu a busca pelos pontos e pela vaga olímpica no ciclismo de estrada?

ADIR LUIZ ROMEO – Este é o questionamento mais fervoroso dentro de mim, que me deixou incapaz. Eu não fiz parte de nada disso. Eu fui um técnico convidado, com mérito, não sei por que... hoje eu vejo, né, seria tipo assim a figura que naquele momento talvez não ofuscasse ninguém. Você não ia falar mal de mim, o outro não ia ter poder pra me criticar, então foi uma ação política, eu vejo que foi uma ação política, não foi uma coisa assim, tipo assim, vamos pegar o Adir Luiz Romeo quatro anos pra trás, vamos dar argumento. Não adianta contratar você por um papel, pagar lá 2.000 reais que foi mais ou menos o que me deram, dois mil reais na época, um contrato que eu nunca vi o contrato depois, essas coisas que eu ficava injuriado, me deixava incapaz de agir porque não era uma coisa... que pra mim não era transparente. Ah, você vai ser o técnico, né... Aí, os atletas vieram já formatado que não dava pra questionar né, ninguém ia questionar o Murilo numa seleção olímpica, era um corredor que tava correndo pro tour, não precisava nem fazer seletiva, já era aquele atleta, era o único cara que tinha capacidade de correr e a prova que não concluiu a prova porque foi uma das provas mais duras de toda a história Olímpica. [...] Aí, o que acontece, esse foi um legado negativo que ficou pro esporte. Hoje você fala com as pessoas e as pessoas: orra, o ciclismo é o que mais dopa né? Então nós ficamos com uma logomarca horrível, que no mundo inteiro carrega. Isso aí é uma... não é positivo. Você vai vender um projeto... a Funvic acabou por causa disso, né. Equipes na europa acabaram por causa disso. Então, se você administra uma instituição e você quer que o esporte cresça, você tem uma oportunidade de pegar um legado maravilhoso na sua mão, não deixe isso acontecer. Então, esse foi o grande trunfo e aí uma segunda situação, quando eu me deparei que eu cheguei pra ser treinador, tinha um treinador espanhol, era ele o cara que comandava, não era eu. Eu fui o brasileiro que fui lá. Quando eu cheguei na hora... não ó, o cara veio do Centro Mundial, ele vai comandar aqui. Eu não fui na reunião técnica, eu não participei do processo, eu fiquei lá no quartinho sentado e enchi as caramanholas de água e depois eu fui pros pontos de abastecimento e fui o cara que dava a caramanhola pros atletas, que é justo, que é o papel do treinador. E o Brasil tava dividido no carro com 3 pessoas, com 3 delegações, né. Então já era uma bagunça no sentido técnico regulado, né, porque quando nós estávamos no nível de 2 atletas a gente merecia só aquele espaço. Então eu vejo que esse despreparo pras coisas vai gastando, vai apagando as linhas boas do processo, legado esportivo que veio acontecendo, veio se construindo. Estar ali dentro da Olimpíada, olhar aquela estrutura organizacional, toda aquela cadeia de pessoas, de carro, de caravana que você só vê em foto, só vê em vídeo, é uma coisa glamorosa né, apesar de eu já estar velho dentro do processo, aquilo mexia comigo, mexeu comigo. Estar ali abastecendo o atleta na hora lá, tanto a menina que teve uma oportunidade única, uma oportunidade única, aquela menina era pra estar no pelotão da frente, não ali. [...] A Clemilda poderia ser potencializada, orientada, [...]. Então você veja que, sobre a questão, você falou uma coisa assim vamos falar sobre tecnologia e gestão. O que eu tô te falando é gestão. Se você não gerir as coisas de maneira adequada, tecnicamente, com papel, com critérios bem transparente, você parece que está favorecendo as pessoas, né. Então o legado, a maneira que eu conduzi, eu achei que foi... eu fiquei quieto no começo, não falei... tô falando pra você a primeira vez isso, mas eu tive o abastecimento, na reunião técnica o Murilo exigiu que o cara que ia abastecer ele tinha que ser eu, então na hora eu já me coloquei num lugar bastante privilegiado. “Não, quero receber do Adir”. O que que eu fiz? Fiz uma reunião com os atletas, eram dois só,

tanto com os meninos quanto com as meninas. Com os meninos eles disseram assim: eu quero isso e isso e tal, a garrafa é essa, logotipo... e aí coloquei numa sacolinha, abastecer 2 atletas, aí chegou na hora eu dividi, um ficou com a Ana Claudia e outro ficou comigo, foi uma coisa extremamente fácil de fazer. [...]

Natália – É o que você falou, são coisas de gestão né. Eu não sei se outros países também passam por situações semelhantes ou parecidas, mas realmente é complicado né.

ADIR LUIZ ROMEO – Eu morei na Suíça um ano em função do projeto olímpico aí da confederação que é um legado também. Eu fui capacitado pra isso. Mas por que que eu fui capacitado? Pra depois eu chegar no final e passar por tudo isso? Não precisava, dava pra outro, punha outro no meu lugar. Essas coisas que eu... você vai preparando, fui pro México, fui pro Uruguai, então... e todos esses lugares que eu passei ficou a porta aberta. Inclusive o projeto que eu consegui na Suíça de 25 bicicletas, um projeto que vinha pra Curitiba e acabou indo pra Caieiras e acabou entrando Mazzaron na jogada, Vasconcellos e um monte de gente e os caras abafaram o projeto e não aconteceu nada. Era com o bi campeão Olímpico. Então, vamos dizer assim, eles acreditavam que o Brasil ia dar sequência e muniram a gente de possibilidades, ninguém te dá nada de graça, você precisa retribuir alguma coisa. Só que daí foram truncando, truncando, por política, pra poder permanecer no poder. Existe briga na Suíça, na Itália, na França, existe concorrência e tudo, só que quando eles montam um time, esse time é o time que vai fazer ciclismo, não é o time que vai fazer política. O time que vai fazer política fica fazendo política, porque se fizer só política não ganha medalha.

Natália – Adir, quais foram as principais tecnologias empregadas na gestão do ciclismo, desde o período um pouco antes dos Jogos Olímpicos até depois?

ADIR LUIZ ROMEO – Ó, como eu fui treinador praticamente 1 ano, eu entrei 1 ano antes né, então as vezes eu recebia alguns documentos. Emprego... emprego tecnológico vamos dizer assim, o processo tecnológico, por exemplo, foi selecionada algumas corridas onde os grupos participavam, a Funvic foi pra Trento que agora é o Tour dos Alpes né, eu tive a oportunidade de estar com eles, eu achei aquilo uma tremenda valia, poderia ter aproveitado aquilo e levado 1 ou 2 treinadores juntos, é um gasto mas é um gasto bem feito, né. Dou o exemplo até teu, apesar de ciclismo masculino, mas você vivenciar o ciclismo na Europa, você vai ver como é que funciona toda a engrenagem, a organização administrativa, o atendimento e respeito que os caras têm para com o esporte, independente do nível esportivo. Porque a gente tava lá com o Nibali correndo e nós éramos o cachorro vira lata né como dizem, nós brasileiros somos considerados vira lata né. Então a gente tava com uma equipe... mas os meninos fizeram bons papéis no início, porque o que falta, falta um lastro. Então quando você fala de questão tecnológica, um bom calendário serve como tecnologia, um bom calendário internamente pra vivenciar... caríssima, quantas corridas de Madison as suas atletas correram na vida? Aí você pega uma dupla francesa que correu 6 dias por 5 anos seguidos, correu 3, 4, 5, 6 Copa do Mundo, 3 Mundial e mais as corridas caseiras... você vai usar a mesma linguagem tecnológica dos brasileiros: vamos para aprender. Todo ano nós estamos indo pra aprender... Nós vamos pra aprender no Campeonato do Mundo? Não, nós vamos pra aprender nas corridas domingo lá da esquina da casa da gente, e aí a cada dia um degrau. Então, se você coloca tecnologia, foi bacana, ficou para o Brasil... ficou para o Brasil partidores, curso de árbitros que participaram na Olimpíada, tanto na pista, na estrada, *Mountain Bike*, ficou resíduo do campeonato mundial de paraciclistismo

que os atletas alcançaram a camisa arco íris, né, isso aí não pode deixar de falar, o Soelito, o menino Chamam, as meninas, alguns deficientes visual que começaram a andar em tandem, né... conseguiu bicicleta tandem, é um equipamento tecnológico bacana, mas tudo pontualzinho, sementinha, muita coisa assim que não chega na mão da sociedade pra entender como, é treinamentos muito pausados. Mais camping, o curso da ABT você citou como exemplo é uma coisa fabulosa, só que lembra lá... você é muito velha, não vai lembrar, você é muito velha...mais velho do que eu, não vai lembrar, sua cabeça está fraca... que eu falava nos bastidores assim: gente, 40 treinadores falando de ciclismo agora no Brasil, cada um vai pra um estado fazer algumas palestras, lembra? Pega tudo que já tá pronto nos slides, um modelo, pega autorização do COB e vai contar a sua história. Nós teríamos...40x100, nós teríamos 4000 treinadores no Brasil hoje sabendo como que se trabalha com criança... isso seria uma grande sequência. Lembra da palavrinha, falta sequência no nosso país. Começa, gasta-se dinheiro, mas não tem sequência. Não tem corrida em Indaiatuba, não tem corrida no velódromo do Rio, não tem Volta Ciclística, né... tem a corrida 1º de Maio, já poderia ser transformada numa corrida com prêmio, já ter uma Liga profissional cuidando de um circuito nacional feminino e masculino separado... não dá pra fazer corrida de 150 quilômetros num domingo de manhã e colocar mais 23 categorias junto correndo. Então não se usa o modelo olímpico. Se criou o modelo Olímpico, mas não se usa o modelo Olímpico. Então esse último ano se aproximando da Olimpíada, eu só recebi uns ofícios de vez em quando "ó, fizemos isso, o que você acha?" Fizemos isso é um verbo que já fez. E daí pergunta o que que eu acho? Eu só vou dizer que foi bacana, porque eu não vou fazer nenhuma intervenção né, e outra, já tinha 2 atletas selecionados, já se sabiam as mulher qual que iam, tava só a briga se ia uma irmã ou a outra, né, não tinha outra mulher e não tinha capacitação das outras mulheres né, são mulheres que aguentam, você pode notar...eu coloco umas coisas pra você pensar dentro dessa entrevista, até pra fortalecer você com o seu olhar como treinadora, veja o campeonato do mundo 220km, os corredor nosso aguentam 120, os que vão mais longe vão a 150. Porque é o tempo de permanência lá de vez em quando que nós temos corrida aqui. Nós não temos corrida de 250, então nossos corredor não são por incapacidade, são por falta de exposição a um esforço ao qual eles não estão acostumados a fazer. Corrida de 60 km em volta da praça nós somos especialistas. Nós tínhamos que transformar tudo esses meninos em corredor de pista, pra correr Madison, correr pontos, porque fisiologicamente elas tão próximas, corridas de duração de 1h, 1h30, Sprint, ataca, ataca, ataca, ataca... então nós não conseguimos nem dectar... é.. o Denadai falando de fisiologia, não conseguimos ver o planejamento do Borin, né... era as perguntas que eu fazia no curso. O que que tá se fazendo de verdade pra que isso aconteça? Ou estudamos, escrevemos livros... temos um mundo científico fabuloso nas Universidades, você tá fazendo um trabalho nobre, tomara que se transforme num livro pra motivar um político, alguém a mudar esse contexto. Então... o laboratório Olímpico que foi criado, que foi falado que nós ia poder usar, lembra? Você levou algum aluno seu jovenzinho lá pra testar? Então existe essa questão tecnológica. Ficou tudo...foi perfeito, melhor que o da europa, foi elogiado pelos europeus que aqui foi espectacular, a prova é que o circuito foi um circuito de pro tour, dos mais difíceis do mundo. E quando eu fui morar em 2008 eu fazia esse circuito com os atletas, com a moto lá, eu treinei alguns atletas lá do Rio e eu dizia: isso aqui vai ser o circuito olímpico, isso aqui vai ser o circuito olímpico. Aquilo ficava dentro da minha cabeça, eu escrevia pro Yverson todo dia porque o Yverson.... Yverson, vá olhar esse lugar, esse lugar... o que que ficou de legado? Esse circuito é o circuito mais usado e é o único com possibilidade de subir, descer e fazer uma distância grande pra sociedade carioca. Então, ficou

legado. Não vamos dizer... não vamos ser negativo nem pejorativo, ficou. Agora, quantas corridas aconteceu no circuito olímpico nos últimos 4 anos? Podia ter o Grande Prêmio Rio de Janeiro todo ano ali, feminino...um feminino e um masculino, não dá pra separar mais, hoje tem que ter eventos pra mulher e pra homem, não pode ficar sendo só pra um lado, porque a gente tem potencial muito grande eu acho que... nos últimos tempos apareceu mais mulher com potencial de alcançar medalha do que homem. Por menos que... pouquinho que seja, apareceu mais mulher com potencial e os homens continuou o mesmo, né. Nós temos até o Novello brigando por uma vaga olímpica, porque é um talento que ainda tem gás, mas tem 45 anos de idade, né.

Natália – Pensando nas tecnologias, na prática ali do ciclismo, na prova mesmo e aí pode ser equipamentos ou o que vier na sua cabeça, quais foram essas tecnologias empregadas ali na prática do ciclismo? Você lembra se teve alguma que veio específico para os Jogos Olímpicos, que não tinha antes e que veio para os Jogos Olímpicos?

ADIR LUIZ ROMEO – Eu não tive nem uma percepção, que eu fiquei muito distante dessas coisas. Por exemplo né, claro que nós tínhamos 2 homens e 2 mulheres, nós tínhamos 4 atletas na seleção olímpica de estrada, nós tínhamos pista...nós não tínhamos pista né? Não tínhamos pista...

Natália – Tinha o Gideoni na pista.

ADIR LUIZ ROMEO - Ah, só o Gideoni, tínhamos o atleta. Tínhamos no *BMX*... Aí o que acontece, quando você chegava no hotel que eu estava, né, quando eu... eu vou me referir mais ao que eu vi próximo do evento teste, nós tínhamos 5 atletas né,, nós tínhamos 5 atletas no evento teste homens e nós ficamos no mesmo hotel com os outros países, né, e eu tive um contato com o francês e o italiano, que a linguagem era mais compreensível. A estrutura da França, né, que veio de... que veio lá da europa pra cá, era 100 vezes maior do que nós que estávamos no nosso país. Então, os caras tinham mecânico, massagista, tinham pessoas pra atender, tinha isso, tinha nutricionista, tinha um monte de coisa. Nós não, tava eu e o Du, eu e o Du... e o Du lá com a caixinha de ferramenta dele, né, num cantinho...e o franceses já tudo organizado, saía o carro, já saía naquele horário...nós tínhamos carro, tudo, mas tipo assim, quando você compara que nós estávamos na nossa cidade de origem, no nosso país de origem, né, nós não tínhamos um terço do assessoramento que tinha o cara, a bajulação que os cara tinham... e outra, daí você começa a enxergar...por exemplo, tinha atleta nosso dormindo em outro hotel... não tava, porque ele queria ficar lá sossegado no canto dele... sabe, então, passou a ter até ingerência, porque aí eu tive que sair do hotel, ir lá conversar com o cara, ver o que que eu podia fazer, e daí aquilo gera desconforto, porque daí gera um bate papo no meio... o próprio sistema se consome, sabe, é isso que eu digo, quando você estuda que tem psicologia, que tem pessoas que tem que trabalhar, que você tem que lidar com o lado emocional...e daí você proporciona tudo aquilo ao contrário? Você começa a dar espaço pra que o desconforto gere entre o grupo... você não quer o resultado, você já alcançou o resultado... a impressão que a gente tinha é que já tinha o resultado, o resultado, a olimpíada vai ser no Brasil, tá bom, já chega pra nós, então não vou me preocupar mais em fazer nada porque a Olimpíada já tá aí, nós não vamos ganhar mesmo... eu cheguei a escutar isso... “nós não vamos ganhar nada, nem adianta perder tempo, os caras não vão nem chegar no pelotão”. Então, nós trabalhamos com esse conceito, já lá atrás, quando nós fizemos o Pan Americano de 2007, se a gente tivesse trabalhado

de 2007, que a gente já tinha noção do que que é, se a gente não tivesse Olimpíada no Brasil a gente ia ter Olimpíada em algum lugar, não ia? A gente já ia ta preparado. O Pan Americano foi um grande... né, 2002 foi um grande achado e 2007 foi um repaginamento, mas aí eu não sei, eu fico até pasmo em dizer por que que não aconteceu isso? Mais gente envolvida, né, trabalho de júnior, de seleção de júnior. Então, essa questão estrutural, eu so a palavra estrutura... estrutura não existia, não existia um calendário pra você seguir, não existia demanda onde aglutinasse os melhor corredores, e outra, quando você fala de Olimpíada você tem que excluir, tem que tirar uma sociedade do grupo popular pra fazer atividade praquele grupo, pra treinador específico, pra técnico específico, pra equipe investir especificamente. Olha o pro tour... por que que o ciclismo mundial é forte ainda? Porque existe um grupo que corre, não é qualquer um que corre Giro d'Italia, não é qualquer um que corre Tour de France, e o Brasil precisa fazer isso, precisa hoje trabalhar com esse conceito. Quantas cidades nós temos? 5575 cidades no Brasil, né? Veja quantas cidades tem ciclismo, tem que pegar onde já tem foco, onde tem o grau de importância, aproximar, fazer ciclismo local e daí pegar os melhores e levar pra tal lugar. Eu vejo isso daí.

Natália – os equipamentos que os atletas usaram eram todos deles, cada um tinha o seu? Roda, bicicleta.

ADIR LUIZ ROMEO – Como a gente não tem uma estrutura, a gente não tem um centro que cuida da seleção olímpica efetiva, né, a gente não tem uma marca de bicicleta da instituição maior, a gente não tem um uniforme específico da instituição maior, se você olhar a Itália, a França, o site tem lá é Pinarello, é a roupa Castelli ou Fanini, ou qualquer... Nós aqui Mauro Ribeiro ou Erts, então nós precisaríamos ter seguro, uma empresa de seguro que cuida daquela comunidade, então nós não temos a organização do processo, não temos a organização. Não adianta a gente tapar o sol com a peneira. Então daí o atleta vem com a bicicleta dele, logicamente com a sapatilha dele, daí ele quer treinar com o calção da equipe dele, entendeu. Daí a roupa da seleção vem de última hora, aí o cara já começa a reclamar que o tamanho não deu, sabe... se você, eu fui na Volta de Trentino e conversei com o técnico Olímpico, inclusive teve aqui, ele tava com a turma Sub 23 da Seleção Olímpico correndo Sub 23, os guri que estão sendo preparados, correndo uma volta internacional de profissional com a gurizada e ele era o técnico olímpico. Só que os caras tavam com a roupa da seleção olímpica, com a bicicleta da seleção olímpica, entendeu... não tava cada um... cada polaco com a sua polônia como a gente diz. Então, esse direcionamento não é fácil de fazer, mas eu nunca vi ninguém tentar. Isso aí existia quando era a Caloi. A Caloi era a seleção olímpica. Então o cara ia, ia com a roupa Caloi, com a bicicleta Caloi, porque a Caloi era seleção Olímpica. Então todo mundo coloca dizendo que o melhor ciclismo da época era... porque ou era Caloi ou era Pirelli, entendeu? Já existia um centro, a Confederação... a equipe Caloi era um Centro Olímpico, só que o que ela fazia, aparecia um menino lá na tua cidade, levava pra Caloi e pronto. Não precisava fazer seletiva, já tava lá os melhor do Brasil. Então esse modelo o que eu vejo que falta é... o Pan Americano do Rio, a bicicleta chegou no dia antecedendo... 3 dias antecedendo a corrida de pista chegou as Pinarello. Nós fomos buscar lá num barracão na Alfândega, levar as bicicletas, tirar da caixa, aí os corredor ficavam que nem louco porque ver aquilo tudo novo, pareciam umas crianças com o doce na mão... por que que aquilo era feito sempre 24 horas antes? Essa era a pergunta que eu sempre fazia. Então essa estrutura organizativa que não existia, não antecedia, então não adianta ter bicicleta boa, dar roda boa, que daí o cara não tem nem prática, não ta adaptado. A gente fala tanto de *bike fit*, e aí tem que fazer

bike fit... em 3 dias fazer 10 vezes no cara porque aí o selim não adaptou a bunda com a bolsa do calção não deu certo. É... mas vamos dizer assim, sobre o aspecto belo, bonito, aconteceu, né. A estrutura organizativa maior lá não tava preocupada... “ah, precisa roda”, aí ia comprar a roda, mas quanto tempo tem que pedir? “precisa bicicleta”, daí vem. A Funvic levou a equipe inteira pra Trentino levou os corredores deles, com a roupa deles, com a camisa deles, com a bicicleta deles, com a caramanhola deles. Chegou lá, a gente não sabia se era seleção ou se era Funvic, porque treinava com a roupa da Funvic e corria com a roupa da seleção, daí quando a gente ia na corrida os caras não sabia se eu era o técnico ou se era o Benedito que era o técnico. Aí no dia do congresso a gente foi lá e escutou, então sabe, um conflito porque é tudo pra ajeitar a vida de um, pra acertar a vida do outro... nós não podemos trabalhar mais com esse conceito, Natália, não podemos.

Natália – Eu vejo assim, o pouco que eu acompanhei, um período que existia o que podia se chamar se uma “seleção permanente”. Tinham os atletas, então eles eram acompanhados mais de perto pelo técnico da seleção, independente de quem seja, mas com a estrada eu acho que nunca aconteceu isso, né, ter uma seleção permanente.

ADIR LUIZ ROMEO – A estrada minha querida, se você olhar... olha pro futebol que é o esporte macro do país, não existe seleção permanente de futebol, não existe. Existe fortalecimento de time, o Flamengo tem que ser forte, o São Paulo tem que ser forte, o Palmeiras, o Corinthians, o Coritiba, o Atlético, lá no Nordeste. O que que acontece, existe um trabalho de base nas escolas, né, desde lá no modelo deles que também não é tão perfeito, mas que daí recruta esses atletas e daí o que acontece, o treinador tá lá, faz o camping, faz o camping, faz lá 20, 30 dias, começa a trabalhar aquela seleção. O que que aconteceu efetivamente na pista, aconteceu isso. Por um lado aconteceu isso. O técnico da seleção brasileira pegou os atletas, recrutou tudo, juntou todo mundo pra treinar num lugar né, aí eu vou fazer mais um parênteses pra você... eu tenho atletas conhecidos que falavam pra mim que pagava 500 reais tava na seleção. Eu não sei o quanto isso é verdade, mas escutando do cara. Então, aí aquilo que eu te digo, será que isso tem veracidade, será que o Adir tá tão errado? E isso daí foi no período que eu me silencieei, né, então só fiquei escutando, eu não provoquei nenhum desconforto, tudo que aconteceu na Confederação na Olimpíada não teve meu dedo, não teve nada. De 2010 eu vim desacelerando pra frente, 2015 eu fazia minha críticas nos bastidores como eu sempre fiz. Mas aí aquilo que eu te digo, houve, juntou um grupo bacana, legal, trabalharam, conseguiram ter uma seleção, uma velocidade por equipe bacana, teve bons tempos, melhorou os tempos, criou a tua dupla, surgiu a tua dupla... puxa vida, não conseguiram acompanhar esses meninos pra perder a medalha por causa do antidoping, deixar a menina cair no doping, e depois massacrar a guria até embaixo e queimar? A camisa dela, tem que olhar que ela tá vestindo uma camisa. Queimou, queimou a guria, fizeram isso com a Sumaia tentaram fazer isso com meu filho e não conseguiram porque meu filho nunca ingeriu nada, pegaram o guri da minha equipe, perseguiram ele até o último brasileiro, desarticularam... foram caçar o cara já indo embora lá, pra que isso? Pra manchar o esporte? Então esse modelo que foi construído de perfeição, bacana, diferente de todo mundo, tinha uma foice por baixo querendo cortar as pernas dos caras, que não havia necessidade nenhuma. Era só chamar as pessoas e dizer... Domingo tem corrida Natalia, você tem 2 meninas correndo, uma faz o 500 metros em 36 e a outra faz o 500 metros em 35. Você leva quem pra correr (risos)? Não precisa, a pista você seleciona por tempo por naturalidade. Agora a estrada é um

pouco mais difícil, *Mountain Bike* mais difícil ainda, o *BMX* se equivale a pista, o *freestyle* é subjetivo né, você quando o cara tem o talento pra fazer aquelas manobras, não adianta você pegar o Zequinha ali que tem 2 dias pedalando e querer fazer *freestyle*, o guri não tem a mesma vida que o outro. Então, tem vários parâmetros que podem ser usados dentro do ciclismo brasileiros que são usados de maneira política, só para agradar um, agradar outro... gente, o resultado é a medalha, o resultado é o mérito esportivo. Então, se coloca todo mundo lá no balaio, põe pra fazer, cria lá um controle antidoping antes, vigia essas pessoas, e daí as pessoas vão lá e apresentam resultado. É incontestável dizer que o Chaman não é o melhor ciclista do Brasil, e é um paraciclista. Ele, se correr junto com a elite brasileira acredito que vai ganhar a corrida de estrada, só que lá na europa você não vai ver um paraciclista subir um Tour de France junto com os caras. Por que? Porque esse para atleta foi bem preparado e é talentoso. Agora, não dá pra comparar uma coisa com a outra. Não dá pra pegar uma menina, colocar dentro de uma corrida do velódromo, numa prova de pontos e dizer que ela é melhor ciclista que os homens, porque fisiologicamente existem vários fatores que descredenciam ela, mas ela pode até ganhar a corrida, mas ela não pode correr no masculino porque ela é mulher. Então, é uma coisa que o Brasil faz muita fantasia, muito carnavalesco, então dá pra se direcionar. Voltando a afirmar pra você, a Olimpíada trouxe benefícios homéricos, coisas fabulosíssimas para o Brasil. Faltou sequência, faltou aproveitar, potencializar o que foi nos dado, laboratório, montar um bom calendário, usar os velódromos, melhorar a equipes, selecionar quem são as equipes. Campeonato Brasileiro, agora tão credenciando né, antes podia correr até atleta que não tinha carteirinha, né. Você não vai num campeonato Italiano e vê o cara correr fora da equipe dele. É isso que nós temos que mudar. Os campeonatos brasileiros têm que ser por equipe. A equipe de Rio Claro leva 5 meninas. No começo leva uma menina de 18 anos que é novata, no outro ano ela já vai crescer um pouquinho, já vira sub 23 e daqui a pouco você tem uma grande equipe, vai começar a trabalhar a base pra substituir. É isso que nós precisamos, nós precisamos direcionar a regra, como selecionar as pessoas, dizer quem são os técnicos, quem são os técnicos do Brasil hoje? Eu não recebi uma carta até hoje dizendo: ó, você fez parte do treinador, queremos que você faça parte do quadro de treinadores. Já mandaram convite pra mim fazer curso walita, curso walita eu não preciso mais fazer curso walita, nem você, nem eu, nós já fizemos curso com os melhores do Brasil. Nós temos que ser os propagadores do curso. Convidaram você pra dar algum curso? Já deviam ter investido um dia nisso, nem que fosse na tua cidade.

Natália – Em Curitiba!

ADIR LUIZ ROMEO – Isso aí não conta, porque você foi chamada numa cidade de primeiro mundo. Aqui as pessoas enxergam as pessoas que tem valor. Nós somos bairristas pra caramba, mas aí eu até cometi uma falha aqui, mas essa já vai receber uma linha do meu livro né. Você teve que vir na cidade do cara mais polêmico do Brasil porque o cara polêmico não distingue e enxerga você pela tua capacidade. [...] Eu queria que eles se colocassem na vitrine, pras pessoas atirarem pedra neles, entendeu? É isso, como eu fiz a vida inteira, eu me posicionei numa vitrine e os caras atiravam pedra. Eu resisti, resisti 40 anos, agora já não dá mais. Fugimos um pouco do tema né, mas vamos pra frente.

Natália – Bom, eu acabei as minhas perguntas, fiquei satisfeita né com as respostas. Eu acho que cumpriu bem com o tema da minha pesquisa. E antes de

encerrar eu queria perguntar se você quer complementar alguma coisa, alguma coisa que eu não perguntei quem você acha importante, ou se não a gente encerra.

ADIR LUIZ ROMEO – Eu só faço um parêntese assim, é difícil eu falar rápido porque eu sou falante por natureza, né. Eu vejo que você... é um elogio agora, mais um, que eu já tive alguns, vou elogiar e vou reafirmar e acho de extrema importância você entrar nesse viés e deixar o teu legado como estudante, como mestrandia, como uma pessoa ainda que tá desbravando conhecimento e vai... quem é do conhecimento vai seguir, a verdade sempre mora com a gente que gosta das coisas, das coisas certas. É difícil a gente ser... a gente se torna uma pessoa muito endurecida, né, diante de todas essas coisas. No teu, no teu viés assim, por exemplo, eu até quero reforçar, você olha lá... é... 63 se não me engano foi Pan Americano no Brasil, depois teve 75 não teve, depois 2002 teve ... tudo que contemplou o ciclismo, 2002 teve o o sul americano, 2007 o Pan... então essa estrutura de 20 anos que tá aí comandando o ciclismo, ela recebeu os maiores... as maiores possibilidades da história pra ir jogando uma coisa dentro da outra e consolidando as coisas. E esse é a segunda palavra que eu deixo pra você, faltou sequência, faltou consolidar, faltou consolidar, dar efetividade às coisas, né, por exemplo, amanhã volta a pandemia, amanhã acaba a pandemia, o que que nós temos de novo, de estudado durante esse período de pandemia, dialogado com a comunidade, tudo fechadinho, guardadinho dentro de uma sala, ninguém sabe de nada... eu gostaria que você começasse a acompanhar, eu vou te mandar alguns links pra você acompanhar de maneira pessoal o que que tá acontecendo no estado do Paraná. Eu fui contratado agora pra ser um assistente técnico na área de bicicleta dentro do estado do Paraná. Aí você já começa a observar o que que vai acontecer no estado do paraná. Não é o Adir, não é o Adir. É as ações que são propostas de maneira didática pra que fiquei dentro do estado, pra que outras pessoas quando tiverem naquela pasta consigam fazer aquilo de maneira... então, tem o Pedala Paraná, que são as mais de 40 rotas que vão pegar a parte de cicloturismo, é... nós tá montando uma Volta Ciclística nacional, já prepara a tua equipe que você vai ser convidada, vai ser por convite, 6 corredores, inicialmente pra homens, eu tô tentando vender que o estado não pode fazer corrida pra homens e não não fazer alguma coisa pra mulher, mas é difícil de dialogar com essa questão política, mas estamos no caminho, vão ter alguns eventos nas 6 regiões do estado, já aconteceram e estão sendo polidos que é os jogos da natureza, vão ter alguns eventos do estado junto com a Federação, a Federação não tá apartada desse processo, é... parte de passeio ciclístico, 40 passeios ciclísticos nas cidades menores pra que as pessoas comecem a ter um entendimento do lazer, então tá sendo desenvolvido. É, no momento que eu fui chamado pelo superintendente que foi agora recente, 40 dias, já comecei lá em Janeiro, ainda estava em estudo porque minha saúde me limita, né, eu não consigo mais né pegar uma moto e sair no meio do pelotão, no outro dia eu posso estar bem ou não né, não sei, não sei, não tentei. E então, tudo isso daí que eu fiz pra Curitiba, que eu tô montando um livro que é a Política Pública lá, eu vou tentar colocar no Paraná. Eu tô vendo que São Paulo já começou a se organizar, Rio de Janeiro já começou a se organizar, e você como uma paulista nata, paulista né... paulistano é da cidade né... paulista, rio-clarense é o certo?

Natália – Rioclarense (risos).

ADIR LUIZ ROMEO – Você como rio-clarense, é um polo de ciclismo no estado, proponha esse tipo de coisa, em alguma faixa do ciclismo, tipo assim, uma Liga de Júnior que só vá as equipes Júnior correr, que o treinador tenha tempo de refletir...

aí o cara vai, cuida do infantil, do juvenil, do júnior, da menina, da mulher e ainda corre na máster. Daí ele não faz nada, ele fica alí no meio de uma...de um festivalzão... eu tô acompanhando um menino, tô te dando esse *feedback*, tô acompanhando um menino ex aluno meu, mora na Itália, casou agora, porque tava sendo acuado pela migração, né... já tinha namorada já fixa, já tinha vindo pra Curitiba várias vezes e ela é italiana, acabaram de casar. E ele me manda: "ah, quero correr profissional". Eu digo: vá numa equipe amadora primeiro, você é brasileiro... ele tá com 29, 30 anos. Arrumou uma equipe esportiva, ciclo esportiva lá de loja de bicicleta, as corridas são 8000 caras correndo, mas não é que nem nós aqui, é 18 a 60 anos, põe um chip no cara, larga, mas não é 30 quilômetros, é 150, 120. Então, tem um movimento ciclo esportivo diferente do nosso. Isso aí podia ser adotado aqui, né. Pega da tua cidade, vai até uma outra cidade lá perto e volta. Aí o povo chega... esse negocia de ficar separando categoria num circuitinho de 2 quilômetros, não sei o que...isso aí não resolve nada e a gente não vai pra lugar nenhum. Aí o que acontece, se embute lá um menino de 18 anos correr essa corrida amador, e aí ele corre 100, 120, daqui a pouco ele é um corredor de bicicleta. Agora, se ele ficar correndo com 2 caras, um olhando pro outro e o técnico gritando "não puxe", ele não vai pra lugar nenhum. Aí vou correr o campeonato brasileiro, pego a bicicleta de tarde e corro no outro dia de manhã, né... e ninguém falou pra ele que não podia parar de pedalar, aí ele meteu a cabeça na calçada e esse é o ciclismo brasileiro. Então, minha querida, eu espero não ter te deixado desmotivada, não é meu papel, não, não... com certeza não é desabafo, eu não tô desabafando, só tô relatando, tô até calmo, minha frequência tá baixa, porque sempre eu ficava ansioso. Minha mulher tá aqui na minha frente me dando toque na cabeça, você não tá me vendo mas... é uma coisa bem curiosa, eu tenho dificuldade, eu levei 2 anos pra mim entender que eu não faço mais parte desse ciclismo, eu não faço mais parte, se acontecer alguma coisa... você tá quebrando uma cadeia né, tô fazendo uma coisa que é uma boa causa, mas acompanhe o que vai acontecer, tem muita gente envolvida aqui no Paraná, tentando fazer essas ações e com certeza deve ter no teu estado, deve ter em outros estados que a gente não sabe das coisas né, porque o ciclismo não conta nada pra ninguém, né, mas eu vejo você com um sucesso aí se você conseguir colocar essa teoria na prática e seduzir alguém aí, é bastante subsídio pra você contar a história de maneira diferente, mais glamorosa. Sucesso pra você e fique a vontade.

Natália – Então tá bom, eu que agradeço por ter aceitado o convite que u te fiz, eu imaginava... a gente já conversou sobre isso que não seria tão fácil por várias questões pra você né, inclusive agora por saúde né. Fiquei bem contente por você ter aceitado e assim, a intenção é essa mesmo, ter uma parte da história, do que foi feito, como foi feito, de quem realmente viveu, não adianta eu...

ADIR LUIZ ROMEO – Cada um viveu uma realidade diferente, bem diferente.

Natália – Cada um viveu uma realidade diferente, mesmo eu pegando um grupo de treinadores, todos são treinadores, cada um viveu uma realidade diferente, então o objetivo não é comparar um com o outro, mas sim trazer vivências, olhares, diferentes olhares, e assim, você já deve ter visto lá, eu não vou usar toda a entrevista, é lógico que é entrevista é sempre boa pra contextualizar, você tem que ter um contexto né, não só jogar as palavras, né, mas eu vou usar algumas coisas específicas né. E com certeza eu poderia fazer muito mais perguntas pra você e você teria muito mais coisas pra falar, mas no meu desenho, na limitação do meu estudo eu acho que consegui bastante informações, bastante vivências e assim, sempre pensando em contribuir.

ADIR LUIZ ROMEO – O que eu vejo e sugiro a você no sentido argumento, pra você ter argumento solido até pra carregar pra tua vida, pra você digerir certas coisas, eu não sou dono da verdade, que você pegue o seu orientador, o professor da Universidade, pessoas que têm uma certa experiência né, que sem dúvida deve ter, não precisa ser de idade, mas as vezes um jovem que já tenha experiência, que você...deixar eles escutarem isso aí, além de você fazer essa tua retorica, essa tua fala, essa tua coleta, né, do teu entendimento, eles escutarem isso, porque é importante o cara fazer crítica sobre um assunto o qual a gente também fez. É isso se um dia tiver a possibilidade de chegar um *feedback* na mão da gente, a gente consegue nortear certas coisas, mas eu vejo... eu vejo hoje, como eu tô bem próximo de uma situação política dentro do estado, eu vejo também o grau de dificuldade que existe pra você fazer certas coisas andarem. A política é cruel, a política é cruel, mas se você tá consolidado, efetivado com documento certinho, né, coloque na mão de coordenador, de pessoas catedráticas aí da Universidade..."ó, dá uma escutada nas perguntas", pega pergunta por pergunta, coisa de 5, 10 minutos né, aí deu quase uma hora né, então você consegue fracionar em 10 minutos cada uma, e o cara te dá um... até pra você ver se realmente o que eu tô falando é uma coisa que cabe, porque as vezes o cara também viveu e observou isso, através da mídia, participou...

Natália – Obrigada Adir, muito obrigada!



Apêndice 8 – Cessão de direitos sobre depoimento oral e autorização para publicação.

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, GUILHERME DE AZAMBUJA PUSSIELDI, treinador de ciclismo, RG nº 1035269438, domiciliado e residente na Cidade de Florestal-MG, declaro ceder à pesquisa “Impactos dos Jogos Olímpicos Rio 2016 no Ciclismo Brasileiro: as novas tecnologias na prática e na gestão no olhar de treinadores olímpicos”, desenvolvida pela Professora Natália Varela González, RG nº 43.850.347-8, junto ao Programa de Pós Graduação da Universidade Estadual Paulista – Câmpus de Rio Claro, os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei à pesquisadora através da plataforma da plataforma Google Meet, no dia 01 de Outubro de 2020, em local de minha escolha e a pesquisadora em Rio Claro-SP.

O citado pesquisador fica consequentemente autorizado a utilizar em seu mestrado, o mencionado depoimento no todo ou em parte, editado ou não, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Declaro ainda que recebi cópia da transcrição da entrevista que foi por mim lida, validade e aprovada para publicação.

Florestal _____, 29 de setembro _____ de 2021
(Local) (Dia) (Mês)



GUILHERME DE AZAMBUJA PUSSIELDI

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, EMERSON FRANCISCO DA SILVA, treinador de ciclismo, RG nº 6.907.261-5, domiciliado e residente na Cidade de Londrina-PR, declaro ceder à pesquisa “Impactos dos Jogos Olímpicos Rio 2016 no Ciclismo Brasileiro: as novas tecnologias na prática e na gestão no olhar de treinadores olímpicos”, desenvolvida pela Professora Natália Varela González, RG nº 43.850.347-8, junto ao Programa de Pós Graduação da Universidade Estadual Paulista – Campus de Rio Claro, os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei à pesquisadora através da plataforma da plataforma Google Meet, no dia 07 de Maio de 2021, em local de minha escolha e a pesquisadora em Rio Claro-SP.

O citado pesquisador fica conseqüentemente autorizado a utilizar em seu mestrado, o mencionado depoimento no todo ou em parte, editado ou não, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Declaro ainda que recebi cópia da transcrição da entrevista que foi por mim lida, validade e aprovada para publicação.

Londrina, 05 de Outubro de 2021.



Emerson Francisco da Silva

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, CARLOS EDUARDO POLAZZO MACHADO, treinador de ciclismo, RG nº 30.675.569-5, domiciliado e residente na Cidade de São Paulo-PR, declaro ceder à pesquisa “Impactos dos Jogos Olímpicos Rio 2016 no Ciclismo Brasileiro: as novas tecnologias na prática e na gestão no olhar de treinadores olímpicos”, desenvolvida pela Professora Natália Varela González, RG nº 43.850.347-8, junto ao Programa de Pós Graduação da Universidade Estadual Paulista – Câmpus de Rio Claro, os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei à pesquisadora através da plataforma Google Meet, no dia 14 de Maio de 2021, em local de minha escolha e a pesquisadora em Rio Claro-SP.

O citado pesquisador fica conseqüentemente autorizado a utilizar em seu mestrado, o mencionado depoimento no todo ou em parte, editado ou não, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Declaro ainda que recebi cópia da transcrição da entrevista que foi por mim lida, validade e aprovada para publicação.

SÃO PAULO, 29 de SETEMBRO de 2021
(Local) (Dia) (Mês)


CARLOS EDUARDO POLAZZO MACHADO

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, ADIR LUIZ ROMEO, treinador de ciclismo, RG nº 15579234, domiciliado e residente na Cidade de Curitiba-PR, declaro ceder à pesquisa “Impactos dos Jogos Olímpicos Rio 2016 no Ciclismo Brasileiro: as novas tecnologias na prática e na gestão no olhar de treinadores olímpicos”, desenvolvida pela Professora Natália Varela González, RG nº 43.850.347-8, junto ao Programa de Pós Graduação da Universidade Estadual Paulista – Câmpus de Rio Claro, os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei à pesquisadora através da plataforma Google Meet, no dia 12 de Maio de 2021, em local de minha escolha e a pesquisadora em Rio Claro-SP.

O citado pesquisador fica consequentemente autorizado a utilizar em seu mestrado, o mencionado depoimento no todo ou em parte, editado ou não, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Declaro ainda que recebi cópia da transcrição da entrevista que foi por mim lida, validade e aprovada para publicação.

Curitiba, 30 de setembro de 2021

(Local)

(Dia)

(Mês)



ADIR LUIZ ROMEO